Rouge

Mona Awad



GLOBOLIVROS

Autora de BUNNY

Rouge

Mona Awad



GLOBOLIVROS

A autora de BUNNY

Mona Awad

Rouge

Tradução: Regiane Winarski

GLOBO LIVROS



© ANGELA STERLING

Mona Awad nasceu no Canadá, é graduada em artes pela Universidade Brown e mestre em literatura inglesa pela Universidade de Edimburgo, onde conduziu uma pesquisa sobre o papel do medo nos contos de fadas. Em 2018, concluiu o doutorado em escrita criativa na Universidade de Denver. Atualmente, vive em Boston e é professora na Universidade de Siracusa. Dela, a Globo Livros publicou *Bunny*.

Para a minha mãe.

Porque o rosto e a pele sobre a carne, o que são enfim, uma cobertura, um disfarce, um blush para o horror insuportável da nossa natureza viva.

Elena Ferrante

Pela ampulheta, eu o vejo
Nas brumas do tempo, você escorrega
Quando o espelho quebrou, eu o chamei
E me virei para ouvi-lo dizer… Me deixa sem ar.

BERLIN

Sumário

Pular sumário [»»]

Prólogo

Parte um

Parte dois

Parte três

Parte quatro

Parte cinco

Parte seis

Agradecimentos

Prólogo

Ela contava histórias de contos de fadas para você à noite, lembra? Era uma vez. Quando você era uma garotinha triste e sonhadora. Todas as noites, você se deitava na sua cama de princesa, cercada de bonecas com olhos de vidro, esperando por ela como um desejo. *Tique-taque*, faziam os segundos no seu relógio da Branca de Neve. A lua nascia branca no meio das nuvens pretas. E aí…

"Toc, toc", sussurrava sua mãe na porta do quarto.

"Entra", você dizia com sua voz de criança.

E ela entrava. Ela entrava e se sentava na beira da sua cama, como uma rainha, não era? Um cigarro entre os dedos brancos. Exalando o aroma de violetas e fumaça.

"Vamos lá", dizia sua mãe. "Que história você quer ouvir hoje, Belle?"

Belle. "Bonita" em francês. É como ela chamava você, apesar de você ser uma coisinha horrenda. Nem um pouco parecida com sua mãe. Ela era bonita, magra e delicada, lembra? Como se tivesse saído de um conto de fadas. Como as bonecas que cobriam as paredes do seu quarto. Foi sua mãe que comprou aquelas bonecas para você. Colocou-as em todos os cantos, todos os nichos, para que, para onde quer que você olhasse, você visse o cabelo brilhante, a pele lisa, os lábios vermelhos sempre sorrindo para você. Como se todas compartilhassem um segredo.

"Então, Belle?" E ela sorria para você como as bonecas, lembra?

Ela estava usando o robe vermelho de seda, o que você mais gostava. Às vezes, você o experimentava quando ela não estava em casa, sentindo o cheiro de violetas e fumaça. Ela tinha um par de sapatos vermelhos combinando. De cetim, com salto e penas vermelhas na frente — seu favorito. Você também experimentou os sapatos, mas nunca deu muito certo. Dois passos se equilibrando e você estava no chão, não era?

"Qual história?", perguntou sua mãe agora. Começando a ficar impaciente com você, com a sua distração. Porque você a olhava igual a uma pequena psicopata.

"Aquela sobre a bela donzela", você disse.

De novo? E ela pareceu sentir um pouco de pena de você, como se você estivesse condenada. Definitivamente. Porque havia outras histórias, não era? Uma sobre o coelho e a tartaruga, por exemplo. Uma sobre três porquinhos e um lobo. Uma sobre uma garota que virava foca, essa era linda. Mas você não estava nem aí para as outras histórias. Você nunca ligou. Já tinha escolhido, não tinha?

Você assentiu.

"A bela donzela", você disse. "De novo."

E sua mãe suspirou. Ou sorriu? Ela não tirou o livro familiar da prateleira, cuja lombada estava muito rachada. Não precisava. Graças a você, sua mãe conhecia aquela história de cor.

"Era uma vez", começou ela, "em uma terra distante, uma bela donzela que morava em um castelo perto do mar…"

Era assim que sempre começava. Você também suspirava. Uma terra distante. Uma bela donzela. Um castelo, o mar. Você fechou os olhos para ver melhor tudo cintilando na sua mente.

"Bela como?", você perguntou à sua mãe, seus olhos bem fechados.

"Tão incrivelmente bela", disse sua mãe, "que todos a admiravam de perto e de longe." Ela parecia entediada. Uma digressão familiar. Você queria esse embelezamento todas as noites, não era?

"Sim." Você assentiu. "De perto e de longe." Claro que as pessoas a admiravam.

"De perto e de longe", confirmou sua mãe. "E muitos a invejavam também", acrescentou com voz baixa.

A noite em que tudo começou. Seu era uma vez. Lembra-se da lua cheia de janeiro na janela? Duas aranhas de corpos cinzentos penduradas em teias nas paredes cor-de-rosa. Uma boneca ruiva com uma rachadura na cara olhando para você de um travesseiro de cetim.

"Invejavam?", você repetiu, abrindo os olhos.

Você viu que sua mãe havia se afastado da cama. Ela estava sentada agora à penteadeira branca que havia comprado para você no Natal, a que tinha o espelho de três partes. Ela ficou tão feliz de lhe dar esse presente, que você agiu como se estivesse feliz também. Mas você não gostava daquele espelho. Já bastava ter que se ver uma vez, para que três vezes? Era suficiente ter que abrir os olhos e ter que se ver. Mas sua mãe amava

aquele espelho. Ela estava olhando para suas três imagens agora, penteando o cabelo com sua escova de cabo longo. A escova era pintada de dourado para combinar com os detalhes dourados da penteadeira, outro presente da sua mãe. A parte de trás era encrustada de pedaços coloridos de plástico que você achava que eram pedras preciosas. As cerdas não funcionavam no seu tipo de cabelo, tão grosso e crespo. Mas funcionavam lindamente no da sua mãe. Agora, você a observava pentear o cabelo ruivo comprido com movimentos longos e lentos.

"O que é inveja, mãe?", você perguntou.

"Inveja é quando você odeia alguém só porque a pessoa tem uma coisa que você quer", disse ela com simplicidade.

Você olhou para o reflexo dela no espelho de três partes.

"Tipo ser bonita", você disse.

"Exatamente." Ela bocejou. Um vislumbre da garganta vermelha. "Como ser bonita. Ou jovem", acrescentou ela, olhando para você pelo espelho.

O cabelo ruivo-escuro brilhante dela caía por cima de um ombro branco. O robe vermelho destacava o azul dos olhos. O robe era presente do país distante onde seu pai nasceu. Ele comprou um de quase todas as cores, todos brilhantes como pedras preciosas e com fios dourados. Você não conheceu seu pai, mas tinha visto fotos. Ele lembrava um pouco os ogros dos livros de contos de fadas. Tinha pele escura e era corpulento, como você. Você conseguia ver seus olhos nos olhos dele. Sua pele na pele dele. Houve uma época em que você até teve medo de ser metade ogra, lembra?

Quando você contou isso para sua mãe uma vez, ela riu histericamente. Jogou a cabeça para trás e riu até chorar. E, aí, você chorou também, não pôde controlar. Então era verdade. Você era mesmo metade ogra, como tinha temido. "Pare com isso", disse ela, e deu um tapa em você. Bem na cara. Lágrimas surgiram nos seus olhos na mesma hora. "Me escute", sussurrou ela. "Escute." E o mundo ficou muito quieto enquanto ela lhe garantia com a mais suave das vozes que é claro que seu pai não era um ogro, "claro que não". Ele era um homem adorável, "que deus proteja a alma dele". Bonito, até, muitas mulheres achavam. Ele só era de um lugar onde por acaso havia mais sol, só isso. E as pessoas daquele lugar tinham pele mais escura e mais cabelos e pelos. Por isso,

você tinha a pele mais escura e tinha mais cabelo. Você era "linda". Você tinha "sorte", ela disse, botando as mãos brancas nos seus ombros. Sacudindo-os um pouco. "Sorte, ouviu?" Ela *queria* ter a sua pele e o seu cabelo, com certeza. "Definitivamente." E ela fez carinho em você, como num cachorro. Sorriu para você pelo espelho de três partes. E você soube naquela hora que ela estava mentindo. Ela não desejava isso. Nem um pouco.

Agora, você a olhou pelo espelho até ela afastar o olhar. Ela tragou o cigarro. Voltou a pentear o cabelo com sua escova dourada de brinquedo.

"Enfim", disse sua mãe. "A bela donzela. Ela tinha um espelho. E o espelho falava com ela."

Sim, sim. Essa era sua parte favorita da história. Quando a donzela falava com o espelho. Ela tinha um amigo no espelho que lhe contava coisas. Você era uma garotinha tão solitária, não era? Sussurrava para a grama. Fazia amizade com gravetos. Sonhava que estava em filmes e livros. Cada tela, cada página era como uma porta para outro mundo, lembra?

"O que ele disse pra ela?", você perguntou, como se não soubesse. Como se sua mãe já não tivesse contado essa parte mil vezes.

"Que ela era linda", disse sua mãe, como se fosse óbvio. "A mais linda de toda a região."

Você assentiu. Uma dor se abriu dentro de você. Lá no fundo. Por quê? Por uma outra vida, uma outra versão sua, um outro corpo. Em uma terra distante. Em um castelo perto do mar.

"Mas um dia", disse sua mãe, e seu tom mudou. "Um dia, o espelho não disse isso." Ela estava olhando para seus três reflexos no espelho quando falou.

"Não?"

"Não."

E, no espelho, você viu um brilho. Algo faiscando que não estava lá antes.

"Mãe?", você sussurrou, seus olhos no brilho.

Não apenas um brilho agora, uma forma. Uma forma escura cintilante pairando no espelho atrás do reflexo da sua mãe. Sua mãe balançou a cabeça para o espelho. Deu outra tragada no cigarro. Ela também estava olhando para a forma. Como se não estivesse surpresa de vê-la ali.

“Disse outra coisa”, sussurrou sua mãe, seus olhos na forma. Que tipo de forma? Alguma coisa ou alguém?

“Alguém.”

Uma figura. Olhando para sua mãe. Dava para senti-la olhando apesar de ela não ter olhos que você pudesse ver. Só uma silhueta, lembra?

“O que ele disse?”

“Uma coisa horrível”, disse a mãe, olhando para a figura que olhava para ela. “Uma coisa inevitável. Uma coisa verdadeira.”

“Tipo o quê? Tipo o quê?”

Sua mãe balançou a cabeça repetidamente. Olhou no espelho como se fosse chorar. A figura estava olhando para sua mãe com pena. Uma pena falsa, você sentia, mas não sabia por quê. E foi nessa hora que a figura olhou. Desviou o olhar da sua mãe para você. Sim, tinha olhos, apesar de você não conseguir vê-los. Você os sentia em você. Uma frieza. A figura olhou para você e sorriu. Você sabia que estava sorrindo, apesar de também não ter boca que você pudesse ver. Só uma sombra em forma de homem. Só aquela silhueta cintilante.

Você deveria ter sentido medo. Deveria mesmo. Definitivamente. Mas não sentiu, não é? Quando sentiu os olhos dele em você, você ficou completamente iluminada de repente. Como as estrelas que brilhavam no escuro no teto do seu quarto. Como o lustre da sua avó. Você estava sorrindo agora.

“E, aí, o que aconteceu, mãe?” Seus olhos estavam encarando os olhos da figura, dava para vê-los de leve agora. Ele tinha olhos que viam sua alma, você sabia disso. A figura era “ele”, você também sabia disso, não sabia?

Sua mãe não estava mais olhando para a figura. Estava olhando para você.

“Mãe?”, você insistiu, sentindo os olhos da figura em você. “O que aconteceu?”

Mas sua mãe apenas sorriu de um jeito sombrio para você no espelho.

“E, aí, o inferno ganhou vida.”

Parte um

I

2016
La Jolla, Califórnia

Acabou o enterro. Estou escondida no banheiro da minha mãe, assistindo a um vídeo sobre cuidados com a pele do pescoço. Com um vestido preto barato que pinica. Um cigarro ilícito. Sentada na privada no meio das cestas decorativas dela, dos sabonetes vermelhos de água-viva, dos conjuntos de toalhas pretas. A fumaça sai da minha boca em nuvens cinzentas amorfas. Sopro-a pela janela, por onde as palmeiras ainda oscilam e o sol estranho brilha e o céu é de um azul que machuca meus olhos. Tem uma caixa de Kleenex toda feita de conchas atrás de mim; provavelmente, ela nunca a encheu com lenços de papel. O espelho dela sobre a pia tem uma rachadura no meio. Sempre que me olho naquele espelho, pareço quebrada. Partida. Na bancada de mármore está o perfume que ela usou todos os dias de sua vida, o batom Chanel Rouge Allure com a tampa preta e a base dourada. Um cantinho com potes e frascos vermelhos amontoados em uma bandeja de prata. "Para o rosto, querida. Para o rosto", consigo escutar minha mãe me dizendo. "Precisamos de toda a ajuda que pudermos ter, não é mesmo?" Um sorriso cínico da pessoa bonita que sabe que está indo ladeira abaixo.

"Sim, mãe", eu diria. "Mas não você. Você não precisa de ajuda nenhuma."

Não presto muita atenção em nada.

Eu olho para o meu celular, onde está passando o vídeo da pele. Meus olhos estão secos e focados. Focados na dra. Marva, que está me falando com o sotaque inglês tranquilizador sobre o coitado do meu pescoço. O vídeo se chama "Como salvar seu pescoço". Eu já o vi antes. É um dos meus favoritos.

As palavras suaves e firmes da dra. Marva se espalham pelo banheiro da minha mãe.

"Nós não cuidamos do nosso pescoço", diz a dra. Marva com tristeza. E ela parece bem triste com a blusa branca de seda. Como se estivesse lamentando por nós e por nossos pobres pescoços. "Eles costumam ser negligenciados, não é?"

Ela olha diretamente para mim com seus olhos dourados. Eu me vejo assentindo, como sempre faço.

"Sim, Marva", sussurro junto. Sim, eles são mesmo negligenciados.

"E isso é uma tragédia", observa Marva. "Porque a pele de lá já é tão fina."

Minha mãe não me dizia isso sempre? "O pescoço não mente, Belle. O pescoço é verdadeiro, profundamente cruel. Como um espelho da alma. Revela tudo, está vendo?" E ela apontava para o próprio pescoço. Eu olhava para o pescoço da minha mãe e não via nada. Só uma área branca com veias azuladas.

"Estou vendo, mãe", eu sempre dizia.

Na tela do meu celular, Marva balança a cabeça, como se essa verdade sobre pescoços fosse algo que ela não suportasse dizer.

"Que atrocidades", sussurra ela, acariciando o próprio pescoço, "podem florescer aqui? Vermelhidão, claro", entoa ela. "Uma pigmentação marrom, talvez. Áreas mais finas e atrofiadas. Essencialmente", acrescenta com uma risada, "um triunvirato de horror."

Quando Marva diz isso, inclina a cabeça para trás e revela uma coluna impossivelmente lisa de pele branca. Imaculada, inalterada. Ela acaricia a pele suavemente com as mãos com unhas vermelhas.

Enquanto a vejo fazer isso, começo a acariciar meu próprio pescoço. Não consigo evitar.

Uma imagem do pescoço da minha mãe aparece de novo na minha mente. Liso e pálido, como o da Marva. Sempre com um pingente para ressaltar as partes fundas. E, perto do fim, um carinho súbito por vidros em tons de pedras preciosas, lapidadas nos mais estranhos formatos. Uma adaga de obsidiana. Um coração vermelho-escuro retorcido. O jeito como ela segurava aquele coração com os dedos. Olhava para mim em chamadas de vídeo como se estivesse perdida e meu rosto fosse uma floresta negra, um espelho no qual ela mal se reconhecia.

Meu estômago é tomado de medo enquanto mexo no meu pescoço. Não pela lembrança da minha mãe, digo com uma certa vergonha. Mas porque sinto as pintas na pele, as marcas feiosas aqui e aqui e aqui.

"Seu pobre pescoço", sussurra Marva, balançando a cabeça de novo como se pudesse me ver. "Precisa muito de mais firmeza e luminosidade, não é?"

Sim, Marva. Precisa muito.

Toc, toc.

Sylvia. Consigo sentir. Os dedinhos dela batendo na porta. E o tom sacarino que escuto nas raízes dos meus dentes.

"Mirabelle?", diz ela. "Mira, você está aí dentro?"

É horrível ouvir meu nome falado por aquela voz. Penso na voz da minha mãe. Melodiosa, grave, com sotaque francês. Eu só era *Mirabelle* quando ela estava com raiva. Ela nunca deu espaço para *Mira*, embora seja o que eu use quase sempre agora. *Belle*, era assim que ela sempre me chamava. Mas, perto do fim, ela só me olhava, confusa. "Quem é você?", sussurrava ela. "Quem é você?"

Agora, eu fecho os olhos como se tivesse levado um tapa. O cigarro virou cinzas nas minhas mãos.

Outra batida mais persistente de Sylvia.

"Olá? Estamos aí dentro?"

Não posso ignorar Sylvia. Ela vai tentar abrir a porta. Eu vou ver a maçaneta de cristal ser sacudida. Quando ela descobrir que está trancada, vai usar uma chave de fenda na maçaneta. Um cartão de crédito na lingueta. Pode ser até que ela a derrube com o pezinho calçado de Gucci. Tudo sob o disfarce sorridente da preocupação.

Eu abro a porta. Dou um passo para trás e ajeito meu vestidinho preto. É um vestido? Parece mais um saco mal cortado. Pende de mim como se estivesse em depressão profunda. Talvez esteja. Foi Sylvia que me emprestou o vestido, claro. Trouxe da loja dela e da minha mãe, Belle do Baile, onde eu trabalhava anos atrás. Antes de ir embora da Califórnia e voltar para Montreal. Eu deixei a loja de vestidos da minha mãe para trabalhar em outra loja de vestidos. "Me abandonou", minha mãe poderia dizer.

"Aqui está, meu bem", disse Sylvia no dia anterior, me entregando o pedaço de pano preto no cabide de madeira. "Meu bem", ela disse, e eu

senti minha alma estremecer.

"Para o caso de você precisar de algo para usar na… festa." É assim que chamam funerais aqui na Califórnia agora, pelo visto. "Festas." Olhei para o vestido preto sem forma e pensei "Desde quando minha mãe começou a vender produtos tão feios na loja?". Eu quis recusar com atrevimento. Com meu mais firme e frio "Não, obrigada". Só que eu precisava, sim, de algo para vestir. Não trouxe nada na viagem. Desde a semana anterior, eu estou em um estado de torpor. Foi quando recebi o telefonema do policial no trabalho. "Mirabelle Nour?", disse ele.

"Pois não?"

"Você é filha de Noelle De… De…"

"Des Jardins", falei para ele. "É 'dos jardins' em francês." E quando falei essas palavras, "dos jardins", eu soube. Soube exatamente por que o policial havia me ligado. Foi acidente, aparentemente. Ela saiu para caminhar tarde da noite. Perto do mar, da beira do penhasco. Caiu nas pedras abaixo. Foi encontrada morta na praia naquela manhã por um homem passeando com seu são-bernardo.

"Bem, minha mãe amava a raça são-bernardo", falei. Não sei por que eu disse isso. Eu não faço ideia da opinião da minha mãe sobre são-bernardos. Silêncio por muito tempo. Minha garganta parecia um punho se apertando. Eu sentia a bruma hidratante que tinha acabado de aplicar no rosto secando, pegajosa.

"Não houve crime", disse o policial por fim.

"Claro que não", falei. "Como poderia?" Senti meu corpo virar outra substância. Olhei para o espelho na parede. Lá estava eu, com meu vestido preto vintage, parada rigidamente atrás do balcão da loja, segurando o celular na mão fechada. Eu poderia estar falando com uma cliente.

"Sinto muito", disse o policial.

Eu olhei para o meu reflexo. Talvez ele estivesse esperando que eu chorasse, mas não chorei. Primeiro porque eu estava no trabalho. Além disso, minha chefe, Persephone, estava ao meu lado.

"Mira", disse Persephone depois que eu desliguei o telefone. "Está tudo bem?" Ela estava vestida, como sempre, como se estivesse indo a um bailinho gótico. O rosto cheio de pó e pálido demais se virou para mim esboçando algo que parecia preocupação. Olhei para a base dela, craquelando debaixo das luzes da loja.

"Minha mãe morreu", falei, como se estivesse falando sobre o tempo. "Caiu em umas pedras. Foi encontrada por um são-bernardo."

E então? Colocaram uma cadeira atrás de mim, na qual caí. Levaram uma garrafa de bebida russa aos meus lábios. Tinha gosto de ameixas amargas e frias. Um semicírculo de vendedoras com vestidos vintage, minhas colegas, me cercou, sussurrando para mim em francês que era terrível, terrível demais. Lamentavam muito, elas. Balançando as cabeças com penteados de colmeia e trança embutida. Todos aqueles olhos tristes com delineado de gatinho, eu os sentia. Esperando que eu chorasse. Com medo de que eu chorasse. Bem ali, no meio da loja de vestidos. "It's My Party" estava tocando no rádio. Quase me dando uma espécie de permissão terrível. Eu pedi desculpas pelo transtorno. "Me desculpem por tudo isso", falei para elas, evitando seus olhos.

"*Mon Dieu,* Mira, não peça desculpas a nós", murmuraram elas. Uma cliente apareceu na porta da loja nessa hora e olhou com nervosismo para o nosso grupinho. "Gostaria de ajuda com alguma coisa?", falei. "Qualquer coisa? Por favor", falei, andando na direção dessa cliente como se ela fosse uma luz no fim de um túnel muito comprido. "Por favor, me diga o que está procurando."

No trajeto de Uber até meu apartamento, comprei a passagem de avião para San Diego, entre goles da bebida que Persephone colocou nas minhas mãos. Quando cheguei em casa, estava daquele jeito. Mal consegui seguir pelo corredor para deixar meu gato, Lúcifer, com o vizinho, Monsieur Lam, de quem ele gostava mais do que de mim, de qualquer modo. Lúcifer literalmente pulou dos meus braços e desapareceu no corredor do Monsieur Lam assim que a porta foi aberta. "Minha mãe morreu", falei para ele quando ele ficou na porta, piscando. "Ah, minha querida", disse, e coçou o rosto. Monsieur Lam tem a pele ótima. Com um viço e tanto, que eu invejo. Costumo pensar sobre os segredos dele — será que envolvem uma essência fermentada, algum tipo de elixir de raiz de cogumelo? Mas nunca ousei perguntar. "Quer entrar e tomar um chá?", ofereceu ele. Percebi pelos olhos dele que ele morreria por dentro se eu dissesse "claro". Monsieur Lam, como eu, tem modos, apesar de tudo. "Ah, não", falei. "Obrigada. Preciso me preparar para amanhã, arrumar a mala." Ele assentiu. Claro que sim. Nós dois sabíamos que eu não faria isso. Eu ficaria vendo Marva a noite toda enquanto limpava a pele duas vezes no

escuro, fazia esfoliação e aplicava minhas muitas camadas de essências e séruns, espalhando cada camada com as palmas das duas mãos. Monsieur Lam ouviria os vídeos, como ouvia todas as noites. Só uma parede fina separava nossos quartos, afinal.

No dia seguinte, quando abri a mala no hotel La Jolla, só encontrei dentro dela um livro francês de mistério, algumas peças de lingerie e sete sacos *ziplock* cheios de produtos para a pele. Aparentemente, eu tinha me lembrado do Sérum de Ressurreição Botânica e da Fórmula Revitalizante para Olhos com Infusão de Diamante e dos meus três ácidos esfoliantes favoritos do momento. Eu tinha me lembrado do Complexo de Peptídeos Flor de Orfeu, para a produção de colágeno, e da essência de chá verde e arônia para dar volume e do Ouro Líquido. Lembrei-me da Bruma Refrescante de Biorradiância de Fungo da Neve e da gosma de lesma de Luminosidade Avançada, dentre muitos outros RIMS: *Recomendações Inflexíveis da Marva*. Mas não me lembrei de nenhum vestido. Por isso, Sylvia me socorreu.

Agora, ali está ela, na porta aberta, o rosto cheio de solidariedade terrível.

"Você está bem, meu bem?", diz ela. "Meu bem" de novo. E de novo a minha alma estremece. A voz dela é doce e espinhenta como os lírios e as aves-do-paraíso perfumando a sala. Ela me olha como se eu estivesse chorando. Não estou, claro. É só o sol forte machucando meus olhos, provavelmente. Ou minha Fórmula Revitalizante para Olhos com Infusão de Diamante. É um produto potente que tonifica, firma e clareia e às vezes escorre pelos meus olhos e parece fazê-los lacrimejar. Por isso, talvez eu pareça estar chorando. Pode ser até que eu sinta lágrimas de verdade escorrendo pelas bochechas, deixando filetes de secura no rastro salgado. Poderia parecer que estou chorando para uma pessoa comum que não conheça a Fórmula, a ponto de a pessoa se sentir compelida a dizer para mim "Você está bem?". Mas eu nunca explico sobre a Fórmula para essas pessoas. Eu sempre digo apenas "Estou bem".

"Estou bem", digo para Sylvia.

"Tem certeza?" Sei que ela está me julgando pela minha fuga do funeral, a sala de jantar cheia dos arranjos de flores caprichados dela e dos triângulos de sanduíches, repleta de pessoas que eu nunca vi e que alegam conhecer a minha mãe. Todas oferecendo condolências banais.

"Sinto muito pela sua perda."

"Bem, ela está em um lugar melhor agora, não é?"

"A alma vive para sempre, não vive?"

"Vive?", perguntei. Eu queria mesmo saber. Um piscar silencioso daquelas pessoas. Eu deveria só ter assentido e dito com gratidão "Está. Vive. Obrigada". Mas eu só fiquei olhando para elas. "Vive?", sussurrei de novo. E tomei um gole do que achei que fosse champanhe. Era sidra de maçã. Estava em uma flûte como se fosse champanhe. "Isso não é champanhe", eu me ouvi dizer.

"É Appletiser", alguém disse. "Não é uma delícia? Sylvia pensa em tudo mesmo."

"Pensa", concordei. E falei: "Eu preciso de um minuto. Com licença".

E isso é o que eu digo para Sylvia agora na porta. Eu digo:

"Eu precisava de um minuto. Com licença."

Sinto que ela está me encarando daquele jeito xereta do qual eu sempre me afastei como se fosse uma luz forte demais. Como se ela estivesse procurando uma chave para a porta fechada da minha cara. Ela olha para o meu celular na bancada. Na tela, Marva está pausada no meio da carícia no pescoço branco. Pego o telefone e o enfio no bolso.

"Espero que a festa esteja boa", diz ela.

"Maravilhosa, Sylvia", minto, assentindo. "Obrigada. Obrigada por organizar tudo."

"Nós poderíamos ter feito no meu apartamento, claro, mas a vista da sua mãe é muito melhor do que a minha." E ela olha por cima do meu ombro para a vista do mar pela janela do banheiro. O mar para o qual não consegui olhar desde que cheguei, embora em cada noite o som das ondas me faça rolar na cama até eu apagar. E, aí, penetra nos meus sonhos.

Olho para Sylvia sorrindo serenamente para aquele mar no qual minha mãe encontrou seu fim. Vendo só ondas lindas, uma bela vista, a vista dela se ela jogar as cartas certas. Possivelmente, seu próprio reflexo, sorrindo para ela. De repente, uma vontade de socar o pescocinho fino dela lateja nos meus dedos. É um pescoço manchado, reparo. Não é adepta de sérum e de protetor solar, a Sylvia.

"Uma linda vista, você não concorda?" Ela olha para o perfume da minha mãe na bancada, para o batom, para os potes e frascos vermelhos *para o rosto*. "Ela amava os produtos dela, né?"

"Amava."

"Bem, todos temos nossos pequenos prazeres. No meu caso são sapatos." Ela sorri para mim, depois para os pezinhos envoltos pelas sapatilhas de marca sem graça. "Claro que sua mãe também amava isso."

"Sim." Acendo outro cigarro na frente de Sylvia. Sinto-a me julgar por isso. Ela olha para mim através da fumaça, sem dizer nada. Eu sou a enlutada, afinal. Eu posso certas coisas, não posso? Fico tentada a soprar a fumaça na cara dela, mas claro que abano o ar para dissipá-la, pedindo desculpas. Ela abre um sorriso fraco.

"Então… quanto tempo você vai ficar aqui?"

Penso no voo transcontinental que peguei só três dias antes… só três dias antes? Como os comprimidos e o vinho do aeroporto e depois o vinho do avião me mantiveram afundada no assento da janela. Como os lindos vídeos que eu estava tentando assistir ficavam travando no meu celular e não tive escolha além de olhar para o céu. Fiquei de óculos escuros mesmo depois que escureceu. Mesmo quando não havia mais nada para ver além da luz vermelha na ponta da asa, piscando na noite preta.

"Eu tirei uma semana no trabalho, mais ou menos", digo para ela.

"Trabalho?" Ela parece surpresa de eu fazer alguma coisa. Depois que saí de La Jolla, eu não caí simplesmente no esquecimento? "Ah, a loja de vestidos, certo? Como se chama? Donzelas de alguma coisa?"

"Donzelas de Vestido."

"*Em Perigo*. Que divertido. Tal mãe, tal filha." Sorrindo com a ideia da loja que tem com a minha mãe. "Nossa lojinha", Sylvia gosta de dizer. Ela nunca diz "Belle do Baile". Não gosta da ligação do nome comigo nem de ser anterior a ela. Sylvia assumiu um papel quando eu fui embora, mas estava se insinuando bem antes. A camisa branca passada e as pérolas sempre no canto da minha visão, desnecessariamente ajeitando a mercadoria. "Tão organizada", minha mãe sempre dizia de Sylvia. "O yin do meu yang, por assim dizer." E o sorriso de Sylvia ficava mais tenso. "Sylvia, o que eu faria sem você?", minha mãe perguntava. "Pereceria", dizia Sylvia. E só eu sabia que ela estava falando meio sério.

"*Montreal*." Sylvia suspira agora, tentando fazer a pronúncia francesa. Massacrando-a, claro. Ela parece saudosa do lugar aonde nunca foi. "Tão chique. Onde Noelle conseguiu o estilo dela, sem dúvida. Sua mãe tinha

tanto estilo." Um movimento de olhar pelo banheiro. "Você vai precisar de ajuda para arrumar tudo, não acha?"

"Eu consigo, Sylvia. De verdade." Digo isso com voz firme. Calma. Com polidez infinita.

"Fico feliz em ajudar", insiste ela. "É só chamar."

"Pode deixar. Obrigada. Enquanto isso, acho que vou voltar para o hotel. Para descansar um pouco. Não dormi bem esta noite."

Não dormi nada. Fiquei rolando na cama na escuridão perfumada. Um olho aberto, sempre. Quando fiz o check-in, o homem da recepção disse que me daria vista para o mar, como se fosse um presente. As ondas, disse ele, me fariam dormir. "Sempre fazem", disse, e sorriu. "Acredite". Não fizeram. As ondas quebrando faziam um ruído alto, nada tranquilizador. E havia a imagem que eu não conseguia apagar mesmo no escuro. Minha mãe com o robe de seda vermelha e branca. Caindo na água negra, nas pedras afiadas.

"Claro", diz Sylvia. "Você deve estar cansada." Um sorriso magnânimo. Tão triste por mim. "Bem, passe na nossa lojinha antes de pegar o voo para casa. Sua mãe deixou algumas coisas lá. Tem também algumas coisas… que você e eu precisamos discutir. Quando você estiver pronta, claro."

"Coisas? Discutir?"

"Que coisas, Sylvia?" Há uma rispidez na minha voz agora.

"Tem hora e lugar, meu bem. Não tem?" Ela fala com muito cuidado, quase uma repreensão, como se fosse eu que estivesse agindo com inadequação absurda.

"Hora e lugar. Claro. Com licença."

Passo espremida por Sylvia e vou para o corredor. Tem um espelho lá, por todo o comprimento do corredor. Há uma rachadura nele também, como no banheiro. Outro espelho, outra rachadura. Como se a minha mãe tivesse cravado um diamante afiado nele e o passado na superfície ao andar. Estranho. Uma frieza sempre que eu olho para aqueles espelhos. Mais deles na sala, de muitas formas e tamanhos. Uma parede de espelhos rachados, cada um com uma moldura preta pesada.

A sala está lotada agora, e os espelhos fazem parecer que as pessoas presentes são infinitas. Ela conhecia mesmo aquela gente toda? A maioria é estranha para mim. Elas estão dizendo "Uma pena, uma pena. Tão nova. Caiu na água? Pulou? Que horrível". E, aí, se viram para olhar para o mar e

estremecem. Ou estão falando de outras coisas. Férias futuras. O trânsito na 805. O que Trump disse ontem na Fox, ele nunca vai ser eleito. "Se a gente pudesse deixar o Obama para sempre." Todo mundo está segurando taças com o champanhe falso da Sylvia como se não fosse falso. As pessoas sorriem com solidariedade quando entro na sala. Sussurros e palavras suaves se espalham pelo ar. "A filha, eu acho. É difícil, não é? Ah, vida. Um mistério, um mistério." Balançando a cabeça de forma insuportável. Eu preciso ir para longe dos olhos cheios de pena e das palavras suaves que não fazem nada, não significam nada. Coloco os óculos escuros, mantenho a boca apertada. Atravesso a sala em linha reta, os olhos fixos na porta. Eu tenho um plano. Vou entrar no Jaguar prateado-escuro da minha mãe. Vou dirigir até o hotel rosa. Vou pegar o elevador para o quarto e trancar a porta. Deitar na cama e ficar lá. Ouvir o relógio tiquetaquear e as ondas quebrarem, e depois o sol vai acabar se pondo, misericordiosamente, nesse dia. E a noite vai chegar, não vai? É uma promessa.

"Tem certeza de que não vai ficar?", seus rostos parecem dizer quando elas me veem fugir. "Já está indo?" Elas olham para o cigarro na minha mão, para os óculos cobrindo meus olhos, enquanto eu passo, murmurando, apesar de não querer:

"Desculpa, com licença."

Quando saio do apartamento, algo se aquieta. Um rugido no meu coração. O peso diminui um pouco e consigo respirar. Fico na varanda respirando. Não mais tão estranha. Mas vejo que tem algumas pessoas do lado de fora também, socializando. Não consigo me afastar delas. Tudo o que quero é me afastar delas. Daquelas pessoas que não sabem. Que nunca souberam.

"Souberam do quê?", diz uma voz dentro de mim.

E, aí, eu vejo que tem outra pessoa lá, separada dos grupinhos murmurantes, olhando para a água. Olhando e sorrindo. As mãos segurando a amurada da varanda como se ela estivesse em um cruzeiro. Uma mulher de vestido vermelho. Vermelho em um funeral? Estou vendo direito? Sim. Um vestido vermelho-escuro de seda leve. Lindo, não posso negar. Minha mãe teria aprovado. Tem outra coisa nela que se destaca, mas o que é? Algo no rosto tão anguloso, a pele lisa como vidro. Eu já a vi em algum lugar? Parece feliz. Tão feliz, que quase escuto a cantoria dentro dela. Ela tem cabelo ruivo, como a minha mãe. Cabelo ruivo, vestido

vermelho, lábios vermelhos. Faz com que pareça uma chama. Uma chama bem ali, na varanda da minha mãe. Quando reparo nela, ela se vira para mim e seu rosto se fecha, depois se ilumina. Sinto-a olhar fundo no meu âmago com os olhos azuis bem pálidos. Dentro de mim, algo abre a bocarra. Ela está me olhando com tanta curiosidade. Como se eu fosse um fantasma. Ou um sonho.

"Ela seguiu o caminho das rosas", diz essa mulher para mim. E sorri. Como se isso fosse lindo. Quando ela diz a palavra "rosas", vejo um vislumbre de vermelho. Preenche minha visão brevemente, como uma névoa. E some. E ali está a mulher de vermelho, parada na minha frente contra o céu azul.

"O caminho das rosas", repito. Estou hipnotizada ao mesmo tempo em que sinto um frio dentro de mim, se espalhando. "O que é o caminho das rosas?"

Ela só sorri.

"O que é o caminho das rosas?", pergunto de novo. "Quem é você?"

Mas alguém me puxa. Um homem suado que não reconheço. A esposa séria. Eles querem me dizer como lamentam a minha perda. O homem está com a mão no meu ombro. A mão é pesada e está apertando a pele do meu braço.

"Nós vimos sua mãe em uma peça uma vez", ele está dizendo. "E nunca esquecemos, não foi?", pergunta ele à esposa, que não diz nada. Bem, *ele* nunca esqueceu, pelo menos. A esposa assente com seriedade. "Ela brilhava", diz o homem, os olhos aquosos e vermelhos. "Então tem álcool em algum lugar desta festa", penso. "Como uma estrela no palco", insiste o homem.

E ela foi muito gentil com eles depois. É disso que ele nunca vai esquecer. Como minha mãe foi gentil. Tão graciosa e humilde. Sem arrogância, apesar da grande beleza, do grande talento. Tão pé no chão. Consigo imaginá-la fingindo interesse na vida deles. Sugando a admiração dele como tutano dos ossos de vitelo dos quais ela gostava, com salsa e sal.

Tenho vontade de rir na cara deles. Minha mãe, pé no chão? E, aí, eu penso no que sobrou da minha mãe. Em breve na terra, literalmente. De repente, não consigo respirar de novo.

"Com licença", digo e passo por eles.

Mas ela sumiu, a mulher de vermelho na amurada. Onde aquela mulher estava só há um espaço vazio. Olho para as roseiras plantadas do outro lado da amurada. Um vermelho tão intenso, que faz meus olhos doerem. Pétalas tremendo na brisa azul. Brilhando vividamente na luz.

2

No hotel rosa junto ao mar, tem um bar perto da água. Não sei por que eu fui para lá. Não posso pagar por aquele lugar, não mesmo. E, se o tom do advogado servir de indicativo, isso não vai mudar. "Vamos conversar amanhã de manhã", disse Chaz quando pedi para ele me contar o pior. "Por favor, me conte", falei. "Amanhã", disse ele. Estou no hotel desde que pousei. Claro que estou com medo da conta. Mas estou com mais medo de ficar sozinha no apartamento da minha mãe. Vou ter que enfrentá-lo amanhã, claro. Encaixotar tudo. Mas não agora, ainda não.

"Mesa para um, por favor", digo para o garçom no bar. Porque eu posso muito bem ser derrubada com estilo. Você teria aprovado, não é, mãe?

"Claro", diz o garçom.

Ele se parece um pouco com o Tom Cruise, o que é engraçado. Também é engraçado como fico meio tonta de repente ao olhar para o rosto dele. Talvez seja só a intensidade do sorriso dele para mim. Ele me leva para uma mesa com vista para o mar, mas parece intrigado quando me sento de costas para a água. Eu só sorrio.

"Uma taça de champanhe, por favor."

Ele me olha. Ainda aquele sorriso, aquela expressão intrigada. "O quê?", tenho vontade de dizer. Ele olha para a minha testa. Está reparando na cicatriz leve que tem lá? Com a forma de uma estrela torta. Apagada agora, mas que nunca vai sumir, apesar da minha rotina de ácidos e agentes clareadores. "Quase não aparece mais", minha mãe sempre garantia. "Ninguém consegue ver, só você." Mas aquele homem vê. Ele vê? "É falta de educação encarar", tenho vontade de dizer. Acho que ele vai perguntar sobre isso, mas o que ele diz é:

"Tem algum documento aí?"

É a minha vez de ficar olhando agora. Ele está falando sério?

Ele nem hesita. Ah, sim, está falando sério.

Eu me esqueci disso nos Estados Unidos. Que eles pedem documento até de quem tem mais de trinta. Dou minha habilitação para ele, e ele fica

olhando uma eternidade, apertando os olhos. "A minha mãe morreu, sabe", tenho vontade de dizer para ele. "Eu acabei de sair do enterro dela. Essa bebida é importantíssima para mim." Meus dedos começam a tremer de vontade de mostrar a data de nascimento no documento. É um documento canadense e ele não deve ter ideia de onde olhar, e eu deveria ser paciente, deveria ajudar. Mas estou meio impressionada com o quanto está demorando. Com a quantidade de vezes que ele olha para mim e para o documento.

Finalmente, ele o devolve.

"Moça?"

"Moça?"

"Sim?" Eu me preparo para as palavras dele. Que ele não pode aceitar esse tipo de documento internacional, desculpa. Ele vai precisar ver meu passaporte, por favor.

Mas ele só olha para o meu rosto com um tom sonhador.

"O que quer que você esteja fazendo…", diz ele com voz baixa. "Está funcionando."

Um sorriso, apesar de eu não pretender. Um rubor de felicidade rasa.

"Está?"

"Definitivamente", diz ele. *Definitivamente*.

Não deveria importar. O que aquele estranho acha da minha pele. Mas minha mão está na minha bochecha, eu estou olhando para a expressão bem-intencionada dele.

"Obrigada", sussurro, pensando na bancada do meu banheiro lotada de potes e frascos e recipientes recomendados pela Marva. Em minha bolsa cheia de filtros solares e brumas rejuvenescedoras. "Tem um monte de coisas que eu faço", digo para ele, surpreendendo a mim mesma. Eu nunca falo do que eu faço, com ninguém. "Porque é para você, não é?", diz Marva. "Um segredo entre você e o espelho."

Ele sorri.

"Vou buscar o champanhe."

Chega em uma taça gelada, borbulhando como um caldeirão. "É como beber estrelas, Belle", minha mãe teria dito. Eu sempre revirava os olhos quando ela dizia isso, mas agora cá estou eu com minha taça. Marva diz

que o álcool é um destruidor de colágeno. Que resseca por dentro e por fora. "Se você quer pele boa, precisa parar de beber imediatamente", diz com severidade. E, quando eu vejo Marva dizer isso, costumo estar com uma caneca de café cheia de champanhe na mão. Às vezes, um cigarro na outra, também proibido pela Marva. E me sinto repreendida, horrível, culpada. Mas Marva também diz "Nós somos humanos, não somos? Temos nossos remedinhos, nossas pequenas indulgências, bálsamos para esse corpo mortal, não é mesmo?".

"Temos", concordo. E fico com lágrimas nos olhos por causa da compaixão da Marva. Da compreensão que ela tem dos paradoxos. "Você deveria ser mais gentil com você mesma", diz ela para mim com suavidade, os olhos me encarando. Como se soubessem. Eles sabem exatamente como eu posso ser cruel.

Primeiro uma taça, depois outra. Não vou voltar para o quarto de hotel para começar minha rotina noturna, apesar de conseguir sentir poeira e detritos no rosto. Os muitos radicais livres que estão penetrando na minha barreira da pele, oxidando-a enquanto falamos. Necessito desesperadamente de uma limpeza purificadora, seguida de uma limpeza regeneradora, seguida de uma esfoliação tripla, depois da qual eu provavelmente cobrirei o rosto com uma barreira reparadora de zinco. Mas ainda não. O céu está de um fogo rosado profano, as palmeiras escurecendo. Sinto as ondas rugindo atrás de mim. Não tem muita gente no bar hoje. Só um homem ali perto olhando intensamente para o laptop, clicando sem parar. Trabalhando até tarde, acho. Uma brisa sopra pelo terraço. Quente. Suave. Eu tinha me esquecido disso na Califórnia. Que até a brisa é um sonho. Onde eu estaria agora se estivesse em Montreal? Trabalhando até tarde, provavelmente. Olhando para o piso xadrez branco e preto da loja. Evitando os espelhos nas paredes. Não querendo ver meu rosto maltratado por um dia sorrindo falsamente sob as luzes intensas. Ainda sorrindo, só para o caso de alguém entrar pela porta no último minuto. Aquele som do sininho de prata. Eu o ouço nos meus sonhos. Ouço agora. Gente entrando na loja de vestidos, cheia de esperanças. Querendo o quê? Nunca só um vestido. Minha mãe me ensinou isso. O que elas querem, disse ela, é uma experiência. Uma transformação. Um toque de magia.

"Não pode acontecer", tenho vontade de dizer. "Você é quem é. Acredite, eu sei. Não tem como escapar." Nos meus sonhos, eu digo isso. Digo a verdade horrível. Mas, na realidade, eu só sorrio. Digo "ficou lindo" mesmo quando ficou horroroso. "Uau", digo. "Se você colocasse com este blazer, o visual ficaria perfeito". E estou mentindo. Não tem visual. O blazer não vai deixar nada perfeito. Mas as pessoas sempre acreditam em mim. Elas agradecem, ainda franzindo a testa para si mesmas no espelho. E eu fico ao lado, outro espelho, sorrindo. As mãos cruzadas sobre a virilha. Esperando que elas olhem para mim.

Àquela hora da noite, na loja vazia, a máscara que é meu rosto estaria sendo retirada. Meu sorriso estaria sumindo. Eu estaria tocando música para mim, e não para os clientes. Algo sonhador e sombrio, com distorção. Algo que me fizesse fechar os olhos e me afogar lindamente. Minha mãe descrevia meu gosto musical como Funeral Sobrenatural. Ou Festa Sombria. "Você pode diminuir o volume da Festa Sombria, meu bem? Algumas de nós escolheram abraçar a vida." É a hora em que todos os manequins de loja conspiram para parecerem ameaçadores. Quando todos parecem estar com sorrisinhos. Fazendo com que eu me lembre, com sua brancura impecável, da minha mãe. Eu posso até ter ligado para ela por culpa. Ou porque senti saudade dela. Naquelas últimas vezes que conversamos, ela pareceu estranha. "Alô? Alô?", dissera ela ao telefone. Como se estivesse gritando em uma noite escura, sem ter ideia de onde estava.

"Mãe", falei, olhando para um manequim.

"Quem é?"

"Sua filha."

Uma pausa.

"Quem?"

"Belle. Sua filha, sabe? Mãe, qual é…"

"Ah, Belle do Baile. Raio de Sol, sim, claro." Raio de Sol era o apelido que ela tinha me dado. Raio de Sol porque eu era uma nuvem de chuva, de acordo com ela, uma "gota carregada". Raio de Sol era para me irritar.

"Você sabe que está fazendo 22 graus e está sol aqui. O céu está tão azul e aflito, Belle. Você deveria ver."

"Aflito?"

"Eu falei 'aflito'? Eu quis dizer bonito, claro. Você deveria ver."

"Eu já vi, mãe. Está tudo bem? Você parece meio…"

"Eu sou rosas. Estou usando um despido… um vestido feito de estrelas. A pergunta é como você está, Raio de Sol? Ainda está esfoliando o rosto loucamente?"

"Não", falei, mas é claro que estava. Eu tinha sete tipos diferentes de ácidos em rotação, cada um para o que Marva chamava de "contratempo da pele" diferente. Eu tinha os Discos de Peeling de Iluminação Universal e a Matriz Glicólica de Renovação Noturna e, claro, a Loção Magique de esfoliação tripla, um elixir francês cult que ainda é ilegal em alguns países, o que tem o ingrediente banido que fede a enxofre e deixa o rosto dormente. Eu também tinha a famosa Ambrosia Erradikadora, da cor de sangue, que tem cheiro de terebentina e parece placenta fresca de cabra. Todas as noites, eu passo um ou mais no rosto com um disco de algodão, e minha pele grita lindamente. Fica de um vermelho profano. Eu a vejo queimar no espelho enquanto um odor animal, um cheiro de sacrifício, preenche o banheiro como fumaça.

"Não estou", menti para a minha mãe.

E minha mãe estalou a língua com reprovação. "Você sabe que essas células se renovam sozinhas, Belle. Sua pelve é linda por si só."

"Minha pelve?"

"Pele, claro, por que eu diria 'pelve'? Que engraçado. De qualquer modo, a questão é que a Mãe Natureza é uma maravilha do caralho."

"É?" E eu olhei para o manequim. Um sorrisinho de lado. Um olhar brilhante meio desviado. Minha mãe não disse nada. O silêncio ocupou a ligação, como costumava acontecer entre nós. Eu ouvia as ondas batendo do lado dela da ligação. Repreendendo-me. Que eu deveria ter ficado na Califórnia. Sido feliz. Com alma e mente mais ensolaradas. Mas, não, eu tinha que escolher a escuridão, não era? Eu tinha que fugir de volta para nossa origem sombria cheia de neve e gelo. "Para cuidar da Grand-Maman", eu sempre retrucava. Mas, aí, Grand-Maman morreu, não foi, e eu não voltei. Não, eu me senti compelida a ficar e me ensimesmar nas sombras de Montreal, e logo trabalhando em uma loja de vestidos. Que bofetada. Quando ela tinha uma loja de vestidos no paraíso, onde eu poderia trabalhar bem ao lado dela, não era?

E, depois, houve nossa última ligação, umas semanas antes. Um turno da noite no Donzelas. Nenhum cliente. Eu via a neve caindo do lado de

fora pela janela, lenta e gorda. Lembro-me do jeito como os manequins brilhavam debaixo das luzes. Como pareciam sorrir mais largamente à noite. Minha mãe estava falando tão rapidamente, sem fôlego. Ficava escorregando para o francês como só fazia quando estava extremamente consternada.

"Mãe, por favor", falei. "O que você está dizendo?"

"Estou usando um despido de ouro líquido que queima feito o sol. Estou usando sapatos do sangue mais vermelho. Os espelhos estão rachando ao meu redor. As ondas dizem *entrée*, *entrée."*

"O quê? Mãe, você está me assustando."

"Belle, alguma vez que você olha no espelho, você vê…?" Ela parou de falar. Eu ouvia a respiração dela acelerando na linha. Achei que conseguia ouvir os batimentos dela. Ou era o meu coração que eu ouvia, batendo no meu ouvido?

"Mãe, o que você está vendo?"

"Eu estou indo pelo caminho das rosas, Belle", disse ela por fim, sonhadora. "Se lembra das rosas?" *Souviens-tu?*

E minha visão se encheu brevemente de uma névoa vermelha. "Mãe, você odeia rosas."

E o telefone fez um clique do outro lado da linha.

Fiquei sentada no banco do caixa com o telefone na mão, me perguntando "Mas que porra foi essa?". Ela tinha atendido o telefone como uma torrente. Como uma torrente, ela tinha desligado. E eu fui abandonada. Fui abandonada apesar de estar a milhares de quilômetros de distância, em outro país. Senti a batida da porta dela na minha cara. O vento soprando meu cabelo para trás. A nuvem de violetas e fumaça que ela havia deixado. Que diabos ela estava usando, afinal? Drogas? Não são drogas, claro que não, falei para mim mesma, andando para casa pela escuridão cheia de neve. Não a minha mãe. Só o romantismo e a alegria de viver de sempre que deram um nó, só isso. Ela estava ficando estranha na velhice. Um pouco mais perdida no mundo dela, no reflexo dela. (Eu teria que tomar cuidado com isso. Eu não estava seguindo pela mesma estrada? Sim, sim.) Ou, deus, poderia ser demência precoce? Tomei uma nota mental de ligar para Sylvia para falar sobre isso. Para falar com a minha mãe de novo no dia seguinte. Se não no dia seguinte, falei para mim mesma, em breve. Eu a visitaria em breve. Eu a levaria a um médico.

Foi a última vez que eu falaria com ela.

Agora, olho para o meu celular, para a tela vazia. Por um momento, vislumbro o nada. Vejo-o aberto, preto, sem fundo. "Ela seguiu o caminho das rosas", disse aquela mulher no funeral, e sorriu. Como se isso fosse muito maravilhoso. Os olhos azuis iluminados.

"O que é o caminho das rosas?", perguntei em voz alta.

Nessa hora, meu telefone toca. Eu me preparo. Algum recado insípido de condolências de uma colega, talvez. Ou Sylvia *só mandando um recadinho* para me lembrar de passar *na nossa lojinha* amanhã. Ou Persephone falando comigo para saber quando eu voltaria ao Donzelas. "Leve o tempo que precisar", mentiu ela, dando tapinhas na minha mão. Mas eu já ouvia o relógio marcando o tempo na voz dela.

Quando olho, vejo uma notificação de um nome que não reconheço. ROUGE. Quem é Rouge? Tem um ícone de olho arregalado dentro de um espelho oval. Olhando fixamente para mim.

"O luto está afligindo a barreira da sua pele? Clique para entrar ao vivo", está escrito ao lado do olho.

Alguma coisa naquele olho… Eu estremeço como se estivesse sendo observada. Olho ao redor pelo terraço. Só tem o sol afundando ensanguentado sobre as ondas. Só as palmeiras ainda escurecendo, oscilando na brisa quente. Só o Tom Cruise fazendo cisnes de guardanapo na estação dele e assobiando. Uma inquietação, fria e escorregadia, passa por mim. Vejo o homem sentado a algumas mesas, ainda digitando. Olho para o olho no espelho. "Foda-se", penso. Foda-se e que se fodam os algoritmos xeretas da internet. Estão escutando até nossos pensamentos agora? Estou prestes a desligar o celular quando tenho um vislumbre do meu rosto refletido no vidro do tampo da mesa. O que vejo me deixa ainda mais gelada. Horrenda. Eu estou horrenda. *O luto está afligindo a barreira da sua pele?*

"Está", diz uma voz. A minha voz. Eu clico no link.

Na tela, tem uma mulher sorridente de vermelho. *A* mulher de vermelho do funeral. Ela está em um palco, ladeada por cortinas vermelhas. O que está fazendo em um palco? O que está fazendo no meu celular? Ela está olhando para a câmera. Para mim, do jeito que Marva olha. Ela até se parece um pouco com Marva. Os mesmos olhos brilhantes. O mesmo olhar de quem sabe. Como se conseguisse me ver

sentada ali no terraço, meu rosto maltratado e a taça vazia de champanhe na mão. Ela está olhando para mim com solidariedade.

"*Bonsoir*", diz ela. "Será que neste exato momento você está tomada pelo luto?"

Ela balança a cabeça como se soubesse. "Lacrimosa", do Réquiem de Mozart, está tocando baixinho ao fundo. Ouço o aplauso de uma plateia invisível. As palavras AO VIVO piscam no canto da minha tela em vermelho.

"Claro que está. Estamos todos, não é? E dá para ver, não dá? Mesmo quando não queremos. Fica evidente no espelho."

Agora, a câmera se vira para outra mulher, essa em um banheiro sem graça. A mulher parece arruinada, doente, com a minha idade mais ou menos. Ela também está olhando diretamente para a câmera, para mim, como se eu fosse um espelho refletindo a infelicidade dela. Franzindo a cara para si mesma. Balançando a cabeça lentamente com os sons de Mozart, como se não conseguisse acreditar no próprio rosto. Ouço a mulher de vermelho, como se fizesse uma narração:

"Aqui na Rouge nós acreditamos que o segredo vai bem além da esfoliação. O verdadeiro segredo? Ele se esconde em outro lugar."

Aqui na Rouge? O verdadeiro segredo? O que é isso, uma merda de propaganda? "Desliga", digo para mim mesma. Mas ainda estou olhando para a tela. A cena mudou. Agora tem uma água-viva vermelha ondulando em uma poça de água escura. Vejo-a pulsar em vermelho em um mar de preto. Meu coração acelera. "Que porra é essa?" De repente, some. Ali está a mulher no banheiro de novo, só que agora o aposento é branco e ela está reluzente. Buquês de rosas florescem lindamente dos dois lados dela em vasos pretos altos. Ela ainda está me olhando como se eu fosse um espelho, o reflexo dela. Mas, agora, está sorrindo para o que vê. A pele dela parece vidro, brilha com luz própria.

"Meu deus", sussurro.

E os lábios dela se curvam para um lado como se ela tivesse me ouvido. Ela ergue um pote vermelho de creme. Ao lado do rosto reluzente, como se fosse uma maçã. Eu não tinha visto potes como aquele no banheiro da minha mãe naquela tarde?

"Onde o segredo se esconde?" É a mulher de vermelho falando de novo. Uma narração que parece não estar vindo do alto-falante do celular, mas sussurrando no meu ouvido. "Você quer saber?"

Quero.

"Dentro", sussurra essa voz. A água-viva vermelha na água preta preenche minha tela de novo. De repente, some. A mulher reluzente no vídeo abre um sorriso largo. Leva o pote vermelho para perto dos lábios como se fosse dar uma mordida. Tem alguma coisa naqueles olhos brilhantes. Como se ela também conseguisse me ver sentada ali, de costas para o mar. O futuro é um vazio e estou parada diante da boca preta, olhando para baixo. Ela vê isso tudo. Vê e sabe. Não só a verdade do meu rosto, mas o que há por baixo. "Na alma humana, claro", diz a voz.

Eu desligo o vídeo, boto o telefone de lado. Mas ele continua passando, porque escuto:

"E se você escolher o caminho das rosas, verá por si mesma."

O quê? De onde o som ainda está vindo? Meus olhos pousam no homem com o laptop sentado a algumas mesas de distância. Um terno azul-escuro. Lenço vermelho saindo do bolso. Ele está olhando para a tela como eu estava um momento atrás, hipnotizado. Aquele homem? Vendo o mesmo vídeo sobre pele? Deve ser, ainda estou ouvindo Mozart. Ele ergue o olhar agora. O som mudou para ele também, claro, quando eu desliguei o meu vídeo. "Por que mudou?" é a pergunta evidente no rosto dele. Um rosto bonito, não posso deixar de notar. Bronzeado, anguloso, arguto. Muito bem hidratado. O chapéu de aba larga e o terno me lembravam os filmes antigos. Do tipo que a minha mãe gostava que víssemos juntas, em geral da Nouvelle vague francesa ou do noir de Hollywood. Havia um certo tipo de homem naqueles filmes que ela amava. Misteriosamente quebrados. Lindos, mas com algo errado. Sempre indo para um tom menor. Sempre no processo de acender um cigarro. Sempre com um meio sorriso em meio à fumaça, como aquele homem agora. "Esse é Monty Clift", minha mãe poderia suspirar, apontando para a tela. "Aquele é Alain", sussurrava ela com reverência falando de Alain Delon. "Aah, Paul Newman. Eu amo o Paul", murmurava ela. "Tanto." Ela falava sobre aqueles homens como se fossem amigos dela. Agora, aquele homem de repente gruda o olhar no meu, o telefone quente na minha mão. Sinto que fico ruborizada na mesma hora, com manchas vermelhas horrendas surgindo em todo o rosto. "Afasta o olhar", digo para mim mesma, mas não consigo. Meus olhos estão grudados nos dele, frios e pálidos na pele escura. Ele parece zangado, talvez. Como se tivesse sido pego fazendo

alguma coisa ou como se tivesse me pegado fazendo alguma coisa. Alguma coisa vergonhosa. Mas, aí, ele suaviza. Quase sorri. Fecha o laptop. Ergue a taça de champanhe para mim e toma tudo de um gole, os olhos em mim o tempo todo. "Esse é Monty", minha mãe diria. "Esse é Alain. Esse é Paul." Ele coloca dinheiro na mesa e se levanta, depois inclina o chapéu para mim. Se está me cumprimentando ou só ajustando a aba, difícil dizer. Sai andando assobiando Mozart, e fico sentada vendo-o se afastar, minha pele se arrepiando com o som, o celular ainda quente na mão.

3

O TEMIDO CAFÉ DA MANHÃ com o advogado da minha mãe. Quando chego à sala de jantar do hotel na manhã seguinte, Chaz está acenando para mim de uma mesa junto à janela.

"Mirabelle", diz Chaz. "Quanto tempo."

"É mesmo", concordo.

Mas Chaz não mudou. Um terno violeta-claro de linho amassado. Bronzeado e emanando uma colônia almiscarada. Ainda de pé de forma cerimonial como alguém da corte francesa, o que eu acho que ele meio que é, sendo advogado da minha mãe. Quando eu era mais nova, ele me lembrava um pouco um Rumpelstiltskin pervertido. Eu o via olhar para a minha mãe. Observá-la com um prazer de olhos cintilantes que eu achava obsceno, como se ela fosse uma tigela de bala colorida e erótica. "Oi", dizia Chaz para mim. E eu segurava a mão dela com mais força. "Tímida", minha mãe dizia. E ele assentia com compreensão, apesar de estar obviamente irritado. O que Chaz sempre dizia?

"Eu sou o cavalheiro amigo da sua mãe."

Agora ele me olha de cima a baixo como fazia quando eu era adolescente. Faz uma avaliação, por assim dizer. O rosto dele diz que eu causei uma boa impressão nele. No pau dele. "Bom pra você." Ele assente um pouco. "Bom trabalho. Impressionante." Mas, claro, eu não sou a minha mãe.

"É bom te ver de novo", diz ele, abrindo seu sorriso, o que ele acredita ser um presente. "Peguei uma mesa perto do mar."

Ele indica graciosamente o assento voltado para as ondas. Pego o lugar de costas para o mar e olho para Chaz. Não digo que é bom vê-lo. Minha mãe teria me dado um tapa por isso. "Olha os modos!", ela teria dito, provavelmente mesmo agora. Mas não é bom ver Chaz. Nem um pouco. Se ele parecia um troll aos meus olhos jovens, essa impressão é ainda mais intensa agora. Um trasgo com bronzeado falso, um cabelo brilhante bizarramente castanho. Se bem que parece, sim, que ele faz esfoliação.

"Eu pedi café", diz Chaz, como se oferecendo condolências. "Tem uma cesta de pães a caminho também. Croissants." Ele tenta dar uma piscadela. Porque eu sou de Montreal. E, por ser de Montreal, eu amo croissant, né?

Na maioria das manhãs, eu tomo o que a minha mãe chamava de *lama da pele*. Um smoothie de mirtilo com espirulina em que eu coloco uma quantidade copiosa de colágeno. O smoothie é só um veículo para o colágeno, mas eu gosto do ritual, gosto de ver o pó se dissolver na gosma azul-esverdeada. "Você bebe isso?", disse minha mãe na minha última visita. Eu estava preparando um na cozinha dela. Ela ficou olhando com expressão enojada, mas também curiosa. "O que é esse pó branco todo que você está colocando aí?"

"Só um pouco de cocaína."

"Ah, agora eu estou interessada."

"Eu não estou com fome, obrigada", digo para Chaz.

E aí o rosto dele muda para uma performance de reconhecimento, luto. Ah, sim, claro que eu não estou com fome. Como poderia? Ele observa eu me servir de um pouco de café.

"Como você está?"

Tentando ser gentil. Mesmo sabendo que ele não se importa, o tom dele provoca alguma coisa em mim, apesar de tudo. Sinto que eu poderia rachar como um ovo. Mas não vou. Hoje de manhã, passei três camadas de sérum antioxidante enriquecido com Firma-Célula, seguidas de sete borrifos de uma essência intensa de alga marinha, seguidos do Escudo de Isoplacenta para firmar e tensionar. Depois, o Aperfeiçoador de Pigmento Pérola Branca misturado com o Caviar Iluminador para Radiância. E, claro, a Fórmula Revitalizante para Olhos com Infusão de Diamante, a Geleia em Bruma Hidratante de Superdefesa e Multicorreção e duas camadas de Face Radiante de amplo espectro, físico e químico. Fiz isso na semiescuridão do banheiro do hotel, enquanto Marva estava na bancada, falando suavemente comigo sobre os benefícios das geleias em bruma hidratantes. Penso nas muitas camadas, nos muitos ingredientes, nas muitas fórmulas sofisticadas me protegendo agora mesmo de radicais livres se oxidando enquanto também me mantêm hidratada. Dou de ombros e olho para Chaz pelos óculos escuros da minha mãe. São enormes e escuros, daquele estilo Jackie O que ela amava. Para aqueles dias, dizia ela,

em que a verdade está exposta. Ou para quando a Fórmula Revitalizante para Olhos se rebela e escorre, criando um efeito de lágrima. Não vou expor a verdade para Chaz.

"É difícil", diz Chaz.

"Eu estou bem", digo.

Ele sorri com algo que parece compreensão. Estica a mão e cobre a minha.

"Calma, calma", diz com constrangimento. Eu olho para o Apple Watch dele. Aninhado ali, no pulso peludo. Tem dois anéis de ouro grossos nos dedos rechonchudos, um com uma insígnia de S. A mão dele parece pesada sobre a minha. Sufocante.

Um garçom chega com uma bandeja.

"Ovos Benedict com salmão defumado? Pães?"

"Perfeito", diz Chaz.

Eu o vejo detonar os ovos, fazendo observações insossas sobre a morte da minha mãe enquanto mastiga.

"Tão súbito", diz ele, balançando a cabeça. "Estou tão chocado quanto você deve estar, sinceramente." Um silêncio respeitoso ou ele só está engolindo? "E tão jovem, ela. Bem, talvez não *tão* jovem. Mas ela parecia, isso é certo. Mais jovem cada vez que eu a via. Quase como se ela estivesse se movendo *para trás* em vez de para a frente, sabe? Não como nós, meros mortais, certo?"

"Acho que sim."

"Você é uma aberração da natureza", eu falei uma vez para ela. E a minha mãe só me olhou, emocionada. Vejo Chaz enfiar uma faca no ovo mole.

"Então você voltou pra Montreal, é?", pergunta ele. Porque temos que conversar trivialidades antes de ele me dar a notícia ruim, né? Torna mais humano. "Eu sou humano", diz o rosto dele.

"Voltei."

"Acabou a brincadeira de Mulan pra você." Ele sorri.

Está vendo como ele lembra que eu trabalhei na Disney quando estava na faculdade? Ele errou a princesa, claro, mas lembra que era uma princesa étnica. Porque eu sou étnica, né? Diferente da minha mãe, pelo menos. Ele esquece o que exatamente. Alguma coisa do sul e do leste. "Eu era a princesa Jasmine", eu poderia dizer. "A árabe." Como o pai que eu

mal conheci. Que morreu de ataque cardíaco quando eu tinha cinco anos, antes de eu poder formar uma memória além de pequenos fragmentos. O mais perto que cheguei dele foi delinear os olhos com *kohl*, falando com criancinhas sobre ter chegado voando no tapete mágico. Mas eu só sorrio para Chaz.

"Acabou a Mulan pra mim."

"E como está Montreal?", pergunta ele, como se quisesse saber.

O quanto minha mãe contou para ele, eu me pergunto, sobre a minha partida dali? "Minha filha me abandonou, você não sabia? Quase não visita a pobre mãe, só quando eu imploro." Chaz balançaria a cabeça para a minha mãe com pena infinita. "Que terrível." Eu poderia dizer para Chaz que isso era só um pedaço distorcido da história, que a minha mãe também me abandonou uma vez. Mas ele nunca me ouviria em meio ao fato da luxúria eterna dele.

"Bem, você me conhece, Chaz. Eu amo o frio."

Ele sorri. Claro que eu amaria o frio.

"Eu não visito Montreal desde os anos 1980, sabe. Antigamente."

Um tremor percorre meu corpo. *Antigamente*. Minha infância em Montreal. Tantos dias dos quais não me lembro. Tantos por trás de um véu. Fragmentos até eu ter nove anos, e depois, aos dez, um vazio. E depois? De repente, eu não moro mais com a minha mãe. Estou morando na casa da Grand-Maman e minha mãe foi para a Califórnia. "Em pouco tempo você vai se juntar a ela lá", disse Grand-Maman, "mas não agora, ainda não." Cinco anos passam num piscar de olhos. Aí eu faço quinze anos e pego um avião para o Oeste. Estou piscando debaixo de um sol estranho, debaixo de um céu azul brilhante. Há palmeiras oscilando na minha visão periférica. "Não são lindas?", disse minha mãe, segurando minha mão, o cabelo agora curto e tingido de um louro Hitchcock. "Esta não é a melhor vida?"

"Quem precisa da escuridão e do frio quando se tem tudo isso, não é mesmo?" E, ali, Chaz faz um gesto para a vista do mar no qual minha mãe se afogou. "Sabia que filmaram *Top Gun* aqui? Com Tom Cruise e tudo." Tentando sorrir. Tornar o café da manhã agradável. Não só sobre as finanças da minha mãe. Nós também somos velhos amigos, não somos? Botando a conversa em dia.

Eu o encaro.

"Olha", diz ele. E eu sei o que vem por aí. Sei o que ele vai dizer. Foi quando os ovos chegaram que eu soube. Ouvi-lo falar é como ter um déjà-vu. "Ela tinha dívidas sérias." Entrelaçando as mãos peludas. Os anéis reluzindo.

"Como assim?", digo, mas é claro que eu sei o que ele quer dizer. Penso na voz da minha mãe ao telefone ultimamente. Tensa como uma perna tremendo embaixo da mesa.

"Ela fez três empréstimos no último ano", diz Chaz, se servindo de mais café.

"*Três?* De quanto?"

Chaz pega uma caneta dourada e a aperta de forma dramática. Vejo-o rabiscar um número na parte de trás de um cartão de visita branco como um osso e o empurrar para mim com uma expressão sombria. Eu olho para o número. Tantos zeros, que meu coração para.

"No total?"

"Cada um."

Meu estômago se contrai. O coração está disparado agora. Eu olho para Chaz, que me olha com impassividade. "Eu sou só o mensageiro. Não atira." Mas eu quero atirar. Quero mirar em alguma coisa e disparar. Tenho uma lembrança da minha mãe uns três meses antes, na última visita que fiz. De quando eu estava esperando que ela me buscasse no aeroporto de San Diego. Olhando para as palmeiras oscilando no escuro e pensando "Eu não deveria ter vindo". O ar da noite estava quente como um banho. Eu estava fumando, para a reprovação visível de todas as pessoas por perto. E, aí, minha mãe chegou no Jaguar prateado. O carro novo não me surpreendeu muito; ela sempre teve patronos, homens que compravam brinquedos para o brinquedo deles. Foi o rosto dela que me impressionou. Sem sorrir. Tão pálido, que parecia brilhar como outra lua no escuro. Quando me aproximei do carro, reparei que a pele dela estava sinistramente lisa. Parecia ser parte de um daqueles filmes de Hollywood que ela amava, em que os rostos das atrizes ficam impecáveis de forma sobrenatural com vaselina passada nas lentes das câmeras. Mas mais do que o rosto foram os olhos. Brilhantes e vazios. Como me olharam como se não me conhecessem. "Mãe", fiquei tentada a dizer, "sou eu".

E a minha mãe só me olhou pela janela do passageiro. "Claro que é", disse com uma voz que eu não reconheci. "Entre."

Mas eu só fiquei olhando para ela pela janela. "Mãe, você está…"

"O quê?" E o tom dela ficou ávido de repente. Faminto.

"Estranha", eu deveria ter dito. "Vazia. O que houve com seu rosto? Seus olhos?" Mas eu falei "Linda". Como eu sempre fazia. A vida toda. Ela pareceu sorrir nessa hora. Um calor ou reconhecimento surgiu no rosto dela. Como se a alma tivesse subido para a superfície da pele e feito uma luz brilhar ali brevemente. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela olhou para o espelho sempre gentil e delicado que era eu.

"Estou tão feliz que você veio", disse ela. E saímos em disparada pelo escuro. Eu não perguntei sobre o carro.

"Pra que foram os empréstimos?", pergunto a Chaz.

"Reformas de janelas, ao que parece."

"Reformas de janelas?"

"Bem, o quanto isso pode custar?"

"Não tenho ideia", diz Chaz. "Mas parece que ela gastou tudo." Ele dá de ombros, mexe o café. Acontece. As pessoas pegam um empréstimo para uma coisa e gastam com outras.

De repente, não consigo respirar. Preciso de um cigarro. De uma dose de alguma coisa. Qualquer coisa. Chaz continua mexendo o café com uma colherzinha. Ele está amando aquilo, eu sinto. Minha impotência. Minha falta de ar repentina, meu rosto corado, tudo isso está fazendo com que ele tenha uma ereção.

"Eu aconselharia que você vendesse o apartamento. Use o patrimônio para pagar os empréstimos. Talvez não sobre nada nem se você fizer isso."

"*Talvez* não sobre?", grito ao ouvir isso.

Todo mundo está olhando para nós agora. Os garçons, o casal rico na mesa ao lado despertado do brunch com maracujá e champanhe. Penso no meu estúdio em Montreal. Quase sem decoração além dos produtos para a pele que cobrem as paredes do único aposento. O armário lotado de vestidos de trabalhar que eu nunca uso. Todos os dias, repito o mesmo vestidinho preto. Mas eu estava feliz nessa vidinha, estava mesmo. No fundo da minha mente, eu achava que a minha mãe me salvaria?

"Bem, tem o Jaguar", sugere Chaz. "Você pode vendê-lo, se bem que não deve valer muito depois das batidinhas."

"Batidinhas?"

"Só em alguns lugares. Alguns totozinhos no para-choque aqui e ali. Uns arranhões." Ele sorri como se lembrando de uma intimidade passada. "Você conhece sua mãe."

"Conheço?" Penso na minha mãe atrás do volante de óculos escuros. Olhando para mim pelo para-brisa, nem sorrindo nem franzindo a testa porque não queria abalar as planícies do rosto.

"Consertar vai ser caro, obviamente. Jaguares vintage não dão em árvore." Ele olha para mim com tristeza. "Mas você talvez consiga um comprador do jeito que está. Os homens amam uns brinquedinhos. Principalmente os que precisam de conserto."

Penso no séquito dela de carniçais ricos e sorridentes.

"Quanto ao apartamento, posso botar você em contato com um corretor de imóveis. Mas você também vai precisar ajeitar o lugar pra poder vender. Pareceu meio… maltratado… na última visita que eu fiz." Ele ri um pouco. Imagino Chaz visitando a minha mãe. Chegando no seu Rolls. Balançando-se nos calcanhares com saltinhos na porta. Minha mãe atendendo com um cigarro entre os dedos. Usando um vestido preto de seda ou talvez um dos terninhos brancos. Aquele pingente de coração torto cintilando sombriamente no peito. Um sorriso convidativo, *entrée, entrée*.

Ela nunca deixaria que ele a comesse, deixaria?

"Enfim", ele sinaliza para o garçom, "há muito em que pensar".

Ele olha para o relógio e sorri. Lamenta não ter notícias melhores. Ouço o casal rico brindar com um tilintar de taças. A risada fácil. O que estou fazendo aqui neste lugar que não posso pagar? Com um vestido largo emprestado? "Da nossa lojinha", disse Sylvia quando o entregou para mim. "Eu sempre penso nela como nossa, Belle." E aí eu lembro. A loja.

"Espera! E a loja de vestidos, Belle do Baile?"

"Batizada em homenagem à minha filha", minha mãe diria, segurando a minha nuca. Aquela loja foi o prêmio de consolação dela depois que a carreira de atriz fracassou espetacularmente. Fez um dos cavalheiros amigos dela pagar a conta. "Vou considerar como um investimento", imagino que ele tenha dito, piscando. Já deve até estar morto.

"Eu posso vender a parte dela da loja, não é?"

Chaz me olha.

"Ela já vendeu, Belle."

Dentro de mim, algo se espatifa como vidro.

"Vendeu?"

"Uns meses atrás. Para a sócia. Sylvia Holmes?"

Eu largo a xícara de café. Faz um som de estilhaçado, como o mundo terminando. Nós vemos o café derramado escorrer para as bordas da mesa e pingar, pingar no chão.

"Você conhece o nome, claro", diz Chaz baixinho.

"Eu conheço o nome."

Outro silêncio respeitoso. Ou talvez ele só não saiba o que dizer. Não quer chamar a atenção para o pouco que eu sei da vida da minha mãe. Talvez por sensibilidade ou talvez porque não queira outra cena. A conta chega.

"Por minha conta", diz ele magnânimo, embora eu só tenha tomado café. E, aí, lembro que minha mãe deve dinheiro para ele também.

"Sua mãe", diz ele com tristeza. Vejo os anéis reluzirem nos dedos peludos quando ele assina a conta. "Um mistério, não era?"

4

A Belle do Baile fica no coração da cidade. Minha mãe cuidou para que não desse para deixar passar. Como reluzia em vermelho na rua cheia de lojas, ladeada de palmeiras! A vitrine cheia de mulheres diabolicamente lindas. A placa exibia uma garota usando um vestido de baile reclinada em uma lua crescente prateada, pendurada em um gancho de ferro acima da porta. As lojas próximas não chegavam nem perto. Era de passar direto pelas vitrines cheias de tapetes persas e esculturas de vidro Chihuly, ignorando os vendedores espreitando nas entradas.

"Olá", eles sussurravam, sorrindo com desespero nas sombras.

"Bem-vinda", diziam os mais ousados, curvando a cabeça.

Minha mãe nunca fazia isso. Ela nunca espreitava na porta, sorrindo. Os manequins na vitrine eram o atrativo. O jeito como olhavam para você, através de você, por trás do vidro. Rostos brancos pontudos. Lábios vermelhos curvados em leves sorrisos. Aquela cor estranha de olho, topázio, que cintilava. Todos tinham o cabelo ruivo-escuro da minha mãe. Ela os colocava em configurações excêntricas, às vezes sinistras. "Para chamar a atenção. Oferecer um pouco de diversão." Um dia eles podiam estar valsando. Em outro, socando uns aos outros. Ou sentados para um chá da tarde. Usavam vestidos chiques, com aparência vintage e cintilantes como os sonhos. Emanavam um glamour formidável. Você ficava com medo ao olhar para os manequins com as melhores roupas, ao mesmo tempo em que o desejo preenchia você como uma escuridão. "Piranhas", você pensaria. Mas iria querer comprar o que estivessem vestindo. Você entraria e entregaria todo o seu dinheiro para a minha mãe, o sininho da loja tilintando de leve quando você finalmente descobrisse como usar a maçaneta em formato de tesoura e abrisse a porta. Ela mandou instalar aquela maçaneta só para dificultar a entrada das pessoas. Mas dentro, ah, dentro o ar estaria claro e doce com suas violetas e fumaça. Haveria música tocando, algo francês ou clássico, normalmente. Lindo, mas intimidador. Você ficaria intimidada. Você se perguntaria se cometeu um

erro ao entrar pela porta de tesoura. Mas se recomporia. Lembre-se do vestido que viu, do sonho que ele lhe deu. "Eu quero aquele", você diria, apontando para as costas de cisne do manequim vestido em um vestido qualquer. E a minha mãe mediria você com os olhos de vendedora. Ela parecia um manequim vivo atrás do balcão, emanando glamour. Parecendo entediada com você. Tudo, desde a blusa de seda parcialmente abotoada até os cachos soltos e os lábios vermelhos como uma mancha vermelha, dizia: "Não dou a mínima pra você". E talvez ela fizesse o que você queria, talvez não. "Desculpa", ela poderia dizer, embora nunca parecesse lamentar. "É o último", mesmo que não fosse. Mesmo que houvesse uma fileira dos mesmos vestidos pendurados atrás dela. Um leve movimento indiferente dos ombros sedosos. Não dá para evitar. Uma questão de destino.

Eu sentia muita inveja dos manequins da vitrine. Imaginava que eram os verdadeiros filhos da minha mãe, que eles me torturavam como as irmãs malvadas da Cinderela. A brancura deles brilhava debaixo da lua dos meus sonhos. Nesses sonhos, a minha mãe também os amava mais.

Depois que faço o check-out do hotel, vou dirigindo até a loja, me preparando. Com um pouco de medo de vê-la de novo. Mas, quando paro, não há irmãs sinistras na vitrine. Não há mais maçaneta de tesoura. Nenhuma garota na lua crescente acima da porta. A fachada da loja é toda de cromo e vidro. Na vitrine, há uma fileira de troncos cinzentos debaixo de spots. Vestidos sem graça pendem dos corpos sem cabeça como se fossem sacos. Colunas cinza-escuro de tecido que não mostram forma nenhuma. Há decorações estranhas nas golas e nos punhos. Uns redemoinhos absurdos de strass — a intenção é que sejam galáxias? "Atraente!", imagino Sylvia pensando. "Eclético." Vejo meu rosto refletido na vitrine, entre os troncos. Meu próprio rosto sobre meu saco preto, parecendo maltratado. A testa está franzida. A cicatriz na minha testa está latejando sombriamente. Aquela que vivo tentando clarear e iluminar, fazer sumir com esfoliação. Aquela que eu mal notava quando morava ali. De volta agora com vingança.

"Tsc, Belle", diria minha mãe, dando um tapinha no meu ombro. "Não franze a testa, se bater um vento vai ficar assim para sempre. Você vai me

agradecer depois."

"Quando?"

E minha mãe sorria. "Quando sua alma começar a aparecer, claro. Mais cedo do que você pensa." Eu lembro que ela parecia animada com isso.

O sol entra atrás de uma nuvem e vejo Sylvia pelo vidro. Parada atrás do balcão. O balcão da minha mãe. Antes artisticamente arrumado com lenços e broches e algumas opções seletas de perfumes. Cheio agora com o que parece ser bijuteria vagabunda. Sylvia está falando com uma cliente. A cliente está de costas para mim, mas eu conheço o tipo, vejo o rosto dela na minha mente, ouço a voz horrível na minha cabeça. As palmas das mãos de Sylvia estão apoiadas no balcão, tão à vontade no ambiente dela. Um sorriso atraente. Sinto minha testa se franzir mais, minha cicatriz escurecer. Meu coração está batendo mais forte agora.

Quando entro pela porta da loja, pronta para gritar, pronta para berrar, Sylvia só me olha de canto de olho. Sorri com um lado só da cara, um truque de vendedora. "Estou vendo você, estou ocupada com uma cliente, falo com você em um minuto." E ela volta a falar com a cliente.

"Ah, sim. Hahaha. Sem dúvida. Com um blazer vai ficar lindo."

Fico ali me sentindo um carniçal, esperando que ela termine. Está tocando Michael Bublé baixinho. Horrendo. O aroma do perfume da minha mãe sumiu do ar. A cliente se vira para me olhar. Uma mulher de calça capri e sapatilhas Nine West. Gloss labial coral. Joias pesadas. Com um sorriso seco. Ela nunca teria entrado se minha mãe estivesse atrás do balcão. Afastada pelos manequins de rosto pontudo, pela beleza da minha mãe, pelo odor de sexo e morte do umidificador de ambiente. "*Bonjour*", minha mãe teria dito com um sorriso frio. "E o que traz você aqui hoje?" Bem-intencionada, possivelmente, mas ela ainda teria apavorado aquele tipo de mulher.

Sylvia não é assim. O rosto dela é astuto, de bajuladora. Com um sorriso oleoso. Não se importa de ser pisada. "Pisa em mim", diz o rosto dela. "Eu amo."

"Eu *ia* à J.Crew", diz a mulher para ela, para nós, "mas aí pensei em vir *aqui*." E, aí, ela olha em volta com um sorriso de dona. Tão satisfeita com

ela mesma por estar comprando em uma loja local.

"Bem. Estamos *muito* felizes de você ter passado aqui." Sylvia sorri enquanto dobra a compra da mulher. Um vestido marrom. Embrulhado em papel de seda, como se valesse alguma coisa. Piscando para mim. "Viu? Atendimento ao cliente. Uma coisa da qual sua mãe não entendia."

"Volte a qualquer hora dessas", pede ela à mulher.

Ela enfia o vestido com cor de bosta em um saco pardo comum. Minha mãe usava sacolas de papel vermelhas e brilhantes, eu lembro. Com *Belle do Baile* impresso em dourado. E estrelas douradas girando em volta das palavras. "Belle, como a minha filha", ela talvez explicasse, a mão no meu pescoço, me apertando de leve. Eu sentia as unhas vermelhas afundando na pele da minha nuca enquanto ela sorria para mim. E a cliente sorriria. "Que amor", ela pensaria. "Que lindo exemplo de amor entre mãe e filha."

"Ora, Mirabelle", diz Sylvia suavemente. "O que eu posso fazer por você?"

Olho ao redor, para os troncos sem cabeça usando os sacos, para o som suave de sucessos como uma lobotomia auditiva.

"Você roubou a loja da minha mãe", eu me ouço dizer. Minha voz soa calma, seca, educada, mas estou tremendo. Eu realmente disse desse jeito?

Sylvia me olha, horrorizada.

"*Como é?*"

A cliente que comprou o vestido de bosta se vira antes de sair. Olha para nós. Ah, que interessante. Um drama!

Sylvia fica rosa. Algo como raiva faísca nos olhos dela.

"Eu não roubei nada, Mira." Agora é Mira. "Ela vendeu pra mim."

"Isso é impossível. Se ela tivesse vendido, ela teria me contado. Eu sei que teria." Ouço minha voz falhando. A Fórmula Revitalizante para Olhos faz meus olhos arderem. Fico agradecida pelos óculos escuros da minha mãe. Mas Sylvia enxerga através deles. Aquele olhar penetrante dela.

"Esther", diz ela suavemente para uma funcionária sem alegria nenhuma no rosto que está por perto.

A funcionária, Esther, está segurando alguns cabides pesados com vestidos em forma de saco junto ao peito, como um escudo. Ela observa meu luto sem dizer nada, através de óculos grossos com armação vermelha

excêntrica. Os óculos estão presos a uma correntinha vermelha no pescoço dela.

"Você pode cuidar da registradora por um minuto, por favor?", pede Sylvia a ela.

Esther só pisca.

Sylvia me leva para a sala dos fundos. "Venha comigo, querida." Mais vestidos medonhos sem forma lá atrás, pendurados em fileiras tristes. Alguns dos antigos manequins da minha mãe estão lá. Os brancos de lábios vermelhos dos meus pesadelos. Um está de pé, dois estão deitados. O que está de pé sorri para mim com olhos dourados. Ela está nua. Tem uma bolsa pendurada absurdamente no ombro dela, com o formato de um cisne negro cintilante. "Um pouco de diversão", minha mãe teria dito sobre a bolsa. "Um lembrete para mandar a função se foder. Para abraçar a forma."

"Não tenho como expressar o quanto eu lamento, Mira", diz Sylvia. "Eu realmente achava que você sabia. Achava que ela tinha te contado."

"Como está a loja, mãe?"

"A loja? Do que você está falando?"

"Belle do Baile. Sua loja?"

"Ah, sim. A loja. Bem, bem." *Ça marche*.

"Para ser sincera, ela me deixou numa saia justa ao fazer isso", diz Sylvia. "Mas eu queria ajudar. Queria ser amiga. Estou realmente muito surpresa de ela não ter compartilhado sua decisão com você." Tem uma acusação aí. "Afastadas uma da outra perto do fim, vocês não estavam? Não tão próximas desde que você se mudou. Se é que já tinham sido. De quem é a culpa?"

Por trás dos óculos da minha mãe, minha visão fica úmida. A Fórmula se rebelou, acho. Eu me vejo contando para Sylvia tudo sobre a reunião com Chaz. Os vários empréstimos para consertar deus sabe o quê. Tudo sai jorrando de mim como as lágrimas que eu não derramo. Não consigo deter a maré de palavras.

"Tanto dinheiro", sussurro, caindo de joelhos. "Onde ela gastou? Pra onde foi?" Quando falo isso, vejo o banheiro dela, cheio de potes e frascos vermelhos. O rosto sem marcas da minha mãe atrás do volante do Jaguar, sem expressão. Os olhos pálidos e vazios fixados no para-brisa.

"Bem, sua mãe nunca pensou muito em coisas como dinheiro." Ela se agacha ao meu lado e dá tapinhas nas minhas costas.

"Ela estava com a cabeça no lugar?"

"*Cabeça no lugar?*" Sylvia parece confusa. "O que você quer dizer?"

"Ela estava… ficando maluca?"

"*Maluca?* Não. Não, não, não, não maluca. *Eclética*, talvez. E claro…"

"O quê?"

"Bem, você conhece a sua mãe. Ela nunca teve muito filtro." Uma risada constrangida. "Não comigo. Certamente não com os clientes. Você sabe que ela *era* francesa", acrescenta ela, baixando a voz.

"O que isso quer dizer?"

"Só que talvez ela estivesse ficando um pouco mais… francesa. Na velhice."

"*Mais* francesa?"

Sylvia balança a cabeça.

"Olha, Mirabelle, eu não me preocuparia com isso agora. Todos ficamos mais ecléticos na velhice, não é? Se bem que sessenta e um não é tão velha. Ela não era nem uma cidadã da terceira idade ainda, né? Jovem demais pra ter passagem de ônibus gratuita! Não que sua mãe fosse andar de *ônibus*."

Olho para o manequim nu. Despido de tudo, exceto da bolsinha de cisne. Os olhos de topázio me encaram com tristeza.

"Por que você trouxe os manequins aqui pra trás?"

"Ninguém gostava deles, só a sua mãe. E você sabe", diz ela, abaixando a voz de novo. "Eu nunca os achei muito… *inclusivos*."

Ela olha para mim de forma significativa. Sem dúvida essa palavra, *inclusivos*, vai me botar do lado dela. Eu a encaro.

"Tão pálidos", insiste ela. "E aqueles lábios vermelhos. Aqueles olhos estranhos." Ela olha para o manequim e faz uma careta. "Eles sempre me deram medo, pra ser sincera. Não sei onde ela os encontrou. Mas você não deve ficar nervosa assim, minha querida. Você já está lidando com *tanta* coisa."

Olho para o rosto suplicante. Tão desidratado. Precisando desesperadamente de glicerina. A mesma idade da minha mãe, mas não daria para saber. Sylvia parece ter a idade que tem. Mais, talvez, pela vida sob o sol da Califórnia. Sem hábito de usar filtro solar — que ela deve ver

como vaidade. Eu poderia enviar para ela alguns vídeos da Marva. Ela talvez se beneficiasse de uma essência preenchedora de semente milagrosa ou de um sérum regenerador de célula-tronco humana. Marva nos diz que autocuidado é dizer para si mesma que você importa todas as manhãs no espelho. "Você deveria falar com ele. Fazer amizade com o que vê lá." E, quando ela diz isso, eu sinto a pele do pescoço arrepiar. Fico nervosa de repente de me olhar no espelho. Quem eu vou ver lá? Aquela pessoa pode mesmo ser minha amiga?

"Você vai vender o apartamento", insiste Sylvia. "O carro também, tenho certeza. Alguém vai querer comprar. É uma propriedade linda. E com aquela vista, aquela vista!" Vejo a boca da alma dela aguar um pouco.

"Mas a dívida. *A dívida*", sussurro. "O que eu vou fazer?"

"Nós vamos resolver", sussurra ela. "Você vai ver", diz ela, apertando minha mão. "Alguém vai comprar aquele lugar. Vai te salvar disso tudo. É perfeito demais. Como a sua mãe. O que me faz lembrar", diz ela. "Ela deixou umas coisas aqui."

"Que coisas?"

"Umas caixas no porão. Ela meio que tratava este lugar como depósito pessoal, mesmo depois que foi embora. Eu nunca disse nada, claro. Você conhece sua mãe."

Por que as pessoas ficam dizendo isso? "Eu não conheço", tenho vontade de dizer. Ao mesmo tempo, uma voz dentro de mim sibila: "Conhece, sim".

"Vou lá embaixo buscar e te encontro na porta, está bem? Esther, você pode pegar o carrinho? Ah, que bom, você já pegou."

Eu me viro e vejo Esther atrás de mim com uma expressão vazia. Ela está segurando um carrinho com as duas mãos. Por quanto tempo ela ficou ali? Ela desvia do meu corpo ajoelhado com o carrinho e vai atrás de Sylvia por uma porta que eu sempre achei que ficasse trancada, que a minha mãe dizia que levava ao boiler. "Você não vai querer ir lá embaixo", dizia ela, "pode acreditar".

Olho para o manequim. Sorrindo para mim misteriosamente, irmã cruel.

"Por que ela não me contou sobre o porão?", sussurro.

"Com licença." Tem uma mulher na porta, segurando um dos vestidos de saco nos braços. "Desculpa, eu estava procurando alguém para me

atender, mas não tem ninguém na loja."

"Elas estão no porão", digo.

"Ah." Ela olha para mim, ajoelhada no chão na frente do manequim, como se estivesse rezando. "Bem, se não é um bom momento…"

"Não, tudo bem. Eu posso ajudar. Você gostaria de experimentar esse vestido, certo?"

Ela me olha com hesitação. Até com um pouco de medo.

"Gostaria."

"Os provadores ficam ali à esquerda. Eu posso te levar."

O rosto dela se ilumina.

"Ah. Seria ótimo, obrigada."

"Tudo bem", digo, sorrindo um pouco enquanto me levanto e limpo a poeira do chão da loja dos joelhos. "Por aqui, vem comigo."

Atrás de mim, sinto o manequim me olhando timidamente. Como a minha mãe fazia sempre que eu atendia uma cliente para ela. "Minha melhor vendedora", ela sempre dizia. Compensando a frieza dela. O policial bom que complementava o policial mau de sempre.

"É para uma ocasião especial?", me vejo perguntando, entrando no modo automático. Como se estivesse interessada. É uma pergunta casual. Consigo intuir as necessidades da cliente com um olhar para os seus olhos de estranha. Adivinhar o evento, a crise existencial por trás da compra em potencial.

A mulher sorri. Ela gosta dessa pergunta sobre a ocasião, embora não haja nenhuma.

"Ah, nada de mais."

"Claro", digo.

Imagino como deve ser o *nada de mais* para aquela mulher. Um almoço de três horas com prosecco em um pátio com as amigas louras. Noites longas e bêbadas em terraços com vista para o mar agitado que elas ignoram. Muita conversa alta sobre jornadas pessoais. Quando chegamos aos provadores, ela me pergunta se eu me importaria de esperar ali. Ela adoraria saber minha opinião. Claro que eu me importo. Agora que voltei para a loja, eu quero sair dali correndo. Mas só abro um sorriso para ela, placidamente.

"Claro que não."

E fico parada do lado de fora com o sorriso ainda na cara. Olho para os modelos de vestido amorfos. Vejo algumas mulheres olharem as araras. Ainda com o som de sucessos suaves ao redor. "Eu comprei este lugar pra nós duas, sabe. Além do mais, o que você vai fazer, Belle? Diploma em literatura francesa é lindo, mas fala sério. E você não pode ser a princesa Jasmine pra sempre. Pode? Me diz."

"Bem", diz a mulher, saindo pela porta do provador. "O que você acha?"

Está horrível. É um vestido cinza de gola alta preso atrás do pescoço que se abre a partir da clavícula em um triângulo estranho e assimétrico. Pende dela como uma barraca mal montada. O cinza apaga a cor dela.

"Me diz", declara ela, meio suplicante.

Mas ela não quer que eu diga. Não de verdade. Percebo pelo tremor no lábio, pelo brilho esperançoso nos olhos. Ela está transbordando com um sentimento: um desejo de ilusão. Ela não está olhando para o espelho gigantesco com borda dourada que a minha mãe prendeu na parede, apesar de estar ao lado dela. Está olhando para mim. Uma entidade capaz de refletir exatamente o que ela deseja ver. Como quando minha mãe olhava para mim, e não para o espelho às vezes. Cavando o adjetivo certo. "E aí, Belle? O que achamos?"

"Está um pouco, não sei… *olhe pra mim*, não está?", diz a mulher, e ri, constrangida.

Eu abro um sorriso.

"Isso é ruim?"

"O que você acha?"

"Sinceramente?"

"Sinceramente."

Sinto-a prendendo a respiração. Por um momento, saboreio o poder, as verdadeiras palavras na ponta da língua. "Desfavorável. Infeliz." Eu poderia dizê-las e acabar com ela.

"Eu achei maravilhoso."

"De verdade?"

"Sofisticado", sugiro. "*Avant-garde*, até", acrescento, carregando no francês.

"*Avant-garde*", repete ela, sonhadora. Outro idioma. Ela gosta disso. "Você acha mesmo?"

"Nunca esconda sua luz", digo para ela. Ela sorri. Tem a tendência de esconder a própria luz, seus olhos dizem. Ela se olha no espelho. Agora é seguro. Seu rosto se ilumina com o que ela vê.

"Ficou *mesmo* meio elegante, né? Ousado, até."

Eu faço que sim. Claro. Pode ser essas coisas se ela quiser.

"E versátil", acrescento. "Uma intensidade diurna que poderia se traduzir facilmente em elegância noturna."

De onde estão vindo essas palavras? Dos meus lábios, ao que parece. Sempre vêm com tanta facilidade. Dizer para as pessoas o que elas querem ouvir. Adivinhar as palavras perfeitas com um olhar para os rostos cheios de expectativa. Dar a elas o sonho delas mesmas. Eu fiz isso de top com lantejoulas por dez anos debaixo do arco do castelo da Bela Adormecida. "Você é linda como uma princesa!", eu dizia até para as desajeitadas. Principalmente para as desajeitadas. Faço isso agora no Donzelas em meu vestido escuro de gola alta. E, claro, fiz pela minha mãe. Naquela loja e durante toda a minha vida, eu tinha meu punhado de palavras pronto para distribuir como bala. "Você sempre tem as palavras mágicas", dizia minha mãe, agradecida, mas também desconfiada. "Como você sempre sabe exatamente o que dizer?"

A mulher alarga o sorriso.

"Eu deveria te levar comigo pra toda parte. Normalmente, eu faço compras com a minha filha. Ela é muito cruel. Mas chama de *sinceridade*, claro." Risadas.

Eu sorrio.

"Claro."

"Como estamos aqui?", diz Sylvia, aparecendo de repente do meu lado. "Ah, nossa, mas está *incrível*. Esses vestidos de frente única não são lindos? Acabei de trazer da Suécia." Tem um tom de falsidade. De exagero.

A mulher abre um sorriso tenso.

"Sua vendedora estava me ajudando."

"Estava?" E o rosto de Sylvia se fecha quando ela me olha. "Entendi. Que maravilha. Muito obrigada, Mira. Eu continuo a partir daqui." Ela dá um tapinha no meu ombro e se inclina. Sinto o cheiro dela: um frescor traiçoeiro temperado com cítrico. Ela sussurra calorosamente: "Nós deixamos a caixa ao lado do carro. Só tinha uma, no fim das contas."

Sorriso afetado. “Passo pra te ver mais tarde, tudo bem? Pra ver como você está.”

Ela volta a atenção para a mulher com a tenda cinza. Hora de enrolar o anzol.

“Você estaria interessada em um bolerinho ou um blazer pra acompanhar ou…?”

Ando rapidamente na direção da porta, o som da voz de Sylvia agudo demais nos meus ouvidos junto com as músicas contemporâneas insípidas. A loja é uma paisagem alienígena, não resta nada da minha mãe. Só os manequins sozinhos na sala empoeirada dos fundos. Sorrindo misteriosamente no escuro.

5

Tarde. Uma nova camada de filtro solar, físico e químico, que já sinto derreter na luz. Estou em frente ao apartamento da minha mãe, segurando a caixa do porão. Olhando para o capacho dela, que diz *Limpe suas patas*. Dos dois lados da porta de entrada, vasos de plantas e flores com espinhos agridem meus olhos com os tons fortes. Não quero entrar. Quero voltar para o hotel rosa. Deitar-me em um quarto escuro e ficar vendo vídeos da Marva até voltar para Montreal. Em três dias. Mas as flores precisam ser molhadas, não precisam? E a gata dela, Anjelica, precisa de comida. As coisas dela precisam ser separadas, empacotadas. O local precisa ser limpo, ajeitado, disse Chaz. Antes que eu possa vendê-lo e sair dali. Não voltar nunca mais para esse lugar ensolarado que ela amava, apesar de sua inimizade com o sol.

Levei um tempo para sair do Jaguar. Fiquei olhando pelo para-brisa para o gato cromado no capô no meio de um salto, praticamente em chamas na luz. "O que aconteceu com você, mãe?", pergunto ao gato. "Você caiu em um poço de loucura? Estou te seguindo agora para a escuridão?" O gato só ficou reluzindo em silêncio, como uma esfinge.

Do lado de fora, o apartamento parece impecável, como a minha mãe. As janelas brilham. As flores são coloridas. O local parece vivo, desperto até. Como se ela pudesse ainda estar lá, nunca tivesse caído do penhasco. Eu a imagino lá dentro, cantando sozinha agora. À penteadeira, talvez, na frente do espelho com três painéis. Sorrindo enquanto passa pó no rosto com a esponjinha branca. Estranhamente, ouço música. Vinda de dentro da casa da minha mãe. Mas não parece música da minha mãe. Não é do estilo Édith Piaf. É pesada, alta, com som psicodélico. E, aí, reparo que as plantas já foram molhadas. A terra em que as rosas crescem está preta e úmida e brilhante. Os vasos estão pingando, pingando no chão de concreto da varanda. Coloco a caixa no chão e pego um deles, um vaso pesado só por garantia, e abro a porta, já destrancada. Ah, estou desperta agora. O coração disparando. O vaso de planta erguido.

Lá dentro, a música está tão alta, que as janelas da minha mãe parecem tremer. Não tem ninguém na sala iluminada fora Anjelica no sofá, lambendo as patas.

Quando chego à cozinha, eu grito.

Junto à pia, há um homem sem camisa. Balançando a cabeça com o som de terremoto.

Por um minuto, fico olhando para ele, hipnotizada. O vaso deve ter escorregado das minhas mãos, pois há um estrondo. Ele me vê no meio da argila espatifada. Ele sorri. Abaixa o volume em uma caixinha de som na mesa.

"Oi", diz ele. "Você deve ser Belle. Prazer em te conhecer."

Eu só fico olhando para ele.

"Sinto muito pela sua perda", diz aquele homem.

Ele estende a mão. Olho para isso também. No pulso dele tem uma espécie de pulseira de couro trançado. Dois fios pretos retorcidos. Uma sensação no meu corpo. Percorrendo-o. Não é a primeira vez que encontro um homem seminu na cozinha da minha mãe. Não é a primeira vez que ele sabe o meu nome e diz que é um prazer me conhecer enquanto eu fico ali, parada como uma psicopata. Quase espero que minha mãe apareça saltitante agora com um dos robes de seda, reluzindo do sexo e fedendo a violetas defumadas. "Ah, que bom, parece que vocês dois já se conheceram."

O homem se aproxima e me abraça. De repente, sou envolta por pele firme com cheiro de praia. Sinto-o dando tapinhas nas minhas costas com a mão grande e simpática. "Pronto, pronto." Ele quer mesmo que eu sinta aquilo, mas estou rígida no abraço dele.

"Desculpa", digo. "Quem é você?"

Ele recua, ainda segurando meus ombros com as mãos muito calorosas.

"Sou Tad", diz esse homem suavemente.

"Tad", penso. "Claro que é." Minha mãe tinha mencionado um Tad?

"Eu limpo as janelas da sua mãe", diz Tad. "Molho as plantas e faço outras coisas. Cuido um pouco do jardim." Ele balança a mão vagamente na direção das roseiras lá fora. Olho então para o alto, largo e descamisado Tad. Cabelo leonino. Tronco bronzeado. Bíceps impossíveis cobertos de tatuagens oceânicas. Fora as tatuagens, todas as características favoritas da minha mãe em um homem.

"Minha mãe morreu", digo, um pouco chocada comigo mesma.

Mas Tad só assente com tristeza.

"Eu sei", diz ele. "Eu sinto muito." Ele está com uma cerveja na mão agora. "Como você está?"

"Bem, obrigada." Eu assinto. Mas minha voz falha. Meu lábio treme. Eu afasto o olhar.

"Legal", diz Tad. "Eu perdi meu pai há pouco tempo. E isso acabou comigo." Ele balança a cabeça. Cabelo louro-acinzentado. Meio cor de areia, na verdade. "Eu entendo. Pode mandar eu me foder se quiser."

Ele faz uma pausa. Eu deveria dizer "Claro que não. Mas obrigada. Lamento pelo seu pai".

"Não vá se foder", digo.

"Sinceramente?", diz Tad. "Eu só vim aqui hoje porque não sabia o que mais fazer, entende?"

Na mesa, reparo em duas rosas flutuando em uma taça de martíni cheia de água. Tad deve ter feito aquilo. Cortou as flores e as colocou flutuando na taça. Tem uma tigela cheia de rosas flutuando em água na mesa de centro também. Trabalho de Tad. "Minha mãe odiava rosas", eu poderia dizer para ele. Desde que eu lembro. Ela até era alérgica. "Eu ainda sou alérgica a pedidos de desculpa vagabundos, a subornos fáceis", ela sempre dizia. Mas Tad não deveria saber? Tento imaginá-lo cortando as rosas, sussurrando com elas, talvez. Aninhando-as nas mãos como se fossem passarinhos. Colocando-as flutuando em uma tigela para morrerem. "Estou indo para o caminho das rosas, Belle."

"E eu não sabia se alguém iria molhar as plantas e os arbustos", diz Tad. "E não queria que eles… você sabe…" Ele deixa a palavra *morressem* no ar, não dita.

"Eu agradeço, obrigada. Eu vim pra começar a empacotar as coisas." *Sua deixa para ir embora, Tad*, mas ele só me olha. Coloca a mão no meu ombro de novo. Aperta com compreensão, sem romper o contato visual.

"Isso é uma merda", diz ele. Vai até a geladeira da minha mãe e a abre. Curva-se para a prateleira de baixo, onde há uma fileira de garrafas de cerveja brilhates. Quando minha mãe começou a tomar cerveja? "Cerveja", ela murmurava se alguém oferecesse uma para ela, fazendo careta. "Eu simplesmente não entendo."

Ele abre uma gaveta da cozinha — ele sabe qual gaveta, eu reparo — e pega o abridor. Vejo o bíceps dele relaxar quando abre a garrafa. Um sentimento leve de luxúria faz uma visita breve, como um fantasma. Ele me entrega a cerveja. Bate com a garrafa na minha.

"À Noelle", diz ele.

O som do nome da minha mãe saindo dos lábios dele a conjura brevemente de novo. De robe de seda, sorrindo em uma luz que a amava. Vejo-o tomar um longo gole. Tomo um também. É surpreendentemente refrescante. Amarga. Eu faço um ruído de surpresa, apesar de tudo.

"Não vim à festa", diz Tad. "Não foi por desrespeito à sua mãe nem nada."

"Que festa?", penso, e percebo que ele deve estar falando do funeral.

"É que eu não sou uma pessoa de *morte*, entende."

"Certo."

"Além do mais, eu não curto os amigos dela."

Ele franze a testa, como se lembrando de uma coisa profundamente desagradável. Penso nos amigos da minha mãe. A maioria de cavalheiros astutos de uma certa idade e suas esposas. Sylvia, claro. Aquela mulher estranha de vermelho lá fora.

"Mas fiz minha homenagem, do meu jeito", diz Tad. "Quero que você saiba disso."

"Obrigada", digo.

Fico me perguntando como é Tad fazendo homenagem. Tad de joelhos em uma sala decorada com conchas, talvez um pôster de pedras brancas em areia lisa, acendendo uma vela aromática. Tad em um bar *tiki* ao ar livre, erguendo uma cerveja na direção do pôr do sol sangrento. Tomando um gole triste. Com gosto agridoce.

"Fiz um tributo havaiano de um homem só no mar ontem", diz Tad.

"Ah, é?" Surfista. Claro.

"Foi incrível. Eu senti a energia dela lá, sabe? Em volta de mim. Foi forte. Havia uma gaivota voando em volta da minha cabeça sem parar." Ele levanta o indicador e o gira. "Um golfinho até saiu das ondas e meio que sorriu." Agora, a mão dele é um bico de golfinho saindo de ondas imaginárias. "E as ondas estavam simplesmente… perfeitas." Ele abaixa a mão e toma um golinho de cerveja. "Tenho certeza de que era sua mãe dando um oi."

"Você acha?"

"Ah, sim. Eu senti. Bem aqui." Ele bate com o pulso delicadamente no peitoral esquerdo e na mesma hora abaixo o olhar para o vaso estilhaçado aos meus pés.

"Que bom", murmuro. Quando levanto o olhar, vejo que ele está agora sentado no sofá de veludo vermelho da minha mãe. Reclinado. Relaxado. Os pés na mesa de vidro. Um pé balançando como se tivesse tomado anfetamina.

"Desculpa, você se importa?", diz ele. "Eu estou meio cansado de cuidar do jardim." Ele bate na barriga dura, exposta. Anjelica, a gata muito branca da minha mãe, pula no colo dele e se acomoda sobre a virilha. "O dia foi quente. Vou terminar isto e vou embora, tá?"

"Tudo bem", digo. Estou só olhando para ele, para Anjelica ronronando na virilha dele. Ela parece muito satisfeita. Os olhos azuis, como os da minha mãe, meio que se fechando em êxtase.

"Vou enrolar aqui e fumar lá fora."

Vejo-o tirar uma latinha de tabaco do bolso, tomando cuidado para não incomodar Anjelica. Obviamente, eles já fizeram isso antes.

"Qual é seu plano, afinal?", pergunta ele.

"Meu plano?" Observo a língua que lambe o papel branco. Com tanto cuidado.

"Para este lugar. Você vai vender? Vai ficar, talvez? Vai voltar para Canádia?"

"Canadá", corrijo.

Ele sorri. Ele sabe que é Canadá, mas fez uma piadinha, viu? Pra aliviar um pouco o clima. Quantos anos Tad tem? Fico pensando. Ele parece um pouco mais jovem do que eu, mas definitivamente na casa dos trinta. Bem tipo Jesus.

"Vou vender", digo para Tad.

"Por que vender? Se fosse meu, eu ficaria com ele." Ele sorri para mim.

"Porque a minha mãe gastou todo o dinheiro dela com besteira", digo. Olho diretamente para Tad quando falo. "Eu preciso vender o apartamento se eu quiser sair do buraco negro que ela cavou."

Tad não parece abalado. Ele assente filosoficamente.

"Você também pode fazer de Airbnb. Tem muita gente no Éden fazendo isso agora."

"Éden?"

"É o nome deste condomínio. Você não sabia? Acho que sua mãe comprou depois que você foi embora. É, Éden. Não tem mais muita gente *morando* aqui. As pessoas alugam. O prédio é velho, né? Está gasto. Os canos estão ruins, os eletrodomésticos, tudo. As coisas não funcionam mais como antes. Mas." Ele abre outro sorriso astuto. "A vista é um espetáculo. Essa é a questão."

Ele olha para as janelas. Foram limpas por ele, por Tad. Ele está me convidando com o olhar para ver o trabalho dele. "Reforma de janelas", lembro que Chaz disse.

Não olho pela janela. Só fico olhando para ele de pernas abertas no sofá da minha mãe, a gata dela se esfregando como uma puta na virilha dele. Ele passou um braço em cima de uma almofada como se estivesse abraçando o fantasma dela.

"Se você desse uma ajeitada", diz ele, "poderia ganhar uma grana. Você vai ter que consertar mesmo, né? Pra vender, quero dizer."

"É."

"Vai dar um trabalho consertar. Você tem ajuda? Eu ficaria feliz em…"

"Eu não preciso de ajuda", digo repentinamente. "Quer dizer, eu agradeço. Obrigada, Tad." Até o nome dele na minha língua parece estar debochando de mim. "Mas eu consigo resolver."

Odeio como eu falo. Afetada como meu vestido emprestado. Uma princesa de parque de diversões falando com um visitante incômodo. Uma vendedora lidando com o cara da FedEx. Há uma certa cortesia na minha voz. Um estalo de porta se fechando. Uma persiana se fechando na minha vida, na minha alma.

Ele sorri para mim lentamente.

"O quê?"

"Nada. É só que você se parece com ela. Em algumas coisas. Em muitas coisas, na verdade. Não percebi de primeira." Consigo imaginar minha mãe sorrindo ao ouvir isso. "Ela tem aparência mais exótica, claro. Esse cabelo escuro. Essa pele dourada, que inveja. Mas nós temos os mesmos ossos, não temos, Belle?" E ela bateria no meu ombro, apertaria meu queixo com os dedos. E a pessoa com quem nós estivéssemos, normalmente um homem, seria obrigada a concordar. "Os mesmos ossos. Ah, sim. Estou vendo."

Tad vê. Ele está com um sorriso largo. O que vê exatamente?

"Nós somos muito diferentes", digo para Tad.

O olhar plácido não oferece resposta. Ele termina a cerveja e coloca a garrafa na mesa.

"Bem, vou te deixar em paz."

Ele se levanta do sofá, para grande consternação de Anjelica, que pula do colo dele com um guincho.

"Se você mudar de ideia sobre a ajuda." Ele tira um cartão do bolso e o entrega a mim. "Tad Olsen. Jardineiro. Lavador de janelas. Faz-tudo." No canto do cartão tem uma ilustração pequena de um tritão sorridente. Está segurando um rodo em uma das mãos e uma tesoura de jardinagem na outra. O tritão tem cabelo até o queixo, como Tad.

Eu o vejo andar até a porta de entrada. De repente, sinto medo. Não quero ficar sozinha na casa da minha mãe.

"Tad?", digo. E, novamente, odeio o som da minha voz. Desta vez, parece uma mão se estendendo. Tentando se agarrar em alguma coisa sólida no escuro.

"Sim?" Ele para na porta e me olha com uma pergunta nos olhos. Esperando.

É ridículo pedir para ele ficar. Esse homem que eu nem conheço. Mas tem alguma coisa nos olhos dele, no jeito como ele me olha. Faz com que eu volte para o meu corpo de nove anos. No corredor escuro do nosso antigo apartamento em Montreal. Olhando das sombras a minha mãe entreter um homem na sala. Homens parecidos com Tad. Às vezes, eles notavam que eu estava no corredor. Seus olhos se encontravam com os meus e meu corpo ficava paralisado, eu pegava fogo. Normalmente, eles se voltavam para a minha mãe depois disso. Mas, às vezes, ficavam me olhando com curiosidade, até com gentileza. Alguns até acenavam. "É a sua filha?", perguntavam à minha mãe. E a minha mãe franzia a testa. "Belle, volte pra cama."

"Não seja boba", o homem talvez dissesse. "Deixe que ela venha dizer oi." E ele sorriria para mim, ali no escuro. "Oi."

E eu ficaria cheia de calor. Meu coração se abria estupidamente, só para ser partido depois. "Oi."

Tad vai ser um desses. Dos que acenam. Dos que sorriem. Ele está sorrindo para mim agora.

"Sim, Belle?"

De repente, reparo no espelho atrás de Tad, na parede acima do sofá da minha mãe. Tem uma rachadura bem no meio. Como o do banheiro. Como o do saguão. E, naquele espelho acima do sofá, vejo a parede deles atrás de mim. Cada um com uma rachadura na superfície.

"O que houve com os espelhos?", pergunto.

"Como assim?"

"As rachaduras? Todos rachados no meio?" E, por um segundo, sinto-me louca. Como se talvez só eu visse.

"Ah, isso", diz Tad. "É, eu quis substituir. Mas sua mãe disse que não adiantava. Eu ainda tentei uma vez quando ela estava fora. Mas a rachadura estava de volta quando vim de novo. Como se eu não tivesse feito nada. Estranho. Será que é o ar? O prédio se acomodando, talvez?"

"O prédio se acomodando?"

"Claro. Todos os prédios têm energia, sabe. Este tem uma energia e tanto, preciso dizer. Na verdade, acho que estava tendo um efeito nela. Sua mãe."

Meu coração dá um salto.

"Um efeito nela? O que você quer dizer?"

"É difícil verbalizar. A língua parece tão escassa, sabe? Perante certas coisas."

Por um momento, eu o imagino segurando um pandeiro.

"Você pode tentar?"

Ele balança a cabeça.

"Ah, cara, olha só eu falando merda. *Energia*. O que eu sei, né? Sobre a vida e a morte. Sobre qualquer coisa, na verdade." Ele enfia o cigarro enrolado atrás da orelha e sorri. "Vou te deixar em paz agora."

E, apesar de não querer, imagino os dedos de Tad enfiados no cabelo ruivo-escuro da minha mãe.

"Ah, ei", diz ele na porta aberta, "achei que você fosse sair daqui."

"Eu vou."

Ele aponta para a caixa lá fora. Eu me esqueci dela quando ouvi o barulho, que pensei ser de um invasor. Mas era Tad. Que está sorrindo para mim agora.

"Parece que você está se mudando pra cá."

6

Depois que Tad vai embora, levando sua música e seu odor praiano junto, o local fica tranquilo. Sou só eu no chão com a cerveja de Tad na mão, vendo o céu escurecer pelas janelas imensas da minha mãe. Tad se ofereceu para ficar, mas eu disse "Estou bem, obrigada, Tad", e novamente o nome dele debochou de mim. Estou bem. De verdade. É só um apartamento. É só o apartamento da minha mãe. Cheio com os móveis dela, todos com bordas afiadas e piscando na luz. Eu não deveria sentir medo, é besteira. Se minha mãe soubesse que estou com medo, ela riria sem parar. Ela diria "Ridículo". Olho para a parede de espelhos rachados nas molduras pesadas. Sempre foram tantos, mãe?

Anjelica desapareceu, se esgueirou com sua brancura para longe. Um relógio tiquetaqueia sem parar. Não sabia que minha mãe tinha um relógio assim. *Tique-taque*, me dizendo que eu deveria andar logo. A única coisa que fiz foi desempacotar a caixa que Sylvia me deu do porão da loja. Decepcionante. Eram basicamente bonecas velhas, as bonecas da minha infância, acho. Todas eram idênticas, como a minha mãe, na verdade. Pele pálida. Olhos azuis de vidro que me encaravam sem piscar. Havia um relógio velho lá dentro também, com uma imagem da Branca de Neve e os Sete Anões no mostrador. Engraçado, não me lembro de ter um relógio assim. Havia um diário vermelho, trancado, sem chave. Um livro ilustrado com o que parecia ser uma história da Branca de Neve. *A bela donzela* era o nome. Muito gasto. A lombada rachada. Devo ter amado aquela história um dia.

A caixa de sapatos foi meio curioso, eu acho. Eu pensei que eram só as bonecas, o relógio e os livros no começo, mas algo me disse "Enfie a mão mais fundo". E havia uma caixa de sapatos bem no fundo. Colada lá com fita, assim como a própria caixa estava. Colada com mais firmeza do que a caixa. Alguém havia enrolado a fita em volta dela toda. Eu precisei passar uma faquinha em todos os lados para abrir. E aí? Prendi o ar um pouco. Talvez fosse… alguma coisa. O que eu estava procurando? Mas não era

nada. Só um pôster velho e rasgado de Tom Cruise em *Top Gun*. Alguns recortes de revista, a maioria de Tom Cruise também, ao que parecia. Tudo de Tom Cruise, no fim das contas. Todos dobrados com capricho. Olhei para uma página atrás da outra rasgada com seu rosto brilhoso, os espelhos rachados reluzindo nos cantos dos meus olhos. Tonta, foi como me senti. Com frio de repente na sala muito branca. "Quem rasgou isso?", eu me perguntei. Mas eu sabia. Sabia antes mesmo de ver a caligrafia infantil em um dos recortes: Tom sorrindo de óculos de sol em *Negócio arriscado*. "Eu sou sua", eu tinha escrito com letrinhas vermelhas. Que engraçado. Eu até havia desenhado um coração, muito engraçado. Em volta do rosto de Tom com tinta vermelha. Olhei de novo para o pôster rasgado de *Top Gun*. Metade estava faltando. Kelly McGillis, a estrela, cortada fora para que só ficasse Tom em sua moto. Olhei para o rosto de Tom, para os espelhos perto me cegando agora com a luz do sol poente. Os olhos dele estavam nas sombras, de modo que pareciam buracos negros. Eu devia ter uma paixonite por ele ou algo assim naquela época.

Olho para a caixa aberta cheia de bonecas, recortes, aquele livro gasto. Mais merda para empacotar, essa é a verdade. "Você vai sair ou vai se mudar pra cá?", brincou Tad de novo quando estava saindo.

Vou sair, Tad. Vou sair.

"Então vai", digo para mim mesma. "Ao menos agora você tem uma caixa." Seus livros, suas roupas, os pratos, só pega alguma coisa. Com a cerveja na mão, ando pelo apartamento, meus passos clicando no piso. "Belle", minha mãe diria com rispidez, "sapatos!" Mas fico com eles nos pés. Quando vou de um aposento para o outro, meu coração pesa como uma pedra. Porque seu advogado trasgo estava certo. A casa dela está em péssimo estado. Quanto mais eu olho, mais eu vejo. Rachaduras nas paredes brancas. Manchas de água no teto como manchas de tinta. Tinta descascando para todo lado. No banheiro, onde me escondi no dia anterior assistindo à Marva, reparo em lascas na pia agora, argamassa em decomposição ao redor da borda. Quando puxo a cortina florida do chuveiro, vejo que a banheira está cheia de rachaduras. O chuveiro só libera um filete de água enferrujada. Tento desligar a torneira, mas ela sai na minha mão. A cozinha está um desastre. Um fogão antigo, nem vejo mais os números nos mostradores. Uma geladeira que faz barulho, o zumbido que ouvi durante o memorial. Achei que Sylvia havia colocado

uns cantos gregorianos. Tomo um longo gole de cerveja. A situação está ruim. "Mãe, você vivia mesmo assim?"

E os potes. Potes e frascos vermelhos em todos os aposentos, como não reparei nisso antes? Ocupando as paredes do quarto. Enchendo as bancadas. "Ela amava os produtos dela, né?", disse Sylvia. Penso no vídeo, na garota reluzente no banheiro luminoso, segurando um pote perto do rosto como se fosse uma maçã. Um pote vermelho como aqueles. Pesa na minha mão. Há letras douradas e inclinadas como runas nele. ROUGE, diz, e mais nada. Não tem lista de ingredientes. Não tem instrução. "Ah, eu tenho meus segredos, Belle. Todas temos nossos segredos de beleza, não temos?"

Eu abro o pote. Mais do que vazio. Parece que foi lambido pelo gato. Tem um aroma suave de mar e rosas que sobe como um fantasma.

Olho para o espelho rachado.

"Mãe", sussurro. "Que porra é tudo isso?"

"Belle, você se olha no espelho e sente ódio?", perguntou ela uma vez ao telefone.

"Ódio?" Olhei para a silhueta do meu reflexo no escuro. Sim, eu pensei. Claro. O tempo todo. Mas falei "Ódio de quê, mãe?".

Eu podia vê-la sentada sozinha no escuro como eu estava, se olhando no espelho.

"*Ce que tu vois*", sussurrou minha mãe. Uma falha na voz. Ela pareceu perdida e triste e com medo. De que você estava com medo, mãe?

Agora, no espelho, vejo um cintilar de alguma coisa. Uma forma. Meu coração dispara. "Ah, deus, o que…" Mas é só a gata sentada junto à porta. Olhando para mim com olhos pálidos e argutos como os da minha mãe. Ela pisca para mim lentamente e se afasta.

Um par de sapatos vermelhos entra em foco de repente. Brilhando ao lado da caixa aberta atrás de mim.

Eu me viro e lá estão eles, de verdade. Reluzindo entre as bonecas e a caixa de sapatos cheia de recortes do Tom Cruise. Como se sempre tivessem estado ali. Como se pudessem ter saído da caixa. Talvez tenham saído e eu só não reparei no mar de bonecas. "Bonitos", penso enquanto ando até eles. "Tão vermelhos." Da minha mãe, só podem ser. Engraçado, não me lembro de ela ter um par assim. Mas tem algo familiar no salto fino e gasto, na ponta estreita com as penas, nessa teia vermelha de tiras. O

relógio, aquele relógio que eu não sabia que ela tinha, tiquetaqueia mais alto em algum lugar. Mais rápido? Talvez mais rápido também. "Me experimenta, me experimenta", os sapatos vermelhos parecem dizer. Quase como se estivessem falando comigo. Eu balanço a cabeça. Os sapatos da minha mãe não caberiam em mim. Penso nos pezinhos brancos dela, com as unhas pintadas de vermelho. Nem um pouco parecidos com os meus shows de horrores. "O que vamos fazer com você?", ela dizia quando me levava para comprar sapatos na adolescência. Balançando a cabeça para meus pés enormes e deformados nas botas Doc Martens pretas e surradas, os únicos sapatos que encontrávamos que cabiam em mim. "Não sei, mãe", eu dizia. "Me coloca em um saco. Me afoga. Eu não tenho jeito." E ela franzia a testa enquanto eu sorria.

Ao segurar os sapatos, sinto uma energia estranha nas mãos. Leves como penas. Emitem um leve odor de pele, da pele dela. Eu fecho os olhos. É engraçado como os sapatos da minha mãe me fazem me sentir boba, meio envergonhada. Como uma criança estúpida e triste de novo. Nessa hora, uma lembrança me atinge como uma onda fria e forte. Meus pés infantis de sapatos vermelhos. Estou me olhando em um espelho, mas não sou eu que vejo nele. Tem outra pessoa lá. Um homem. Não vejo o rosto dele, mas sinto que ele está sorrindo para mim. Eu também estou sorrindo. E, aí, tudo fica preto.

***

Abro os olhos. Sou uma mulher adulta de novo. Deitada no chão da sala da minha mãe morta. Anjelica está lambendo meu rosto com a linguinha áspera. Eu achava que ela me odiava. Talvez ainda odeie e só queira comida.

Está escuro agora. Não tem mais o sol cor de sangue. Não tem mais árvores escurecendo. Agora, uma lua brilha branca pelas cortinas, que se balançam na brisa preta. Como ficou noite? O relógio está tiquetaqueando rapidamente. A geladeira murmura seu canto gregoriano. Estou usando um dos vestidos da minha mãe, estou vendo. O prateado de seda que cai como água luxuosa. Bonito, mas como isso aconteceu? Quando eu tirei meu vestido preto básico e coloquei esse? Os sapatos vermelhos estão nos meus

pés agora também, reluzindo no escuro. Eu estava indo experimentá-los quando caí em uma espécie de buraco da memória. Quando uma coisa não solicitada surgiu e me engoliu. O quê? Não lembro agora. Olho para os sapatos vermelhos reluzindo em meus pés. Cabem, olha só. De repente, tenho vontade de sair para dar uma volta, por que não? Em uma noite dessas, tão preta e quente e com vento, por que não? O ar está me chamando. Tem uma música nele, parece. Dou comida para a gata e saio correndo pela porta. Vou arrumar tudo depois.

Do lado de fora, as rosas balançam na brisa. Tão vivas, que parecem estar respirando, como se cada uma tivesse uma boquinha aberta. Não consigo ver o mar, mas consigo ouvir. O rugido, o estrondo nas pedras pretas afiadas. Desde que eu não veja a água, é agradável esse som. Uma espécie de música. Estou andando pela costa, seguindo pelo caminho sinuoso ao lado da praia, o mesmo pelo qual eu andava tarde da noite quando adolescente. Está preto como breu, mas não tenho medo, do mesmo jeito que não sentia medo na época. Antigamente, nós morávamos mais longe da praia, mas eu ia para lá o tempo todo. Conhecia cada curva e cada canto do caminho. Ainda conheço, ao que parece. Acho que os pés não esquecem.

Estou andando rapidamente, como se estivesse atrasada para alguma coisa, como se estivesse indo para algum lugar. Engraçado, porque como posso estar atrasada para alguma coisa? Como posso estar indo para algum lugar? Não tenho para onde ir a esta hora. É só uma caminhada noturna que estou fazendo na praia com aqueles sapatos vermelhos bonitos. Tão surpreendentemente confortáveis, apesar dos saltos altos e finos. Parece que não estou usando nada, na verdade, que estou flutuando. Mas tem uma coisa nos meus passos, como se algo estivesse me carregando. O clique dos saltos fica mais rápido, mas na minha mente estou andando devagar. Talvez seja só o vento. Sim. Deve ser só isso.

Cheguei ao outro lado da enseada agora. Onde as focas se reúnem nas pedras e deixam o ar fedendo. Eu as visitava, conversava com elas. Engraçado pensar em mim na época. Uma adolescente solitária de preto com fones de ouvido tocando dark wave. Sempre de óculos de sol cobrindo os olhos, mesmo à noite, como Corey Hart. Falando só com as focas.

Sussurrando os segredos do meu coração para elas, como se elas me ouvissem. Usando vestidos que agrediam os olhos da minha mãe de tão pretos e sombrios. "Você está de luto?", ela perguntava.

"Sempre", eu dizia.

O caminho debaixo dos meus pés é de terra agora, não de calçada. Estou no caminho de terra que acompanha o penhasco; estou na beira do penhasco. De um lado tem árvores, arbustos, mato alto, flores; do outro, nada. Só ar e, no fundo, o mar escuro e agitado. Onde a minha mãe deve ter caminhado, deve ter caído. Não penso na minha mãe caindo. Continuo andando. Um pé na frente do outro, apesar de estar tão escuro, que não consigo ver nada. Só preto. Mas meus pés parecem saber aonde ir. Meus pés ou meus sapatos?

Quando dobro uma esquina, algo ilumina a escuridão. Casas na encosta do penhasco, aninhadas no verde. Não casas, mas sim mansões. Emanando dinheiro e arquitetura. Eu me perguntava sobre aqueles lugares. Quem era rico a ponto de poder morar ali? Tem uma casa que eu nunca tinha visto, bem na beirada do penhasco. Toda feita de vidro curvo com uma geometria extravagante. Concreto preto polido que brilha no escuro. Reparo mesmo na luz vermelha. Brilhando pelas janelas dramaticamente contornadas do chão ao teto. Estou indo para aquela casa como se fosse meu objetivo o tempo todo. Tem uma música suave e leve vindo do local, como uma expiração. Preenchendo meus ouvidos de forma agradável. Estou sorrindo no escuro com meus sapatos vermelhos enquanto ando na direção da luz e do som.

Quando me aproximo dos portões de ferro, eles se abrem, olha só. Como se soubessem que eu estava chegando. Soubessem que eu percorreria o caminho de árvores até aquela porta. Os eucaliptos estão vermelhos por causa da luz vermelha da casa. Tem rosas nos dois lados do caminho, altas e vermelhas também. Tão lindas. "Que estrutura impressionante", penso. É um pensamento estranho. Por que estou andando na direção dessa monstruosidade opulenta brilhando em vermelho no escuro com um sorriso desses? Mas, mesmo me questionando, sigo andando. Só uma caminhada noturna até uma casa estranha que eu nunca vi. Só estou indo até a porta moderna de vidro de obsidiana. LA MAISON DE MÉDUSE, diz uma plaquinha preta ao lado da porta

com letras vermelhas curvas. *Méduse*. Hum. Ao lado tem um símbolo. Uma espécie de lula, ao que parece. Ou talvez seja uma flor?

A porta se abre. Tem uma mulher na porta, sorrindo como se estivesse me esperando.

"*Bonsoir*", diz ela.

"*Bonsoir*?" Mas eu também digo "*Bonsoir*" para ela.

Ela é bonita de um jeito que me destrói um pouco. São muitas coisas nela. Coisinhas que se somam. O brilho do cabelo. O cintilar dos olhos. Mas é mais a pele. Não tem um pelo, uma linha, uma mancha. Parece vidro. Tão branca. Ela reluz como a lua, como a minha mãe, junto à porta preta alta. Está usando um vestido prateado comprido como eu, embora o dela tenha o caimento de um sonho. Os olhos encobertos de fumaça cintilante. Os lábios mais vermelhos e carnudos que eu já vi. Ela poderia estar usando um batom muito forte. Poderia ter comido uma tigela de cerejas bem maduras.

"*Bonsoir et bienvenue*", diz ela com uma voz que só podia vir daquele tipo de boca. Um sotaque impecável. Estou me perguntando se é francesa de verdade quando ela diz: "Você chegou na hora certa." Sotaque americano. Igualmente impecável.

"Na hora certa", eu me ouço repetir. "Que bom."

"Na hora certa para que exatamente?" Mas algo naquela mulher sorrindo para mim mantém minha boca bem fechada. Eu também sorrio, como se soubesse do que ela está falando.

Ela me olha de cima a baixo e seus olhos se demoram no meu rosto. Fico dolorosamente ciente das minhas próprias abominações, das minhas muitas camadas de produtos protetores e corretivos pesando tanto na minha pele. Mas ela parece satisfeita com o que vê. Quando os olhos dela se encontram com os meus de novo, ela abre um sorriso largo. Abre mais a porta e diz:

"*Entrée*."

E eu entro, não é?

Há um momento em que me pergunto se deveria entrar na casa daquela estranha na beira do penhasco? Não. Quando eu pensar nesse momento, nesse momento de passar pelo portão preto, seguir pelo caminho ladeado de rosas, passar pela porta escancarada de La Maison de

Méduse, tudo banhado de luz vermelha, não vou me lembrar de hesitação nenhuma.

7

Música. Risadas. Vozes baixas. Onde estou, algum tipo de sala de estar? Não, é grandiosa demais para isso. Parece mais um salão. Tem uma escadaria enorme e curva. Paredes altas e curvas de vidro ao redor. Não tem teto que eu consiga ver, mas deve haver um, porque tem um lustre vermelho enorme pendurado. Um milhão de luzinhas vermelhas acesas. Embaixo, pessoas com ternos e vestidos elegantes circulam em grupinhos brilhosos. Uma festa, deve ser. Uma festa para os muito bonitos e muito ricos. Não os ricos típicos da Califórnia, ao que parece. Não tem linho amassado nem sandálias. Não tem suéteres nem olhos de zumbi. Isso é o que a minha mãe chamaria de *outro nível*. O que ela talvez até chamasse de *estilo*. Todo mundo parece estar vestido de preto ou vermelho ou branco. Todos de rostos bem pálidos. Aquela mulher na porta deve ter me confundido com outra pessoa. Tem uma bebida na minha mão agora, de onde veio? Parece champanhe, mas é vermelho. *La Maison de Méduse* está gravado em dourado na flûte. Tomo um longo gole. Bolhas frias e vibrantes descem cantando pela minha garganta. Uau. "É como beber estrelas, mãe", eu penso.

"É como beber estrelas", ouço alguém atrás de mim sussurrar em tom sonhador.

Eu fico paralisada. E me viro. *Mãe?* Tem um casal de aparência jovem. Ambos luminosos, ambos vestidos de forma luxuosa. Eles me olham com olhos que parecem o céu, pingando suas sedas escuras.

"Desculpem", digo. "Achei que tinha reconhecido uma pessoa."

"Efeito colateral da Jornada, talvez", diz um deles com voz zen.

"Talvez", ecoo. Não tenho ideia do que eles estão dizendo.

Eles abrem sorrisos leves.

"*Bon voyage*", murmuram eles, erguendo as taças borbulhantes e se afastando.

"*Bon voyage*", concordo. *Bon voyage*?

"*Aux recommencements*", diz outra mulher para mim em tom misterioso quando passa. Também luxuosamente vestida, também radiante.

"Como?"

"Aos novos começos", murmura ela por cima do ombro branco, como se eu tivesse estragado alguma coisa.

"Ah, sim. Novos começos." Eu levanto a taça para ela. "Obrigada. *Merci.*"

Que diabos de lugar é este? A música está mais alta agora, um som celestial cheio de sinos suaves. Algo como se pode ouvir num spa. Nessa hora, eu reparo nas placas nos arcos acima de cada corredor ao lado da escadaria: RITUAIS EXCLUSIVOS, diz uma. VOYAGES MERVEILLEUX, diz a outra. Na parede tem uma tela passando um vídeo de uma mulher muito branca de olhos fechados. Ela tem disquinhos pretos dos dois lados da cabeça. Parece estar em êxtase absoluto. Sobrepostas ao rosto pálido, há ondas do mar em movimento. "Um *rendez-vous* com você mesmo", diz em letras vermelhas curvas ao lado da bochecha alta e arredondada. Eu sorrio. Um spa. Claro. Tem até uma coisa que parece uma pequena butique naquele canto ali. Armários altos de vidro cheios de potes e frascos vermelhos. Cada armário iluminado como se os produtos dentro deles fossem obras de arte. Os potes vermelhos são iguais aos do apartamento da minha mãe. Ela devia vir aqui fazer tratamentos. Agora, estou sorrindo de verdade. Então era isso, mãe. Seu lugar secreto. Você devia amar os toques franceses, o estilo de Hollywood antiga. As estrelas vermelhas de beber. Tomo um longo gole da minha flûte.

Na butique, vejo uma mulher mais velha de terno branco — deve ser cliente — revirando um dos armários. Vejo-a pegar com avidez todos os potes e frascos que ela pode nos braços e jogar na bolsa grande e brilhosa. Ela me vê olhando e franze a testa. Anda até mim bruscamente, a bolsa lotada de potes.

"Então", diz ela, me olhando de cima a baixo. "Você conseguiu."

Ela abre um sorriso meio cauteloso. Deveria ter a idade da minha mãe. Diferentemente da minha mãe, aquela mulher aparenta a idade. A pele tem uma qualidade conservada que sugere um sistema complexo, uma metodologia rígida que pode estar falhando. Mas ainda é bonita.

"Consegui?", pergunto.

Ela ri como se eu tivesse dito alguma coisa engraçada. Engraçada e dolorosa.

"Tudo bem, então. Bom pra você", diz ela secamente. "*Bravo*." Ela não parece achar bom para mim. Reparo que ela está usando uma gargantilha grossa de rubi. Faz parecer que ela está sangrando no pescoço. "Você se bronzeou ou algo assim?", pergunta ela.

"Como?"

"Você não deveria fazer isso na sua Jornada, disseram. Compromete o resultado."

"Desculpa, nós já nos conhecemos?"

Ela sorri com uma espécie de pena.

"Doeu?"

"Doeu?"

"Ou foi lindo? Ouvi falar que é um pouco de cada coisa." Ela parece melancólica. De repente, estica a mão e segura meu ombro, me puxando para perto. Vejo agora que o rosto dela parece muito velho. Seus olhos são selvagens, amarelados nos cantos. "Me conta."

"Desculpe, eu não entendo o que você…"

"Você encontrou a casa", grita alguém de cima. Eu me viro e olho. A mulher de vermelho. Do funeral. Do vídeo. Parada acima de nós, no primeiro patamar da escada. Sorrindo para mim como se fôssemos velhas amigas. Ela está ladeada por duas pessoas vestidas de preto. E faz sinal para eu me juntar a elas no patamar.

Olho para a mulher de terno branco que está sangrando rubis no pescoço. Ela ficou pálida e parece ainda mais velha do que parecia um minuto antes.

"Tenho inveja", sussurra ela para mim em voz baixa e desaparece do meu lado na multidão cintilante.

"Tenho inveja?" Inveja de quem? Não pode ser de…

"Junte-se a nós", cantarola a mulher de vermelho acima. Acenando e sorrindo.

Dou um passo para a frente e tropeço de forma espetacular. Caio na escada com tapete vermelho, meu deus. Levanto-me pedindo desculpas, nervosa. Tento subir a escada novamente, mas é engraçado: eu caio de novo. Sabe quando você está em um sonho e está tentando correr e de repente não consegue correr direito ou só consegue correr devagar?

Quando o que era chão sólido de repente parece lama sugadora sob seus pés? A sensação de subir a escada é assim. Eu fico tropeçando nos meus próprios pés, que parecem estar afundando embaixo de mim. Preciso me agarrar no corrimão com toda a força, como se estivesse subindo numa corda. De cima, as pessoas me veem lutar comigo mesma. Esperam com paciência. Tomam golinhos das bebidas.

"Que maravilha", diz a mulher de vermelho.

Finalmente, quando chego ao patamar, esgotada e sem fôlego, eles sorriem. Ao menos a mulher de vermelho. As pessoas estranhas dos dois lados dela, não. Estão usando véus pretos sobre o rosto. Só consigo ver as expressões solenes pelas redinhas pretas. Elas parecem ser gêmeas.

"Estou feliz que você pôde se juntar a nós", diz a mulher de vermelho. As pessoas com véus dos dois lados dela assentem de leve.

"Eu também", digo ao mesmo tempo em que penso "Quem são essas pessoas? Que lugar é este?" Mas é verdade, estou feliz de estar ali. Estou muito feliz de estar ali, e não no apartamento da minha mãe, entre as sombras compridas. Estar em uma festa… quando foi a última vez que eu fui a uma festa? Estar em um spa… aqui é um spa? Claro que é. O spa secreto da minha mãe, ainda por cima. O que mais poderia ser? Vejo a mulher servir mais um pouco das estrelas vermelhas para mim.

"Desculpa", digo. "Pela minha falta de jeito agora. Na escada."

"Às vezes, os primeiros passos na nossa Jornada são os mais desafiadores, não são?" Ela solta uma risada que parece um latido. As pessoas de véu não dizem nada. "Os mais desafiadores, mas também os mais cruciais." Olho para o rosto dela. Está sorrindo largamente para mim. "Não são, Mirabelle?"

Fico pensando de novo que ela realmente se parece com Marva. Tem o mesmo sorriso sonhador. A mesma pele branca atemporal. Os mesmos olhos sábios que parecem enxergar através de mim e ver meu coração retorcido e palpitante.

"Você se lembra de mim?", pergunto.

"Lembro", repete ela e sorri, como se achasse graça da palavra. "Como poderia esquecer?" O jeito como ela fala tem um ar de tragédia, de conhecimento. Talvez ela fosse amiga da minha mãe. Talvez tenha sido por isso que fui atraída até ali. De alguma forma, eu sabia disso.

"Você teve alguma dificuldade para nos encontrar?", pergunta ela agora, a amiga da minha mãe. Ela parece profundamente preocupada com meu bem-estar.

Eu faço que não.

"Não", digo. "Nenhuma dificuldade. Na verdade, isso vai parecer engraçado, mas…" Todas riem agora de expectativa. Espero que parem e digo: "Eu fui trazida aqui pelos meus sapatos."

Elas olham para os meus sapatos. As pessoas com véu sibilam. Elas sibilam? Não, impossível. Devo estar imaginando. Que tipo de pessoa sibila? A mulher de vermelho sorri.

"Interessante." Uma luz nos olhos dela como da garota da porta. "Estou feliz de não ter havido dificuldade. Já há dificuldade demais por aí, não é? No mundo?"

"É." Eu assinto. Por que estou assentindo?

"A tragédia gosta de deixar sua marca, não gosta?" Ela ergue os olhos para a cicatriz na minha testa. Na mesma hora, fico vermelha. "Acidente", era o que a minha mãe dizia sempre que eu perguntava sobre isso. "Você caiu."

"Como eu caí?"

"Você era criança. Crianças caem. Fim de papo, tá?"

Ela ainda está olhando para a minha testa.

"Gosta de deixar uma marca e tanto."

Ela estende a mão e faz um carinho na minha bochecha. É chocante, o toque súbito, mas eu não recuo. Talvez ela seja a gerente do spa ou algo assim. Está avaliando minha pele para entender a profundidade da necessidade de autocuidados. Eu fecho os olhos. O toque dela é estranho. Macio e meio grudento. Meu coração começa a bater mais rápido. Sinto-a erguer a mão e passar o dedo pela minha cicatriz. Meus olhos se abrem. Ela está sorrindo para mim, assim como as pessoas de preto. Os véus pretos foram puxados de lado como cortinas e vejo os rostos gêmeos. Um homem, uma mulher. Ambos impossivelmente exóticos. Lembro-me das bonecas da minha infância que encontrei na caixa do porão. Olhando para mim com os olhos de vidro.

"Uma marca e tanto", concorda o gêmeo.

"E tanto", murmura a gêmea. As vozes são graves e roucas e intensas.

Ambos olham com reverência para a minha testa, que parece estar pegando fogo agora. Eu tomo mais estrelas vermelhas. Eu deveria dizer alguma coisa. "O que vocês estão olhando?" Mas estou sem fala perante os rostos luminosos. Atordoada com a beleza gigantesca deles. Talvez eles sejam gerentes. Parecem mais donos do que gerentes com os véus pretos. Na verdade, eles parecem os gêmeos góticos com quem dormi na faculdade. Christine e Sebastian Whyte. Eu os conheci em uma tarde, quando estava matando a aula de literatura francesa, tentando fumar um cigarro escondida no campus. Eles estavam fumando e lendo Kafka lado a lado. Christine, as cartas; Sebastian, *O processo*. Quando tentei acender o isqueiro, eles me olharam com os olhos verdes pintados de lápis preto. "Oi", disseram. "Oi", falei. Eles foram meus primeiros amores, meus melhores amigos. Foi Christine que conseguiu o emprego na Disney para mim. Ela trabalhava lá como Branca de Neve, personagem para a qual era perfeita. Não que ela amasse. Não, ela queria mesmo fazer merda, disse. Atingir o rato por dentro. "Você é bonita", disse Christine para mim, como se fosse uma maldição. "Daquele jeito exótico da Disney, não é, Irmão?" Era assim que ela chamava Sebastian: "Irmão". Ele também trabalhava na Disney, fazendo todos os príncipes. Também querendo *fazer merda*. Eu dormi com Christine primeiro, depois com Sebastian, depois com Christine de novo, mas aí ela achou que não podia mais depois que soube que eu tinha ficado com Sebastian. "Você está maculada agora", disse ela, me confrontando no parque com a roupa de Branca de Neve. "Você está maculada aos meus olhos para sempre". Fiquei arrependida e suada na minha roupa de Jasmine, me sentindo uma prostituta de sutiã vagabundo de lantejoulas. Olhei nos olhos dela, onde eu estava maculada. Eram de um verde que eu nunca tinha visto e nunca mais vi. Os de Sebastian eram assim também. Os gêmeos de preto têm olhos iguais.

"Fortuito, não é?", sussurram eles agora. "Você vir aqui hoje." Ainda me olhando de um jeito que me faz arder de vergonha. Que me faz quase sussurrar: "Estou mesmo maculada, Christine? Estou maculada para sempre?"

"Definitivamente." A mulher de vermelho sorri. "Afinal, o autocuidado é nossa única fuga do Abismo, não é? Sei que sua mãe concordaria."

"Você conhecia mesmo minha mãe?"

"Ah, intimamente", diz ela. "Muito intimamente."

Os gêmeos sorriem agora também. Eles a conheciam? Posso imaginar minha mãe fumando um cigarro com aquelas pessoas com cara de boneca que se parecem tanto com meus amantes adolescentes? Brindando com a mulher de vermelho?

"E você. Nós sabemos tanto sobre você, Filha de Noelle", diz o gêmeo. Sinto a voz dele nas minhas vértebras. Ele estica a mão e faz carinho na minha bochecha.

"Tanto", ecoa a gêmea, esticando a mão para fazer carinho na minha outra bochecha. Olho para a mulher de vermelho enquanto aquelas duas mãos enluvadas acariciam os dois lados do meu rosto. Seda fria na minha pele quente. Dentro de mim, uma caixa-preta bem trancada se sacode.

"Ela contou a vocês sobre mim?", sussurro.

Eles se olham.

"Podemos dizer assim, não é?", pergunta a gêmea ao gêmeo.

"Ah, com certeza." Ele sorri. "De certa forma, sim."

"O que ela contou?"

"Nós estamos muito felizes de receber você, Filha", diz o gêmeo, os olhos ainda na minha testa. A mão enluvada ainda acariciando meu rosto.

"*Très heureux*", concorda a gêmea, também ainda acariciando meu rosto. Tantos dedos macios e sedosos. Deve ser uma avaliação comunitária. Eles devem levar as avaliações muito a sério ali. Eu deveria dizer que não tenho dinheiro para pagar aquele tipo de spa. Não tenho dinheiro para nenhum spa nunca mais, graças à minha mãe. Mas seus olhos pálidos e suas mãos sedosas em mim são como uma droga de fazer sonhar.

"Eu também estou feliz", murmuro.

"E nós esperamos que você volte", diz a mulher de vermelho. "Tem uma pessoa que queremos que você conheça."

"Quem?"

"Uma pessoa importante. Muito importante para a sua mãe", diz a mulher de vermelho. "Você gostaria disso, não é, Filha? Neste momento de luto?"

Imagino outro estranho pálido acariciando meu rosto com a mão enluvada.

"Sim", sussurro. O que estou dizendo? "Quer dizer, não."

Os sorrisos somem.

"Quer dizer, claro que eu adoraria", digo. "Mas, infelizmente, preciso voltar."

Eles parecem não entender minhas palavras.

"*Precisa?*"

"*Voltar?*"

"Eu moro no Canadá. Em Montreal. Só vim passar uns dias aqui. Pra resolver as coisas dela. Depois, eu volto pra casa." *Casa*. Quando falo, parece uma palavra tão vazia. O que significa? Um apartamento de um cômodo só, com as paredes cobertas de potes e frascos. Uma cama estreita onde me deito todas as noites encolhida com o laptop como se ele fosse uma fogueira, como se pudesse me aquecer. Vendo o rosto de Marva falar comigo sobre o meu próprio rosto até meus olhos fecharem. E aí? Um sono sem sonhos até meus olhos se abrirem vendo a cara branca dela de novo. Sorrindo com gentileza. Com paciência. Como se estivesse me esperando o tempo todo.

Olho para as pessoas bonitas reluzindo em vermelho debaixo do lustre. Tem um homem de chapéu um pouco separado da multidão. Está me olhando, ao que parece. Eu o conheço?

"Casa", repete a mulher de vermelho, chamando minha atenção de volta. Um vislumbre de algo que parece raiva no rosto dela. Raiva ou fome? Mas logo desaparece. "Claro. A Filha tem suas obrigações mundanas." Os gêmeos afastam as mãos sedosas e frias do meu rosto. Terrível. É terrível.

"Eu queria muito poder ficar", digo. "Aqui é tão agradável para um…" É um spa? De repente, ao olhar para os olhos pálidos, não tenho mais tanta certeza. Eles abrem sorrisos largos.

"Bem. Tudo vai dar certo, tenho certeza."

"Claro que vai", dizem os gêmeos ao mesmo tempo.

"Se bem que você sabe, Filha", diz a mulher de vermelho, chegando de repente mais perto de mim. De repente a centímetros do meu rosto. "*Às vezes, você precisa ligar o foda-se. Agir.*"

"Como?"

"*Negócio arriscado*, não é?"

Penso na caixa de sapatos cheia de recortes do Tom Cruise. Com o pôster rasgado.

"O quê?" Minha pele fica gelada sob os olhos sorridentes dela.

“Preciso dizer que você está meio pálida, Filha”, murmura ela, ainda a centímetros do meu rosto.

“Estou?” Eu me sinto muito estranha de repente. Talvez as estrelas vermelhas estejam começando a bater.

“Precisando de rejuvenescimento. Talvez uma visita às Profundezas seja necessária.”

“Ah, sim, você precisa ver as Profundezas”, diz a gêmea.

“Profundezas?”

“Vou te levar”, diz o gêmeo.

“Vou te levar”, diz a gêmea.

Reparo que as luzes estão mais fracas. Eles estão me levando escada abaixo, cada um segurando um braço. Um toque tão gentil. Sinto as almofadinhas dos dedos pelas luvas de seda acariciando meus braços.

“Esperamos que você volte e nos veja, Filha”, sussurram eles nos meus ouvidos enquanto seguimos pelo salão. Eles estão sussurrando isso? As palavras são só um pouco mais altas do que silêncio. Seguimos rapidamente pelo salão, pela multidão cintilante, como se estivéssemos flutuando. Eles ficam perto de mim, sussurrando para mim. Provocando um arrepio nas laterais do meu pescoço. “Esperamos mesmo”, dizem.

E depois? Eles me abandonam. Os lábios deles não estão mais nos meus ouvidos. O aroma de bergamota e rosa e *oud* paira suavemente no ar. Estou no meio de um grupo grande na frente de cortinas vermelhas que vão do teto ao chão. Elas cercam o que parece ser um palco circular grandioso no meio do salão. Aquilo estava ali antes? As cortinas são lindas. Pesadas, aveludadas. Tão vermelhas. O que tem atrás delas, as Profundezas? Devem ser as Profundezas, porque ao meu redor as pessoas murmuram com excitação, como se estivessem esperando um show. Como eu fazia quando era criança e via minha mãe se apresentar no palco. Em teatros pequenos e independentes. Em peças experimentais. Minha mãe se curvando perante uma pequena plateia composta em sua maioria de homens. Todos aplaudindo intensamente quando ela surgia atrás da cortina, como se suas mãos fossem se quebrar. Ao meu ouvido infantil, parecia um rugido. Ecoava nos meus ouvidos horas depois, no meu quarto cheio de aranhas. Mas eu aplaudia também, cercada daqueles homens aplaudindo

violentamente. Eu aplaudia devagar, baixinho, minha pequena rebelião. Mas minha mãe não me via. Ela só via a luz no rosto dela. Só ouvia a aprovação rugindo no escuro. Eu a via se curvar humildemente quando buquês e mais buquês eram jogados aos pés dela. Sorrindo sob o holofote como se ela fosse uma planta fazendo fotossíntese, todas as pétalas se abrindo. Agora, eu olho para as cortinas vermelhas, quase esperando minha mãe emergir de trás delas. Prendo o ar, com medo. Mas, quando as cortinas são puxadas, não tem minha mãe. Não tem nem um palco. Tem um aquário enorme, do teto ao chão, como as cortinas. Em forma de sino, como uma flor virada para baixo. As paredes de vidro não são lisas, são tortas e contorcidas, provocando distorções. Uma luz dourada que dança como o sol pela água azul-esverdeada. O tanque está cheio do que parecem ser águas-vivas gigantes. Elas brilham avermelhadas na água, inchando e ondulando quando passam pela amplificação irregular do vidro. Todo mundo em volta de mim aplaude e faz sons de prazer.

"*Merveilleux!*", escuto alguém sussurrar.

"Maior do que da última vez!"

"Lindo demais", sussurra alguém bem ao meu lado.

Olho para as águas-vivas vermelhas, as cabeças em forma de sino pulsando na água vibrante. Parece outra época, outro mundo, atrás do vidro. É hipnotizante vê-las ondular, puxando todos aqueles tentáculos compridos. Não consigo parar de olhar. É lindo de perto, estou perto agora. De alguma forma, andei até o tanque sem perceber. Estou a centímetros do vidro, olhando profundamente para o azul-esverdeado daquele pequeno mar. A luz é o que me atrai. Como me reflete no vidro torto. E o que eu vejo lá. Eu, como nunca me vi antes. Pele reluzente. Minhas feições fortes como as da minha mãe. Estou sorrindo. Não sinto que estou sorrindo, mas ali estou, sorrindo no vidro. As dobras em volta da minha boca sumiram; a cicatriz na minha testa também; minhas linhas de expressão; a mandíbula caída e triste e os olhos inchados com olheiras. Tudo está apurado e rígido. Tudo cintila. Intensamente. Brancamente. *Linda*. Eu estou linda. Como uma heroína de filme dos anos 1940. Melhor até que o meu sonho de mim mesma. Uma água-viva vermelha nada pelo meu reflexo, mas continuo parecendo sorrir quando os tentáculos passam na minha cara. Mais amplos, como se me agradassem. Lágrimas cintilam nos meus olhos brilhantes.

E, aí, ouço um ruído de surpresa. Vindo da minha esquerda e da minha direita. Vindo de todos os lados. Vejo todos reunidos em volta do tanque. Todos se olhando no vidro do aquário, hipnotizados. Não consigo ver o que as pessoas veem. Só os rostos surpresos, as lágrimas nos olhos. Uma mulher cobre a boca e ri nas mãos. Eu me olho. Ela ainda está lá, a outra eu. Ainda sorrindo com os lábios vermelhos. "Isso tudo pode ser seu", ela parece dizer. Como as bocas dos gêmeos sussurrando bem no meu ouvido. Eu poderia ver a luz brincando no rosto dela para sempre. Uma água-viva passa nadando por ela, através dela, e através dela eu vejo outra figura. Do outro lado do tanque, do outro lado do vidro. Parada, como eu estou. Olhando para a água. Aquele homem de chapéu que estava me olhando antes. Ele tem barba preta e pontuda. Óculos redondos que o fazem parecer vagamente vitoriano. Ele é familiar também, mas por quê?

Olho para o rosto dele pelo vidro. Ele também está me olhando, eu vejo. Uma água-viva passa entre nós na água azul-esverdeada. Paira lá e bloqueia minha visão. Mas ainda vejo o homem através da água-viva vermelha. Como se a criatura ficasse translúcida de repente, quase transparente. Naquele instante, vejo uma coisa que eu não tinha visto antes. Através da água-viva, o homem perde a barba preta, o bigode ostentoso, os óculos estranhos. Por um momento, tudo é retirado e eu sei por que o rosto dele é familiar. Ele é o homem que eu vi no bar do hotel na noite anterior. O que parecia ter saído de um filme antigo, com o terno escuro e o chapéu. Por baixo da aba, os olhos atentos estão grudados nos meus pela água. Olhando bem no fundo de mim. A água o deixa meio borrado nas bordas, como se ele pudesse se dissolver a qualquer momento. Ele está sorrindo para mim? A água-viva sai nadando. E, aí, o homem do hotel fica com aquele aspecto vitoriano estranho de antes: a barba preta volta. O bigode. Os óculos. Tudo parece um disfarce agora. É um disfarce, percebo.

"Que porra é essa?", sussurro.

Então, ele some.

Meu reflexo some também. Só tem um tanque cheio de águas-vivas vermelhas e pessoas com os rostos a centímetros do vidro, maravilhadas com seus próprios reflexos. Uma mulher está rindo com um prazer muito violento ao meu lado. Ela está batendo no rosto velho com as mãos velhas.

“Minha nossa”, murmura ela. “Minha nossa, minha nossa, minha nossa.”

A música ainda está tocando, mais alta agora. As pessoas oscilam com seus reflexos como se dançassem uma música lenta. A bochecha de um homem está encostada no vidro, de rostinho colado com seu outro eu. Os olhos estão fechados com tanto sofrimento, que preciso afastar o olhar. De repente, as cortinas vermelhas se fecham em volta do tanque. Há um suspiro coletivo. As pessoas saem cambaleando. Ouço gritos de angústia. O homem ao meu lado cai de joelhos e segura as cortinas. A mulher idosa está abraçando o próprio peito, afundada em si mesma, como se estivesse segurando uma adaga que enfiaram no coração dela.

Mãe, que tipo de spa é esse? Você vinha mesmo aqui?

“Sai daqui”, penso. “Vai embora, vai, vai.” Mas para onde e como? Não tem nenhuma saída que eu veja. Só o salão, que parece se prolongar até o nada. Só corpos em volta das cortinas vermelhas, como se esperassem um segundo ato. Só a escada em espiral, onde a mulher de vermelho está sozinha agora no patamar, bebericando as estrelas frias, observando o tumulto abaixo. Apesar de não conseguir ver seu rosto, sinto que ela está sorrindo. Os gêmeos sumiram do lado dela.

Eu o vejo de novo. Desaparecendo no salão escuro que se abre como uma bocarra. Eu o sigo. Ou percebo que o estou seguindo. Meus sapatos me levam pelo corredor, sem que eu comande meus próprios pés. Estou andando atrás dele, meus passos seguindo os dele. Ele olha para trás e, ao me ver, franze a testa. Acelera o passo. E, apesar de eu estar irritada com isso, apesar de pensar “Tudo bem, foda-se”, eu acelero meus passos também. Estico a mão e o seguro pelo colarinho, surpreendendo a mim mesma. Ele se vira para me olhar. Meio que sorrindo agora. Como se estivesse surpreso de eu tê-lo agarrado, mas não completamente. Não com desagrado. É um disfarce muito bom, eu vejo. Bem melhor do que pareceu através da água-viva.

“Posso ajudar?”, diz ele em voz baixa. Rouca. Grave. Quase como se também estivesse disfarçada.

“Não sei.” Percebo que é verdade. Não tenho ideia do que quero daquele homem. “Eu só… achei que tinha reconhecido você. De ontem à noite. Você estava…”

Ele leva o dedo aos lábios, como quem diz *shh*. Olha para os dois lados do salão escuro. E sorri. Olha para mim pelos óculos, óculos que desconfio que ele não precisa usar. Os olhos são de um cinza-ardósia que me lembra água de rio.

"Aqui não", diz ele baixinho. "Agora não."

"Perdão?"

Ele se inclina para a frente, coloca as mãos nos meus ombros. Quando se aproxima, sinto um cheiro de floresta, algo agridoce como chá verde. A pele dele é muito lisa, a parte que consigo ver que não está coberta de pelos. O aroma de chá verde poderia ser de uma essência hidratante?

"*À bientôt*, como eles dizem", sussurra ele, como se pudesse haver gente ouvindo. "Agora, só sai andando."

"Sair andando?"

"Não venha atrás de mim."

"Eu não estava indo", sussurro em resposta.

Ele me solta e ajeita o paletó. Olha ao redor, como se houvesse olhos nas paredes. E sorri para mim com a lateral da boca. Uma boca carnuda no meio da barba preta falsa.

"Claro que não estava", diz ele.

Ele se vira e sai andando pelo corredor.

"Não vá atrás dele", digo para mim mesma enquanto o vejo se afastar. Mas estou indo atrás dele de novo. Meus sapatos estão indo mais rápido conforme ele vai mais rápido. "Que porra estou fazendo?", penso, meus pés em disparada pelo salão escuro que parece não ter fim, iluminado aqui e ali por uma vela numa arandela. Ele acelera e eu acelero, até estarmos os dois andando quase lado a lado. Ele estende a mão e segura meu braço.

"Que porra é essa?" Mas ainda tem um sorriso na voz dele. O aperto é muito diferente do aperto do gêmeo. Não é sedoso e frio. É quente e ousado. Inconfundivelmente deste mundo. "Eu não acabei de falar *Não venha atrás de mim*?"

"Eu não estou indo", minto. "Só estou indo na mesma direção. É meu caminho também."

"É mesmo?"

Eu faço que sim.

"E pra onde você está indo exatamente?"

“Pra casa”, digo. A palavra sobe rasgando pela minha garganta. Como uma página arrancada. Não é nada. Sei que não é nada quando eu falo. São espelhos rachados. Aposentos violentamente vazios de tudo, exceto pelo fantasma do cheiro dela. Uma bancada cheia de potes e frascos.

Ele balança a cabeça.

“Pra casa, é?”, diz ele.

Estranhamente, ouço o rasgo nisso também. Ele tira um cigarro de trás da orelha. Acende um isqueiro prateado. Na luz da chama forte, vejo três pessoas deslizando na nossa direção pelo corredor. Vestidas de preto da cabeça aos pés, com véus no rosto como os gêmeos. Estão carregando guarda-chuvas pretos, como se estivesse chovendo ali dentro. “Que estranho”, penso. Se bem que estranho em comparação a quê? Às águas-vivas vermelhas no tanque enorme? À casa de vidro curvo, cheia de excentricidades caras e lindas? “Quem são eles?”, eu me pergunto quando chegam mais perto.

Nessa hora, ele me encosta na parede e me beija. A boca na minha, lábios esmagando os meus delicadamente. A barba falsa é surpreendentemente macia. Sinto gosto de pastilha Altoids e cigarro. Um protetor labial que emana um leve aroma de rosas. Seu aroma, sua boca, sua pegada, tudo é um choque para o meu corpo, que está contraído e distante. Agora se abrindo, derretendo no beijo daquele estranho. Quanto tempo tem que eu não beijo ninguém? Meses. A última vez foi uma mulher de máscara de pássaro. Numa festa de Halloween no Donzelas. Uma amiga de uma colega. Solitária. Nós duas estávamos. Do lado de fora da loja, eu encostada numa parede de tijolos. Uma noite clara e fria. Uma lua crescente de Montreal parecendo uma cimitarra acima de nós. “Vem pra casa comigo”, sussurrou ela no meu pescoço. “Casa”, repeti. Mas eu sabia que não podia ir com ela. Seria como trepar com a minha própria solidão. Além do mais, era Noite de Renovação, a noite em que aplico meu Esfoliante Orvalhotopia de Resgate de Radiância e o acompanho com o Nova Face. Depois de administrar vários séruns de iluminação, firmeza e refinamento, eu cubro o rosto de vaselina e durmo de costas, emanando um leve odor de enxofre. Mas claro que eu não podia explicar tudo aquilo. Eu só falei “Desculpa, eu tenho que ir”.

Ele se afasta de repente. As figuras de preto passaram por nós. Ele as vê seguir, olha para mim e sorri. A barba está meio torta agora. Nos olhos

cinzentos, vejo o rio Saint Lawrence correndo sombriamente debaixo das pontes da minha cidade.

"Pra casa", repete ele em tom sonhador, tocando na minha bochecha com as mãos incrivelmente macias. "Você está indo para o lado errado."

Quando ele sai andando desta vez, não vou atrás. Fico imóvel, ofegante pelo beijo, vendo-o desaparecer no salão escuro.

Parte dois

8

Luz de um sol forte. Queimando meus olhos fechados. Eu os abro. Vejo minha imagem no espelho do teto. Estou deitada em uma cama cor de sangue. Tem um rangido em algum lugar. Nhec, nhec, o que é isso? Onde estou? Olho ao redor. Cortinas vermelho-sangue. Uma penteadeira preta com um espelho de três painéis. Estou em uma cama enorme de dossel com o meio perigosamente baixo. O lençol de seda vermelha carrega o fantasma de violetas e fumaça, um odor de pele e suor. Dolorosamente familiar. De repente, eu lembro. O quarto da minha mãe. Devo ter dormido nele. Devo ter achado o caminho de volta para casa. Como eu saí daquela casa? Como saí daquele salão? Não parecia se prolongar infinitamente na escuridão? Mas estou aqui, sentindo o cheiro de mar e de rosas, o fedor das focas na enseada. Ainda usando o vestido prateado de seda, a cauda agora coberta de terra e rasgada na barra. Os sapatos vermelhos ainda brilham nos meus pés. Eu os tiro. Quem eram aquelas pessoas na noite anterior? Aquelas pessoas estranhas (proprietários?) que alegaram conhecer a minha mãe. E me conhecer também, eles não disseram? "Nós esperamos que você volte, Filha." E, depois, o homem de barba preta falsa. O beijo dele no salão escuro. E as águas-vivas…

O rangido parece mais próximo agora, por que estou ouvindo esse som? Percebo que vem de dentro, e não de fora. Da casa. Ah, deus, o fantasma da minha mãe. Aqui, agora, no meio do dia? Impossível. Se recomponha. Tem o robe de seda vermelha dela pendurado na parte de trás da porta. Me levantar e vesti-lo, é isso. Um pouco tonta, um pouco trêmula, só isso. Aquela champanhe, eu lembro. As bolhas vermelhas que eu bebi e bebi. Frias, agridoces, brilhantes como o esquecimento. Tudo que eu queria era esquecer. O rangido ficando mais alto. Um fantasma range? Claro que não, estou sendo tola. É só um invasor vivo. Sabem que a minha mãe morreu e agora estão invadindo. Sigo para o corredor procurando uma arma, qualquer arma. No banheiro, um babyliss. Não é muito, mas é algo para segurar, *segurar a onda*. A sala como eu deixei. O sofá. A mesa. Rosas

flutuando em uma tigela de água e pedras pretas lisas. As rosas parecem mais vermelhas, como é possível?

"Oi", diz uma voz.

Eu grito.

E lá está ele, perto da janela. O cabelo louro comprido. Sem camisa, como ontem. Mais sem camisa, de alguma forma. Tad, o tritão faz-tudo. Um rodo na mão. A esponja molhada pingando no chão da minha mãe. A gata dela, Anjelica, passando pelos tornozelos dourados, lambendo as gotas aos pés dele como uma puta.

"Belle", diz Tad. "Bom dia. Opa, espera." Ele olha para o relógio. "Já é tarde." Ele sorri. Olha para o robe vermelho que estou apertando no corpo (ele reconhece?), para o babyliss da minha mãe. "Oh-oh. Eu te assustei de novo. Eu te assustei de novo?"

"Não." O babyliss escorrega dos meus dedos e faz um ruído ao cair no chão. Anjelica sai correndo, berrando. "Quer dizer, sim, Tad. Você me assustou um pouco. Muito. Eu achei que tinha alguém invadindo."

"Ah, não, eu nunca invadiria. Não, não. Eu tenho uma chave, está vendo?" Ele aponta para uma entre várias presas ao cinto de ferramentas. Olhou para a chave da minha mãe, pendurada ali no gancho.

"Estou." Eu tento sorrir. "Eu só não esperava te ver de novo. Tão rápido."

Tad assente. Balança a mão para o vidro atrás dele.

"Só vim limpar as janelas."

Apesar de não olhar diretamente para elas, apesar de manter os olhos em Tad, eu vejo que o vidro de fato foi limpo de novo. Está tão limpo, que nem parece vidro. Parece que não tem nada entre mim e o litoral cheio de palmeiras, os pelicanos e biguás voando no céu azul.

"Espero que você não se importe", diz ele. "Eu tentei fazer silêncio."

"Você não limpou as janelas ontem?"

"Ah, eu gosto de limpar todos os dias. Sua mãe gostava assim."

"Por quê?"

"Porque ficam sujas, Belle. Tem tantos respingos. Pode parecer distante, mas chega aqui, pode acreditar." Olho para Tad. O belo rosto tão sincero, tão aberto. Ele me lembra um golden retriever. Imagino minha mãe fazendo carinho na cabeça dourada. Tad latindo com alegria.

"Entendi."

Vou até a mesa de café da manhã perto da janela, mas não olho para fora, não quero olhar. Sento-me de costas para o vidro e olho para a mesa. Sinto Tad me olhando e minhas bochechas se enchem de calor como se eu fosse uma criança de novo. Quando criança, eu sempre encontrava homens na cozinha de manhã. Fazendo café para ela. Café na cama. "Ah, oi, menina", diziam eles quando me viam olhando da porta da cozinha. "Mirabelle, né?" Lembro que eu não dizia nada. Nem confirmava nem negava. Só ficava lá com minha camisolinha idiota com estampa de coelhinhos cor-de-rosa, segurando meu coelho branco de pelúcia pelo pé.

Às vezes, os homens estavam só de cueca, o que me constrangia. Toda aquela pele esculpida visível. Todos aqueles pelos nas pernas, às vezes nos peitos e costas. Alguns eram feios. Homenzinhos ouriços. Alguns eram velhos e murchos e me lembravam sapos. A pele com manchas senis subindo cadavericamente sempre que eles sorriam. Mas em geral eles pareciam homens das novelas que Grand-Maman via na cadeira de balanço no escuro enquanto comia *religieuse*. Os homens tinham aqueles ossos que pareciam esculpidos, os olhos penetrantes. Eu via as novelas na cama bege da Grand-Maman, deitada de costas com a cabeça para fora da beira da cama, olhando a televisão de cabeça para baixo, o sangue subindo para a cabeça. "Esse parece o Jake", eu dizia, apontando para a tela.

"Jake, *c'est qui*?", perguntava Grand-Maman. Falando comigo em francês como a minha mãe nunca fazia.

"*Un ami de Maman*", eu dizia, olhando para a tela.

E Grand-Maman fazia um ruído de deboche. Comia outro doce. "*Un ami*", dizia ela. Balançando a cabeça de cabelo branco sem tintura. Ela também reprovara meu pai, claro. Mas pelo menos meu pai tinha modos, dizia Grand-Maman. Mesmo não sendo católico. Sempre tão educado, tão respeitoso. Levava o que ela chamava de "aqueles doces orientais" e badulaques dourados sempre que visitava. Os doces eram açucarados demais para o paladar dela e os badulaques eram espalhafatosos, claro, mas o gesto era importante. Sempre que Grand-Maman falava sobre meu pai, eu tinha um vislumbre de um homem alto e escuro com cabelo afro na porta dela, suando e sorrindo e curvando a cabeça. A mão peluda cobrindo a minha, o espaço dela quente e seco. Como nossas peles, lado a lado, pareciam gradientes diferentes de uma única escala, os dedos dele cheios do mesmo ouro que envolvia meu pulso em uma corrente fina. Uma voz

masculina suave falando em francês hesitante com sotaque pesado com uma mulher séria vestida da cabeça aos pés de renda preta dura. *Não*, Grand-Maman sempre admitia, meu pai, que deus acolhesse a alma dele, não era nem um pouco parecido com os amigos da minha mãe.

Às vezes, os homens que eu encontrava na cozinha da minha mãe estavam completamente vestidos de terno ou camisa polo e calça jeans. Usando o mesmo da noite anterior, quando bateram à nossa porta. Houve uma manhã em que encontrei um usando o robe de seda vermelha enquanto fazia um expresso, o robe que estou usando agora, na verdade.

"Meu pai deu isso para ela", gritei com ele da porta da cozinha. "Você não pode usar isso." E caí no choro.

"O que está acontecendo aqui?", disse minha mãe, indo até a cozinha. Os sapatos estalando para o meu pesadelo como se ela estivesse andando no ar. Com ar preguiçoso e distraído. Tão linda, que feria meus olhos. Tudo parecia pertencer a ela. A luz da manhã, o céu azul. "Tudo bem, Raio de Sol? Por que essa cara?"

"Ah, nós estamos bem", disse o homem, piscando para mim como se estivéssemos juntos em alguma coisa. "Nós só estávamos nos conhecendo, não é, minha querida?"

E ele sorriu para mim como se me odiasse. Eu não soube o que fazer. Fiz *sim* com a cabeça, apesar de eu o odiar, quem quer que ele fosse. Fui recompensada com um vislumbre dos seus dentes brancos. E minha mãe sorriu porque tudo tinha se resolvido lindamente a favor dela. "Ah, que bom. Queixo para cima então, Raio de Sol." Um tapinha na minha bochecha. "Chega de cara feia. O que a gente sempre diz?" E ela fez uma imitação minha. Cruzou os braços com força na frente do peito. Projetou o lábio inferior, fazendo beicinho. "Que o meu rosto vai ficar assim pra sempre", falei. "Isso mesmo", cantarolava ela, acendendo um cigarro e piscando para o homem. Lembro que eu também a odiava nesse momento. Lembro-me do ódio correndo pelo meu corpinho. E aí? Tudo preto depois. Cheguei ao limite dessa lembrança. Não consigo penetrar mais fundo nessa floresta escura.

"Que tal um café?", diz Tad lentamente agora.

Apesar de eu não assentir, Tad serve um pouco de uma prensa francesa. Lágrimas ameaçam encher meus olhos quando tomo um gole. Por que motivo? Pela gentileza de Tad? Pelo sabor intenso do café? Pelo

absurdo de ser uma mulher adulta sendo cuidada pelo amante da minha mãe? Ou talvez sejam os resquícios da Fórmula Revitalizante para Olhos que podem causar lacrimejamento bem depois de ser aplicada, mesmo que a aplicação seja muito cuidadosa. Acontece, diz Marva, mesmo com as fórmulas mais sofisticadas. É da natureza delas escorrer.

Vejo Tad entrar na cozinha e começar a preparar o que suponho que seja o café da manhã.

"Você não…"

"Fico feliz", diz Tad. "Você está exausta, tenho certeza. Depois de uma longa noite empacotando."

Olho para a caixa do porão da loja aberta no meio da sala, que foi o máximo que fiz no dia anterior antes de calçar os sapatos vermelhos. Agora, Anjelica está sentada em cima do montinho de bonecas, bocejando.

"E você tem outro dia longo pela frente, tenho certeza. Precisa de proteína."

Observo as costas dele por um tempo, estupefata. Ele pega uma frigideira no armário. Uma espátula na gaveta. Ovos, frutas vermelhas e verduras na geladeira. Ele coloca as frutas e verduras no Vitamix da minha mãe como se já tivesse feito isso mil vezes. O aparelho ganha vida com um rugido e o apertar de um botão.

"Você sabe mesmo onde fica tudo aqui", digo para as costas dele, em meio à barulheira.

Ele fica imóvel. Vira-se e sorri.

"Sei", grita ele para mim. Pisca.

Eu bebo o café. Está em uma xícara larga que diz *café au lait* com umas quinhentas fontes diferentes. Lembro-me da expressão de mágoa da minha mãe na minha última visita, quando eu recusei o *café au lait* que ela havia feito para mim naquela mesma xícara. "Desde quando você mudou para café preto?"

"Desde agora", falei. E ela ficou me olhando boquiaberta, como se eu tivesse dado um tapa nela.

"Não entendo por que você está surtando", falei. "É só café." Olhei para ela por cima da xícara intocada. Ela havia feito uma montanha de espuma e raspado chocolate em espirais do jeito que eu amava quando adolescente.

"Só me diz que não é nada de PELE", murmurou ela enfim, pegando a xícara.

"Não é", menti.

"Deixa pra lá", disse ela, erguendo uma das mãos. "O que mais eu deveria esperar, né?"

Tad coloca um prato na minha frente com orgulho. Dois ovos estrelados de gema mole que me encaram como se fossem olhos. Uma tira de bacon vegano como boca. Um nariz de morango. Ao lado, um smoothie tão azul-esverdeado, que parece radioativo.

"É por causa da espirulina e dos mirtilos", diz Tad. É o mesmo smoothie que eu fiz para mim quando estava aqui, do qual minha mãe debochou e chamou de *lama da pele*.

"Onde você aprendeu a fazer isso?", digo, apontando para o smoothie.

"Ah, sua mãe me ensinou um tempo atrás. Era o favorito dela."

"*Favorito?*"

"Ela tomava todas as manhãs quando lembrava. Com duas medidas disto aqui também." E ele mostra o pote azul de pó de colágeno que eu deixei aqui, para o qual ela franziu o nariz. "Você está tomando gelatina de osso agora?"

"Qual é o problema?", pergunta Tad.

"Nada", murmuro olhando para os ovos.

Ele dá um tapinha leve nas minhas costas, como se fosse meu pai. Esse homem sem camisa que é pelo menos cinco anos mais jovem do que eu. Observo os olhos de ovo, para a boca torta de bacon. Uma das gemas está escorrendo como se estivesse chorando.

"Tad? Qual você diria que era o estado mental da minha mãe?"

"É uma boa pergunta", diz Tad. Ele pensa por um tempo, coça o pescoço. "De um modo geral, eu diria que era… ótimo."

"Ótimo. Mesmo?"

"Claro. Quer dizer, ela estava sempre animada. Com a gema para cima", diz ele, olhando para os ovos chorando. "Sempre."

"*Animada?*"

"Ah, sim. Ela amava olhar pelas janelas. Amava olhar para as flores."

Ele sorri e olha pelas janelas.

"Às vezes, ela olhava pra lá."

Eu o vejo apontar com alegria pelo vidro para uma fileira de arbustos bem podados lá fora.

"E às vezes ela olhava pra lá", diz ele, apontando para a frente, para uma fileira de palmeiras perto do mar. "Às vezes", ele olha para mim, impressionado, "um pelicano passava voando. Ou um golfinho pulava na água. Saltava das ondas. Ela amava isso." Ele sorri para mim. "Muito."

"É mesmo?"

"Claro." Ele chega mais perto de mim. "Mas sabe o que eu acho que ela mais amava?"

Olho para Tad com o short jeans cortado. Ele está com um colar feito de conchas. Tem uma tatuagem de um golfinho sorridente pulando de ondas verdes no braço dele. As ondas verdes são exatamente da mesma cor das ondas do lado de fora e exatamente do mesmo tom dos olhos de Tad.

"O quê?"

"Que ela nunca sabia o que poderia ver."

Sinto um aroma de filtro solar. E do perfume da minha mãe, será que eu passei? Os olhos de Tad, as maçãs do rosto de Tad, os dentes excessivamente brancos de Tad. Emoldurados pelo cabelo desgrenhado clareado pelo sol. Penso na minha mãe andando sozinha na praia à meia-noite. Caindo nas pedras. Por um momento, tenho um pensamento sombrio. Um pensamento muito sombrio.

"Havia muitas surpresas, sabe?", diz Tad.

"Sei."

"Todos os dias. Isso dava uma alegria danada pra ela."

"Alegria todos os dias. Sério?"

"Ah, todo mundo tem dias ruins. Muito ruins às vezes. Quando nossos demônios aparecem pra brincar. Ninguém vive sempre na luz, né?"

"É."

"Mas a sua mãe…" Ele para de falar e olha pela janela. Em seguida, se vira para mim, sorrindo. "Então. Como está seu dia hoje, Belle?"

"Meu dia?"

Olho para o apartamento da minha mãe. Tão impecável na superfície, mas sei que estou de pé sobre um buraco. "Meu dia está cagado, Tad", tenho vontade de dizer. Eu preciso empacotar a casa toda. Contratar alguém com um dinheiro que eu não tenho para consertar as coisas quebradas. Vendê-la. E sumir daqui e voltar para o trabalho. Isso tudo em

poucos dias. É impossível. É tipo uma torre cheia de palha que eu tenho que fiar e transformar em ouro. É como estar esperando um duende aparecer com uma promessa sinistra de me ajudar. Na parede de espelhos rachados, vejo que minha pele está precisando desesperadamente de bruma de cogumelos.

"Tem uma coisa aqui, outra ali", digo, tentando sorrir.

"Olha", diz Tad. "Você não pode fazer isso tudo sozinha, Belle. Este lugar está velho. Maltratado. As coisas não estão funcionando como antes, sabe?"

"Sei."

"Então me deixa te ajudar, por favor. Eu te ajudo a empacotar e a consertar a casa. Posso até trazer uns amigos pra me ajudarem. Eu quero. Adoraria." Agora ele segura a minha mão.

"Mas você não está ocupado? Não tem um… emprego, sei lá?" O cartão de visita dele surge na minha cabeça. O tritão com a tesoura e o rodo.

"Eu me viro", diz ele. "Estou de boa."

Nessa hora, ele acena pela janela. Olho para fora e vejo uma mulher mais velha de short e viseira segurando uma tesoura de poda. Ela está podando seus arbustos. Quando vê Tad, o rosto dela se ilumina visivelmente. Ela acena com entusiasmo, vira a cabeça e olha para mim com uma expressão sombria. Fica me olhando enquanto poda os arbustos agora. Um corte que eu sinto na garganta.

"Gloria é ótima", diz Tad, olhando para mim.

"É?"

"Você sabe que a sua mãe tem um monte de antiguidades. Às vezes, coisas velhas valem mais do que você pensa só de olhar. Não pra mim, eu gosto de olhar com atenção. Eu vejo o valor. Como isso aqui."

Ele anda até um baú de madeira escura na sala. Passa as mãos com amor pela madeira.

"Nós podemos vender isto. Eu conheço um cara no centro pra quem a gente pode levar. Dá pra conseguir um bom preço nisso, sabe? Pra ganhar tempo."

"Tempo?"

"Pra consertar o apartamento. Vender pelo que ele *vale*, Belle. Fazer direito." Ele coloca as mãos nos meus ombros. Aquele aperto quente e

grande. Os olhos praianos e benevolentes implorando.

Uma batida na porta. Sylvia. Usando óculos escuros. Olhando pela janela e acenando para mim. Tad a vê e pela primeira vez franze a testa. As mãos se afastam rapidamente dos meus ombros.

"Mirabelle", diz Sylvia, entrando. Ela dá uma olhada em mim de robe vermelho, em Tad de short jeans, e se irrita visivelmente. Ah, ela o conhece. Muito bem. Mas não compartilha do entusiasmo de Gloria e da minha mãe. "Vim só ver como você estava." Ela tenta falar com alegria, ser agradável, mas o julgamento dela está na cara. "Tal mãe, tal filha."

"Só estou empacotando as coisas", digo.

"Estou vendo." Ela olha para Tad, que murmura que vai começar no quarto. Mas isso não basta para Sylvia.

"Por que a gente não vai lá pra fora", diz ela, "e se senta ao sol?"

Sou lembrada de que meu rosto está desprovido de bruma. Desprovido também da geleia em bruma hidratante que sela a bruma. Sem mencionar o Face Radiante, físico e químico, que o protege de tudo.

"Você se importa de ficarmos aqui?", digo. "Ainda não estou pronta para enfrentar o mundo."

Ela franze a testa para o corredor pelo qual Tad desapareceu.

"Claro, querida. Só se você tiver certeza absoluta de que não precisa de… ar."

"Eu estou bem. Café?"

Ela olha para a prensa francesa como se fosse algo obsceno. Balança a cabeça de mechas espetadas louras.

"Vamos nos sentar", sussurra ela.

Ela anda até o sofá vermelho. Senta-se de leve na beiradinha. As mãos com unhas feitas cruzadas no colo. Lábios apertados em um sorriso. Sobrancelhas franzidas. Ela está tentando demonstrar pena, eu acho.

"Mirabelle", diz ela baixinho, olhando para a tigela de rosas quando fala. "Eu ando pensando."

"Sim?"

"Na sua situação. Nessa coisa horrível. Sua mãe ter morrido como morreu. Ter deixado essa confusão, essa dívida. Tudo o que você me contou ontem quando foi na nossa lojinha. Arrasada." Ontem. Parece um ano antes. Eu me vejo de joelhos no depósito, na frente dos manequins velhos.

"Eu não consegui parar de pensar nisso. E decidi que quero ajudar."

"Quer?"

Ela suspira.

"Acho que você está numa saia justa. Eu não só acho, eu sei. Você precisa voltar pra Montreal, né? E este lugar é um fardo. Eu sei que você vai fazer o que puder pra botar as coisas dela em ordem, mas…" Ela olha para a caixa do porão aberta no meio da sala. Anjelica, a gata, passa por perto e empurra um dos potes vermelhos. "É um trabalhão. Enfim, eu acho que você precisa de ajuda." Sylvia se vira para mim com olhar expressivo. "Que tal eu tirar isso das suas mãos?"

"Das minhas mãos?"

"O apartamento. Você estaria vendendo pra uma amiga. Pode vir visitar quando quiser. Eu te ajudo a arrumar e a separar tudo esta semana. Posso pedir ajuda de algumas garotas da loja. Juntas nós vamos fazer rapidinho. E você pode ir pra casa quando planejou. Em… quando mesmo? Dois dias?"

Eu contei pra ela meus planos de voo?

"Volta para o trabalho. Volta pra sua *vida*. Começa a deixar toda essa…" Ela balança a cabeça para as rosas. "*Horribilidade*", diz ela, quase cuspindo. E desvia o lábio para o lado.

Eu a encaro.

"Essa *horribilidade*", insiste ela, com lágrimas nos olhos. "Deixa pra trás."

Deixar para trás. Não era o que a minha mãe sempre dizia sobre o passado?

"É muita generosidade sua, Sylvia."

Ela abre um sorriso oleoso entre as lágrimas. "É. É sim."

"Bem", ela seca os olhos, "você sabe que sua mãe e eu éramos amigas, claro."

Penso nas visitas à minha mãe ao longo dos últimos anos. Sempre constrangidas quando estávamos só nós duas. Sempre com o rádio alto no carro, mesmo que fosse uma música que ela odiava. Sempre com um filme no volume máximo em casa. Sempre um restaurante em que ela conhecia um garçom e podia discutir com ele, e não comigo. Normalmente, ela recrutava Sylvia para se juntar a nós em pelo menos um almoço ou jantar cedo. Minha mãe bebericava champanhe silenciosamente debaixo da aba larga de um chapéu preto que protegia o rosto pálido. Sylvia, sem chapéu,

melásmica, sorrindo com bajulação, comeria uma salada e tomaria água com gás. Preencheria o silêncio com uma falação leve e chata. Comentários fúteis sobre seu clube do livro. O que ela havia ouvido na NPR outro dia que era tão verdade. O que tinha lido na revista *O* que ela estava internalizando: "Aquela Oprah entende, né?" E o restaurante: "Que lugar fofo." Olha os coquetéis passando! Claro que ela prefere comer as calorias, hahaha. Minha mãe só assentia, distraída. Como se tivesse abandonado o corpo, assim como eu tinha abandonado o meu. E nossas almas estivessem flutuando em outro lugar, a voz daquela mulher tola era a única coisa nos prendendo.

"Eu quero ajudar no que puder", diz Sylvia baixinho. "Quero mesmo."

Nós duas vemos Anjelica bater no pote vermelho com as patas brancas peludas. "Sylvia, minha mãe estava louca? Ela já te levou a um spa no outro lado da enseada? Uma casa de vidro opulenta, bem na beira do penhasco? Ela te apresentou a gêmeos lindos vestidos com o preto mais elegante? Que poderiam ter trinta anos, mas poderiam ser adolescentes? E uma mulher de vermelho?"

Olho para Sylvia de calça capri castanha e uma blusa bretã — "uma *marinière*", minha mãe teria dito. Ela teria aprovado aquele traje, eu sei, "um clássico", mas, aos meus olhos, Sylvia parece que vai velejar em um barco bem chato. Tem diamantes como pontinhos de riqueza em cada orelha.

"Sabe", diz ela, "eu estava pensando no que você me perguntou outro dia. Sobre sua mãe ter ficado meio…"

"Francesa?" — sugiro.

Sylvia assente.

"Perto do fim… perto do fim. E havia outra coisa."

"O quê?"

"Bem", Sylvia ri. "É meio constrangedor. Mas ela ficava indo à nossa lojinha. Depois que ela a vendeu pra mim. Parecia que ela tinha esquecido que havia vendido, sei lá. Eu a pegava atrás do balcão ou com as clientes. Agindo como sempre. Talvez *mais* do que como sempre." Ela ri de novo. "Eu a pegava se olhando no espelho. Você conhece sua mãe com espelhos. Esqueça os cinco milhões de namorados dela", diz ela alto, sem dúvida para Tad, no quarto. "Aquele espelho era o caso de uma vida." Ela sorri

para a parede de espelhos rachados da minha mãe. "Enfim. Nós resolvemos tudo no final."

"Não entendo. Como ela pôde esquecer que tinha vendido pra você?"

"Sei que ela não esqueceu *de verdade*, Mirabelle. Deve ter sido remorso de vendedora. Não que ela tivesse algo para ter remorso. Sua mãe nunca foi boa vendedora, como você sabe, e a loja estava em mãos excelentes. Ela sabia disso, claro. Só precisou aprender a *deixar pra trás*."

Seu olhar é de conhecimento.

"O que você diz? Temos um… *acordo*?"

Quando diz isso, ela olha para as janelas da minha mãe. Eu fico chamando de janelas, mas não são bem isso. São uma parede. Uma parede de vidro do teto ao chão que envolve a sala, a sala de jantar e a cozinha. Vejo uma fome nos olhos dela ao olhar para tanto mar, que eu sei que ela não vê do apartamento dela, virado para a rua. Ouço o som raspado de alguma ferramenta no quarto. Deve ser Tad. Olho para os sapatos vermelhos cintilando junto da porta da frente. Eu não os tirei no quarto?

"Não sei, Sylvia."

"*O quê?*"

"Eu preciso pensar."

"Bem, me perdoe por dizer isso, mas você não tem muito tempo, né?"

Os sapatos vermelhos piscam para mim da porta.

"Tem razão", digo. "Não tenho."

9

Noite. Estou na sala, olhando para os sapatos vermelhos junto à porta da casa da minha mãe. Parados ali. Brilhando ali. Quase como se eu não os tivesse usado na noite anterior. Nunca tivesse andado pelo litoral e por uma estrada de terra até a casa na beirada do penhasco. "Esperamos que você volte", disseram. Haveria um visitante, disseram. Alguém importante. Muito importante pra minha mãe. "Quem?" Penso naquelas águas-vivas estranhas nadando no tanque enorme. Na mulher de vermelho acenando para mim do patamar da escadaria, debaixo do lustre ardente. Não deveria voltar para aquela casa. Era um spa? Uma seita ou um esquema de pirâmide também, provavelmente. Excêntricos ricos vendendo potes vermelhos. "Para o rosto, querida, para o rosto. Diferentemente de você, eu preciso de toda a ajuda que puder ter." Minha mãe era tão otária. Era provável que fossem tentar vender para mim. Minha mãe conhecia umas pessoas bem estranhas, é verdade. Pessoas que usavam luva no verão. Pessoas que tinham animais exóticos de estimação. Pessoas que sempre sorriam para mim com dentes demais. Pontudos e brancos e cintilantes.

"Nós sabemos tanto sobre você", disseram os gêmeos. E o tremor que eu senti. Bem dentro de mim. "O que vocês sabem?"

Tudo golpe, claro.

Sylvia foi embora faz tempo. Saiu correndo depois que eu falei que pensaria na proposta dela. Na porta, falei de novo. Falei "obrigada", e ela acenou como se estivesse espantando uma mosca. Tad foi embora também depois de um dia consertando o apartamento. "Isso é tão gratificante", ouvi-o falando com as paredes, passando as mãos nelas de leve.

Hoje, eu fiz algumas coisas. Não fiz?

Não. Ainda tem só a caixa aberta no meio da sala. Anjelica está dormindo em um mar de bonecas, com olhos abrindo e fechando. Durante todo o dia, ignorei os toques infinitos no meu telefone. Primeiro, Chaz querendo saber se eu tinha tomado uma decisão sobre vender a casa, se ele poderia levar um corretor de imóveis mais tarde hoje ou amanhã.

Depois, minha chefe, a Persephone da Donzelas, para dar um oi. Ela estava ansiosa para me ver no meu turno da tarde de domingo e saber como eu estava, claro. "Nós estamos aqui pra você", mentiu ela. Depois, o diretor da funerária ligou. As cinzas da minha mãe estavam prontas para serem recolhidas. Quando eu estivesse pronta.

Fiz uma versão mais longa da minha rotina matinal da pele para compensar o fato de que eu havia, incrivelmente, perdido a rotina noturna na véspera. O ritual matinal é voltado para a proteção. Cada manhã, temos que nos armar, Marva diz, contra os muitos radicais livres e poluentes que atacam o ar, deixando suas marcas oxidantes invisíveis em nossa epiderme, a mais porosa das membranas entre nossa alma e o mundo. Depois que Sylvia foi embora, fui para o banheiro da minha mãe e fiz limpeza tripla, depois me afundei em uma quantidade copiosa de fluido de caracol. Depois, usei meu Nova Face seguido de Máscara & Brilho. Aí, dez camadas de essência de chá verde, algas e essência de arroz para uma muito necessária hidratação e luminosidade. Depois, um sérum antioxidante voltado especificamente para meus radicais livres, seguido de Concentrado Corretivo Clareador de Pigmentos Lumière, porque "um tom de pele uniforme é quase divindade". Depois disso, o Vigor Líquido Alquimia, seguido do Caviar Iluminador para Radiância, seguido (claro) da Fórmula Revitalizante para Olhos com Infusão de Diamante. Umedeci a pele delicadamente entre camadas com o Sumo Lunar de água de rosas e leite de bétula para criar o que Marva chama de "mil-folhas de hidratação". Aí, me besuntei de Suflê Diurno Regenerador de Colágeno Marinho usando sua técnica patenteada dos dezessete pontos. O Suflê Diurno não só ilumina, firma e preenche, mas sela as camadas hidratantes do Sumo Lunar, o que impede qualquer perda de água transepidérmica. Fiz a aplicação com as batidinhas recomendadas para cima em sentido anti-horário. "Como uma cobertura final para a pele", diz Marva sobre o Suflê Diurno, e eu sempre amei essa ideia. E por fim, claro, o passo mais crucial, *uma cobertura para a cobertura*: Face Radiante, físico e químico. Apliquei ambos no banheiro apagado da minha mãe, olhando para o contorno escuro do meu reflexo, repetindo a técnica dos dezessete pontos, que funciona tão bem para o Suflê Diurno. "Por que você pelo menos não acende a porra da luz", minha mãe poderia ter dito se tivesse me visto. "Pra você poder ver o que está fazendo?" Eu me viraria e a encontraria parada

ali na porta. O cigarro matinal na mão, o rosto impecável me olhando como quem diz "Essa é a minha filha? Essa aí é minha?".

"Eu consigo ver perfeitamente, mãe", eu diria.

E minha mãe olharia para o pote bem firme na minha mão. "Não tenho tanta certeza disso." Ela andaria até mim nessa hora. Colocaria as mãos dos dois lados do meu rosto bem besuntado e grudento de tantas camadas. A fumaça de cigarro envolveria nossas cabeças como uma névoa cinzenta. "Você sabe que não precisa de nada dessa merda. Você sabe disso, né? Eu já te falei." A voz dela sairia suave e firme ao mesmo tempo, como se estivesse me sacudindo delicadamente. Isso fazia uma vergonha sombria surgir. A raiva crescia como uma onda. Nós não estávamos, afinal, cercadas pelo mar de produtos para a pele dela? Pelos muitos potes e frascos dela? Não somos farinha do mesmo saco? Mas eu só olharia para além dela, para o meu reflexo. "Você já disse."

Ela estaria saindo do banheiro quando eu falasse com ela. "E você, mãe?"

"Eu?", diria ela, como se a palavra fosse uma piada cruel. "Eu sou outra história."

Mais tarde, eu encontraria um pote de Suflê Diurno na bancada do banheiro dela, claro.

Quando terminei minha rotina matinal, era fim de tarde. Eu me sentei no sofá vermelho da minha mãe e assisti à Marva até meus olhos lacrimejarem. A série *Venha para a cama comigo*, em que ela se senta de body de seda e fala sobre ingredientes de cuidados com a pele como se fossem amantes. Eu vi "Ácidos parte um" e depois "Ácidos parte dois". Vi "O que estou fazendo em relação à minha hiperpigmentação", em que Marva aponta solenemente para vários pontos "escuros" que eu não consigo ver na testa e nas bochechas dela, que parecem mais áreas de creme branco. "Ficar à frente é a chave", diz ela. "Uma abordagem plural é sempre a melhor." Vi "Minha jornada com a tretinoína". "Depois de um ano." "Depois de dois anos." "Depois de cinco." Vi a mão esfregando vigorosamente creme em uma bochecha. Dedos passando óleo com batidinhas em pálpebras trêmulas de esperança. Marva fungando

sofregamente em um frasco aberto de óleo de marula. Aí, uma voz chamou meu nome. Repetidamente. "Belle. Belle?"

Ergui o rosto da tela. Tad. Sentado na sala escura de jaqueta de couro. Segurando um martelo como se fosse o Thor. Atrás dele, o céu estava preto. "Encerrei por hoje", disse ele.

"Ótimo", eu me ouvi dizer. "Obrigada."

Ele olhou para a caixa aberta cheia de bonecas em que a gata estava dormindo. "Amanhã posso chamar mais gente. Pra te ajudar a empacotar."

"Eu consigo me virar", falei.

Por um tempo, ele ficou olhando para a caixa. Em seguida, olhou para mim, a xícara enorme de *café au lait* cheia de prosecco segurada com firmeza na minha mão.

"Mas obrigada", falei. "Por oferecer."

"Eu ainda preciso de mais tempo. Pra fazer as coisas essenciais."

"Quanto tempo?"

"Algumas semanas, talvez. Ou mais. Eu pensaria mesmo em vender algumas dessas coisas. Posso te levar naquele antiquário no centro amanhã. Pra ganhar um mês."

"Um mês", pensei. Eu tenho que voltar ao trabalho no domingo. Em três dias.

"Vou pensar", falei.

Pensei que ele iria embora, mas ele ficou parado e eu falei "O quê?". Foi grosseiro. Ouvi a grosseria e fiz uma careta por causa da testa franzida que a minha mãe faria. Tad não notou.

"Eu ia jantar", disse ele. "Você, hã, quer ir comigo?"

Olhei para o rosto de Tad no escuro. Cabelo louro-escuro. Olhos como o Pacífico no dia mais limpo. Parecendo pertencer à tela da televisão de tubo antiga da Grand-Maman, ao mundo dela de novelas diurnas. Mais lindo do que qualquer amante meu, fora os gêmeos. E posso dizer que vi tudo? Vi tudo, vi tudo. A euforia que ele me faria sentir brevemente comendo tacos em um quiosque aberto. As cervejas que tomaríamos no escuro tomado de palmeiras. O frescor borbulhando amargo pela minha garganta. A sensação de rebeldia. A breve fuga da minha própria dor. Talvez eu chorasse. Lágrimas de verdade, não Fórmula escorrendo. Talvez Tad me consolasse com alguma citação de filosofia zen. Que todos somos gotas no rio do tempo. Que um rio flui para trás e para a frente. O sexo que

provavelmente faríamos mais tarde no apartamento dele em Pacific Beach, no futon. Ele devia ter um futon. O cheiro de Tad estaria denso no ar, seria lindo. Um cheiro de praia e juventude. Quantas vezes minha mãe o havia respirado com avidez? Do pescoço dele. Do seu peito. O golfinho piscando para ela do braço dele a cada metida. Mãos segurando a cintura branca dela, o cabelo ruivo. Mãos que acariciavam o rosto perfeito dela com um maravilhamento com seu…

"Não", falei. "Não estou com fome. Obrigada."

E Tad abriu um meio sorriso.

Ele foi embora e fechou a porta tão silenciosamente, que pareceu carinho no meu cabelo.

E aqui estou agora. Sozinha. Sentada no escuro, minhas mãos segurando a xícara da minha mãe. Olhando para os sapatos vermelhos cintilando junto à porta. Que eu não vou calçar. Claro que não.

Um pé depois do outro no caminho escuro perto da água. Primeiro, o caminho perto da água, depois o caminho de terra pela beirada do penhasco. Hoje, parece o caminho pelo qual eu andei a vida toda. A escuridão é como uma velha amiga. É uma delícia ouvir o mar rugir, a grama zumbir e tremer. Estou assobiando enquanto ando. Estou no portão antes que perceba. Eles se abrem para mim de novo como se soubessem que eu estava chegando.

Quando ando pelo caminho até a casa, as rosas oscilam delicadamente na brisa preta, parecendo assentir dando boas-vindas. Eu me sinto muito bem-vinda. Foi bom eu ter vindo, penso. Estavam me esperando. Mas vejo que a porta está fechada. Não tem mulher de vestido prateado com olhos de fumaça esperando. Sorrindo para mim e para os meus sapatos vermelhos.

Olho para a porta fechada e meu coração despenca de repente. Uma pessoa importante para a minha mãe. Mesmo se for golpe, eu preciso conhecer essa pessoa. Eu bato. Nada. Bato de novo. Nada. Reparo que tem um olho mágico na porta. Tento olhar. Preto. Mas sinto um olho me olhando. Um olho que não vejo, mas sinto. E, aí, a porta é aberta.

Esta noite, o salão cintila grandiosamente. Vazio. Não tem pessoas ricas radiantes de vermelho, prateado ou preto. Não tem ninguém atrás da porta. Só o som dos meus passos estalando no piso de mármore. Só a música suave, o som leve de spa. A butique no canto está escura, todos os armários de vidro apagados. Olho para a escadaria curva onde a mulher de vermelho ficou acenando do patamar. Não tem ninguém no patamar hoje, embora, em uma parede, uma tela ainda passe o vídeo daquela mulher branca eufórica com os discos pretos nas têmporas, com ondas do mar batendo infinitamente no rosto. Esta noite, os olhos dela estão abertos. Sorrindo para mim, ao que parece.

Acima da minha cabeça, o lustre vermelho está aceso, brilhante. Apesar de curvar o pescoço, não vejo sinal de teto. Na minha mente, eu me vejo quando criança, minha mãe lendo uma história no escuro. Sobre uma bela donzela. Um castelo perto do mar. "Esse castelo perto do mar", perguntei à minha mãe. "Como ele era por dentro?"

"Ah, você não acreditaria nesse lugar", disse minha mãe. "Tem salões enormes como labirintos. Um teto tão alto, que você poderia olhar para cima e nunca o encontrar. Só o lustre aceso. O maior lustre que você já viu. Carregado de cristais de verdade."

"Olá?", grito agora.

Nada, ninguém aparece. Ando mais um pouco pelo salão, na direção das Profundezas. Esta noite, as cortinas vermelhas estão fechadas em volta do tanque. Atrás delas, sinto as águas-vivas nadarem. Reparo que tem uma única taça de champanhe em uma bandejinha de prata em uma mesa preta laqueada. Cheia até a borda com aquele champanhe vermelho. Está borbulhando de um jeito que eu nunca vi. Como se estivesse animado. Tem um cartãozinho preto ao lado da taça onde está escrito *Santé*, com letra vermelha elegante. Levo a taça aos lábios. As bolhas frias descem pela minha garganta, doces e intensas. Na minha cabeça, quase escuto a casa me aplaudindo. Muitas mãos de seda aplaudindo. Olho para o vídeo da mulher com os discos pretos, ainda sorrindo para mim através das ondas. Por que sinto como se estivesse sendo observada hoje? Como se a casa estivesse me observando? Não só observando, mas prendendo a respiração. Uma pessoa específica está prendendo a respiração.

Tomo outro gole e suspiro. O salão todo parece suspirar comigo. É estranho, mas agradável. As cortinas vermelhas são puxadas subitamente,

rapidamente, em um movimento aveludado. E ali estão as águas-vivas vermelhas, no grande tanque de vidro. Pulsando na água azul-esverdeada. Fico surpresa por sentir prazer com a visão delas. Prazer ou horror? Tomo mais do champanhe animado. Ando até o tanque, apesar de não querer chegar mais perto das criaturas, por mais lindas que sejam. Tão vermelhas. Maiores do que na noite anterior. Águas-vivas crescem rápido assim? Meu rosto está juntinho do vidro agora. A água está turva hoje. Um pouco mais escura, embora ainda azul-esverdeada. Estou prestando atenção em uma água-viva em especial, que flutua para longe do amontoado de esferas flutuantes. Vindo na minha direção, perto do vidro agora. Como se pudesse me ver.

"Oi", digo para a água-viva grande. E me sinto idiota. Até ruborizo.

Mas ela chega mais perto ainda. Tem uma espécie de desenho no corpo dela, não consigo decifrar direito. E olhos. Águas-vivas têm olhos? Estas têm. Vermelhos e molengos como os corpos. Fantasmagóricos, de forma que quase parece truque da luz. Quando olho nos olhos dela, eu sorrio. Os olhos estão olhando para mim. Tensos. Os olhos de uma água-viva podem ser tensos? Meu coração começa a bater de um jeito estranho. Sinto-o palpitando no peito como uma ave em pânico. Tem alguém aqui. Observando-me de uma das bocas pretas dos corredores. Ouço um clique. Uma inspiração. No canto do meu olho, uma figura aparece. A mulher de vermelho? Não. Uma estranha vestida de seda preta. Limpando a garganta. Prestes a me cumprimentar.

Mas, em vez de andar na direção dela, meus sapatos me levam para longe, para o outro lado do tanque. "Para longe? Por que para longe?", penso.

Estamos andando em círculos uma atrás da outra agora. Ela vem na minha direção, e eu me afasto. Contornamos o tanque lentamente. Cada vez que ela dá um passo, *clique*, *clique* fazem meus sapatos em volta do tanque. "Parem", digo para os sapatos. "Por favor."

Eles param. Eu me viro e olho para a jovem a alguns metros. Ela está olhando diretamente para mim, como se estivesse esperando pacientemente que eu me virasse para ela o tempo todo.

"Filha de Noelle", diz ela.

Por um momento, minha respiração trava. Fico abalada. Uma garota jovem e linda. Com uns treze ou quatorze anos. Pele translúcida. Olhos

brilhantes e claros. Uma fonte de cachos dourados, como uma boneca viva. Um vestido preto comprido, vestido de gente adulta, no corpo de criança. Mas tem algo no jeito como ela me olha. Fria, sábia. Ela não parece uma criança. E parece familiar. Eu já vi aquele rosto em formato de coração. Já senti aqueles olhos em mim. Ela era amiga da minha mãe?

"Sou amiga da sua mãe", diz ela. "Exatamente. E amiga da Filha de Noelle também, espero."

Ela sorri para mim com a boca vermelha de arco. A lembrança de infância volta: eu sentada em uma cama de princesa segurando uma boneca que eu odiava, vendo minha mãe pentear o cabelo ruivo no meu espelho de três partes. Ela está me contando aquele conto de fadas sobre a bela donzela. "Tão linda", disse minha mãe, "que todos a admiravam de perto e de longe." Lembro que pensei "ridículo", ao mesmo tempo em que desejava ser linda assim. Pensei "que mentira" ao mesmo tempo em que a imagem de uma garota nova começou a se formar na minha mente. Daquela garota nova, na verdade. A parada na minha frente. O mesmo cabelo dourado, o mesmo rosto de vidro, os mesmos olhos frios. O mesmo vestido pendendo do corpinho branco como azeviche líquido. No ombro, uma rosa vermelha presa.

"Você", sussurro.

Ela sorri como se conhecesse meu sonho de infância, mas como ela poderia conhecer? É só um sonho.

"Nenhum sonho é só um sonho", diz ela.

Minha pele começa a ficar arrepiada. Quando ela sorri, fico abalada com a simetria incrível no rosto dela.

"Como?"

"*De olhos bem fechados*. Um dos meus favoritos. Tão misterioso e cheio de trepadas. Cheio de pele. Você viu?"

Olho para o rosto em formato de coração que parece de criança, mas não parece de criança. A palavra *trepadas* tão natural na boquinha dela.

"Não", minto.

"Você gosta de pele, não gosta, Filha de Noelle? Como sua mãe."

"Você conheceu mesmo minha mãe?" "Por que essa criança conheceria minha mãe?"

Ela olha para a cicatriz na minha testa. Mas, diferentemente da mulher de vermelho, ela fica olhando. Sorrindo, como se a cicatriz estivesse lhe

contando uma piada.

"Ah, sim", diz ela. "E conheço você também, Filha de Noelle."

"Pela minha mãe?"

"Perfeito", diz ela. "Sim, exatamente. Pela sua mãe."

"Você era importante pra ela." Falo como se fosse uma pergunta. Desesperada para saber todas as coisas que não sei. Para sair do escuro.

Ela me encara, parecendo achar uma graça triste.

"Sim. E ela era uma querida pra mim, claro. Pra todos nós aqui." Ela abre um sorriso sonhador. "Na Rouge."

"Rouge?"

Ela ergue a bebida vermelha animada em um brinde.

"Um jeito de ser. Um jeito de se tornar seu Eu Mais Magnífico. Sua mãe estava entre os nossos integrantes mais valorizados."

Ela vem na minha direção. Mas, quando faz isso, meus sapatos me andam para trás, para longe dela. Não consigo acreditar que estou fazendo isso. Ela deve estar enojada com tanta grosseria. Mas ela só sorri e me alcança facilmente. Aninha minha bochecha com a mão enluvada. Ela é alta para uma garota tão nova. Tão alta quanto eu.

Agora, estou andando para trás e ela está andando para a frente no mesmo ritmo. Estamos nos movendo assim em volta do tanque, com as mãos dela nas minhas bochechas como se fôssemos um casal numa dança lenta estranha.

"Querida Filha de Noelle." Ela suspira no meu rosto. E o hálito dela é fresco e seco como fumaça. "Esses têm sido tempos muito difíceis pra você. Imagino que devam ser."

Olho nos olhos dela, brilhantes como estrelas. Eu os vi primeiro com minha mente infantil. Eles me deslumbraram na época e ainda me deslumbram. Eu assinto. Uma lágrima cai do meu olho. A primeira que derramei de verdade desde que soube da minha mãe. Não é a Fórmula desta vez. Ela parece satisfeita por ter esse efeito em mim.

"A morte", diz ela, "é só mais uma porta, Filha, nós temos que lembrar. A sua mãe", suspira, "estava fazendo um grande progresso. Uma pena perdê-la. Mas ela foi pelo caminho das rosas." Ela abre um sorriso triste. "Isso deve ser um consolo."

"Eu não entendo", digo enquanto nós duas oscilamos lentamente em volta do tanque, as mãos dela no meu rosto, minhas mãos nos seus ombros

de seda. Música suave toca em algum lugar, uma espécie de valsa. "A minha mãe caiu de um penhasco. O que isso tem a ver com rosas?"

Ela só fica sorrindo para mim. Tão triste.

"Minha mãe estava bem?", pergunto. "Estava ficando louca? Minhas últimas conversas com ela foram…"

"O quê?" Por um momento, ela me olha com curiosidade.

"Estou usando um despido de ouro líquido que queima feito o sol."

"Estranhas", sussurro. "Eu senti como se algo estivesse acontecendo com ela."

"O que estava acontecendo com ela era que ela estava se tornando seu Eu Mais Magnífico." Ela suspira como quem diz *não é uma coisa linda?*.

"O Eu Mais Magnífico dela", repito.

"Definitivamente. Talvez você tenha visto."

Um vislumbre da última vez que vi minha mãe. Uma ligação pelo FaceTime cerca de um mês atrás. "Oi, sumida", disse ela lentamente, a voz terrivelmente sonhadora e serena. "É tão bom ver seu rosto." Mas percebi pelos olhos dela que ela estava olhando para o próprio rosto. Estava perdida no sonho dele. Eu também estava. Ela estava chocantemente pálida. Tão lisa e impecável, que fiquei sem ar. E vazia. *Vazio* era a outra palavra para definir como o rosto dela estava.

"Qual é seu segredo agora, mãe?", perguntei, apesar de ter dito para mim mesma que eu não queria saber, não queria seguir por aquele caminho, fosse qual fosse.

"Se eu te contasse, não seria segredo, não é mesmo?"

Uma sensação surgiu em mim nessa hora. Sombria e afiada. Amarga como veneno. Terrivelmente familiar. Eu não a sentia havia muito tempo. Minha mãe viu nos meus olhos e sorriu um pouco.

"Você não precisa dos meus segredos, Raio de Sol. Nunca precisou."

Agora eu assinto, e a garota-mulher impossível me encara e assente também.

"Ela tinha jogado fora todos os arrependimentos, todas as sombras mentais do passado. Umas feridas tão persistentes, você não acha?"

"Acho." Ainda estamos deslizando em volta do tanque nessa dança estranha, eu indo para trás, ela indo para a frente.

"Para se tornar seu Eu Mais Magnífico. Para arrancar as teias escuras na mente. Caixas de porão cheias de lembranças mofadas. Baús trancados

a sete chaves." Ela me encara. "Se livrar de tudo, certo?"

As mãos dela ainda estão no meu rosto, tocando na cicatriz da minha testa agora. Sinto um arrepio no âmago do meu ser. Algo se abrindo, apesar de eu não querer.

"Você gostaria disso, não gostaria, Filha de Noelle?", sussurra ela. Chegando perto.

"Sim." Ao mesmo tempo em que uma voz diz "Não. Você não gostaria. Não deveria."

Ela olha no fundo dos meus olhos e sorri. E, por dentro, eu me sinto me abrindo, me abrindo. Uma eletricidade cantando na minha pele. A cicatriz da minha testa formigando embaixo das pontas dos dedos dela.

"Eu volto pra casa em uns dois dias", digo.

"Ah, é? Que pena."

Ela parece achar graça. Achar graça dos meus pés ainda me levando para trás, ao mesmo tempo em que estou hipnotizada pelo toque dela, pelo rosto dela. Não consigo parar de olhar para os olhos dela, para as bochechas, para a testa, para os lábios, para a porra de luminosidade dela. Luminosa como a minha mãe estava. Lágrimas, lágrimas de verdade, surgem nos meus olhos. Ela me olha com carinho.

"Eu quero te mostrar uma coisa."

Ela me puxa para longe do tanque e eu vou atrás. Posso segui-la agora. Nós andamos de mãos dadas na direção de uma piscina preta pequena no canto da sala. Ela se senta na beira de mármore preto da piscina e dá tapinhas no espaço ao lado dela. Quando me sento, ela pega a minha mão. Dou a mão para ela e ela sorri. Aquela simetria horrível de novo. Ela vira a minha mão com a palma para cima e a leva à água preta. O tempo todo me olhando com os olhos frios e sábios. A água é fria, opaca e aveludada na minha mão.

"O que é isso?", pergunto, a mão na água. "O que estamos fazendo?"

Ela leva um dedo aos lábios. *Shhh.* Os olhos dela estão no meu rosto.

Sinto uma coisa na palma da minha mão. Leve e escorregadia, como um desejo. Quase sem peso.

Ela levanta meu braço da piscina. E ali está. Batendo como um coração na minha mão. Uma água-viva branca pequena. Transparente como um fantasma. Um sussurro de criatura.

"Olha isso", diz ela. Ela está com um sorriso largo agora. "Te encontrou."

"Me encontrou."

"Ama você."

"Me ama?"

"Você não consegue perceber?"

Olho para a criatura ondulando suavemente na minha mão.

"Vocês vão ter uma jornada e tanto juntas", diz ela.

"Vamos?"

"Ah, sim. Uma jornada maravilhosa. *Un voyage merveilleux*. Eu sinto."

Sempre que ouço a palavra *jornada*, penso na Marva. Nas suas tantas jornadas de pele, que sigo nos vídeos, passo a passo. Na jornada iluminadora. Na jornada de retinoide. Na jornada de hiperpigmentação pós-inflamatória. Na jornada de recuperação da barreira de pele. Tantas jornadas que eu acompanhei na escuridão do meu quarto. Olho para a criaturinha branca na minha mão.

"Que tipo de jornada?", pergunto.

Ela me olha com cara de *que pergunta*.

"A única jornada que importa no final, Filha de Noelle."

"De retinol?", sussurro.

"Da alma. Uma jornada da alma, claro."

E a água-viva branca na palma da minha mão estremece.

10

Tarde do dia seguinte. Estou no carro da minha mãe, com Tad dirigindo para o antiquário no centro. Tad está dirigindo porque eu pareço estar… meio abalada, diz ele, com expressão preocupada. Bem, é compreensível. O luto é uma jornada, não é? Tem curvas e quedas inesperadas, viradas e círculos. Ele deixa os Beach Boys em um volume respeitável. "God Only Knows" preenche o Jaguar de tanta luz do sol.

"Não deve demorar. Você vai gostar desse cara. É amigo meu. Ele vai propor um bom negócio."

Isso mesmo. Esse é o motivo daquilo tudo. Vender as coisas da minha mãe. O baú antigo da minha mãe, que está no banco de trás. O abajur com formato de mulher de vestido vermelho. A estátua de um mordomo inglês segurando uma bandeja. *Le petit homme*, ela dizia. Um quadro que eu sempre amei, que tem só uma estrada de terra até uma casa escura na floresta. Tudo prestes a ser vendido por Tad. O belo e jovem Tad, que não tem ideia do que é morte ou perda.

Olho pelo para-brisa. Como virou tarde? Eu fiz meu ritual matinal? Toco no rosto. Não fiz. Tenho quase certeza de que também não fiz o ritual noturno. Marva diz que, se você precisar pular o da manhã, tudo bem, mas o ritual noturno é crucial para o conserto das barreiras. Como eu pude deixar de restaurar e reabastecer? Estou sentada aqui agora, sem minha cobertura para o rosto, minha pele suja e exposta e desprotegida da luz do dia? A última coisa de que me lembro é de estar sentada em frente à garota-mulher de preto, a água-viva pequena pulsando na palma da minha mão. Ela a pegou de mim, virou em uma caixinha de vidro cheia de água. Em seguida, suas mãos estavam na minha testa. Eu estremeci com o toque frio e suave, uma lágrima descendo inexplicavelmente pela minha bochecha. Ela olhou como se fosse um milagre. "A Filha de Noelle quer fazer uma jornada?"

E o que eu falei mesmo? Que palavras balbuciei nervosamente para o rosto lindo e expectante? "Vou pensar", falei. Tive medo de ela ficar com

raiva. Ela não ficou. Ainda estava sorrindo. Talvez só uma pequena falha nisso. Um fio de cabelo de um fio de cabelo de um fio de cabelo.

Ela saiu andando para longe de mim, em volta do aquário. Foi horrível quando ela foi andando para longe de mim e meu rosto ficou intocado de repente. Eu queria ir atrás, mas não consegui, porque meus sapatos me mantiveram grudada onde eu estava. Só olhei para ela pelo tanque, ela lá do outro lado. Ela também estava me olhando pela água azul-esverdeada. Ainda sorrindo como se tudo estivesse bem, como se eu pensar no assunto fosse bom. Uma água-viva vermelha surgiu entre nós e ficou parada lá. Eu ainda via a garota-mulher pela cabeça translúcida e pulsante. O que eu vi me fez ofegar. De repente, ela pareceu muito velha. Bem mais velha do que a minha mãe. Talvez da idade da Grand-Maman antes de ela morrer. Talvez até mais velha. "Retorcida" foi a palavra que surgiu na minha cabeça. Meu pesadelo de idade e morte em um rosto. Não consegui parar de olhar para a boca fina, os olhos como poços negros, as bochechas fundas e murchas com tantas dobras e rugas, que parecia que ela estava derretendo perante meus olhos. Eu via o crânio dela por trás da pele frouxa, sorrindo para mim. A água-viva se afastou e ela voltou a ser ela. A bela donzela do meu sonho de criança novamente. Sorrindo como antes. Talvez mais largamente agora. Muitos dentes brancos.

"Pensa", disse ela através do tanque, repetindo minhas palavras. "Faça isso."

"Bem, chegamos", diz Tad.

Vejo que paramos em uma rua na frente de uma casa que parece meio torta. Tem uma placa gasta na frente onde está escrito ANTIGUIDADES em uma fonte meio antiguinha.

"Parece fechado", digo. Parece mesmo. Todas as janelas estão escuras.

"Ah, está aberta", Tad abre um sorrindo. Ele parece mesmo estar se divertindo. Um rosto de homem idoso aparece na janelinha acima da placa. Tad acena e o homem franze a testa e desaparece. "É o Al", diz Tad. "Um cara maneiro. Sabe tudo."

Tem tanta magia no mundo do Tad. Tanta fé. Os olhos dele brilham com isso. Eu me pergunto se é assim que eu fico quando assisto à Marva. Um rubor sobe pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas.

"Tad, minha mãe falou com você alguma vez sobre a Rouge?"

Ele me olha. Só por um segundo, uma coisa sombria surge nos olhos dele. Como uma nuvem passando rapidamente pelo sol. Uma hora está lá e logo depois some.

"Rouge", repete ele, como se fosse uma pergunta. Parecendo demais uma pergunta. Ele contrai o rosto, como se estivesse confuso. "Não? Nunca ouvi falar. Rouge, é? É francês, por acaso?"

"É 'vermelho' em francês." Olho com atenção para Tad.

Ele se virou para o outro lado agora e está olhando pelo para-brisa de um jeito estranho. Como se visse algo lá. Algo terrível ou lindo, não sei. Mas, aí, ele só sorri e se vira para mim de novo.

"Bem, que tal isso? A gente aprende uma coisa nova todo dia, né?"

A loja é um labirinto de coisas velhas pegando poeira. Corredores de animais de vidro rugindo. Pinturas horríveis de paisagens horríveis em molduras douradas pesadas. Mesinhas de canto. Tantas mesinhas de canto em que só cabe um vaso. E os vasos, claro. Urnas com desenhos de flores com aparência carnívora e donzelas de olhos brancos com vestidos diáfanos. O ar ali é cheio de morte. Tudo imóvel e triste. Um odor desagradável sobe dos móveis e lembra a casa da Grand-Maman. As salas escuras e rangentes dela, cheias de porcaria. O jeito como ela andava no meio de tudo com uma das camisolas compridas de renda barata da cor de ovos de Páscoa. Carregando um pratinho de borda dourada cheio de doces que ela comia no escuro. O jeito como ela se sentava no divã rosa-dourado e via novelas ou lia Nostradamus ou falava comigo sobre o fim do mundo. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse em cavalos pretos. Eu sabia que eles chegariam logo? Eu fazia que não. Os olhos deles eram pretos como buracos, dizia Grand-Maman, e ela me olhava com seus próprios olhos pretos como buracos. Ela ficava muito empolgada com os cavaleiros. E os cavalos pretos com as bocas espumando galopando por um mundo cheio de fogo. Ela sorria e se encostava no divã como se estivesse imaginando tudo queimando. Os braços brancos, sem pelos como os da minha mãe, cobertos de pulseiras de ouro que meu pai havia trazido do Egito. Ela ligava a televisão, uma caixa preta enorme. Eu via a alma dela fechar os olhos dentro do corpo quando ela olhava para a tela.

Finalmente, minha mãe aparecia na porta para me buscar. “Belle, você está bem? Por que está tão pálida?”

“Mãe, os Quatro Cavaleiros do Apocalipse estão mesmo vindo?”

E minha mãe franzia a testa. Sussurrava alguma coisa para a mãe em francês rápido, algo que eu não conseguia entender. Sobre encher minha cabeça. Sobre religião. E Grand-Maman sussurrava de volta. “Minha neta. A verdade. Merece. O que eu falei?”

“Belle”, diz Tad. E, então, estou de volta na loja, parada no corredor cheio de animais de vidro e urnas e mesas de canto. Tad está me olhando com preocupação. “Você vem? É aqui atrás.”

Nos fundos da loja está Al, atrás de uma registradora antiga pequena. Ele está usando um boné de marinheiro e uma camisa havaiana azul-céu com uma estampa de flores vermelhas obscenas que parecem vulvas. Não olha para mim e para Tad. Em vez disso, ele olha para os itens que Tad acabou de colocar no chão. Pega o abajur da mulher. Ergue a beira do vestido de um jeito entediado e expõe as molas e os fios.

“Não toca nela, porra”, tenho vontade de gritar. Mas fico imóvel e deixo que ele apalpe a minha mãe. O abajur da minha mãe, quer dizer. Os dedos gordos. Os olhos avaliadores. Ele pega a estátua de mordomo e coloca de volta no chão. Passa o dedo na moldura dourada do quadro. “Já tem umas cem iguais na loja”, diz o rosto dele. Ele se vira para o baú preto antigo. Meu coração dispara quando ele bota a mão na tampa. Não abre. Ele olha para Tad, ergue uma sobrancelha.

“Belle”, sussurra Tad. “Você tem a chave?”

Olho para o baú, para as mãos de Al na tampa. Faço que não.

“Não tenho a chave.”

“Bem, talvez uma chave de fenda pudesse…”

“Nada de chave de fenda!”, grito. Os dois me olham. “Pode danificar a madeira”, acrescento baixinho. “Ou a fechadura. Melhor deixar trancado.”

Al e Tad trocam outro olhar.

“Bem, talvez a gente possa…”

“Olha, eu sinto muito, mas se está trancado, está trancado, tá?” Eu me curvo e puxo a tampa. E ela abre na hora.

Sinto Al me olhando com novo interesse. Tad sorrindo como se soubesse que aquilo iria acontecer.

“Toque mágico.”

Olho dentro do baú. Vazio, claro. Só uma escuridão. O que eu esperava encontrar.

"Ah, olha", diz Tad, enfiando a mão no baú. Ele ergue uma chave. Pequena e dourada. Do tamanho de uma moedinha. "A chave estava dentro do baú o tempo todo. Que curioso."

"Essa chave não é do baú", diz Al.

"Claro que é."

"É pequena demais", diz Al, a mão ainda embaixo da saia da mulher do abajur. "Parece chave de uma caixa de joias barata. Ou de um diário."

O diário vermelho que encontrei na caixa do porão surge na minha cabeça.

"Eu fico com isso", digo, tirando a chave da mão de Tad.

Atrás de nós, o sino da loja toca.

"Legal", diz Tad, batendo palmas. "Bem, o baú está aberto. Agora podemos negociar, né, Al?" Ele está olhando para Al como se o homem fosse um oráculo. "Al?"

Mas Al está olhando para a porta da loja, pálido de repente.

"Fodeu", sussurra ele.

"O que é?", pergunta Tad, se virando para a porta.

"Ela", diz ele.

Eu me viro para olhar. Mas, antes mesmo de me virar, sei quem eu vou ver. Talvez seja pelo jeito como ele disse *ela*, com desprezo, fascinação e medo. A mulher de vermelho. Usando veludo drapeado como se fosse de outro século, outro mundo. Uma sombrinha vermelha pendurada no pulso. Segurando um par de… são óculos de ópera? Sim, óculos de ópera de verdade, o cabo dourado comprido na mão com luva vermelha.

"Um show de horrores", sussurra Al.

Nós a vemos andando pelos corredores como uma noiva. Tocando em cada item pelo qual passa. Fazendo carinho. Embaixo das placas que dizem NÃO TOQUE! Mas Al não está limpando a garganta. Não está a lembrando das placas. Só está olhando para ela.

"Ela vem aqui o tempo todo", murmura ele, a mão ainda embaixo da saia da moça do abajur, apertando agora.

"Eita", diz Tad. "Qual é a dos óculos?"

"Eu não pergunto", diz Al.

"Ela deve amar antiguidades."

Al balança a cabeça.

"Ela ama alguma coisa."

Eu a vejo ziguezaguear mais rapidamente pelos corredores agora, como se estivesse caçando. Tocando em uma moldura dourada aqui, em um animal de vidro ali. Pegando um cálice de metal e apertando junto ao peito, depois botando de volta rapidamente. Levando um bonequinho de vidro até o rosto e… cheirando? Não, ela não podia estar cheirando. Eu pisco e ela foi para o corredor seguinte, segura uma urna agora, uma gigantesca com estampa de hera. Ela a está virando nas mãos enluvadas, como se maravilhada com o design. Ergue-a para a luz. Leva-a para bem perto do rosto e… sim, cheira. O nariz treme como se fosse de um cachorro. Eu a vejo dar o que parece ser uma fungada na urna. Ela treme de êxtase. Ofega um pouco. Agora, ela a leva aos lábios e bota a língua comprida para fora.

Al pigarreia alto. Ela vira a cabeça para ele, a urna ainda na mão. Olhar gelado. Olha pelos óculos, depois os abaixa lentamente. Ela me viu. Do nada, uma luz se acende nos olhos dela. Ela é toda dentes agora. Brancos e brilhantes.

Ela bota a urna no lugar e desliza até mim. Abre bem os braços. De repente, sou esmagada no abraço de veludo. Sinto cheiro de mares e rosas, e, embaixo desses aromas, outra coisa… sulfurosa e mamífera que lembra meus séruns de placenta. Mas mais fresco, mais maduro. Estou ciente de Tad e Al nos observando, trocando olhares.

"Filha de Noelle", sussurra ela no meu ouvido. "Que surpresa deliciosa."

Ela olha para Tad e Al. É um rosnado que escuto dos lábios dela? Impossível. Ela está sorrindo.

"Me conta, me conta", diz ela, segurando minhas mãos e me puxando para longe deles, me levando para um corredor cheio de animais de vidro. "O que a Filha está fazendo aqui?"

"Cuidando de umas… coisas."

"Ah", diz ela, e olha por cima do meu ombro para as coisas da minha mãe junto à caixa registradora. "Entendo." Voz baixa. Solidariedade nos olhos agora, de repente brilhando como se ela pudesse chorar por mim. "Pobre e querida Filha. Ela está desesperada, não está? *Désespérée*. A mãe a deixou em uma… saia justa."

"O que você está fazendo aqui?", pergunto.

"Ah, eu amo vir aqui. *J'adore*. Principalmente estar em meio a coisas… *velhas*." Ela pareceu se engasgar de leve na palavra *velhas*. "Você não?"

Ela acaricia a cabeça de um jaguar de vidro empoeirado.

"Elas têm tanto a nos ensinar." Ela se agacha ao lado do jaguar e eles ficam de rostinho colado. Fecha os olhos. Uma euforia estranha e profana surge no rosto dela.

"Bem, eu não queria atrapalhar suas… compras", digo.

Ela abre os olhos.

"Besteira. A Filha de Noelle é muito melhor do que qualquer vidro idiota."

De repente, ela está bem perto de mim de novo. Eu pisco, e está a centímetros do meu rosto. Olhando no fundo dos meus olhos, como estou olhando nos dela. Azuis como o céu lá fora. Sombra vermelha em volta de cada um como as nuvens mais estranhas e ardentes. Fico presa no olhar dela como uma mariposa na luz.

"Um passarinho me contou que você passou por La Maison ontem à noite", diz ela.

Visualizo o passarinho. Com cachinhos louros que a faziam parecer uma boneca que esqueceram de guardar. Olhando para mim com olhos de safira cheios de julgamento divertido. O rosto em formato de coração tão parecido com o rosto que eu tinha imaginado um tempão atrás, na minha criatividade infantil.

"Um passarinho", repito, olhando nos olhos dela. "Sim."

"Ela disse que você era perfeita."

"Disse?"

"Ah, sim, a Candidata Perfeita."

A palavra *perfeita* naquela boca perfeita. Sobre mim. Abro um sorriso contra a minha vontade. E então penso "Candidata? A quê?" Vejo Tad e Al olhando da registradora. Eles parecem de repente a quilômetros de distância.

"Muitos parabéns, Filha. Você deve estar muito animada."

"Sim." *Para quê? Para quê?*

"Mas ela também disse que você vai nos deixar? Vai voltar para o Norte Escuro? É verdade? *C'est vrai?*"

Abaixo os olhos para o piso preto e branco empoeirado. Sinto-a suspirar pesadamente. Uma brisa fria no meu rosto.

"Como isso nos entristece. Quando estávamos começando a nos conhecer. Mas, claro, estamos cientes da situação horrível na qual a Filha de Noelle se encontra." Ela olha para as coisas da minha mãe junto à registradora. Tad e Al nos olhando, sussurrando. "Ela está *désespérée*, não está?", diz ela ao meu ouvido, os lábios roçando na orelha.

"Está."

"Não é de admirar que o rosto da Filha esteja nesta… situação." Ela olha para a minha cicatriz, que formiga quente com o olhar. "Nós temos empatia. Profunda. E é por isso que adoraríamos oferecer um tratamento gratuito antes de você ir para longe de nós."

Algo em mim se anima. Uma escuridão clareia. *Tratamento gratuito?*

Ela me entrega um cartãozinho vermelho que tira de dentro da luva vermelha. VOUCHER, diz em fontes douradas que parecem runas.

"Uma experiência transformadora. Altamente elogiada. Claro que *um* tratamento, *un seul*, nunca é suficiente para alcançar os resultados desejados, *tu comprends*. Mas é um primeiro passo crucial na sua Jornada. Pode-se dizer que é *a chave*." Ela olha para o meu punho como se soubesse que tem uma chavinha dourada nele.

"A chave?"

"Da Rouge, claro." E o rosto dela quando ela diz isso se enche de um calor impossível que parece luz quente. As asas peludas da minha alma batem com empolgação. Como a luz que ela emite me aquece. Eu poderia dormir com ela como se fosse fogo.

"Você faria isso?"

"Em homenagem à sua querida mãe. Que nós amávamos como se fosse uma filha. Agora, nós amamos a Filha também."

"Belle?", chama Tad da registradora. "Tudo bem?"

A mulher de vermelho olha para Tad de cara feia. Novamente, ouço algo que parece um rosnado saindo de sua boca. Não pode ser um rosnado. Ela deve estar limpando a garganta. Ela segura meus ombros e me puxa para perto. Novamente, os lábios dela estão na minha orelha.

"Esta noite, nas Vésperas", diz ela. E o hálito frio faz a pele do meu pescoço cantar.

"Vésperas?"

"Você vai para a casa."

"Eu vou para a casa."

"E tudo será providenciado. Para espairecer a cabeça. Quando se oferece a chave da Rouge, querida Filha de Noelle, não se diz não. Se diz sim mil vezes." Ela sorri. "Acho que você vai achar os resultados impressionantes. Na verdade", sussurra ela, "acho que você vai ver que vão *tirar o seu fôlego*." Ela lança um olhar significativo para mim. "Como aquela música antiga. *Te souviens-tu?*"

"Como assim você *mudou* de ideia?", diz Tad atrás de mim. Estou do lado de fora, no sol de San Diego, fora da loja horrível do Al. O abajur da mulher está debaixo do meu braço. Estou segurando a estátua do mordomo pela cintura. Só paro de andar quando chego ao carro da minha mãe. Tad está atrás de mim, carregando o baú, ofegante.

"Desculpa", digo. "Eu não consigo, tá? Não estou pronta pra vender as coisas dela. Não para aquele tarado horrível. Nem pra ninguém." Eu balanço a cabeça. Acho que vou chorar, mas não choro. Lembro-me das duas lágrimas que derramei na frente da garota-mulher de preto. Uma e depois outra. Como ela olhou cada uma descer pela minha bochecha como se fosse delicioso.

Tad me olha com curiosidade. Encostada no Jaguar, segurando o abajur de mulher junto ao peito. O que ele sabe sobre mim e a minha mãe? O que ela sussurrava para ele depois do sexo, no escuro? Verdades horríveis sobre mim, sobre a minha infância, de que não consigo me lembrar? Mas ainda estão dentro de mim, não estão? Surgindo em fragmentos de memória. Sinto-as dobradas no meu coração, no meu cérebro, como um peso escuro. Uma caixa-preta com muitas fechaduras brilhantes. Só parece mais pesada conforme eu envelheço, com o peso de mais e mais fechaduras. Minha mãe nunca falava comigo do passado. Mas falava com ele? Imagino minha mãe e Tad na cama no escuro. Nenhum dos dois suados depois de trepar. Nenhum dos dois sua, eles devem cintilar. Tad olharia com adoração para o perfil da minha mãe. Minha mãe adorava o perfil dela. Ela se virava de lado numa conversa, e eu sabia que ela o estava oferecendo para as pessoas, como um presente.

"Minha filha", poderia dizer para o teto. Balançar sua linda cabeça. Acender um cigarro. "Vou te contar."

"Conta", sussurraria Tad, hipnotizado.

Imagino as palavras que poderiam sair da garganta traiçoeira da minha mãe. "Odiosa. Invejosa. Afastada. Que criança esquisita ela era."

Ou talvez ela não tenha contado nada a ele.

Mas, se não contou nada naquelas noites, por que ele está me olhando daquele jeito? Inseguro. Talvez até desconfiado. *De quê? De quê?*

"Olha", diz Tad. "Eu só estou tentando ajudar você a encontrar uma solução, Belle. Eu achava que você precisava de dinheiro. Meu pagamento é qualquer coisa, eu posso esperar. Mas não consigo consertar o apartamento todo sozinho. Tem coisa demais pra fazer. E algumas coisas vão além do meu pouco conhecimento."

Ele abre um sorriso triste, tão lindo, tão capaz, tão claramente um homem da minha mãe. O sol cai sobre nós, deixando-o divino, me fazendo apertar os olhos e derreter no meu vestido preto, como uma bruxa. Lembro que não estou usando Face Radiante. Nem cobertura hidratante para impedir a perda de água transepidérmica. A perda deve estar acontecendo enquanto conversamos, sem mencionar o dano oxidante da exposição sem proteção. Marva ficaria horrorizada. "A prevenção, queridas e queridos, é nossa maior arma contra o ataque dos elementos. Nossa armadura precisa ser grossa, grossa. A única vez em que você pode se dar ao luxo de sair sem é se você for parar em um buraco negro. E todos nós vamos parar em um buraco negro mais cedo ou mais tarde, não vamos?"

"Belle?", diz Tad.

Ao longe, vejo a mulher de vermelho se afastando rapidamente debaixo da sombrinha vermelha. Um guarda-chuva vermelho em um dia de sol. Eu não acho estranho. O que eu penso é: "Que jeito brilhante de afastar o sol". Sinto o cartão vermelho no bolso do peito. Bem acima do coração. Parece pulsar como se tivesse coração próprio.

"Só me dá um ou dois dias, tá?", digo para Tad.

"Mas você vai embora amanhã, não vai?"

"Um dia, então."

"Quem era aquela mulher da loja? Ela parecia te conhecer."

"Uma amiga", minto. "Amiga da minha mãe. Estou surpresa de você não a ter reconhecido." Estou virando contra ele. Olho para o rosto de Tad

com atenção agora.

"Bem, sua mãe era popular", diz ele lentamente. "Ela tinha muitos amigos, não tinha?"

II

Precisei olhar no Google a que horas eram as Vésperas. O pôr do sol. O céu está ardendo em rosa. As palmeiras escuras oscilam, como sempre faziam na voz da minha mãe, tão preguiçosas e felizes de beleza. Estou andando junto ao penhasco pela beira da água com os sapatos vermelhos. No caminho de terra pelo qual andei duas vezes no escuro. A terceira vez é a mais especial, né? Na luz do dia, é uma fera diferente. Só um caminho sinuoso em meio a arbustos e árvores baixas, em um declive de grama alta e flores silvestres. Ouço a água à esquerda, batendo serenamente nas pedras, nos muros do penhasco. Coelhos saltitam no caminho. Lagartos correm para os arbustos quando passo. Meu celular fica tocando, mas eu o ignoro. Chaz de novo. Querendo saber se vou vender a casa ou não, o que eu decidi? O diretor da funerária me lembrando de buscar as cinzas, por favor. Persephone querendo ter certeza de que estarei na loja domingo. A casa deve ficar depois da curva aqui, não? Sim, a qualquer minuto agora vou vê-la. Nervosa. Nervosa, mas animada também.

Depois que nos levou até em casa, falei para Tad tirar o resto do dia de folga. "Mas tem tanta coisa pra fazer", insistiu ele. "Pode esperar até amanhã", falei. Em casa, peguei o diário vermelho na caixa do porão. Anjelica estava dormindo em cima, mas eu a atraí para longe com comida. Botei a chavinha dourada na fechadurinha dourada e abriu na mesma hora. Prendi a respiração, como havia feito quando abri a caixa pela primeira vez. E foi engraçado. Quando abri o caderno, eu sabia exatamente o que estaria escrito na primeira página, embaixo de *Este diário pertence a*. Eu soube antes de ver as palavras *Belle, dez anos*, com minha caligrafia infantil. Minha caligrafia muito cuidadosa. Vermelha e pequena e inclinada. *1988*, eu tinha escrito embaixo do meu nome. O ano que não lembro. O ano que está em uma caixa. Senti um frio pelo corpo. Na minha cabeça, vi um disco de 45 rotações de "Walk Like an Egyptian" girando lentamente em um toca-discos Fisher-Price. Um quarto rosa cheio de aranhas, o crepúsculo do lado de fora das janelas com cortinas de babado, uma tela

cheia de buracos. Uma cama de princesa cheia de bonecas de olhos abertos.

Olhei para o diário. Hesitantemente, virei a página, e meu corpo todo vibrou com a batida do meu coração. Em branco. Virei a página seguinte. Em branco também. Virei a seguinte e a seguinte e a seguinte, mais rapidamente agora. Em branco e em branco e em branco… *mas que porra é essa?* Folheei o diário todo. Tudo em branco. Menos uma página, uma frase. Bem no meio do caderno, no meio da página. Seis palavras em uma linha única, escritas com a mesma tinta vermelha com a qual eu havia escrito meu nome e minha idade.

"Ele veio me ver de novo."

Que sensação engraçada eu tive ao ler isso. "Quem?", sussurrei. "Quem veio te ver?"

Mas a página seguinte tinha sido arrancada. Alguém havia rasgado a página toda na pressa. Na minha mente, vi um vislumbre de uma mão rasgando. O quarto rosa na minha mente ficou vazio nessa hora. Quando folheei o caderno para ver se eu tinha escrito mais alguma coisa (não havia nada), uma foto caiu. Desceu flutuando até os meus pés como uma folha caída. Eu a peguei. Só mais um recorte. Tom Cruise de novo. Cortado de uma revista, como os outros recortes da caixa de sapatos. Parecia ser de uma daquelas revistas adolescentes. Os nomes ridículos voltaram à minha mente. *Tiger Beat*. *Big Bopper*. Páginas finas e coloridas cheias de pôsteres baratos de Johnny Depp e Leonardo DiCaprio. Factoides sobre eles em caixinhas em formato de coração. Tom estava de terno preto e gravata-borboleta vermelha. Os olhos estavam sérios, como se aquele fosse um momento sério. A expressão sóbria era afetada por corações cor-de-rosa em volta do rosto. Foi estranha a sensação que eu tive ao olhar. Leve e pesada ao mesmo tempo. Olhei nos olhos de Tom e a sala pareceu balançar nessa hora. O mar rugiu do lado de fora das janelas como um animal de verdade. Pensei no jaguar de vidro na loja de antiguidades. Pensei no rosto da mulher de vermelho encostado nele. Contorcido naquele prazer estranho e faminto. "Para espairecer a cabeça", dissera ela. E, aí, lembrei que os sapatos vermelhos estavam junto à porta. Brilhando como se tivessem um novo propósito. Tratamento gratuito, por que não? Para espairecer a cabeça, sim. É o necessário. "Acho que você vai descobrir que os

resultados são de tirar o fôlego", dissera ela, os lábios perto da minha orelha. "Pegue", eu quase disse para ela. "Por favor."

Quando faço a curva junto ao penhasco, mansões aparecem como miragens no verde-selva. Monstruosidades da velha Hollywood. Templos ultramodernos de concreto e vidro. Nenhum sinal de La Maison de Méduse ainda. Ora. No caminho, uma ravina profunda à frente. Para atravessá-la, tem uma ponte branca bamba. Eu atravessei essa ponte na noite anterior? Ando para o meio trêmulo, olho em volta. A casa ainda não está em lugar nenhum. Só os muros verdes cobertos de musgo da ravina. Será que fui longe demais? Abaixo, ondas brancas quebram e chiam na pedra afiada. Na minha mente, vejo minha mãe. Parada em uma ponte de ferro preto sobre um rio escuro e veloz. O Saint Lawrence, em Montreal. Ela está bem curvada sobre a amurada, os olhos bem fechados. Mais nova do que eu agora. Usando um casaco branco e preto Yves Saint Laurent que comprou no crédito na Hudson's Bay Company. Neve caindo em volta de nós duas como peixes rápidos e luminosos. Caindo no cabelo ruivo dela e no meu cabelo preto cacheado, onde sei que não fica tão bonito. Estou vendo-a fazer um desejo. "Faz um desejo comigo, Belle", ela está dizendo. Estou olhando para ela. Tenho nove anos de idade. A época logo antes da época que está em uma caixa-preta. Estou usando um casaco rosa da cor de vômito que implorei para que ela comprasse. Ela queria comprar um casaco de veludo marinho, mas eu queria o rosa fofinho. Ela balançou a cabeça para mim como se eu não tivesse ideia, nem estilo, como se fosse demorar muito tempo para eu perceber as coisas. Ela está impossivelmente linda com os olhos fechados e o rosto inclinado para o céu cinza-escuro e os lábios curvados em um sorriso secreto.

"Está de olhos fechados, Belle?"

"Estou", menti, pois meus olhos estavam bem abertos. Olhando para a minha mãe, inclinada de forma perigosa para a frente, como se pudesse cair no rio a qualquer momento. Bastaria um empurrão. Um vento súbito. Fechei os olhos nessa hora. Fechei os olhos na época e estou fechando agora.

"Está fazendo um desejo?", sussurrou minha mãe.

"Estou."

"Tome cuidado", diz uma voz agora, o hálito no meu pescoço. E eu grito. Abro os olhos. "Mãe?"

Não é minha mãe. Não estamos em Montreal. Estou na ponte branca rangendo na ravina, sobre o Pacífico agitado. O sol poente arde em vermelho no céu. Mas não estou mais sozinha. Na ponte comigo tem um homem. Eu o reconheço na mesma hora. O gosto de cigarro e menta na minha boca. A barba preta falsa que irritou meu rosto. Agora, ele está barbeado. Usando o mesmo terno azul-escuro, aquele chapéu que faz sombra na metade de cima do rosto dele. Ele parece, como sempre, ter saído dos programas noturnos da televisão da minha mãe, sempre cheios de noir ou Nouvelle vague.

"Não vá cair", diz ele. "Tem cavernas lá embaixo, sabe. Muito traiçoeiro."

"Eu não iria cair."

"Se você diz." Ele sorri. "Me seguindo de novo, é?"

"Não", digo. "Eu também não estava te seguindo na outra noite. Nós só estávamos indo pelo mesmo caminho, por acaso."

"Estamos indo pelo mesmo caminho hoje também, será?" Os olhos dele são cinza-pálido naquela luz. O rosto é afiado como uma faca. Ele chega mais perto. Ali está o aroma de chá verde de novo. Um cheiro quente e amadeirado também, como de ervas da floresta destiladas em uma garrafa marrom. Bom para o nervo vago. Muito coisa de spa. "Vou tentar adivinhar", diz ele. "Uma certa casa de vidro na beirada do penhasco. Onde crescem rosas vermelhas."

"E se eu for?"

"Pode me considerar interessado."

"Em que exatamente?"

Ele sorri. Sinto-o observando minha pele.

"Ah, acho que você sabe."

Olho para a boca cheia de dentes brancos. Ele está usando aquele protetor labial com aroma de rosas. Uma imagem de um beijo nele surge na minha mente, mas pode ser pela proximidade dele do meu rosto. Eu coro.

"Desculpa", digo. "Não tenho ideia do que você está falando."

"É mesmo?" Ele chega ainda mais perto, as sombras intensas caindo sobre mim. "Que engraçado. Eu achei que havia encontrado uma companheira de maluquice." Mais perto ainda, sorrindo. "Mucina de caracol?", ele diz suavemente olhando para o meu rosto.

"Como?"

"Uma bruma também, definitivamente", sussurra ele, os olhos parecendo um toque. "Água de rosas, talvez leite de bétula. Um chá verde duplamente fermentado, algas e essência de arroz. O famoso Caviar Iluminador para Radiância. E, claro, a Fórmula Revitalizante para Olhos. Com infusão de diamante para luminosidade, mas o problema é que escorre." Ele limpa uma lágrima que deve ter acabado de cair na minha bochecha.

"Como você…?"

"Pode chamar de palpite bem aleatório." Ele sorri. É nessa hora que reparo na cicatriz na bochecha, parecendo um corte irregular. Brilhando em vermelho na luz do fim do dia.

"Por que você me beijou no salão daquele jeito?"

"*Eu?*" Ele balança a cabeça. "Ah, eu *jamais* faria uma coisa assim. Da mesma forma que você jamais me seguiria, né?" Ele pega uma latinha do que parecem ser balinhas vermelhas. "Jujuba de colágeno?"

Eu faço que não.

"Tem certeza? É bem gostosa. Acho que de cereja. E tem formato de rosa, está vendo? É bem bonita. Forma de rosa, gosto de cereja. Uma bela confusão pra cabeça." Eu o vejo colocar a jujuba vermelha na boca e a segurar entre os dentes. Vejo sua língua pressioná-la.

"É melhor eu…"

"Estão interessados em você, sabia", diz ele em voz baixa. "Muito. Estou com ciúmes. *Tenho inveja*, para falar como se diz."

"Quem está interessado?"

"*Eles*", sussurra ele. "Os belos." Ele me olha com expressão significativa. A mulher de vermelho surge na minha mente. Os gêmeos de véus. A garota-mulher de preto sorrindo para a minha cicatriz enquanto valsávamos para trás em volta do tanque. "Eu te vi falando com eles na escada na outra noite. Nunca tinha visto os superiores fazendo isso. Se interessarem tanto."

Eu o vejo virar a jujuba em forma de rosa na língua. Ainda intacta. Ele não está nem mastigando, só deixando que se dissolva na boca. Atrás dele, o céu está da cor de sangue. "Vésperas", lembro. O voucher no meu bolso começa a pulsar.

"Eu tenho que ir."

"Você não está perdida, né?", pergunta ele como se estivesse preocupado.

"Não."

Rapidamente, passo os olhos pelo penhasco em busca da casa. Não há sinal. Começo a andar, mas meus pés se movem devagar, os sapatos ficam pesados de repente. Sinto-os afundando a cada passo, quase como se estivessem me recusando. Quase como se estivessem sussurrando: "Você está perdida pra caralho".

"Se você estiver perdida, fico feliz em te acompanhar até lá", diz ele atrás de mim. "Para o seu tratamento gratuito."

Eu fico paralisada. Olho para ele, parado na ponte na luz cada vez menor.

"Como você…?"

"Outro palpite aleatório." Ele oferece o braço. "Você não vai querer se atrasar, né? Eles odeiam quando as pessoas se atrasam. Pelo menos, foi o que eu soube." Atraente na luz vermelha, oferecendo o braço de terno para eu segurar. "Elegante", minha mãe diria sobre aquele homem, o maior elogio dela. O corte do rosto e o corte do terno escuro e o corte das sombras. A forma irregular da cicatriz brilhando no pôr de sol sangrento.

"Eu não preciso de você", digo subitamente, quase por reflexo. "Pra me guiar, claro. Obrigada, mesmo assim."

Ele sorri e fica sério.

"Claro que não. Você só está me usando hoje. Me deixando ser seus olhos no escuro. Afinal, nós estamos indo na mesma direção." Ainda oferecendo o braço. *Vem*.

Eu me aproximo e o seguro, e ele sorri de novo, como se talvez tivesse ganhado alguma coisa.

"Qual é o seu nome, aliás?", pergunta ele quando saímos andando pelo caminho que está ficando escuro.

"Belle." Quando foi a última vez que falei para alguém que meu nome era Belle? *Mira*, eu costumo dizer, ou *Mirabelle*. Sinto minha mãe sorrindo por causa disso.

"*Belle*. Claro. Sabia que você tem cara de Bela? Do conto de fadas, né? Sobre uma garota bonita que trepa com um monstro. É um clássico."

"Eu não sei se eles trepam exatamente."

"Bem, talvez não na história, Belle. Mas eles devem trepar alguma hora. Cuidado onde pisa aí. Nossa, que sapatos lindos."

"Obrigada." Sorrindo agora contra a vontade. Segurando o braço de terno. Inspirando seu aroma de cuidados com a pele, uma mistura inebriante de extratos e botânicos que conheço tão bem. Faz com que eu fique… estranhamente feliz. Estranhamente à vontade com ele naquele caminho escuro. Escuro agora, muito. A água batendo de um lado. Um cheiro de rosas do outro, denso e pesado. "Qual é o seu nome?", pergunto.

Ele ergue o chapéu da cabeça e o coloca no lugar.

"Hud Hudson."

"*Hud Hudson?*"

"Não ria. Minha mãe escrevia romances. Todos esgotados agora, infelizmente. Bem, chegamos."

Vejo que já estamos no portão. Devíamos estar bem perto o tempo todo. Olho para o homem chamado Hud Hudson, sorrindo ao meu lado no escuro. Sinto-me enganada. Como pude não ver? Atrás do portão, a casa reluz em vermelho no meio dos eucaliptos, que também brilham em vermelho. As rosas oscilam suavemente na brisa e emanam um perfume forte.

"Vá em frente", diz ele.

"Você não vem?"

"Daqui a pouco. Eu que vou te seguir desta vez."

Estou quase indo quando ele estende a mão e me segura.

"Depois que você fizer o tratamento, eu adoraria saber como foi. Saber os detalhes luxuosos."

"Por quê?"

"Você não quer me fazer chorar de inveja, Belle? Não parece divertido?" Ele sorri e ergue o chapéu. "Esse é Monty. Esse é Alain. Esse é Paul. Farei contato. Sinto muito pela sua mãe, aliás."

"Obrigada."

Ele sai andando. E me deixa lá sozinha, querendo dizer "espera. Espera". Mas a palavra fica entalada na minha garganta. O sol desceu. Não passa de uma chama vermelha fraca acima das palmeiras e pedras e ondas distantes para as quais eu continuo sem olhar. Mas as ouço ao meu redor. O rugido gentil, implacável, primordial. E isso me lembra. "Eu não te contei sobre a minha mãe. Nunca contei."

12

A PORTA SE ABRE quando chego ao batente. A mulher de prateado que me recebeu na primeira noite. A que parecia que tinha comido cerejas demais. Ela parece mais pálida do que da última vez, os olhos envoltos em mais fumaça prateada. Ela olha para o voucher vermelho na minha mão e sorri.

"Ora, parece que estamos com sorte."

O salão está mais escuro hoje. Só consigo identificar o lustre vermelho e a forma alta do aquário gigantesco, escondido por cortinas vermelhas.

"Por aqui", diz ela, sorrindo, me levando pelo corredor. A mão no meu braço em um aperto firme e acariciante. Estou prestes a fazer uma jornada muito excitante, diz ela. Estou prestes a dar o primeiro passo. Eu estou animada?

"Muito animada", sussurro, o medo nadando dentro de mim como um peixe brilhante. Nós passamos por amontoados de pessoas luminosas com vestimentas exóticas, vermelhas e pretas e prateadas. Seus rostos claros brilham no escuro. Membros, devem ser. Não há sinal da mulher de vermelho em lugar nenhum. No patamar da escada, vejo as silhuetas dos gêmeos, os rostos cobertos. Sinto-os olhando para a mulher de prateado, que me leva pela multidão.

"Uma jornada excitante", ecoam eles quando ela me leva. "O primeiro passo."

Eles sorriem com olhos de sabedoria. Estou tocada pelas taças erguidas, pelos olhos em mim, tantos olhos da cor do céu, pelos sussurros chiados de "*Bravo*". "*Bon voyage*." Mas outra parte de mim pensa "Isso tudo por causa de um tratamento gratuito? Que deve ser provavelmente apenas uma máscara facial enfeitada?" Mas talvez eles levem máscaras faciais mais a sério ali. Chamam de *tratamento*. Eu assinto para todos.

"Obrigada. *Merci*."

Eles só me olham, aqueles estranhos.

"Nós temos que ir logo", diz a mulher, puxando meu pulso com nervosismo. Eu me pergunto se vamos pelo corredor com a placa de

RITUAIS EXCLUSIVOS ou pelo marcado como *VOYAGES MERVEILLEUX*? Mas ela me leva para uma escada comum perto das Profundezas.

Estou tendo dificuldade para segui-la pela escada em caracol. De repente, meus pés não se movem.

"O que houve, Filha?", pergunta ela, puxando meu braço à toa.

"Não sei."

Ela franze a testa. Eu não quero o tratamento gratuito? Não quero fazer uma jornada excitante? Eu digo "Com licença" e tiro os sapatos. A parte de dentro está bem quente entre meus dedos. Latejando como corações, ou um par de pulmões respirando. A escada está fria debaixo dos meus pés descalços, mas pelo menos eu consigo descê-la agora. Ela sorri, aliviada. A brincadeira da Filha na escada foi *très amusant*, diz ela, mas está feliz de ter acabado. Porque não queremos nos atrasar para uma ocasião tão importante, queremos? "Uma ocasião tão importante quanto um tratamento de spa?", eu penso. Mas digo:

"Claro."

Ela me manda correr:

"Vamos correr, tá?"

E nós duas corremos de mãos dadas pela escada. Enquanto corro, tenho vontade de rir. Correr para um tratamento. Meio que estraga a parte do relaxamento, né? Mas eu corro com ela, os sapatos batendo com mais força e mais rápido nas minhas mãos.

***

Estou em uma espécie de sala de espera vermelho-escura. Carregada do cheiro de eucalipto. Com espelhos para todo lado. "*Bon voyage*", disse a mulher de prateado e sumiu. Ela levou minha roupa e meus sapatos e minha bolsa. Me deixou descalça com um roupão vermelho e branco. Ouço uma cascata em algum lugar. O som distante de sinos. Umas revistas vermelhas, ao que parece, em uma mesa de mármore preto. Ao lado delas, um vaso cheio do que parecem ser framboesas. E jarras de água resfriadas cheias de… o que são, vasos sanguíneos? Sementes de romã. "Se controla", digo para mim mesma. Meio nervosa, acho. Por que meio nervosa? Se todos só foram gentis? Só um spa. Só um tratamento gratuito. "Eu adoraria

saber como foi. Saber os detalhes luxuosos", disse aquele homem estranho, Hud Hudson. "Eu também, Hud Hudson. Eu também quero." Sempre quis. Quantas vezes fiquei na loja de vestidos olhando fotos dos spas mais chiques no celular? Querendo poder passar pelos portões dourados e sair firme e luminosa e renascida? Pensando que o segredo está atrás daqueles portões. Segredo de quê? De algo essencial. E, agora, estou aqui. Dentro do portão. Na sala de espera. Melhor, muito melhor do que a sala de espera do meu spa em Montreal, com os exemplares antigos de *Elle* e os copos vagabundos de papel com chá fraco. Vou lá duas vezes por ano, que é o máximo que posso pagar. Duas vezes por ano, uma mulher de uniforme branco me leva para um cubículo escuro e eletrocuta meu rosto. Sinto gosto de metal nos dentes por semanas depois disso, mas vale a pena pela expressão levemente vigorosa. Depois da eletrocussão (ela chama de *microcorrente*), ela cobre minha pele ainda espasmódica com algas marinhas. Fico deitada debaixo da gosma marinha preta e fria pelo tempo que ela deixar, sonhando com luminosidade. Como em breve vou brilhar no escuro.

"Que porra você fez no rosto?", minha mãe diria quando fizéssemos FaceTime depois.

"Nada."

"Mentirosa. Você fez alguma coisa. Me conta."

"Eu não estou com uma expressão vigorosa?"

"Você está com uma expressão assustada. Como se tivesse sido atordoada."

"Bom, talvez na minha próxima visita eu possa ir no lugar aonde você vai."

Ela ficou em silêncio nessa hora. Balançou a mão como quem quer dissipar minhas palavras. "Você não vai querer ir aonde eu vou. Já te falei, você não precisa dessas coisas. O seu sangue egípcio te salva. Já comigo é outra história."

Ora, agora eu estou aqui, mãe. Eu fui aonde você vai. Talvez não seja outra história, afinal.

Eu me sento em uma das cadeiras em forma de onda. Imagino minha mãe sentada na mesma cadeira. Imagino-a de robe branco e vermelho, ouvindo os sinos e a cascata, tomando água de romã. Absorvendo tudo com um sorriso não indutor de rugas. "Isso vai ser bom." Também me faz sorrir.

Tem outra mulher comigo na sala. Ela é linda. A pele escura brilha na luz fraca. Os olhos dela são pálidos. Talvez ela também seja uma mistura. Etnicamente ambígua, como minha mãe poderia dizer. "De onde você é?", eu perguntaria àquela mulher se não odiasse a porra da pergunta. O jeito como minha mãe respondia por mim, sorrindo, dizendo "Egito" na mesma hora que eu dissesse "Montreal". A mulher está folheando uma revista. Está escuro demais para eu ver a capa. Ela pode mesmo estar lendo no escuro? Ela me olha e sorri.

"Primeira vez", diz ela. Não é uma pergunta. Ela sabe que é minha primeira vez.

"É", digo, e minha voz ecoa na sala como se fosse um corredor. "Me ofereceram tratamento gratuito."

"Tratamento gratuito", repete a mulher, erguendo uma sobrancelha. "Pra mim também."

"Pra você também?"

"Sorte a nossa. São bem caros, pelo que me disseram."

"É sua primeira vez também?" Sem nem um franzido na testa. Nem uma ruga. Ela é impecável.

"Eu fiz uma. Ainda preciso de algumas para a iluminação."

"Iluminação?", pergunto.

"O brilho", sussurra ela.

Ela volta a ler a revista no escuro. Estou feliz de ela estar ali. Outra cliente. Senão eu sentiria… não exatamente medo, isso é ridículo. Só acharia… meio estranho. Ganhar um tratamento às… que horas são agora? Não tem relógio na parede, e a mulher de prateado levou minha bolsa e meu celular. Tarde, pelo menos, para uma máscara facial. Mas é uma máscara facial que vou fazer? Eu não cheguei a esclarecer isso. Só aceitei o que a mulher de vermelho ofereceu. Falei "Muito obrigada".

"Como é?", pergunto a ela.

Ela olha para mim como se tivesse esquecido que eu estava ali.

"Como é?"

"O tratamento."

"Ah. Bem, cada um é de um jeito, né?"

"Certo", digo, como se eu entendesse. Reparo em velas pretas afuniladas na mesa agora, pétalas de rosas espalhadas. Tem uma parede de espelho ao nosso lado, mil vezes eu, até o infinito.

"Profundamente perigoso", diz ela, se virando para a parede de espelhos. Sorrindo para ela mesma lá.

"Perigoso?"

"Eu disse perigoso? Eu quis dizer *pessoal*, claro."

"Claro. Pessoal." "Pessoal? Para com isso, moça. Uma máscara facial é uma máscara facial. Até eu sei disso."

Tem rostos brancos na parede acima do espelho, eu vejo. Moldes de gesso saindo de molduras pretas. Fazendo expressões de horror boquiaberto.

"Então é microcorrente?", pergunto.

Ela só olha para seus muitos reflexos.

"Ou laser? Ultrassom? Radiofrequência?"

Sorri como se todas as palavras que falei fossem engraçadas. Coisinhas engraçadinhas.

"Um peeling, talvez?", insisto. "Glicólico?"

Ela ri e inclina a cabeça para trás. Não tem uma marca naquele pescoço. Uma mancha.

"Você conhece a… *terminologia*, né?" Ela toma um gole do champanhe vermelho. O dela é denso e escuro, da cor e da viscosidade de sangue. Tem bolhas? Não que eu consiga ver. Mas a sala está escura, não está? É besteira sentir medo. Os rostos brancos na parede são meio estranhos, mas pode ser coisa de gente rica. Como as águas-vivas atrás da cortina vermelha. Parte da decoração excêntrica do spa. "Eclético", como Sylvia diria.

A mulher ainda está rindo sozinha, ainda olhando no espelho, o champanhe vermelho denso na mão.

"Glicólico" repete ela, balançando a cabeça. "Minha nossa."

"Filha de Noelle" chama alguém baixinho. Uma mulher pequena de terno preto parada na porta. Uma mulher-sussurro. "Estamos prontas pra você."

A mulher com a revista para de rir. Ela me olha, muito séria de repente.

"Deixar pra lá vale *muito* a pena" diz ela.

"Oi?"

Mas ela se virou de novo e está olhando para seus reflexos no escuro.

Com medo. Sem motivo para estar, na verdade. É só uma sala de tratamento, como qualquer outra. Escura como um útero. Densa com vapor de ervas. Uma mesa aquecida de massagem no meio. A mulher-sussurro está no canto sorrindo. Ela parece tantas esteticistas que já vi. Uma expressão serena. Sinistramente sem idade definida. A voz como o ar. Quase ausente, como um fantasma. O inglês tem um leve sotaque, embora eu não saiba bem de onde. Ela está me mandando me despir, vai levar meu robe agora. Ela não sai da sala, como costumam fazer. Fica parada sorrindo esperando que eu me dispa.

"Ótimo", sussurra. "Ótimo. Agora se deite, por favor."

"Que tipo de tratamento é esse?", quero perguntar, mas agora a pergunta parece idiota. Ingrata. É de graça, né? Penso nos rostos brancos de gesso gritando nas molduras pretas na sala de espera. É tarde demais agora, digo para mim mesma, não é? Sua roupa e sua bolsa estão em um armário em um labirinto de corredores. Você vai ter que ser levada até lá depois como uma garota perdida. Vai ter que encontrar a mulher de prateado em algum lugar na escada em espiral. Vai ter que suplicar pelos seus sapatos. Um aperto no peito. Minha respiração está curta e rápida. A mulher-sussurro está me dizendo para fechar os olhos. Sinto-a colocar um cobertor sobre meu corpo.

"Respire", diz ela. "Três respirações profundas, pronto. Vou respirar junto. Quer que eu respire junto?"

"Quero."

Ela esfrega as mãos com um óleo aromático. De eucalipto, talvez? Estica as mãos sobre meu nariz e minha boca. Nós respiramos juntas. Sinto meu peito subir e descer.

"Pronto", diz ela. "Assim está melhor, não está?"

"Está", digo.

E está mesmo. Muito melhor. Fecho os olhos de verdade agora. O aroma de eucalipto fica mais forte. Tem vapor saindo de algum lugar como uma névoa. Um calor se espalha por mim e é delicioso. Deixo que ela lave meu rosto umas mil vezes. Um pano quente fumegante após o outro, cobrindo minha pele. As mãos ensaboadas passando pelas planícies do meu rosto, me lavando e lavando. Começo a adormecer quando ela aplica uma pasta grossa e fria nas minhas bochechas. A primeira de várias máscaras, talvez? É só máscara facial, então. Isso está claro agora.

"Estou precisando muito dessa máscara", digo. "Não faço uma há algum tempo. Vou a um lugar em Montreal, mas não é como aqui, claro."

A mulher não diz nada. Só continua a massagear a pasta fria no meu rosto.

"Mas a minha mãe vinha aqui", digo para a escuridão.

Silêncio. Mais pasta fria.

"Ela morreu recentemente. É por isso que estou na cidade. Cuidando das coisas. É por isso que estou aqui hoje. Acho que alguém aqui a conhecia. Acho que ela era membro."

Nada ainda.

"Não me surpreenderia", acrescento. "Ela tinha a pele incrível. Você já…?"

Ela aperta meu ombro. Então:

"Infelizmente, não."

Ela começa a massagear minhas bochechas com mais força.

"Me ofereceram um tratamento de graça. Foi gentileza deles."

Sinto-a sorrindo no escuro.

"Eles são muito generosos."

Ouço aquela fonte de água de novo ao longe. Uma música ambiente suave. Um zumbido leve que parece a reverberação eterna de um sino sobrenatural. Reparo em algo brilhando no canto do meu olho. Tento ver sem mover o rosto, ainda debaixo das mãos massageando. Consigo ver: uma água-viva branca pequena. Brilhando no canto da sala escura, em uma caixinha de vidro cheia de água. Sei que é a pequena que segurei na mão na noite anterior. A que era leve como um desejo. "Vocês vão ter uma jornada e tanto juntas", disse a garota-mulher de preto na ocasião.

"O que é aquilo?", pergunto. "Uma água-viva?"

"*Shhh*", diz a mulher-sussurro. E diz: "Eu só vou acender a luz pra poder avaliar sua pele. A luz é forte. Vou cobrir seus olhos, tudo bem?"

"Claro."

Agora, estou sorrindo de verdade. Porque, fora a água-viva, tudo aquilo é familiar. Primeiro, limpeza e massagem. Agora, uma avaliação seguida de extrações. Eu aguento extrações. Não havia nada a temer. Isso é meio decepcionante, para ser franca. Talvez eu quisesse ser obliterada. Ela pressiona um disco úmido de algodão em cada pálpebra fechada. Não consigo deixar de pensar em moedas nos olhos dos mortos. O barqueiro

pegando suas moedas enquanto flutuo no rio Estige. Ela aponta uma lâmpada para o meu rosto. A luz está tão forte, que consigo vê-la mesmo com as pálpebras fechadas e os discos úmidos de algodão. Vermelha ardente. Sinto os olhos dela. Olhando para mim.

"E aí?", digo depois de um tempo, porque não aguento mais o silêncio dela. "Qual é o veredito?" E solto a risada nervosa que me trai. "Estou congestionada?"

"É um jeito de falar", diz ela baixinho.

"Tem muita extração a fazer, então", sugiro. Escuto minha sugestão.

Ela está em silêncio. Não tem som nenhum na sala além da minha respiração e os sinos. O aroma de eucalipto está começando a ficar opressivo.

"Se você precisar fazer extrações, eu aguento. Sou bem experiente. Eu…"

"Está tudo aqui", sussurra ela por fim, tocando meu rosto.

Sinto as almofadas dos dedos dela passarem pela minha testa, pelos vincos fundos entre as sobrancelhas. Pelas veias em volta do nariz e pelo "bigode chinês" ao lado da boca. *Sulcos nasolabiais*, sei que é o nome. Linhas de risada que nem nasceram de tanto rir. Sinto os dedos dela voltarem para a minha testa. Eles passam pela cicatriz, pela forma de estrela. Ela toca ali com tanto carinho, que uma lágrima pequena escorre do meu olho. Ela tira os discos de algodão das minhas pálpebras.

"Abre", diz ela. Eu obedeço.

E ali estou, no espelho oval que ela está segurando sobre meu rosto.

"A memória e a pele andam de mãos dadas, sabia?", diz ela. "Boas lembranças, pele boa. Lembranças ruins…" Ela para de falar. Porque o espelho fala por si, não é?

Eu fico olhando para ele. Olho e olho para o meu reflexo horrendo. Tão perto eu já estive. Em certos dias, em certas luzes. É a proximidade que me mata. O *quase, mas não exatamente*. A tentativa e a decepção. A resignação e o desespero. Tudo marcado no meu rosto. A esperança ainda está lá, nos meus olhos. Burra, persistente, inabalável. Provoca uma expressão meio doida e assombrada. Esperança é uma erva que Marva cultiva na sombra. "Tenha fé", sugere ela. "Nunca desista", suplica ela, "dos seus #objetivosdepele. Pode ser só uma questão da combinação certa de ácidos. De não olhar tão de perto, de forma tão punitiva no espelho. Sob

luzes tão fortes, tsc, tsc." Ela debaixo de uma luz fortíssima enquanto fala isso. Parecendo tão impecável. Parecendo a prova do design divino.

Sinto a mulher-sussurro ao meu lado, depois do espelho, sorrindo de forma encorajadora. Ela pode ter 35 anos. Pode ter 65. Ao lado dela, a água-viva brilha mais intensamente, mais branca no tanque.

"E se a gente fizer alguma coisa aqui?", diz ela com uma voz que é uma carícia.

"Tipo o quê?"

"Qual é o tamanho do seu apego às suas lembranças?"

Olho no espelho de novo. As sombras e as infelicidades marcadas na minha pele. Meus poros escancarados para mim como bocas gritando silenciosamente. O peso dos anos gera um tom cinza que talvez nunca suma. Quase vejo minha insignificância. Minha proximidade total e insuportável. "Proximidade de quê?" O rosto da minha mãe surge com intensidade na minha mente.

E digo para o meu reflexo:

"Não tenho apego. Apego nenhum."

Ao meu lado, sinto a água-viva tremer no tanque. Como se estivesse suspirando.

***

Quanto tempo fiquei deitada no escuro? Na névoa do eucalipto? Na mesa aquecida ao lado da água-viva branca? Não sei. O tempo não existe ali. Ela disse: "Por que você não fica deitada aí e nós começamos?" E eu pensei: "Nós já não começamos?" Eu falei: "Que máscara." E ela disse: "Tratamento. É um tratamento."

"Tratamento", repito. "Claro."

Tem discos pretos lustrosos presos dos dois lados do meu rosto agora, nas minhas têmporas. Os discos parecem conectados à água-viva pequena no tanque, porque, assim que ela os encostou nas minhas têmporas, a criatura começou a brilhar com mais força. Como se um interruptor gradual tivesse sido completamente virado no máximo. "Para as extrações?", perguntei. "Exatamente", disse a mulher. "Para as extrações." Ela estava quase saindo quando senti a mão dela no meu ombro. "Você

talvez perceba que está meio confusa depois disso. Talvez tenha alguns brancos."

"Brancos?"

"Deixar pra lá vale muito a pena. Você vai ver amanhã no espelho. Agora, fique deitada. Você está confortável?" E a única resposta para isso foi "Estou". Meu corpo todo embaixo do cobertor estava muito confortável. Eu estava aquecida até a alma. Estava flutuando, flutuando ali na mesa. Não sabia onde eu começava e onde acabava. Não diferenciava meu próprio corpo da névoa, do sino. Havia um sorriso no meu rosto. Um sorriso leve, que não causava rugas. Meus olhos estavam se fechando e abrindo com a água-viva pequena e pulsante. Leve como um desejo. E foi assim que ela me deixou. "Volte", sussurrei. Mas meus lábios não se moveram.

Acima de mim, o teto rola para trás, olha só. Como um teto solar ou uma lona acima de uma piscina sendo enrolada. O que tem lá? Um céu cheio de estrelas? Não exatamente. Um teto de vidro, tomado de luz azul-esverdeada. A luz da água, de aquários, enche a sala escura e densa de vapor. Pelo vapor, vejo-as flutuando. Vermelhas, com tentáculos compridos pulsando. Gigantescas em comparação à criatura branca, pequena e reluzente ao meu lado. Eu devia estar embaixo das Profundezas. O tanque vai além do andar principal, então devo estar bem abaixo. Uau. É terrivelmente lindo ali. *Primordial* é a palavra que flutua sozinha na lagoa da minha mente. Estou na lagoa da minha mente agora. No fundo da lagoa tem uma caixa-preta. Uma caixa-preta com muitos cadeados que parecem dentes de metal. Está no fundo da lagoa, meio coberta de lodo. Sinto a caixa abrir a boca preta.

E aí?

Não sinto mais meu corpo. A mesa aquecida está ficando mais quente. A sala está ficando mais escura, a única luz vindo da água azul acima. A água-viva pequena brilha ao meu lado como uma estrela. O vapor ficou pesado, pesado. Estou subindo da mesa. Flutuando na direção do teto de vidro, onde as águas-vivas vermelhas gigantes flutuam. Não tem nada embaixo desse corpo que eu consiga sentir além de ar. Os discos pretos lustrosos ainda estão presos nas minhas têmporas, latejando com a minha pulsação. Eu deveria estar com medo. Mas estou muito confortável. E as águas-vivas vermelhas gigantes são tão lindas de perto assim. Eu as olho

flutuando em vermelho na água. Elas estão me deixando no clima de flutuar, de sonhar. E ali, de repente, no vidro, uma coisa que parece um filme começa a passar. Como se o vidro do aquário tivesse virado uma tela de cinema. "Ah, nós vamos ver filmes?", tenho vontade de perguntar. Mas tem o problema da minha boca de novo. Ela não se move como eu quero. Meus lábios parecem mortos no meu rosto.

Olho para a tela de vidro. Vejo uma garota nova andando nas pontas dos pés por um corredor comprido. Está usando um vestido branco de babados. Ela é feia. O vestido também é feio, mas a garota não sabe disso. Ela tem dez anos. "Como você sabe que ela tem dez anos?", pergunta uma voz interior.

"Eu só sei", tento sussurrar.

Olha. Agora ela está na porta de um quarto azul e branco. Quarto dela? Não. Não é o quarto dela. Como eu sei disso? Porque ela está com cara de culpa.

"Outra coisa que você simplesmente sabe, né?", diz aquela voz interior. "Você sabe da mesma forma que conhece seus ossos. Você sabe como conhece suas células, sua respiração."

Sim. Eu vejo a água-viva vermelha pela tela de vidro, pela cena da garotinha se esgueirando para o quarto que não é dela. Olhando para os dois lados. Olhando ao redor agora. "O que estamos olhando?", penso. E essa pergunta é hilariante. Tão hilariante quanto a pergunta "Isso é uma máscara facial?". Estou rindo, apesar de a minha boca não estar se mexendo. Minha boca está paralisada, escancarada como a caixa-preta dentro da minha mente. É da caixa-preta que vem o filme da garotinha. O projetor do filme são meus olhos.

"Você sabe o que está vendo", diz a voz. "Você está se vendo. Você é a garotinha, não é?"

Sim.

"Entrando escondida nesse quarto que não é seu."

Não é meu, não é meu.

"De quem? De quem é esse quarto? Me conta."

Olho para a garotinha na tela de vidro. A resposta é uma bolha que sai da boca da caixa-preta. A resposta é composta de uma única palavra. Fala logo.

"Da mamãe", digo com lábios mortos.

A palavra que sai da minha boca embaça o vidro do aquário, embaça o filme projetado pelos meus olhos. Mas ainda vejo a garotinha do lado de fora de um quarto que não é o dela. Aquela água-viva vermelha enorme se movendo pelo corpinho dela. Sinto minha boca se escancarando.

"Eu estou no quarto da mamãe."

13

Estou no salão escuro com a mamãe. As mãos enluvadas da mamãe estão nos meus ombros. O rosto dela perto do meu parece uma nuvem bem bonita. Ela está me dizendo que precisa sair agora. Não vai demorar. Mas não vá esperar acordada. Está bem, Belle?

"Está bem, mamãe."

"E não vá xeretar meu quarto depois que eu sair. Principalmente você sabe onde."

Eu faço que sim. Eu sei onde.

"Eu *não vou*." Estou mentindo, claro.

"Promete?"

"Prometo. Aonde você vai?"

Eu pergunto, apesar de saber. Eu sei pela roupa e pelo cabelo e pelo perfume com cheiro de violetas e fumaça. Ela está usando o terninho branco de Yves Saint Laurent hoje. O cabelo está arrumado de um jeito antiquado com ondas, como as mulheres nos filmes em preto e branco que a minha mãe gosta de ver à noite e às vezes me deixa ver com ela. Foi Nicholas, o cabeleireiro, que minha mãe chama de gênio, que fez essa onda para a minha mãe para que o cabelo dela pareça uma nuvem macia de S. Ele diz toda vez que ela se senta na cadeira do salão dele que ela é a Elizabeth Taylor dele. Ele disse isso hoje quando fomos lá para minha mãe fazer o cabelo para a noite. E minha mãe sorriu para si mesma no espelho. Ela ama quando ele diz isso. Eu vi o sorriso surgir no rosto dela quando me sentei na sala de espera e fiquei folheando uma revista chamada *Sky*. Tom Cruise estava na capa, e eu sabia que haveria mais fotos dele dentro. "Quem é Elizabeth Taylor?", perguntei. "Uma pessoa bonita", disse a minha mãe com o canto da boca vermelha, como se isso fosse a única coisa que eu precisava saber. "Uma pessoa bonita", repeti para Tom Cruise, o sorriso dele branco e ofuscante. *Havia* mais fotos dele dentro. Discretamente, arranquei a que eu mais gostei.

Depois que o cabelo da minha mãe estava pronto, ela deixou que Nicholas aparasse o meu — "só um centímetro, só a franja", disse ela — e eu odiava quando a minha mãe dizia isso. Parecia que ela estava me sentenciando a mim mesma, um lugar onde não quero e não pedi para estar. Eu queria que Nicholas desafiasse minha mãe. Que fizesse em mim o S que tinha feito nela. Nos meus sonhos, ele faz isso e depois fugimos juntos, de mãos dadas. Mas, hoje, Nicholas só aparou do jeito que a minha mãe mandou, falando com a minha mãe o tempo todo sobre algo chamado "vida de solteiro", fazendo minha mãe gritar de tanto rir enquanto fumava seu Matinee 100 na cadeira ao lado. Ele não mandou minha mãe apagar o cigarro. Não me disse que eu era nada dele. Nicholas tem cheiro de xampu e os olhos dele cintilam e o cabelo dele é muito crespo. Por um tempo, eu tive o que minha mãe chamava de paixonite. Apesar de eu não ter contado nada para ela, ela sabia. Sabia só pelo meu rosto, que minha mãe diz que é capaz de ler como um livro. Cada página. E ela disse: "Nick não gosta disso, Raio de Sol, desculpa". Eu fingi não saber do que minha mãe estava falando. E minha mãe leu essa página também.

"Mamãe", pergunto de novo agora. "Aonde você vai?"

"Vinte perguntas", diz minha mãe, o que é um aviso. Em seguida, diz: "Vou me encontrar com uma pessoa."

Um homem, claro. Sempre um homem. Qual? Minha mãe está saindo com dois homens atualmente. Ela vai se encontrar com Chip ou com o Troll? Eu odeio os dois, mas o terninho branco e o perfume de violeta devem significar Chip. Ela usa outro vestido e outro perfume que parece uma maçã envenenada e que se chama mesmo Poison, que significa "veneno", para o Troll. Tem cheiro de segredos com especiarias. O batom que ela passou (que eu amo) é o que ela usa para todos: Russet Moon da Chanel, um vermelho-escuro que faz a boca da minha mãe parecer que está sangrando. Os sapatos vermelhos reluzentes nos pés dela são para todos também. Não são meus favoritos. Meus favoritos ainda estão no closet do quarto dela, na segunda prateleira de baixo para cima, o terceiro par da esquerda para a direita. Mas esses também são bonitos. Olho para os pés da minha mãe com tiras, para o rosto maquiado com a boca Russet Moon, para o cabelo feito por Nicholas, para quem ela é uma pessoa bonita.

"Posso ir?"

“Hoje não, Raio de Sol.”

“Por quê?” Tem um choramingo na minha voz. Um choramingo que não consigo controlar. Um choramingo que minha mãe odeia. Eu a vejo fazer uma careta ao me ouvir. Levar a mão branca à têmpora branca como se fosse excessivo. Eu a segui para o quarto, onde ela tirou um chapéu do closet e colocou na cama ao lado da bolsa. O chapéu branco de abas largas com a fita preta bonita para proteger o rosto dela do sol. “Porque o sol é nosso inimigo mortal, meu bem”, minha mãe sempre diz.

“Por quê?”

“Porque nos faz envelhecer e nos deixa bronzeadas. E nós não queremos isso. É certo que não queremos envelhecer. Quanto ao bronzeamento, é maravilhoso quando temos de forma natural, como você, claro”, ela diz sempre, aninhando meu rosto nas mãos. “Você é uma das que têm sorte, Raio de Sol. Mas, quando somos fantasmas como sua pobre mãe, nós temos que tomar um cuidado excessivo.” Eu sempre achei o sol legal. Na escola, sempre que eu desenhava o sol, eu fazia um rosto sorridente dentro do círculo amarelo no céu. Fazia com que ele sorrisse para as flores abaixo, também sorrindo, e para a grama verde. Mas, desde que aprendi a verdade com a minha mãe, eu faço o sol de cara feia. Faço olhos zangados. Sobrancelhas cruéis, como vês peludos de cabeça para baixo. Ele lança raios mortais no chapéu da bela donzela, que está sentada na grama.

“Por que você faz o sol com cara de cruel, querida?”, perguntou a sra. Said, olhando por cima do meu ombro para o desenho na minha mesa. A sra. Said é egípcia, como eu. Mas completamente, não misturada. “O que é adorável”, disse minha mãe.

“Porque o sol nos deixa escuras”, falei para a sra. Said. E a sra. Said ficou preocupada. Ela já estava muito preocupada porque a maioria dos meus desenhos mostrava garotas que não se pareciam em nada comigo. Eram louras de olhos verdes, como minha melhor amiga secreta, Stacey, ou eram ruivas de olhos azuis, como a mamãe, e elas ficavam se olhando no espelho. Tinha sempre um espelho nos meus desenhos, mesmo quando eram em locais abertos.

“O nome disso é imaginação”, disse minha mãe para a sra. Said quando a professora a chamou para a escola para falar dos desenhos. Ela os

espalhou na mesa, para a minha grande vergonha. Todos os meus sóis vermelhos furiosos e minhas lindas donzelas e meus espelhos reluzentes.

"É esse o nome?", perguntou a sra. Said, e a minha mãe não respondeu, só olhou para os desenhos. Ela estava de óculos escuros e não deu para eu ver os olhos dela. A sra. Said foi quem me disse que meu sobrenome, Nour, significa "luz divina", eu sabia disso? Eu achava que Nour significava algo escuro como a palavra *preto* em francês. *Noir, Nour*, muitas pessoas francesas confundem, inclusive a Grand-Maman. *Nour*, disse a sra. Said. "Parece 'noite', mas significa 'luz', lembre-se disso." O nome da minha mãe significa "dos jardins". Ninguém olha para o nome da minha mãe com olhos apertados nem o diz como se fosse uma pergunta. *Noelle Des Jardins*, dizem, e eu sei que elas veem um lindo jardim com neve, como eu vejo. O rosto dela oferece uma imagem. O vermelho dos lábios e o azul dos olhos são como flores aparecendo no branco.

"Belle", diz minha mãe agora, "só fique aqui e seja boazinha para a Grand-Maman, está bem?"

"Mas eu não quero ser boazinha pra Grand-Maman!"

Agora estou gritando. "A Grand-Maman é malvada", tenho vontade de dizer para a minha mãe. Quero contar sobre os olhos da Grand-Maman. Como vão de castanho-claro a preto brilhante em um instante. Que o preto parece ocupar o olho todo, até a parte branca. Isso acontece quando ela me conta sobre o fim do mundo, que vai acontecer em breve. Ela vai começar assim que a mamãe sair. "Belle", ela vai sussurrar da sua ilha branca que é o sofá. "*Viens ici*." Mas nunca dá tempo de contar para a minha mãe, porque ela sempre está indo para algum lugar.

"Mãe, por favor, me deixa ir com…"

"Não, Belle."

E as palavras são como um tapa. Meu rosto arde. Por um minuto, minha mãe parece cruel. Parece que a beleza dela era só um disfarce. Essa boca fina e dura, esses olhos faiscantes, essa mandíbula de pedra… essa é a verdade do rosto dela.

"Fique. Aqui. Fique aqui e seja boazinha e *não entre no meu quarto*."

"Eu não entro!", berro. Eu minto muito mal. Sinto meu rosto ficar vermelho. Olho para o chão, onde vejo meu pé se balançando. Sinto-a olhando para mim, não com raiva, mas como se sentisse pena de mim. Ela enfia a mão na bolsa. Acende um dos cigarros compridos. Olha o que eu

fiz. Eu a fiz fumar. Ela está tentando parar, tentando muito, mas nunca vai conseguir comigo por perto. *Choramingando*. Ela exala uma pluma de fumaça na minha cara.

"Vá brincar com as suas bonecas ou fazer alguma outra coisa, está bem? Acho que você está meio velha pra isso agora. Vá ler um dos seus livros de contos de fadas, que tal?" Ela faz parecer que é divertido. Como se eu não tivesse lido aqueles livros mil vezes antes.

"Está bem", digo.

"Cabeça erguida, Raio de Sol. Chega de cara feia. Senão o quê? O que a gente diz?"

"Vai bater um vento e vai ficar assim pra sempre", concluo.

"Isso *mesmo*. E nós não queremos isso, pode acreditar." E ela me imita fazendo beicinho. Deixa os olhos pesados e projeta o lábio inferior bem para fora. Não quero rir, mas não consigo segurar. E minha mãe sorri. Bate na minha cabeça "Bem melhor." Ela beija o ar perto do meu rosto três vezes. Sinto uma amostra das violetas e fumaça, o cheiro de cera animal do batom.

"Traz alguma coisa pra mim?", grito para ela. Patético. Ainda não sei o significado da palavra, mas assim que ouvi minha mãe a usar para se referir a alguém, eu soube que eu era aquilo. Ela já está saindo pela porta, mas me escuta.

"Tipo o quê?", grita ela por cima do ombro.

"Você", penso depois que ela sai.

Da janela da sala, eu a vejo ir. Tem um homem esperando do lado de fora do nosso prédio com um conversível vermelho moderno. Chip. O que minha mãe diz que se parece um pouco com Montgomery Clift. "Monty", diz minha mãe sobre ele, e meio que suspira, como se tivesse realmente conhecido Montgomery Clift, como se ele não fosse um estranho morto. Quando minha mãe chama Chip de *Monty*, ele fica irritado. "Eu não sou bicha", diz Chip, depois pisca para mim. Eu não pisco para ele. Eu odeio o Chip. Ele não se parece nada com o homem bonito que vejo na tela preta e branca da minha mãe à noite, que minha mãe chama pelo primeiro nome apenas, como se eles fossem amigos. Acho que tem alguma coisa muito errada com os olhos da minha mãe se ela vê Monty em Chip. Aparentemente, Chip tem "Conexões na Indústria", diz minha mãe — "o que quer que isso signifique", Grand-Maman sempre acrescenta —, e, se

ele conseguisse um papel para a minha mãe no próximo filme dele, não seria maravilhoso para ela? Aí minha mãe não teria que se matar na seção feminina na The Bay, atendendo aquelas *damas* horrendas. "As damas são tão difíceis, Belle", diz minha mãe, fechando os olhos como se ainda as visse em pensamento. Mas difícil é uma coisa, sussurra ela. Minha mãe aguenta o difícil. Minha mãe aguenta qualquer coisa, ela é uma sobrevivente, afinal. O desafio para a minha mãe nas damas que fazem compras na seção feminina é que elas Não Têm Estilo. Elas só querem as calças mais tristes do mundo. Suéteres para se esconderem dentro, mesmo com a minha mãe feliz em mostrar outras opções. Elas sempre escolhem a Morte por Poliéster. Minha mãe às vezes quer perguntar por que não ir direto para a loja de materiais de construção e comprar de uma vez um saco de lixo e entrar no rio Saint Lawrence e acabar de uma vez com tudo? É a falta de estilo, a falta de sonho que faz minha mãe ter enxaqueca toda vez que chega em casa. Faz com que ela precise ficar no escuro por muito tempo, vendo filmes velhos para fazer o que ela chama de *limpeza*. E se eu ficar mais quietinha do que o silêncio, se eu deixar minha mãe sentada fumando no sofá, olhando para a tela da televisão como se fosse uma janela para o mundo mais mágico que existe, movendo a boca com as frases que ela sabe de cor, eu posso ficar com ela. E a minha mãe talvez até dê tapinhas na minha mão, aponte para a tela com o cigarro, para Elizabeth Taylor ou Gene Tierney ou Catherine Deneuve e diga "Viu? Isso é estilo." "Vi", eu digo, mas estou olhando para o rosto da minha mãe fixado na tela, sonhando que está naquele outro mundo. O rosto dela fica de um jeito que nunca fica. Suave. Aberto. Como se ela pudesse chorar a qualquer segundo, mas ela não chora. The Bay e as damas sumiram da mente dela. Ou foi minha mãe que sumiu, a tela a levou. Abriu uma porta pela qual minha mãe entrou. Os filmes fazem isso com a minha mãe, abrem uma coisa que normalmente está fechada. Acho que fazem isso comigo também, às vezes. Alguns específicos, pelo menos. Se Chip ou o Troll ou quem quer que fosse conseguisse um bom papel para a minha mãe, *só um*, minha mãe poderia abandonar The Bay e as damas de lá para sempre. Ela botaria fogo no local ao passar pela porta. Tacaria fogo em todas as calças e suéteres e não sentiria pena. Tudo pegaria fogo rápido, diz ela, pois a maioria é feita de material vagabundo.

Agora, Chip sorri quando vê minha mãe andando na direção dele com o terninho branco, que ela comprou com o desconto que tem na The Bay, o que minha mãe chama de "única graça salvadora". Quando olho para Chip sorrindo, penso em lobos com pele de cordeiro. As presas escondidas na lã branca. Ela entra no carro, que se abre de um jeito engraçado, tipo as portas do carro em *De volta para o futuro*. Ela não me vê olhando pela janela. Embaçando o vidro. Dizendo para ela não ir.

"Sai da janela, Belle", diz Grand-Maman. Sentada atrás de mim com a camisola de renda rosa, comendo *religieuse* e assistindo a *All My Children* no canto escuro. Mesmo na tarde clara de junho, Grand-Maman transforma qualquer lugar em que se sente em canto escuro. Os dedos cheios de joias estão grudentos de xarope. Ela tirou os dentes para poder sentir o gosto. Fico ciente do cheiro dela. Pão velho e vômito e Shalimar. As joias tilintando suavemente. Pedras de todos os tons cintilando no pescoço, nos pulsos, nos dedos. Algumas dadas para ela pelo marido morto, meu *grand-père*, e pelo meu pai quando ele estava cortejando a minha mãe. Por outros homens também. Ao que parece, todo mundo dava ouro para a Grand-Maman, como se ela fosse da realeza. Agora, ela vive carregada. Ela já foi uma grande beleza, diz minha mãe. Quando diz isso, penso na boca frouxa da Grand-Maman e nos olhinhos no rosto sem sangue. No cabelo grisalho meio em pé, como uma bola de pelos eletrocutada. "O que aconteceu?", perguntei à minha mãe. E, por um segundo, achei que ela iria me bater. Mas ela só deu de ombros. "Ela jogou fora. Abriu mão."

Se eu tivesse beleza, decidi naquele momento, eu nunca a jogaria fora. Nunca abriria mão dela.

Agora que minha mãe foi embora com Chip, eu me preparo para Grand-Maman me contar sobre o fim do mundo. A escuridão cheia de cavalos, os olhos dela ficando pretos. Minha mãe não me fala o bastante sobre isso, diz Grand-Maman. Minha mãe esqueceu quem é desde que se mudou do norte para Montreal. Falando inglês com a filha não batizada. Nem vai mais à missa na maioria dos domingos. Se não fosse Grand-Maman, diz ela, minha alma poderia ser totalmente perdida para as trevas. Mas, hoje, Grand-Maman não diz nada. Só olha para *All My Children* como se nem estivesse vendo a novela. Ela me manda ir brincar no meu quarto.

"Está bem", digo.

E, nesse dia, ando pelo corredor como se estivesse indo para lá. Mas não estou indo para lá. Eu sigo pelo corredor. Até o finalzinho. Até o quarto azul e branco que eu amo e que tem cheiro de sonhos. Tomo o cuidado de girar a maçaneta de um jeito que Grand-Maman não escute. Quando abro a porta, suspiro. Paredes azuis da cor do céu. Cortinas de veludo azul que filtram a luz. Tem uma cama branca enorme de vime com lençóis limpos em azul e branco. Tem o closet dela à esquerda. Tem a penteadeira branca de vime à direita, com a bandeja com frascos de perfumes em tantas formas de vidro. Lágrimas e estrelas e flores estranhas, oferecidos pelas amigas da minha mãe dos balcões de beleza. Eu tenho que tomar muito cuidado no quarto da minha mãe. Por causa do vime, tudo range quando me sento, até quando toco.

A porta do closet é branca e alta, bem fechada. Vejo minha mãe dizendo "Não abra essa porta. Prometa." Quando abro a porta de correr, faço bem devagar. Eu já fiz isso. Sei como deslizá-la bem silenciosamente.

Escuro aqui. Não encontro o interruptor. Mas sinto as roupas da minha mãe penduradas dos dois lados. Sinto o cheiro de violetas e fumaça. Minha mãe as separa por cor, mas em geral são só as três cores que ela mais ama: branco e preto e vermelho. Ela ama vermelho mais do que tudo. Por causa do cabelo e dos olhos, diz ela. E da pele, o que ela chama de sua "coloração". "Todo mundo tem uma estação baseada em sua coloração, Belle." Minha mãe leu isso na revista *Vogue*. Minha mãe é inverno, diz ela. "O que eu sou?", perguntei. "Provavelmente outono", disse ela, por causa da minha coloração. "Tudo é coloração, Raio de Sol."

"Que cores eu sou se eu for outono?"

"Verde-oliva", disse minha mãe. "Terra. Ferrugem. Mostarda. Não parece bonito?"

"Não." Todas me pareceram cores de pesadelo. "E se eu não quiser ser outono?"

"Bem, Gota Carregada, eu não crio as regras, né?" E minha mãe apontou para a revista. "Está vendo?" Era a *Vogue* que criava as regras, não a minha mãe.

Eu continuo sem encontrar a luz no closet, mas meio que vejo no escuro agora. De todo modo, eu sei o que estou procurando. Sinto que estão ali. Na segunda prateleira de baixo para cima, o terceiro par da

esquerda para a direita. Brilhando como um desejo. Cetim vermelho com pontas finas com penas. Saltos altos finos. Eles mostram os pés brancos da minha mãe em uma teia vermelha. "São como lingerie para os pés", disse minha mãe quando os comprou. E eu falei "O que é lingerie?" E ela respondeu "Deixa pra lá."

Com cuidado, estendo a mão e os pego. Calço-os sentada no chão. "Por que você nunca usa esses pra sair?", perguntei uma vez para a minha mãe.

"Porque eles não são pra sair."

"Existem sapatos pra só usar dentro de casa?"

"Existem sapatos pra tudo."

"Pra que são esses, então?"

"Deixa pra lá, Belle."

Mas eu sabia. Aqueles sapatos eram pro sexo. Saber disso me deixou tão vermelha quanto os sapatos. Pensar na minha mãe fazendo sexo. Minha mãe e Chip. Minha mãe e o Troll. Eu ouvia sons às vezes pela parede do quarto à noite e me perguntava se o que eu estava ouvindo era sexo. Eu não sabia o que era sexo, não exatamente. Era o que minha mãe tinha me mostrado em um livro infantil chamado *Qual é o grande segredo?*. Nele havia duas pessoas feias, um homem desenhado e uma mulher desenhada, que estavam sempre nus e sorrindo e de mãos dadas. Eu odiava aquele livro. Minha melhor amiga secreta, Stacey, que é dois anos mais velha do que eu porque eu pulei um ano e ela repetiu um, diz que sexo não é como naquele livro idiota.

"Como é, então?"

"Eu não posso dizer", diz Stacey, como se tivesse segredos. Stacey é assim comigo. Eu sou só a melhor amiga secreta dela, afinal. Stacey usa Black Honey nos lábios como Molly Ringwald em *Clube dos cinco* e anda em uma nuvem de Love's Baby Soft porque "a inocência é mais sexy do que você pensa". Se alguém soubesse que a gente andava junta, seria muito ruim para Stacey, diz ela. "Socialmente." Em termos de garotos, Stacey teve o que ela chama de "experiências". A única experiência que eu tive foi em um sonho da Stacey. Ela me contou uma vez que sonhou que eu dancei música lenta com Gabriel Gardner, a música sendo "Don't Dream Is Over", do Crowded House, e depois ele me beijou na pista de dança cheia de fumaça. "Beijou de língua", disse ela. Eu quase morri de felicidade quando Stacey me contou isso. Depois, eu já pedi para ela me

contar o sonho várias vezes: o que eu estava usando, o que Gabriel Gardner estava usando, como estava a cara dele antes de ele me beijar, em que parte da música nos beijamos — mas Stacey sempre diz que não está a fim. Na última vez em que perguntei, foi quando ela dormiu na minha casa, e Stacey disse que estava cansada e fechou os olhos. Olhei para os olhos fechados pela franja loura fina. Só conseguia pensar que o sonho comigo estava ali dentro, em algum lugar. Flutuando dentro do crânio dela como uma daquelas águas-vivas que eu tinha visto no aquário uma vez. Escorregadio. Frágil. Meu.

Os saltos da minha mãe são tão altos, que quando tento ficar de pé eu quase caio. Mas agarro a maçaneta do closet bem na hora. Faz um rangido.

"*Ça va?*", grita Grand-Maman.

"*Oui*."

Vou rapidamente me equilibrando até a penteadeira da minha mãe. Borrifo o perfume de violetas e fumaça do frasco com formato de estrela irregular. Minha mãe tem outro batom vermelho? Ela levou o melhor vermelho, mas tem um menos vermelho ali na gaveta. Um tubo azul e dourado arranhado em formato de hexágono. *Rouge* é o nome. De alguém chamado *Dior*. Cubro os lábios sem olhar, só quero olhar quando tiver terminado.

No espelho da penteadeira da minha mãe, só consigo ver a metade de cima do meu corpo e não consigo ver os sapatos. Ela tinha um espelho de corpo inteiro atrás da porta do quarto, mas o retirou. A porta ainda tem a forma do espelho. Vejo os buracos onde a minha mãe o prendia. Eu sempre achava que aquele espelho devia ser mágico, porque minha mãe não parava de olhar para ele. Eu chamava por ela várias vezes, "mamãe, mamãe, mãe!", e ela continuava olhando para o espelho como se estivesse em um transe de contos de fadas, como se o reflexo estivesse contando alguma coisa para ela.

Onde está aquele espelho agora? Eu olho pelo quarto. Em lugar nenhum.

"Belle? Tem certeza de que você está bem?", pergunta Grand-Maman da sala.

"Ótima."

Vou me equilibrando de volta para o closet, pronta para tirar os sapatos. E, aí, vejo o espelho. Apoiado na parede dos fundos do closet. Virado para

a parede, como se estivesse com raiva da minha mãe. Ou talvez a minha mãe o tenha virado por estar com raiva do espelho, como quando ela me faz ficar em um canto. Eu o viro, da forma mais silenciosa que consigo. Pesado. Tem uma rachadura bem no meio. Minha mãe deve tê-lo quebrado. Está empoeirado e sujo. Mas pelo menos vou poder me ver nele. Quando limpo o espelho com a mão, fico subitamente cheia de esperança. Talvez com os sapatos vermelhos dela e o batom dela, talvez no espelho da minha mãe, eu veja outra coisa. Outra pessoa. Não este rosto ou este corpo. Não esta pele, que eu queria poder tirar como se fosse um terno. Alguém que me faça não querer olhar para o outro lado. "Quem?", me pergunto.

Mas, quando olho no espelho, o que eu vejo é o que eu sempre vejo. Meu corpo arredondado. Meu rosto monstruoso. "Linda", diz minha mãe, mas eu sei agora que ela mente. Eu também consigo ler minha mãe. Cada página. Minha pulseira egípcia de ouro — "um presente do seu pai" — brilha no meu pulso peludo. Tem um olho nele sempre encarando. O Olho de Hórus, explicou minha mãe quando a deu para mim. "Um deus egípcio da mitologia. Você ama mitologia", insistiu minha mãe.

"O que é mitologia?"

"Histórias velhas. Como seus contos de fadas."

Olhei para o olho estranho, pintado. Não se parecia em nada com os contos de fadas para mim.

"Pensa nele como o olho do seu pai", disse minha mãe. "Cuidando de você." Ela nunca me deixa tirar. Eu tiro do pulso agora. Deixo cair no chão com um estalo. Na mesma hora, me sinto mais leve. Eu fecho os olhos. Uma terra distante. Um castelo perto do mar. É essa a história que minha mãe me conta todas as noites. Sobre a bela donzela. Eu sorrio porque consigo vê-la. Quando fecho os olhos assim, eu sou ela. Andando pelo castelo com a pele reluzente e o cabelo fazendo um S.

Eu abro os olhos. O que vejo no espelho da minha mãe não é mais eu. A rachadura no meio sumiu. O vidro está brilhando. E tem uma forma. Uma forma escura cintilando no espelho. Ondulando como fumaça. De repente, fico empolgada. Paralisada enquanto olho a fumaça se reunir em alguma coisa.

Não alguma coisa.

Alguém.

Um homem.

Tem um homem de verdade no espelho. Ele está borrado nas bordas, como um lago ondulando depois de você jogar uma pedrinha. Mas eu o vejo ali. Ele é bonito. Tem cabelo escuro ondulado. Olhos de um azul-esverdeado brilhante. Ele parece ter saído dos filmes. Parece um príncipe de contos de fadas.

"Você é um príncipe?", sussurro.

Ele sorri com os lábios vermelhos.

"Se eu sou um príncipe?", sussurra ele. Olhando para mim do outro lado do espelho ondulante. Intensamente. Tão intensamente, que eu tremo. Mas a voz dele está brincalhona. "Você me conhece", diz a voz dele. "Não conhece?"

Eu faço que sim. "Conheço." A voz, o rosto. Eu conheço.

"Dos filmes", sussurro. "Você é dos filmes."

E subitamente ele não está mais borrado. Ele entra em um foco claro. O sorriso mostra dentes. Longos e brancos, meio tortos. "Sim. É isso mesmo."

Meu coração dispara. O filme. Eu o vi no cinema com a minha mãe e depois escondido com Stacey. Ele não está usando óculos de aviador nem uniforme de piloto, mas, fora isso, é idêntico a ele. *É* ele. Eu sei disso como sei que meu coração está disparado; disparou assim no cinema escuro também. Minha respiração trava.

"Ah, meu deus", sussurro para o espelho. "É você mesmo?"

"Sou eu mesmo", sussurra Tom Cruise.

Tom Cruise. Ali, no espelho da minha mãe. Tom Cruise, em carne e osso. Bem ali do outro lado do vidro, o sorriso branco e ofuscante. Igual ao filme, menos pela roupa, que é toda preta. Como na foto que arranquei da revista *Sky* enquanto minha mãe estava sentada com o cabeleireiro deixando o cabelo dela em forma de S. Não sei por que eu fiz aquilo, só olhei para os olhos cor do céu e arranquei. Em silêncio, com cuidado, para minha mãe não ouvir nem ver. Dobrei três vezes e guardei no fundo do bolso do meu vestido, onde ainda está. Tom está sorrindo para mim. Os lábios estão um pouco mais vermelhos do que eu me lembro. Mas ele fala igual ao Tom Cruise. Sorri igual ao Tom Cruise. De repente, meu rosto fica muito quente.

"O que você está fazendo aqui? O que está fazendo no espelho da minha mãe?"

Tom continua sorrindo com os dentes brancos compridos. Um é mais comprido do que os outros, como uma presa de um lado. Os olhos dele dizem que algumas coisas são segredo, certo? Melhor continuarem assim. Algo dentro de mim pega fogo. Minha pele fica arrepiada até os pés. Eu sei por que ele está aqui. Sei antes de ele dizer as palavras:

"Eu vim te ver, Belle."

Eu. Tom Cruise veio me ver. Claro que veio, embora parte de mim pense "não pode ser". Reparo que ele está segurando uma rosa cheia de espinhos.

"Você não deveria estar em Hollywood?"

Quando digo "Hollywood", penso na minha mãe, apesar de ela ser a última pessoa que quero ter na cabeça agora. Hollywood é para onde ela quer ir alguma hora. Como ela vai ser a estrela que ela nasceu para ser se ficar em Montreal, *porra*? Fazendo teatro? Um comercial aqui, um filme ali? Ela está cansada de ser um peixe grande num lago pequeno, ganhando migalhas na seção feminina. "Um dia, nós vamos chegar lá, Raio de Sol", ela sussurra para mim à noite, segurando minha mão no escuro como se o sonho fosse meu, não dela.

Tom Cruise balança a cabeça. Ele ainda está sorrindo para mim.

"Eu tinha que te ver", diz ele.

"Tinha?"

"Definitivamente."

A rosa brilha nas mãos dele. A rosa, eu sei, é para mim. Meu coração treme, se ilumina. Estamos dançando com uma música que toca de repente. A música que eu amo do filme, a sobre tirar o fôlego. Tom dá um passo para mais perto do vidro que nos separa. Ele está sério agora. A mandíbula se aperta, como no filme, quando ele sente necessidade de velocidade.

"Posso entrar?", sussurra ele. Tom está perguntando como se o espelho fosse uma porta que eu posso abrir. Eu vou abrir a porta para ele?

"Pode", eu me ouço dizer. "Por favor."

E aí? Tom Cruise atravessa o espelho da minha mãe. O espelho parece gelatina. Quando Tom passa, o espelho faz um som de sucção que me lembra de lulas. E ele está aqui. No closet da minha mãe comigo. Parado

no mesmo chão em que estou, com os sapatos vermelhos de saltos altíssimos da minha mãe. Tão altos, que os olhos de Tom estão só um pouco acima da minha cabeça. O rosto dele está a centímetros do meu. E tudo parece acontecer em câmera lenta nessa hora. Como em um filme. Um filme dentro do qual eu estou. Ele tem cheiro de mar, do céu sobre o mar, da brisa que a água traz. Meu corpo está mole. Não consigo respirar porque Tom está tirando meu fôlego. Ele está sorrindo para mim como sorri para aquela mulher loura do filme, como Chip sorriu para a minha mãe agorinha mesmo. Eu sou fogo. Não sei nenhuma palavra além do nome dele. Não existem olhos além dos olhos do Tom Cruise, que não são mais azul-esverdeados. São vermelhos. Vermelhos e brilhantes como os sapatos nos meus pés, como a rosa nas mãos dele.

"Qual é o problema dos seus olhos?", tenho vontade de perguntar a Tom. Mas não quero ser grosseira. E talvez de perto assim os olhos de Tom sempre fossem vermelhos, eu que não havia reparado. Mas eu não teria reparado antes?

"Toma", diz Tom, me entregando a rosa. "Pra você."

"Obrigada." Ninguém nunca me deu uma coisa assim. Mal posso esperar para contar para a Stacey…

"Não conta pra ninguém", diz Tom, conhecendo meus pensamentos. Conhecendo meu coração. Ele parece muito intenso.

"Não vou contar", sussurro. E, apesar de eu estar triste por causa da Stacey, amo o fato de que Tom não quer que eu conte. De que é segredo.

"Nosso segredo", diz Tom. "Da sua mãe também."

"Da minha mãe também?"

Ele assente. Dá um passo para mais perto de mim. Coloca as mãos no meu rosto. Tom Cruise faz isso. As mãos dele estão meio grudentas e frias. Eu tremo com o toque dele.

"Você entende de segredos, né, Belle?"

"É", digo para Tom.

Ele sorri.

"Que bom."

Mesmo com os olhos vermelhos, ele é a coisa mais bonita que eu já vi. Mais bonito do que qualquer uma das minhas bonecas idiotas. Mais bonito do que qualquer príncipe e que a Branca de Neve. Bem mais bonito do que Gabriel Gardner e até Val Kilmer, o ator do filme em que eu vi o

Tom Cruise pela primeira vez. "Iceman", suspirou Stacey no cinema, e agora a parede do quarto dela está coberta com aquele rosto frio com sorriso debochado. Eu pensei: "Como é possível ver Iceman quando tem Maverick?" Mas não falei nada. "Iceman", concordei, mas pensei não, nunca nem em um milhão de anos. A pele de Tom brilha como vidro. Ele tem lábios vermelhos, como se estivesse usando o batom Russet Moon da minha mãe ou como se tivesse comido cereja. Ele quer dançar comigo. "Com você, Belle." Como a minha mãe, ele também me chama de Belle. Ele se curva um pouco, como se fosse de um mundo de contos de fadas. Ele estica a mão brilhante e eu a seguro. A sensação é como a de uma mão qualquer, só que mais leve, mais fria. Mais parecendo gelatina.

"Take My Breath Away" está tocando ao nosso redor no closet escuro da minha mãe. Tom e eu estamos dançando. Eu nunca dancei música lenta com um garoto fora do sonho da Stacey. Eu vi Stacey dançar com Gabriel Gardner no nosso baile do sexto ano, enquanto eu dançava com a sra. Said. Eles botaram as mãos nos ombros um do outro e se balançaram como se estivessem em um barco. Os braços esticados, como zumbis. Mais tarde, Stacey disse que foi uma delícia.

Dançar uma música lenta com Tom Cruise não é assim. É incrível. As mãos frias e grudentas nos meus ombros, só um pouco mais baixos do que os dele graças aos sapatos da minha mãe. Os olhos vermelhos grudados nos meus olhos. O sorriso fazendo minha pele tremer e queimar como se estivesse gelada e ardendo ao mesmo tempo. Ele está me acendendo por dentro. Como se eu fosse uma vela na igreja escura da Grand-Maman. Ele me diz que tem um castelo perto do mar. Em uma terra distante. Não me diz isso exatamente em palavras. Nós falamos em outra língua. Uma língua de olhos. Os olhos do Tom. E o sorriso dele, cheio de dentes brancos, afiados e compridos.

"Gostei dos seus sapatos", diz Tom, como Tom diria. Ele é muito sério sobre isso. "Uau", sussurra ele, balançando a cabeça para os meus pés. "São tão bonitos."

"Obrigada", sussurro. Não digo que são da minha mãe.

"Tão bonitos", repete Tom. Sem olhar para os meus pés agora. Olhando nos meus olhos, cor de lama. "Como você."

E, quando ele diz isso, lágrimas caem. Eu abaixo a cabeça para Tom não poder ver.

"Não sou", digo, balançando a cabeça. Eu não deveria estar contando a ele a verdade sobre o que sinto. "É a minha mãe que é bonita", digo olhando para os sapatos vermelhos. "Não eu."

As palavras caem da minha boca como folhas de uma árvore. Tem um jogo que as meninas da escola fazem chamado Honestamente. Nós nos sentamos em círculo e nos revezamos fechando os olhos. Quem fecha os olhos pergunta ao círculo "Eu sou bonita?", e as pessoas levantam a mão se acham que *sim* e não levantam se acham que *não, lamento*. E alguém conta as mãos e é assim que você sabe honestamente. Na última vez em que jogamos, todas as garotas, quando fecharam os olhos, cantaram "Não tem ninguém levantando a mão, não tem ninguém levantando a mão", e nós rimos, mas quase todas levantamos as mãos. Quando foi minha vez, eu fechei os olhos e cantarolei "Não tem ninguém levantando a mão, não tem ninguém levantando a mão", e ninguém riu. "Quantas mãos?", perguntei quando abri os olhos. "Uma", disse Valerie, que era nossa contadora, que minha mãe dizia que parecia um roedor. Ela tinha recebido três mãos. "Bem, pelo menos agora você sabe honestamente", disse Ashley. Ela tinha recebido cinco. Eu assenti. Agora eu sabia honestamente. Ashley me olhou com cara de "sinto muito", como se talvez tivesse sido ela a única a levantar a mão. Mas eu sabia quem havia sido porque tinha espiado. Stacey. Ela até tinha olhado de cara feia para todo mundo, tipo "sério?". Mais tarde, contei para a minha mãe sobre o jogo e ela me olhou por muito tempo. "Eu não quero você brincando dessa merda nunca mais", disse ela.

"Por quê?"

"Porque é idiota, é por isso." Ela acendeu um cigarro. Na tela da televisão, Grace Kelly estava prestes a tirar um vestido de noite lindo para vestir uma camisola mais linda ainda enquanto Jimmy Stewart estava de pijama olhando da cadeira de rodas. "Vá", disse minha mãe para mim, os olhos na tela.

"Eu achei que a gente iria assistir agora."

"Eu não quero que você assista agora."

"Pra onde eu vou?"

Ela balançou a cabeça para a tela. "Não sei. Vai correr. Vai subir em uma árvore, sei lá. Escala uma pedra. Vai ser criança."

Eu fui para fora e fiquei sentada em uma pedra até escurecer. Até ouvir a voz da minha mãe me chamando. Parecendo gentil agora. Ela estava

linda na porta me vendo andar até ela. Se fechasse os olhos em qualquer círculo, eu sei que todo mundo no círculo levantaria as mãos.

Agora, Tom ergue meu queixo para que meus olhos encarem os dele, azul-esverdeados de novo. O rosto de Tom está a centímetros do meu. Ainda sério, meio zangado, talvez. Brilhando como se estivesse iluminado por um sol pessoal. Tão lindo, não consigo nem respirar.

"Esquece a sua mãe", sussurra ele.

"Esquecer a minha mãe?"

"A Beleza dela é uma mentira, um truque. Não é como a sua."

E ele sorri como se eu fosse doce. Quando Tom diz "Beleza", parece que está dizendo o nome dele.

"A sua mãe é a lua para o seu sol", diz ele.

Nos olhos de Tom, vejo o céu e o mar ao mesmo tempo. Criaturas deslizando na água profunda e escura. Acima das ondas, o céu mais azul do mundo subindo até o espaço preto. Sóis eclipsados e Vias Lácteas de estrelas. Estou tremendo e tremendo pelo toque dele.

"A lua é bonita", sussurro, perdida no universo dos olhos de Tom.

"A lua não é nada", diz Tom rispidamente. Por um momento, ele parece zangado. O universo fica vermelho. Mas ele sorri de novo. "Sem o sol, o que é a lua? Só uma pedra na escuridão. A iluminação dela é um truque. Só um truque pela luz do sol, que ela rouba. E Beleza é assim também.

"É?"

"Definitivamente", diz Tom. Ele parece ter tanta certeza. Uma fumaça nos cerca como neblina, como acontece às vezes nos filmes quando as pessoas dançam.

"A Beleza", diz Tom no meio da fumaça, "é um mistério, Belle. Um feitiço. Alguns têm de verdade, como o sol." Ele sorri para mim. "Ou como esta rosa aqui." Ele pega a rosa e a prende na minha orelha. "E você pode tê-la por um tempo. Pode florescer e florescer. Mas a Beleza também desaparece. Do nada. Está aqui um dia e, aí, *puf*. Sumiu. Um jogo de espelhos."

"Pra onde vai quando some?"

"Pra onde todos nós vamos no final."

"Onde é?", pergunto, com medo. Pensando no meu pai. Não me lembro de quase nada dele. Só de uma cantiga de ninar que ele cantou uma vez sobre um ganso e um pato. Minha mãe diz que ele está no céu

agora, que ele é todas as estrelas que eu vejo, e que, se eu olhar para cima, vou vê-lo lá nas luzes cintilantes, olhando para mim. Acenando. Agora me sinto mal por ter tirado a pulseira com o olho do meu pai.

Tom só sorri para mim, como se eu fosse doce de novo. O lugar para onde vamos não é nas estrelas, diz o rosto dele. *Acredite em mim.* Eu não quero saber para onde nós vamos.

"Quando a Beleza some, ela fode com as pessoas, Belle."

"Fode com elas", digo, hipnotizada por Tom dizendo a palavra "fode". Minha boca dizendo uma palavra que fez minha mãe dar um tapa nela uma vez.

Tom assente devagar. Ele se inclina para mais perto.

"Elas fazem qualquer coisa pra recuperá-la. Até roubam Beleza que não pertence a elas."

"É mesmo?", sussurro. "As pessoas fazem isso?" Penso no rosto cruel da minha mãe.

"Ah, fazem. Acontece o tempo todo", diz baixinho. Ele passa o dedo na rosa no meu cabelo.

Eu fico vermelha. Abaixo os olhos para os sapatos da minha mãe.

"Isso é tão ruim."

"É horrível", diz Tom, suspirando como se soubesse.

A respiração dele parece uma brisa no meu pescoço. Sei que ele sabe sobre isso. As pessoas devem tentar roubar a Beleza do Tom Cruise o tempo todo.

"Mas você sabe o que tem que fazer, claro", diz ele. "Quando roubam."

"Pegar de volta", dizemos ao mesmo tempo. E eu sorrio.

"Como?"

E, agora, Tom sorri também. O sorriso do Tom. Meu corpo parece gelatina. As mãos frias no meu rosto me fazendo tremer mesmo ardendo. O cheiro dele parecendo do mar e do céu e de outra coisa, algo que me faz pensar em criaturas deslizando nas profundezas da água.

"Magia."

De repente, a expressão dele fica sombria. Como se o sol no rosto dele tivesse entrado atrás de uma nuvem. O sorriso desaparece.

"Eu tenho que ir."

"Não! Espera. Me leva com você, Tom Cruise", sussurro. "Por favor."

Há um vislumbre de raiva nos olhos dele. E ele suspira. Acaricia a lateral do meu rosto com a mão fria e grudenta. Não como a minha mãe faz. Não como se eu fosse um bichinho. Como se eu fosse sua amante. Não sei exatamente o que é uma amante, mas de alguma forma sei que sou isso para Tom Cruise.

"Meu nome não é Tom", diz ele. "É Seth."

"Seth?" "Mas você é Tom Cruise, eu sei que é." Ele é idêntico ao Tom que eu vi no filme, exceto pelo vermelho nos olhos às vezes. Mas o rosto do Tom diz que ele acabou de me contar o nome dele. E que é segredo. Como a rosa. Como a dança. Como o fato de que sou amante dele. E eu sei guardar segredos, né?

"Não conta pra ninguém", disse Stacey quando começamos a andar juntas. Logo depois do jogo Honestamente. Eu a procurei no pátio no dia seguinte quando ela estava com as garotas do sétimo ano. "Você levantou a mão pra mim", falei, e todas as garotas sorriram de lado e Stacey mandou eu me foder. Mas, mais tarde, ela me procurou. "Ei", sussurrou ela. "Elas só são umas escrotas, as garotas do seu ano." Foi assim que ela falou, "as garotas do seu ano", apesar de tecnicamente ser o ano dela também. "Vai lá em casa qualquer hora dessas", disse ela. "A gente pode avaliar uma à outra ou algo assim." "Tudo bem", sussurrei. Eu não tinha ideia do que ela estava falando. E foi assim que começou. Depois da aula, nós íamos para a casa dela, que acabou que era a um quarteirão do meu apartamento. Parecia um mundo diferente, com o jardim enorme de roseiras e os muitos andares. Ela me levava pelos canteiros de flores vermelhas cheias de espinhos e pela porta dos fundos até o porão. Lá, colocava um body preto e diminuía as luzes. Mandava que eu me sentasse no sofá xadrez coberto de pelos dos muitos goldens dela. Em seguida, colocava *Flashdance* e dançava para mim até desmoronar. Meu trabalho era avaliar a capacidade dela de ser Jennifer Beals em uma escala de 1 a 10. No começo, eu só dava 10, mas depois aprendi a dar 8,7 ou 9,2 às vezes, para ela confiar em mim. Para ela saber que eu estava realmente assistindo cada vez. "Não conta pra ninguém que a gente faz isso", disse Stacey. "É segredo."

"Como sermos melhores amigas", falei. Eu falei como se fosse uma pergunta. Stacey não respondeu. Fechou os olhos como se estivesse cansada e fosse hora de eu ir para casa.

Olho para Tom sorrindo para mim com os lábios vermelhos. Tom, que acabou de me dizer que seu nome é Seth.

"Sim", sussurro. "Sim, sim, me leva com você, Seth, por favor. Pra longe daqui", digo. Estou balançando a cabeça. Estou em lágrimas.

Ele as limpa com carinho usando a mão tão fria.

"Eu vou te levar, Belle", sussurra. "Vou mesmo. *Definitivamente.*"

Quando ele diz isso, eu estremeço. Minha pele fica arrepiada. Ele sente debaixo dos dedos e ri. Aninha minhas bochechas nas mãos. Eu olho para o rosto dele, brilhando como vidro. Vejo um tremeluzir de mim mesma nos olhos vermelhos. Nada como a garota que eu sou. Linda. Meu verdadeiro rosto nos olhos dele como universos, como espelhos.

"Quando?", sussurro. "Quando você vai?"

"Quando chegar a hora. Você vai saber. Vou te dar um sinal, que tal?"

"Qual é o sinal?"

Mas ele já está escapando de mim. Tem fumaça ao nosso redor agora.

"Belle?", chama uma voz. Ouço passos ao longe.

"Qual é o sinal?", grito para Tom/Seth, sumindo na fumaça.

A porta se abre. Perco o equilíbrio nos sapatos e caio no chão da minha mãe. Sinto cheiro de violetas e fumaça. E ali está a minha mãe, na porta do closet.

"Belle!", sibila ela. Os lábios numa linha apertada. Os olhos faiscando de raiva. Ela está me olhando caída no chão. Os sapatos vermelhos escorregam dos meus pés.

"O que você está fazendo aqui dentro?"

"Nada."

Ela ergue uma sobrancelha.

"O que eu falei sobre entrar aqui?"

Fico em silêncio.

"*O que* eu falei *hoje* sobre entrar aqui?"

Eu olho para o chão. Meu corpo todo está ecoando com a raiva na voz da minha mãe.

"Me diz o que eu FALEI!"

"Pra não entrar", sussurro para o chão. Vejo a pulseira de ouro caída ali. O olho sem pálpebra do meu pai me olhando.

"E você ouviu?"

Eu faço que não. Lágrimas caem. Pingam, pingam no tapete azul. A pulseira é um círculo brilhante e borrado aos meus pés.

"Com quem você estava falando aqui dentro?"

"Ninguém."

"Eu ouvi você falando com alguém."

"Eu estava brincando."

"Por que esse espelho está virado?"

"Eu só queria me ver."

Ela olha para o espelho e depois para mim. Ela estica a mão e pega a pulseira de ouro. "A pulseira do seu pai. No chão."

"Caiu", sussurro.

Minha mãe está balançando a cabeça.

"Você nunca mais vai entrar aqui, entendeu? Nunca." Ouço um ruído e olho. Chip atrás dela na entrada, sorrindo para mim por cima do ombro pálido dela. Ele ama isso. Eu finalmente vou ter o que mereço. Ao sentir Chip logo atrás, o rosto da minha mãe se suaviza, lembrando-se. Volta para a Beleza de sempre. Ela ajeita o cabelo em S, desarrumado pela gritaria.

"*E então?*"

"A Beleza dela é uma mentira. Um truque."

Eu faço que sim.

"Que bom. Fico feliz de nos entendermos."

Ela se vira de costas para mim e pega o chapéu branco na cama. Foi por isso que ela voltou. Não pode esquecer o chapéu que a protege do sol. Que vai impedir que fique bronzeada como eu. Que vai manter a Beleza dela uma mentira. Da porta, ela olha para mim, o chapéu na mão.

"Vai lavar o rosto, depois vai para o seu quarto e fica lá. Até eu voltar."

Ela olha para Chip, balançando a cabeça — o que ela vai fazer comigo? — e bate a porta. Ouço o som de risadas no corredor. O clique dos passos deles se afastando. E estou sozinha no quarto azul da minha mãe. Olhando para o espelho de corpo inteiro no armário. Não tem mais rachadura. Não tem mais poeira. A rachadura se fechou e a superfície brilha. Vazia agora. Tom não está mais nele, embora o cheiro de animal marinho ainda esteja presente. Só meu reflexo. O mesmo rosto de sempre pintado com o menos vermelho da minha mãe. Só que estou corada, como se tivesse corrido ou algo assim. Meu coração está disparado no peito. Meu coração está cheio. De quê?

Um novo segredo. “Nosso segredo”, disse Tom.
Seth.
Fecho os olhos para saborear melhor.

Parte três

14

A TARDE LUMINOSA ENTRA POR UMA FRESTA nas cortinas vermelhas de veludo. Dormi demais. Dormi profundamente. Agora, o som de pássaros e ondas lá fora. "Que céu é esse", penso deitada ali. Estou em um quarto. Quarto de quem? Ah, sim, obviamente: da minha mãe. Minha mãe está morta e estou na Califórnia, resolvendo coisas. É por isso que há palmeiras do lado de fora da janela. Olha enquanto elas oscilam na brisa azul, quase como mãos acenando. Eu aceno de leve. *Oi*. É por isso que há som de ondas também. Minha mãe mora perto do mar, lembra?

Morava. Certo.

Tem outro som que eu ouço com as ondas. Vibratório e celestial, como sinos ou o gongo infinito de um sino sagrado. Parece que tem música de spa tocando em algum lugar, engraçado. Quase me faz ficar com uma lágrima nos olhos, apesar de ser bonito. Eu poderia ficar ouvindo o dia todo, na verdade, só que há coisas a fazer. Que coisas? Engraçado, não consigo lembrar agora. Quando tento pensar, tem uma espécie de névoa sobre meus pensamentos. Sinto o cheiro, se é que isso faz sentido. Como eucalipto, quase, ou sálvia me envolvendo, queimando. É agradável como uma névoa perfumada. Na mente, só vejo um vaso preto alto de rosas vermelhas bonitas. Mãos brancas com unhas vermelhas arrumando os caules. Hã. Se eu tomar banho talvez tudo fique mais claro e as coisas que eu tenho que fazer voltem. Parece uma boa ideia.

Mas ouço vozes lá fora agora, depois do quarto, acima dos sinos e das ondas. Uma voz de homem e uma voz de outro homem. Ambas familiares. Ambas parecendo aflitas. Subindo em tom como as gaivotas lá fora. Quem está lá fora? Melhor eu ir ver. Pego um robe na parte de trás da porta, seda branca com rosas pretas, muito bonito. Solta um aroma de violetas e fumaça, também bonito.

Quando estou colocando o robe, lembro-me da noite anterior. Fui a algum lugar, aonde eu fui? Ah, sim. À casa no penhasco para o tratamento gratuito, foi muito bom. Muita gentileza da Rouge me oferecer isso.

Lembro-me da sala de espera vermelha e dos rostos brancos nas paredes e da mulher reluzente olhando para os muitos reflexos dela no escuro. Lembro-me do lindo som de sinos, como os sinos que ainda estou ouvindo. Lembro-me de uma pasta branca fria sendo passada no meu rosto, uma máscara de algas marinhas, talvez. Coisa bem convencional no final, com toda aquela atmosfera barroca. Devo ter bebido champanhe vermelho demais, porque tenho um branco depois. "Você talvez tenha alguns brancos depois disso", não disseram? Lembro-me de uma mão me levando por um corredor escuro e infinito. Eu segurei a mão como se fosse cega. "Você talvez fique meio confusa. Mas vai ver os resultados com clareza no espelho. Deixar pra lá vale muito a pena."

"O que eu deixei pra lá?", perguntei a mim mesma. Mas só falei "Ah, que bom. Espero que sim."

Não posso querer milagres, claro. Já sei disso agora. Mas talvez eu esteja com a pele mais luminosa hoje. Seria uma bela surpresa. Dou uma olhada rápida no espelho de teto da minha mãe antes de ir para a porta encontrar aquelas vozes, ficando mais altas agora.

Ah, olha isso. Sim. Eu pareço estar luminosa hoje. Que ótimo.

Tem dois homens na sala, meus ouvidos estavam certos. Um está usando um terno de linho, segurando uma pasta. O outro está sem camisa, segurando um tipo de rodo. O cara da pasta parece um duende. O cara descamisado do rodo parece um tritão, só que, em vez de cauda de peixe, ele está de jeans. Ele é muito bonito. É meio engraçado ver os dois conversando. Que dupla estranha. Quem são? Eu os conheço, sei que conheço, mas meu cérebro está levando um segundo para encontrar os nomes. Enquanto espero, vejo um gato branco bonito andar em oito em volta das pernas deles enquanto conversam em voz baixa. Agora, os dois se viram para olhar para mim. A expressão no rosto deles é bem estranha.

Eu abro um sorriso.

"Oi, bom dia", digo, porque meu cérebro ainda não encontrou os nomes deles. "Eu ia tomar banho, mas aí ouvi suas vozes acima dos sinos e das ondas."

Os dois ficam me olhando como se tivessem visto… uma pessoa morta. "Bu", tenho vontade de dizer. O homem bonito com o rodo parece

atordoado, por que atordoado? Só um pouco de luminosidade. Ele aponta o rodo como uma arma na minha direção. Dou uma risada para deixá-lo relaxado.

"Não atira", digo, mas ele não ri comigo. Talvez seja idiota, sei lá. Eu me viro para o homem duende. Ele talvez seja mais sensato, porque tem uma pasta. Mas parece tão chocado quanto o homem bonito do rodo. O choque dele não é tão bonito por causa daquela cara de duende.

E, aí, eu lembro. Claro. O advogado da minha mãe. O homem duende é o advogado da minha mãe.

"Você é advogado da minha mãe. Me diga, tem algo errado?"

Isso parece tirá-lo do transe, embora ele ainda esteja me olhando de um jeito engraçado.

"Belle", diz o homem duende, como se estivesse confuso, como se meu nome fosse uma pergunta. "Desculpa chegar assim… eu vim porque acabei de receber uma notificação do banco da sua mãe."

"Do banco da minha mãe." Hã. As rosas na minha mente piscam em vermelho no vaso. "O que tem o banco da minha mãe?"

"Bem, eu tinha esperanças de você me contar", diz o homem duende, tentando sorrir. Suando um pouco.

"Contar?" *Contar o quê?* Ouço um aumento leve dos sinos. A névoa nos meus pensamentos fica densa. "Acho que é melhor você me contar primeiro."

"Bem." E o homem duende limpa a garganta. Ele está muito pálido. "Parece que todas as dívidas dela…"

Ao meu lado, na parede, um dos muitos espelhos da minha mãe brilha, e não consigo não olhar. Estou com um certo medo de olhar, tenho que dizer. Pelo jeito que os dois homens estão me olhando, boquiabertos, era de se pensar que eu estivesse com tentáculos na cara, haha. Mas, quando me viro para o espelho, tenho uma surpresa agradável. Muito agradável. Ora, ora. Olha só.

"Belle, você me ouviu?"

"O que você disse?" Ainda estou olhando para o meu reflexo, para o meu rosto, que está muito…

"Eu falei que parece que todas as dívidas da sua mãe foram pagas."

"Pagas?"

"É. Ela está totalmente limpa."

"Limpa", digo para meu rosto luminoso no espelho. Olhando nos meus olhos brilhantes. "Inacreditável. Bem, é maravilhoso, não é? Uma surpresa muito agradável."

"É. Mas…"

"O quê? Estar limpa é uma coisa boa, não é?"

"Uma coisa muito boa", dizem meus olhos no espelho. Agora, olho para o homem duende pelo espelho, apesar de ser difícil. Difícil afastar o olhar do meu reflexo agora, que está sorrindo para mim como quem diz que claro que estar limpa é uma coisa boa. A melhor coisa. A virada de eventos mais feliz. Ele ainda está olhando para o meu rosto com aquela expressão estranha e assustada. Por que assustada? Não deveria ser eu a assustada? Ele não fica parecendo ainda mais um duende no espelho?

"Claro", diz ele. "Eu só fiquei muito surpreso. Tive a impressão… eu tive outra impressão… sobre as suas finanças."

"Outra impressão." Olho para o rosto dele no espelho. Definitivamente, ele parece mais um duende lá. E os movimentos de boca não sincronizam com as palavras. Parece que tem um atraso, se é que faz sentido, que engraçado. Talvez eu ainda esteja meio atordoada da noite anterior. Ou talvez haja um problema no espelho. Nos meus olhos ou no espelho? Não pode ser nos meus olhos, porque me vejo com uma clareza incrível. E o que eu vejo. O que eu vejo é…

"Então *você* limpou o nome dela?", pergunta o homem duende.

E a resposta que me ocorre imediatamente é:

"Sim. Com certeza. Eu limpei." No espelho, sinto meu reflexo assentindo. "Com certeza, nós limpamos." Estou assentindo com ela, claro. Assentindo para os dois homens, porque estão me olhando como se não acreditassem na minha cara, menos ainda nas minhas palavras.

"Com certeza eu limpei o nome dela." Se não fui eu, quem foi, não é?

"Limpou mesmo?", pergunta o homem bonito do rodo com voz baixa. Ele parece incrédulo. "Quando você fez isso, Belle?" Ele sabe meu nome, então eu devo saber o dele.

"Quem é esse homem?", pergunta o duende, apontando para o homem do rodo, que ainda está me olhando como se estivesse encantado, com um pouco de medo. A boca aberta. Os olhos arregalados. Muito parecido com um tritão se não fosse o short jeans. O que ele está fazendo fora do mar? Não há motivo para ter medo, Tad. *Tad*, isso mesmo.

"É o Tad, claro", digo, como se soubesse o tempo todo. "Ele é namorado da minha mãe. E limpa as janelas."

O duende franze a testa.

"Namorado?"

"Ele faz um trabalho maravilhoso, você não acha? Todos os dias, ele lava a poeira e os borrifos e a lama que se acumula no dia anterior. Lava tudo. Não é, Tad?"

"É", diz ele baixinho.

"E tudo fica sempre maravilhosamente limpo. Nem parece que tem vidro ali. Nada entre você e o mar." Abro um sorriso para Tad no espelho. "E isso cria um efeito tão bonito. Mas também é meio assustador. Deve ser por isso que você está com cara de assustado."

Ele ainda está me encarando como se estivesse em transe.

O duende ainda está com a cara franzida.

"Belle, sobre a dívida. Posso perguntar onde você arrumou o dinheiro?"

"O dinheiro?" No espelho, ainda sinto meu reflexo sorrindo, embora ela esteja ficando meio irritada com essas perguntas agora. Eu também. "Eu encontrei um baú de pérolas negras", digo para ele. "Sim", sinto-a pensar. Engraçado que eu a sinto pensar.

O duende e Tad trocam olhares.

"Um baú de pérolas negras. Onde?"

"Na lagoa", digo, olhando meu rosto no espelho. Iluminado, assentindo. "Definitivamente." É uma piadinha, claro. Um jeito bonito de dizer "Pare de me fazer perguntas feias de dinheiro nesta manhã linda, por favor. Porque eu não sei as respostas, senhores. Eu só sei que limpa é uma coisa boa. Só sei que essa iluminação que estou vendo no vidro é impressionante, você pode ir embora para eu olhar melhor, olhar com mais atenção para tanto Brilho?" Parece que acenderam uma luz dentro de mim. Bem embaixo da minha pele. Não é de se admirar que eu esteja sorrindo daquele jeito. Não sorrio assim há muito tempo, eu acho.

"Na lagoa", diz o duende com desconfiança. "Entendi. Então você está dizendo que esqueceu que tinha centenas de milhares de dólares. Você esqueceu isso."

"Mas aí eu lembrei. O que me lembra." E me lembra mesmo. "Estou atrasada para o trabalho."

"*Trabalho?*", dizem os dois.

Mas estou atrasada demais para explicar.

"Se vocês me derem licença."

"Espera", diz o duende. "Então seu plano é ficar com o apartamento?"

É quando ele diz que eu sei. De repente, o chão embaixo dos meus pés se solidifica. Sinto algo macio deslizando nos meus tornozelos. O gato branco bonito circula minhas pernas agora. Ao meu lado no espelho, sinto meu reflexo assentindo e assentindo.

"Vai?", pergunta Tad.

"Claro que vai", diz ela com movimentos labiais.

"Claro que vou. Vou ter que consertar tudo. Tad vai me ajudar, não vai, Tad? Vamos vender algumas coisas. Conseguir um bom preço."

"Eu achei que você tivesse dito que não queria vender as coisas dela, Belle", diz Tad. "Achei que você tivesse dito que tinha um apego emocional, lembra?" Está apontando para um baú preto no chão. Olho para ele, e não sinto nada. É só uma caixa velha de madeira. Ocupando espaço.

"Não tenho apego nenhum", digo, um sorriso na voz. "Nós não podemos ter apegos bobos como esse." E meu reflexo está balançando a cabeça como quem diz "Não, não. Não podemos fazer isso". Temos que arrancar coisas. Cortá-las. Quando não nos fazem bem. Deixar pra lá vale muito a pena, *n'est-ce pas*?

Ele só fica me olhando.

"Você está bem, Tad? Parece que você viu… uma pessoa morta."

"Só estou surpreso", murmura ele. "Pela mudança nos seus…" Ele para de falar e olha para o meu rosto. "Sentimentos", acaba por dizer.

"Belle, posso falar com você um segundo?" Isso vem do duende, tentando parecer paternal. É difícil com aquela cara de ser feérico maligno. Ele me puxa para um canto da sala, uma sala bonita agora que estou olhando para ela. "Você está bem?", sussurra o duende. Talvez ele não queira ser ouvido pelo tritão. "Você parece meio… estranha."

"Estranha?" Por cima do ombro dele, em outro dos espelhos da minha mãe, meu reflexo sorri para mim. É um sorriso que aquece meu coração. "Nem um pouco estranha. Rosas."

"*Rosas?*", repete ele, me encarando. Como se não tivesse certeza disso. Sobre meu sorriso na luz matinal. Ele está procurando rachaduras. "Acho que você deveria conversar com alguém", diz ele.

No espelho, vejo que meu reflexo está rindo dele agora. Eu rio com ela. É *mesmo* engraçado. "Conversar com alguém."

"Eu estou conversando com alguém. Estou conversando com você agora, não estou?"

"Está", diz baixinho o duende. É verdade. Ele não pode negar. Ele está olhando tão profundamente no meu rosto, parece que se perdeu em um tipo de sonho.

"E eu queria poder falar mais", minto. "Mas estou mesmo atrasada para o trabalho, infelizmente."

"Onde você trabalha, Belle?"

Mas a resposta para isso eu não tenho ainda. Nem na cabeça nem na língua. Só rosas sorrindo na névoa mais densa. Só o lindo som dos sinos da Sala do Tratamento, eu ainda os ouço vibrando ao meu redor. Só meu reflexo luminoso sorrindo para mim no espelho.

É nessa hora que reparo. Logo depois do ombro murcho do duende. Os muitos espelhos da sala. Todos recuperados. Todos sem rachaduras, brilhando agora. Todos me refletindo para mim. Todos os meus eus sorrindo. Todos luminosos. Bem, é mais do que luminosidade, na verdade.

Bem mais do que só um pouco de luminosidade, não é?

15

Lá fora, os sons de sino ainda tocam em algum lugar, parecendo me seguir. A luz do sol faz meus olhos doerem. Tive que colocar o chapéu preto da minha mãe com a aba mais larga, os óculos de sol dela com armações grandes como olhos de inseto. Estou andando na rua pelo lado sombrio. O lado *da sombra*, quer dizer. Às vezes, as palavras que eu penso não são bem as palavras que quero dizer. Talvez seja parte da névoa em que estou hoje. Quando se trata de palavras que quero dizer, pode haver um atraso ou um branco. Às vezes, o branco continua branco por mais que eu espere que se encha de alguma coisa. Como quando me despedi do homem duende agorinha. Ele tinha outro nome além de Duende, eu sabia disso, e esperei que voltasse para poder me despedir de um jeito mais gentil. Mas, quando olhei para o rosto dele, a única palavra na minha cabeça e na minha língua foi "duende". Meu reflexo ficou até movendo a boca com a palavra em um dos muitos espelhos da minha mãe. Eu me senti no espelho dizendo "Duende, duende, duende". No final, eu só falei "Tchau". Falei em francês, o que foi engraçado. "*Adieu*", que significa "a deus". Fiz uma reverência quando fechei a porta, para fazer parecer que eu pretendia dizer assim, para ficar bonito. "Bonito" é uma palavra que sempre aparece para mim na névoa. E a palavra em francês, que é o meu nome, Belle. Que sorte.

Muito *belle* essa cidade. Eu nunca tinha visto isso antes, ou talvez esteja vendo hoje de um jeito novo. Palmeiras. Ruas curvas. Fachadas de lojas em vidro como um labirinto infinito de espelhos. Melhor me apressar para o trabalho, não enrolar. Mas não consigo parar de sorrir para ela em todas as superfícies reflexivas no caminho. Para mim, quer dizer. Quando eu digo "ela", estou falando de mim. Na vitrine da loja, não estou usando o chapéu e os óculos de sol, que engraçado. Parece que não preciso disso do outro lado, acho. Isso faz algum sentido. Eu estou bem, não estou? Mais do que bem. Luminosa, vigorosa, erradicada. *Erradicada* é a palavra que surge com mais força na minha mente, mas não pode ser a palavra que

quero dizer. *Erradicar* não quer dizer "destruir"? Meu rosto parece o oposto de destruído. Bem, mas cabe de alguma forma. Cabe como o vestido que estou usando hoje, um vestido da minha mãe, que eu nunca tinha visto. Estava no fundo do closet dela, no meio de sedas pretas e brancas como se fosse um segredinho, como se estivesse esperando que minha mão o encontrasse no cabide. Quando o vi, eu hesitei, mas aí pensei: "Por que não vestir?". Ela não vai usar mais. E uma coisa engraçada aconteceu nessa hora: no espelho do closet, eu me vi já colocando o vestido. Estava colocando no espelho enquanto a minha mão real estava no cabide, hesitante. Eu observei por um tempo e pensei como era engraçado me ver à frente de mim assim. No espelho. Isso pode estar certo? Podemos às vezes nos ver um pouco à frente de como estamos agora? Pensei em quando vi a boca do duende no espelho mais cedo, não sincronizada com as palavras. Quando vi meu reflexo sorrindo e assentindo antes de eu estar efetivamente sorrindo e assentindo, rindo antes de eu pensar em rir. Até elaborando com a boca os meus pensamentos. Talvez aconteça às vezes, então, um salto no tempo ou um pulo para a frente, uma falha no espelho. Talvez eu tenha esquecido como espelhos funcionam por causa da névoa matinal. Ficou muito bonito em mim no espelho, pelo menos. O vestido da minha mãe. Na verdade, quando vi meu reflexo enfiando os braços nas mangas, eu rapidamente o vesti também, alcançando a mim mesma para que sorríssemos e fechássemos o zíper ao mesmo tempo. Um vestido vermelho, o que é bonito. Vermelho combina com os sapatos, que estamos usando também. Eu amo vermelho.

Mas estou enrolando de novo. Tenho que chegar ao trabalho. Meu reflexo nas vitrines está correndo um pouco à minha frente, eu vejo, os saltos clicando um pouco mais rápido do que os meus, como se ela soubesse que estou atrasada. "Espera", quase digo para mim mesma. "Estou indo." É uma coisa muito engraçada de querer dizer para si mesmo. Não devo estar vendo as coisas direito. Meu celular toca. Meu coração pula. Um nome e um número que eu reconheço, mas não de cara. Persephone. Deusa do mundo inferior. Por que ela está me ligando?

"Alô", digo, um pouco nervosa.

"Mirabelle, como você *está*?" A voz dela parece falsamente triste. E familiar. Parece que nos conhecemos, Persephone e eu, mas em que circunstância?

"Estou tentando falar com você há algum tempo", diz. A voz dela insinua poder. Como se tivesse algum tipo de domínio sobre a minha alma. Nas vitrines, vejo que estou andando um pouco à frente com os sapatos vermelhos. Eu nem atendi ao telefone.

"Sim, bem, eu ando ocupada. Você sabe como é."

"Claro", diz Persephone. "Posso imaginar. Espero que você pelo menos esteja tomando um pouco de sol aí."

No espelho, pareço estar sorrindo para a luz do sol, como se estivesse me contando um segredo bonito. Engraçado porque eu estou na sombra, tremendo.

"Um pouco", digo.

"Bem, escuta, Mira, eu só queria dar uma ligada. Primeiro pra ver como você está, claro, e também pra confirmar quando você vai voltar."

"Voltar?"

"Ao *trabalho*", diz ela. A voz dela está começando a ficar tensa, frustrada. A luva do poder apertando a mão. Minha chefe. É por isso que ela fala como se tivesse direito sobre mim. "Estamos esperando você na loja amanhã. Para o turno da tarde."

"Ah, bem, deve ter havido algum erro. Eu estou chegando agora."

"Está?" Sinto Persephone erguendo as sobrancelhas do outro lado da linha. Eu a choquei.

"Devo estar aí em alguns minutos. Engraçado você ter ligado."

"Alguns *minutos*? Bem. Que maravilha. Nós não estávamos esperando *isso*, mas é uma maravilha. Eu não sabia que você já tinha voltado pra casa."

"Casa." Olho ao redor. Céu azul. Palmeiras. Ruas que se curvam como uma concha, todas as vitrines das lojas refletindo meu eu reluzente para o infinito. Vejo que estou andando bem à frente agora. Bem à frente de mim mesma. Mas sinto o sorriso no meu rosto no espelho. "Sim", digo, "estou em casa."

Quando me aproximo da loja, tenho que sorrir. Eu estava com medo de me atrasar, mas estamos bem na hora, olha só. *Eu* estou bem na hora, quer dizer. Mesmo com tanta enrolação e aquela ligação do mundo inferior. Estou aqui, na Belle do Baile, onde eu trabalho. Onde sempre trabalhei,

certo? Trabalhei com minha mãe até ela ter morrido recentemente. Uma loja linda de vestidos bem no coração da… região. Não dá para não ver. Mas tem algo de diferente na fachada. Coisas que ficavam ali, coisas bonitas, não estão mais. Não sei o que era exatamente, mas sei que sumiram. Onde foram parar? Minha mãe sabe disso? Ali estou, na vitrine. Luminosa, vigorosa, *erradicada*, que pode ou não ser a palavra que eu quero dizer. Estou sorrindo no vidro, apesar de a vitrine me incomodar um pouco, não vou mentir. Quem cortou a cabeça dos manequins? Por que eles estão usando esses sacos cinzentos tristes?

Não tem ninguém na loja. Bem, talvez porque seja meu turno começando. Vou para trás do balcão. Coloco as mãos no vidro do mostruário de bijuterias. Quando as bijuterias aqui ficaram tão… não bonitas? Na primeira oportunidade que tiver, vou ter que fazer alguma coisa sobre isso. Mas agora é melhor eu ficar na loja. Não posso sair da registradora, minha mãe odiaria isso. Mas ela me deixava o tempo todo. Ama sair quando sou obrigada a ficar e vê-la andar por aí e desaparecer nos fundos deus sabe por quanto tempo. *Amava* me deixar, quer dizer. "Seja meus olhos e ouvidos, Belle", ela dizia por cima do ombro. E eu era. Eu sou. Sou a melhor vendedora dela, ela sempre dizia. Meu reflexo saiu andando, eu vejo. Andando pela loja como a minha mãe faz. Como a minha mãe *fazia*, qual é meu problema com tempos verbais atualmente? Eu me chamaria de volta, mas parece uma coisa estranha demais de se fazer. Chamar a si mesma de volta. E talvez seja só o defeito no espelho hoje, me seguindo de espelho em espelho como os sinos parecem estar me seguindo. Estão tocando aqui agora. Bem aqui na loja, em volta dos meus ouvidos. Talvez me deixassem um pouco nervosa se não fossem tão bonitos. Meu reflexo parece estar oscilando um pouco com a música quando sai andando. Sorrindo, apesar de não estarmos gostando do que vemos pendurado nas araras. Com meus olhos, tento segui-la de espelho em espelho que minha mãe instalou tantos anos antes nas paredes da loja. Aonde ela está indo? Aonde *eu* estou indo, eu deveria dizer. Reflexos saem mesmo andando assim?

"Oi? Tem alguém aí?" Tem alguém estalando os dedos na minha cara.

Meus olhos entram em foco. Uma cliente bem na minha frente. Com cachos pequenos de aparência molhada que me lembram algas marinhas na maré alta. Um rosto que grita que ela escolheu o que Marva chama de

Abordagem Processual. Não sei se ela está com raiva ou com medo ou extremamente surpresa.

"Oi." Eu sorrio para ela. "Como posso te atiçar? *Te ajudar*." Que engraçados esses lapsos que estou tendo com as palavras hoje.

Ela me olha com um certo medo. Novamente, é difícil dizer com o rosto que ela tem.

"Você trabalha aqui?"

Abro um sorriso como quem diz "que pergunta". Estou atrás do balcão, não estou? Mas, às vezes, no comércio, é preciso declarar o óbvio.

"Eu trabalho aqui, sim."

Ela olha para minhas mãos segurando o balcão.

"Eu nunca te vi aqui."

No meu bolso, meu celular toca.

"Bem, talvez tenhamos nos desencontrado. Navios na noite." Olho ao redor em busca do meu reflexo. Não está por perto. Aonde ela…?

"Bem, talvez você possa me ajudar agora." Ela já está com cara de que duvida. Duvida de mim, da melhor vendedora da minha mãe. Abro um sorriso de "claro que posso, sem dúvida". Minha missão. É um prazer tentar. Afinal, quantas clientes em dúvida como ela eu asfixiei ao longo dos anos? *Ajudei*. Ela levanta a mão, carregada com as roupas muito estranhas e tristes que parecemos vender ali.

"Eu quero experimentar isto."

"Maravilha."

Meu celular ainda está tocando. Persephone. Por que Persephone? "Estou bem aqui", quero dizer para ela. Eu diria isso, mas estou ocupada agora. A cliente ainda está parada ali, como se estivesse esperando alguma coisa.

"*E aí*? Você se importa de mostrar onde ficam os provadores, *por favor*?"

Abro um sorriso.

"Não me importo nem um pouco. Venha comigo."

Os provadores. É óbvio que eu sei onde ficam. É óbvio que, se eu andar na direção dos fundos, vou encontrá-los. Estou procurando meu reflexo também, mas não está em lugar nenhum. Para onde fui agora? *Eu, ela…* como eu chamo a forma que eu vejo no vidro? Nunca tinha pensado nisso. Talvez meu reflexo precise de nome, meu eu do espelho. Onde está meu eu do espelho? Em lugar nenhum nos espelhos próximos. Talvez ali…

"Com licença, nós sabemos aonde estamos *indo*?"

"Definitivamente."

Finalmente, vejo meu eu do espelho no canto. Reluzindo em um espelho oval grandioso. Parada no espelho, sorrindo largamente, pacientemente, como se estivesse me esperando.

"*Finalmente*", murmura uma voz irritada ao meu lado. Eu me viro e vejo que os provadores ficam ao lado desse espelho. São três cabines, cada uma com portinha com trinco. Então meu eu do espelho me levou para lá. Nem sempre é ruim se soltar, se adiantar, acho. "Deixar pra lá vale muito a pena." Não disseram isso recentemente?

Estou voltando para a registradora quando a cliente diz:

"Fica aqui. Outro par de olhos pode me ajudar."

"Outro par de olhos. Claro. Podemos ser isso pra você." Por que não? Eu e meu reflexo, dois outros pares de olhos. Ela franze a testa para mim, apesar de estarmos sorrindo para ela, acenando quando ela desaparece pela porta. Viro-me para olhar meu reflexo, só para admirar a Luminosidade de novo, quando vejo alguém parado entre mim e o espelho.

"Mirabelle?", diz ela. Uma mulherzinha. Olhando para mim. Com cabelo louro curto. Pérolas. Um desprezo por protetor solar que fica evidente nas linhas descontroladas e nas pintas. Persephone? Não, mas ela parece chefe. Talvez eu tenha duas. Algo nela me lembra um cachorrinho latindo. Já mordeu meus calcanhares antes. Eu a conheço. Reconheceria a camisa branca passada e o pescoço decorado com pérolas em qualquer lugar, mas, quando tento lembrar o nome dela, só consigo pensar em *Yip Yip*.

A mulherzinha parece surpresa de me ver. Mais do que surpresa. Chocada, na verdade. Como se ela tivesse visto uma pessoa morta. Como Tad ficou.

"Mira, é você mesmo?"

Eu me olho no espelho. O espelho está vazio, reluzente. Não estou em lugar nenhum. Olho para a mulher e sorrio.

"Quem mais?"

"O que aconteceu com o seu…?" Ela leva as mãos ao próprio rosto, como se para ver se ainda está lá. "O que você está fazendo aqui?"

"Estou no meu turno, claro", digo, segurando a maçaneta da porta do provador.

"Seu *turno*? Aqui?"

Onde mais?

"Sim. Eu trabalho aqui."

"Você *trabalha* aqui?" Ela me olha, confusa. "Desculpa, mas eu não estou entendendo."

Ouço meu celular tocar de novo. Eu sorrio para a mulher.

"É bem simples."

"Mas… você não deveria estar voltando para Montreal?"

"Montreal? Não sei de onde você está tirando suas… informações."

"Entendo. Bem, você não gostaria de vir comigo até os fundos? Pra ter uma conversinha?" Ela está me olhando como se eu fosse um animal selvagem e estivesse segurando uma arma tranquilizante nas costas.

"Isso vai ser um problema", digo.

"Problema? Por que um problema?"

"Bem, se eu for lá pra trás com você, não posso ser outro par de olhos. Pra ela." E indico a porta do provador. "Eu prometi ser os olhos dela."

"Esther pode cuidar disso. Não pode, Esther? Ela acabou de voltar do almoço." Vejo outra mulher se aproximando pela minha visão periférica. Ela está segurando um recipiente com uma salada murcha. Tem espelhos em uma corrente em volta do pescoço. O rosto pálido me olha sem entender. "Um pouco *atrasada* hoje", diz a mulher para Esther, a voz carrega uma certa reprimenda.

Meu celular toca sem parar. Eu balanço a cabeça.

"Não", digo em voz alta.

"*Não?*", repete a mulherzinha.

"Vou ficar aqui agora."

Ela me olha por um longo momento. Não só confusa, frustrada. E o que mais tem no rosto dela? Uma espécie de pena, por que pena? Por que eu não consigo me lembrar do nome dela?

"Eu sei que você está sofrendo muito agora, Mirabelle. Por causa da sua mãe. É essa a questão aqui? De vir pra cá? Eu sei que o luto pode ser uma jornada e tanto. Talvez você esteja resolvendo alguma coisa."

Eu a olho e ela me olha. Sylvia. É esse o nome dela. Está ali, nos lábios apertados, na pele ressecada, nos espetos louros cortados. Meu celular continua tocando alto. Persephone de novo. Eu o silencio. Sorrio para Sylvia.

"Eu estou resolvendo uma coisa mesmo, Sylvia. Meu turno de trabalho. Agora, se você me der licença, acho que ouvi minha cliente chamando."

"Não escutei ninguém chamando. Você escutou, Esther?"

Esther só me olha.

"Mirabelle, olha só…"

"Oi?" Vindo de trás da porta. "Você pode entrar aqui, por favor?"

"Sim. Claro", digo, olhando para Sylvia. Que está de testa franzida para mim agora. "Estou indo."

No provador, eu a encontro com o vestido de caimento ruim sem sapatos, me olhando. Os braços estão meio afastados, como se o vestido a tivesse prendido.

"Bem, espelho, espelho meu", diz ela, grudando o olhar no meu no reflexo. "Me diga. Isto vale a quantidade absurda de dinheiro que vocês estão cobrando por ele?"

Olho para o espelho de corpo inteiro. Ali estou eu, parada atrás da mulher alga marinha enquanto estou realmente parada atrás da mulher alga marinha. Usando o vestido vermelho da minha mãe. Ainda luminosa, vigorosa, erradicada. É tão bom estar sincronizada comigo mesma de novo. Sinto um alívio tão grande de me ver ali no espelho. Sorrindo enquanto sorrio. Pronta para ajudar, ser outro par de olhos. Tudo lindamente alinhado no tempo e espaço, sem nenhuma falha esquisita. Os sinos continuam tocando, talvez um pouco mais alto, mas são bonitos. Eu sou a melhor vendedora da minha mãe.

"Você vai me dizer ou não?"

"Definitivamente." Sorrio para ela no espelho. E acontece uma coisa engraçada: a mulher alga marinha de repente fica meio borrada lá. Bem quando eu vou olhar no espelho de verdade. Viro-me para meu reflexo luminoso. Estou perfeitamente clara. Bem definida até em comparação ao borrão da cliente. Ué.

"*E aí?*"

"Não está totalmente claro."

"Não está totalmente *claro*?" Ela solta uma risada debochada. "Essa é nova."

E, aí, vejo no espelho que estou olhando para ela friamente. Muito friamente. Estou balançando a cabeça? Como é possível se ali, no provador de verdade, eu estou assentindo e sorrindo?

"O que isso quer dizer *exatamente*?", insiste ela. Irritada, mas também curiosa. Querendo profundamente as palavras que tenho que dar. Eu sempre tenho as palavras pérfidas a oferecer. "Perfeitas", eu quis dizer, claro. Encontro meus olhos no espelho. Olhos que deveriam ser o outro par de olhos para aquela cliente subitamente borrada. Tão luminosos e hipnotizantes são meus olhos no espelho. Mas estão debochados? Não pode ser. Não se estou sorrindo e assentindo assim, sendo tão legal e educada. Assentindo tanto, que meu pescoço dói. Mas meu eu do espelho está com um sorrisinho. Um sorrisinho maligno.

"Só diz logo, estou bem ou não?"

Vejo meu reflexo se curvar sobre o ombro borrado da mulher, meus olhos do espelho ainda nos meus olhos. Um arrepio nas minhas costas do nosso olhar frio e debochado. Meus lábios vermelhos do espelho estão perto da orelha fora de foco da mulher. Lábios tão vermelhos no espelho, mas eu passei batom hoje? Estou falando uma palavra no buraco negro do ouvido dela. "Não."

"O que você falou?", sussurra ela.

"Horrível", cantarola minha boca no espelho. "Horrível, horrível, horrível" bem no ouvido da mulher com meus lábios muito vermelhos do espelho. Mas, deste lado da superfície, meus lábios estão fechados. Apertados com o máximo de força possível. Estou balançando a cabeça.

"Não", sussurro. "Sim."

"*Não?*"

"Eu não posso dizer isso. Não vou dizer isso", sussurro para o meu eu do espelho.

"Não vai dizer *o quê*?", diz a mulher borrada. Ela me segura pelos ombros e me vira de costas para o espelho, para que eu olhe diretamente para ela. "*Só me diz o que você vê!*"

Olho para o rosto da mulher. Não está mais borrado. Está claríssimo. O vestido horrível. A alma horrível. Ouço um mar rugir de repente ao nosso redor. Como se houvesse ondas quebrando bem ali no provador. A mulher ouve também? Não. Sua boca parece ainda estar dizendo "Me diz, me diz." Eu faço o melhor possível para dizer em meio ao rugido. Palavras que não

consigo ouvir com os sons das ondas, apesar de sentir minha boca fazendo suas formas sorridentes. Só espero que sejam as palavras pérfidas… perfeitas. As que sempre ofereço. As que ela quer desesperadamente. A mulher só me olha, os olhos escuros se arregalando. Finalmente, o rugido ao nosso redor se acalma. Eu fico em silêncio. O espelho está vazio agora. Brilhando como nada. Novamente, meu reflexo parece ter escapado.

A mulher alga marinha balança a cabeça para mim, como se eu fosse monstruosa.

"Não acredito", sussurra ela, "no que você acabou de me dizer."

"Ah, deus, que palavras eu ofereci?"

"Tudo bem aí dentro?", diz Sylvia do outro lado da porta, batendo. A voz dela está sorridente, mas ouço pânico e fúria por baixo.

"*Ótimo*", diz a mulher alga marinha. Ela se vira para mim lentamente, os cachos escuros e úmidos tremendo na frente dos olhos. Acho que ela vai me bater. Espero isso e me preparo. Ela cai de joelhos como se tivesse sido ferida. Eu caio de joelhos também, como um bom reflexo. Ela me olha. "É verdade mesmo?"

"O que eu falei?"

"Melhor eu deixar Sylvia ou Esther te ajudarem agora", digo baixinho.

Estou para me levantar quando ela estica a mão e segura meu pulso.

"Espera." Há desespero no aperto dos dedos. Eu olho para ela. Ainda balançando a cabeça para mim. Não mais com raiva. Com uma espécie de assombro. Uma lágrima pinga de um olho. "Como você viu tudo aquilo?"

Talvez eu tenha oferecido as palavras que ela queria, afinal.

"Está tudo aqui", digo, fazendo carinho na bochecha dela suavemente. E me lembro da Sala de Tratamento da noite anterior, das mãos da mulher do spa no meu rosto na névoa de eucalipto. "Está tudo aqui", ela disse. Acariciando meu rosto assim. Oferecendo a mim o terrível espelho dos olhos dela. O que eu vi lá.

"O quê?", pergunta a mulher agora, me trazendo de volta para o chão do provador. "O que eu devo fazer?"

Estou de joelhos com aquela estranha, que também está de joelhos. Estou amassando as bochechas dela com as minhas mãos, fazendo boca de peixinho nela. Ela está olhando faminta, temerosa, para o espelho que sou eu, com olhos injetados de sangue. Vejo a alma dela, estilhaçada como um monte de vidro. Mas os cacos são afiados e famintos, sussurrando "comida,

comida". Olhando nos olhos dela, sinto um momento de reconhecimento horrível. Mas logo some.

"Mirabelle!", berra Sylvia, batendo na porta, sacudindo a maçaneta.

"Um bolero", sussurro. "Ou talvez um blazer."

A cliente me encara. O gloss labial rosado é um corte na cara. Os cachos estão inertes.

"*O quê?*"

"Eles dão um acabamento ao visual. Principalmente na primavera."

Eu me viro para o espelho. Meu reflexo voltou, conectado. Piscando quando eu pisco. É bom ver isso. Mas não pareço estar mais no provador. Nem mesmo na Belle do Baile. Quando olho para o espelho, eu me vejo no portão de uma casa no penhasco. *A* casa no penhasco onde as rosas vermelhas crescem. As rosas estão oscilando de leve ao meu redor em uma brisa do mar. Sinto o cheiro delas daqui. Ouço as ondas e ouço os sinos fazendo uma música adorável. Estou sorrindo para mim mesma com meus lábios muito vermelhos. Estou dizendo para mim mesma que é hora de ir.

16

A ESCURIDÃO ESTÁ TÃO DENSA quanto a névoa nos meus pensamentos, mas de um jeito que é muito bonito. Os sapatos vermelhos me levam direto para a casa pelo caminho sinuoso, pela beira do penhasco. Os sinos tocam ao meu redor, como uma música das esferas que estou ouvindo, como se tivesse acesso à vibração em todas as coisas. A grama úmida e trêmula, as palmeiras oscilantes, o movimento das nuvens sobre a água — uma espécie de zumbido do mundo e meus pés estalando como parte da pulsação dele. Não sei direito o que aconteceu lá. A mulher de joelhos no provador. Sylvia entrando correndo, me dizendo para ir embora, "ir logo embora". E eu fui, apesar de a mulher ficar pedindo para eu voltar, "por favor, volte. Me conte mais". Como se eu fosse uma espécie de oráculo horrível. Como se fôssemos um oráculo, eu e meu reflexo. Nunca tive lapsos de palavras assim. Nunca tive esse tipo de defeito. Quase como se o que está dentro e o que está fora estivessem meio misturados agora. Eu ficaria incomodada, muito incomodada, se não fosse a névoa bonita nos meus pensamentos, fazendo com que tudo parecesse já tão distante, mais distante a cada passo. E a promessa do meu reflexo, de estar reconectada a ela, me apressando. Engraçado pensar em se reconectar ao seu próprio reflexo. O que ela está fazendo na casa, me pergunto?

Quando chego ao portão, tudo está escuro. Não consigo ver nada além das paredes de vidro da casa. Nem o lustre grandioso, nem as pessoas cintilantes, nem as Profundezas. Só meu reflexo luminoso nas paredes de vidro, parecendo tão feliz de me ver, tão feliz de termos ido. Eu a vejo sorrir daqui. Também estou sorrindo, feliz de vê-la, tão linda ela é. Claro que eu tenho perguntas. Por que ela fica fugindo de mim? Por que estamos tendo esses lapsos? Por que me levou de volta para lá? Eu empurro o portão, mas está trancado. As rosas vermelhas no jardim da frente oscilam atrás da grade preta, parecendo mais vivas do que nunca. Fora as flores e o meu reflexo sorrindo para mim, tudo está imóvel. Parecendo vazio. Como se ninguém morasse ali. Estranho, penso. Muita gente mora ali. A mulher de

vermelho, por exemplo. A jovem de preto com o rosto que muda de forma. Eu dancei com ela de costas pelo tanque, os olhos pálidos dela ardendo como chamas gêmeas. Os gêmeos de véu preto, que acariciaram meu rosto com as mãos enluvadas. Que me disseram que conheciam a minha mãe e me conheciam também, a Filha de Noelle, ah, sim. São amigos da minha mãe, todos eles. Meus amigos também agora, certo? Estou segurando as grades pretas de ferro. Tentando sacudir o portão, mas não dá para sacudi-lo. Eu deveria estar do outro lado com meu reflexo sorridente. Deveria estar lá dentro, não do lado de fora, não é? Eu a vejo acenar para mim e desaparecer na parede da casa.

"Espera!", grito. "Aonde você vai? Não vá, por favor."

Mais tarde, quando todos os espelhos se ajeitarem, quando esse defeito passar, eu vou rir disso. Como gritei para o meu eu luminoso como uma lua na escuridão. Como falei para eu não ir, por favor. "Por favor, fique. Não me deixe aqui do outro lado, segurando o portão." Eu vou rir e rir. Porque é engraçado, não é? Mas, agora, não estou rindo. Agora, sinto outra coisa ao olhar para ela, ao olhar para mim mesma me afastar assim. Me deixando aqui sozinha, o som de sinos ainda tocando ao redor.

"Oi!", grito no escuro.

Tem uma luz piscando atrás de mim. Eu me viro, mas não tem ninguém lá no caminho. Só os corvos-marinhos empoleirados nos penhascos como morcegos. Só a água batendo nas pedras onde a minha mãe caiu. Tem um brilho vermelho nas ondas hoje. Uma fosforescência na espuma branca. E uma voz. Eu a ouço em meio ao rugido da água, chamando meu nome. "Belle, Belle."

Meu coração bate forte no peito. "Mãe?"

"Belle", diz a voz na água.

E saio correndo. Escorrego por uma trilha íngreme de terra na direção da água agitada, com os sapatos vermelhos. Eles piscam para mim da lama enquanto a voz chama "Belle, Belle".

"Estou indo, mãe", penso. "Não acredito que você sobreviveu." Acelero o passo, apesar de estar com medo.

Quando chego à água, só vejo pedras pretas escorregadias com algas. Um mar inchado, borrifos sibilantes. A luz vermelha na água está piscando, piscando. "Mãe, onde você está?"

"Aqui", diz a voz na água. "Mais perto."

Agora, estou na ponta da pedra preta onde as ondas vermelhas quebram. Minha mãe está lá, em algum lugar. Vou ter que entrar na água e olhar. Minha mãe vai me carregar na onda vermelha, e na onda vamos conversar. Vou perguntar "Por que você me deixou?". Vou dizer que muitas coisas parecem estar me deixando, até eu mesma. "Mas eu estou luminosa, como você." Ou pelo menos pareço estar quando me vejo no espelho. Agora, eu fecho os olhos. Deixo a onda subir e me levar junto. A água fria choca meu corpo, congela o ar nos meus pulmões. A voz dela está ao meu redor agora. "Belle, Belle, Belle." Mas não tem nada lá embaixo. Só água escura. Eu sei nadar? Minha mãe deve ter me ensinado. Uma imagem na minha mente, eu me debatendo nas ondas. Uma garotinha e a mãe na praia muito tempo antes. A garota está na areia e a mãe está na água, acenando para ela entrar, "não tenha medo". Mas a garotinha está com medo. Não vai para os braços da mãe. Não confia, apesar de as mãos da mãe dizerem "Está tudo bem, confie". A garotinha balança a cabeça na areia. "Não estou com vontade agora", mente ela. E a mãe abaixa os braços esticados. Desiste. Decepcionada. Ah, uma frieza nessa hora. Uma vergonha também. Afogando-se nela. Estou me afogando agora.

Vejo minha mãe na margem rochosa.

"Mãe!", grito, minha boca se enchendo de água.

Ela não se mexe. Está olhando eu me afogar porque eu não entrei nas ondas para me encontrar com ela muito tempo atrás.

E, aí, ela some.

Estou sozinha, afundando no preto. Foi para cá que a minha mãe veio, para o preto? É aqui que as rosas estão? É esse o caminho? Meus pulmões se enchem de escuridão fria.

Uma mão segura meu braço.

E me puxa da água.

Estou ofegante, deitada nas pedras, olhando para cima.

Um homem emoldurado por um céu noturno cheio de estrelas. Ele está de chapéu. A aba está pingando água no meu rosto como chuva fria.

"Te peguei", diz ele.

Quando abro os olhos, não estou mais perto do mar, na margem escura. Não estou mais molhada, apesar de ainda estar com frio. Estou seca e em

uma cama. Um quarto de hotel com paredes cor-de-rosa. É manhã ou tarde? Não sei dizer pela luz que passa pelas cortinas meio fechadas. AGRADECEMOS POR VOCÊ NÃO FUMAR, diz uma plaquinha na cômoda de cerejeira. Tem alguém me olhando deitada ali. Sinto no formigar da pele. Os pelos do meu pescoço estão de pé. Vejo uma silhueta no escuro. "Quem é você? O que estou fazendo aqui?"

A silhueta acende uma luz suave. O homem de chapéu da praia. Sentado olhando da escrivaninha com os pés erguidos, usando uma camisa branca aberta com uma regata branca por baixo. Suspensório vermelho. Uma gravata de seda em volta do pescoço em um nó frouxo. O chapéu não está na cabeça dele, está na escrivaninha. O cabelo dele está molhado, penteado em uma onda escura.

"Boa tarde", diz ele. Então é tarde.

"Você me pegou."

Ele sorri.

"E você molhou meu chapéu", diz ele. "Talvez não seque nunca."

"Me desculpa."

"Eu tenho outros chapéus."

Vejo que ele está com um copo de uísque na mão. É luminoso, ouro líquido. Se eu tomasse aquilo, talvez ficasse aquecida de novo. Talvez ficasse cheia de luz. Como se pudesse ler a minha mente, ele vem até a beira da cama e me oferece o copo. Quando tomo, um fogo se acende. Vai até os dedos dos meus pés. Ele fica na beirada da cama, me olhando. O rosto meio na sombra. Bem bonito, na verdade. Se o bonito tivesse um lado de sombra, seria o rosto anguloso daquele homem. Ele está dizendo que pode pedir serviço de quarto se eu estiver com fome. Eu deveria comer alguma coisa, diz. Estou bem por enquanto, digo. Obrigada, senhor. "Senhor", é assim que o chamo, o que parece diverti-lo e perturbá-lo. Também me diverte, de certa forma. Porque eu o conheço, claro. Eu o vi em um bar uma vez. Eu também o vi através de um peixe vermelho. E, claro, eu o encontrei na ponte ontem mesmo, embora o nome dele tenha me escapado agora. "Qual é seu nome, senhor? O que estou fazendo na sua cama, usando um robe de seda de homem da cor da meia-noite?"

"É meu, a propósito", diz ele sobre o robe. "Você estava encharcada."

Agora, vejo o vestido vermelho da minha mãe pendurado no espelho na cômoda perto da janela. "Ah, deus, nós…?"

"Não", diz ele. "Se é isso que você está pensando."

"Não o quê?"

"Eu nunca me aproveitaria assim. Eu não sou um monstro. Bem, não esse tipo de monstro, pelo menos. Nós todos somos algum tipo de monstro, não é, Belle?"

Olho para o espelho coberto pelo vestido vermelho da minha mãe, o único espelho do quarto. A saia obscurece meu reflexo, a superfície toda coberta por um sino de seda vermelha. Tem um vaso cheio de rosas vermelhas na cômoda. Uns potes e frascos vermelhos.

Quando olho para o homem, ele está sorrindo para mim.

"Foi um mergulho e tanto que você deu."

"Eu não sei nadar."

"Se você não sabe nadar, por que entrou na água, Belle?"

"Eu esqueci que não sabia." É verdade mesmo, eu esqueci. Se bem que como eu poderia esquecer? De repente, quero um cigarro. Ele me dá o que ainda está aceso em sua boca. Ao levá-lo aos lábios, sinto gosto do protetor labial de rosas dele. Um sussurro de uma essência de chá verde ou de uma bruma gelatinosa que ele deve usar no rosto.

"Coisa engraçada de se esquecer", diz ele, me vendo tragar o cigarro com um certo prazer. "Parece importante ter isso em mente, você não acha?"

"Mas tem rosas na minha mente", tenho vontade de dizer. Recém-colhidas, em um vaso preto alto. Uma mão branca de unhas vermelhas arrumando os caules para um melhor visual agora mesmo.

"Anda meio confusa ultimamente? Esquecendo nomes, rostos, locais? Misturando passado e presente?"

Como ele sabe disso?

"Como você sabia disso?"

"Ah, foi um palpite. Mas vale a pena, né? Pela *Luminosidade*", sussurra ele.

Sinto que fico vermelha sob o olhar dele.

"Como?"

"Uma Luminosidade e tanto", diz ele. Ergue o copo, como se fizesse um brinde ao meu rosto.

"Quem é você?"

Ele finge mágoa.

"Ah, Belle, eu sou mesmo tão esquecível?"

"Eu lembro que você me levou até a casa ontem à noite. Quando fui fazer o tratamento gratuito."

"Não foi legal da minha parte?"

"Você também estava no bar do hotel na outra noite. Aí, eu te vi na casa. Você estava com uma barba preta." "E você me beijou, não me beijou?"

"Foi mesmo." Ele sorri. "E eu ainda tenho a barba, aliás." Ele aponta para a escrivaninha, onde vejo que tem várias cabeças de manequim enfileiradas, cada uma com uma configuração diferente de peruca e óculos. Vejo a barba preta pendurada em um rosto branco. Aqueles óculos estranhos. Olho para ele e ele leva um dedo aos lábios. "*Shhh*", sussurra. "Está descansando."

Eu deveria estar com medo, talvez. Deveria perguntar por que ele tem todas aquelas cabeças. "Além do mais, por que você parece estar me seguindo, Hud Hudson?" Hud Hudson, é esse o nome improvável dele. Mas, ao me pegar, ele me salvou, lembra? Eu não posso me esquecer disso. Se bem que talvez ele tenha me salvado para me matar, isso é possível. Mesmo assim, não sinto medo. Ele é bem bonito, para começar. Como se fosse de uma propaganda de um perfume sedutor, algo com couro. Algum com madeira escura. Ele tem uma Luminosidade, talvez o óleo de marula seja responsável por isso, ou algum tipo de lesma. É bom de olhar, pelo menos. Além do mais, parece que não consigo dizer palavras acusatórias agora. Tem a ver com o vestido da minha mãe sobre o espelho. Parece que está me abafando em seda vermelha. Sem o espelho, eu não fico orientada, não fico… *eu mesma*, se é que isso faz sentido. O único espelho da sala é o rosto de Hud Hudson. O jeito como ele me olha com tanto… o quê?

"Tenho que dizer que essa Luminosidade está especial, Belle."

"Está?"

Sentado na cama de terno, ele parece mesmo saído de um dos filmes antigos da minha mãe, de uma das revistas fascistas dela. *Fashionistas*, eu quis dizer. O cavalheiro nefasto se gabando depois da noitada nefasta. Só deus sabe o que aconteceu em meio às sombras estilosas. Só Hud Hudson.

"Ah, sim", diz ele. "Há uma umidade."

"Há?"

"Uma luminosidade. Alguns poderiam até dizer que um *vigor*. Uma erradicação de radicais livres. Nós precisamos conversar."

"Então conversa", sussurro.

"Você primeiro. Quanto tempo você vai me deixar esperando?"

"Esperando?"

"O tratamento, Belle. Estou desesperado por detalhes."

Ele estende a mão e eu acho que vai tocar no meu rosto, mas ele só pega o cigarro dos meus lábios. Coloca entre os dele. Olha para mim, hipnotizado, esperando. Uma vergonha sombria cresce em mim como uma onda, por que vergonha? Afasto o olhar dele para o vestido vermelho pendurado na frente do espelho, para as rosas brilhando em vermelho na cômoda. *Shhh*, elas parecem sussurrar. *Segredo.*

"Não tem nada pra contar."

Ele ergue uma sobrancelha.

"De verdade", digo. "É mesmo tipo… uma máscara facial, basicamente. De uma… casa de beleza. Como em qualquer casa de beleza. Os acendimentos de sempre."

"Acendimentos?"

"Eu disse *acendimentos*? Eu quis dizer *atendimentos*, claro."

Hud Hudson sorri para mim das sombras estilosas.

"Como uma máscara facial, é?"

Eu faço que sim. Estou ficando com o rosto meio quente pelo jeito como ele está me olhando.

"Uma máscara facial que faz você esquecer que não sabe nadar?", insiste ele.

"Eu só… esqueci que não sei nadar. Separadamente."

Ele ainda está olhando para o meu rosto. Sinto-o avaliando a pele. O que ele está avaliando? Se o espelho não estivesse coberto, eu poderia ver. Ele dá uma tragada profunda no cigarro.

"Por que eu estou tendo… a impressão muito distinta… de que você está me enrolando aqui, Belle?"

"Por que aquele espelho está coberto pelo meu vestido?"

"Está secando embaixo do duto de aquecimento. Além do mais, aquele espelho é hostil. Alguns espelhos são, tenho certeza de que você sabe."

Hostil? Ele me entrega o cigarro de novo e eu dou uma tragada para sentir o gosto de rosas. Sinto os olhos de Hud Hudson me observando pela

fumaça. Está sentado bem próximo. Estou cercada pelo couro e pela floresta escura dele. No meio das sombras estilosas.

"Vamos lá, Belle", sussurra ele. "Você não quer me fazer chorar de inveja?"

Olho o vestido subir e descer na frente do espelho com a brisa do vento. Meu reflexo está embaixo do vestido? Ela está lá, no vidro? Sinto-a me olhando através da seda vermelha da minha mãe. Balançando a cabeça. Botando um dedo nos lábios muito vermelhos. *Não. Nada. Segredo.*

"Só vapor e apocalipse no final", digo.

Ele me olha. *Apocalipse?*

"Eucalipto", eu me corrijo. Engraçado como as palavras ficam fugindo.

"Interessante. Porque eu tenho que dizer que não me parece *só* uma máscara facial."

"Não?" *Parece o quê?*

Ele balança a cabeça.

"Tem algo mais do que máscaras de algas marinhas naquela Sala de Tratamento, eu acho. Pode me chamar de maluco."

"O que você é? Um detetive da beleza, por acaso?"

Ele sorri.

"Da beleza. Acho que você pode dizer assim." Ele está inclinado, mais perto ainda agora. Quase como se estivéssemos trepando, mas não estamos, claro. Eu estou aqui e ele está ali, não está? Se eu tivesse o espelho, eu saberia com certeza.

"Por que você quer tanto saber?", pergunto.

Algo faísca nos olhos dele nessa hora. Uma emoção sombria. Uma ferida exposta. Aparece e logo some. Ele sorri para disfarçar.

"Porque eu sou igual a você."

"Igual a mim?" Tem uma palavra para o que eu vi nos olhos dele, mas escapuliu da minha mente, cheia e reluzente como está com rosas, escapuliu da minha língua abafada pela seda vermelha. "Como você é igual a mim?"

Ele pega a minha mão e a coloca na bochecha. Terrivelmente lisa. Capim-bambu, talvez? Um peptídeo de flor de Orfeu. Um elixir de chá fermentado ou alguma espécie de bebida lunar. Provoca um tremor em mim. Eu não tremo há muito tempo com o toque da pele de outra pessoa.

Pele. Até a minha mão está tremendo com o quanto Hud Hudson é liso. Ou está tremendo por outro motivo?

"Eu te falei", sussurra ele, os olhos nos meus. "Eu sou o mesmo tipo de maluco que você."

Ele deveria se afastar de mim agora, está muito próximo. Próximo demais. Mas fica ali. Sinto o hálito de uísque no meu rosto. Sinto o cheiro de todos os produtos de pele dele — ele definitivamente usa uma geleia em bruma. Ou seria uma névoa de neve? Com a luz do fim de tarde entrando pelas janelas, reparo que tem uma cicatriz longa e irregular no rosto dele.

"Por que você não faz um tratamento, então?", pergunto. "Se você é maluco."

Ele abre um sorriso sombrio.

"Porque eu não sou um dos ungidos, sou, Belle?"

"Ungidos?"

"Eles só dão pra pessoas muito especiais. Como você. Você é muito especial, sabia?"

"Eu?" No canto do quarto, o vestido vermelho ondula e as rosas brilham. Eu faço que não com a cabeça, mas Hud Hudson está fazendo que sim.

"O que chamam de perfeita. Candidata Perfeita. O resto de nós, a ralé, tem que pagar. É caro demais para o meu sangue, infelizmente. Eu sou um camponês pobre, você não sabia?"

Olho para ele, para a roupa e para o rosto literalmente exalando dinheiro, assim como o quarto de hotel. Não só dinheiro. "Estilo", minha mãe teria dito. "Isso sim é estilo, Belle."

"Você não parece um camponês."

"Bom, as aparências enganam, não é?"

"Podem enganar", concordo. "Quando te vi pela primeira vez através das águas-vivas, você não tinha barba, apesar de ter."

"Aquelas coisas não são águas-vivas, Belle."

Um medo súbito pela lembrança daquelas criaturas vermelhas pulsantes na água escura.

"O que são, então? Alguma espécie de… lula?"

Ele ri. *Lula*. Essa é boa.

"Vamos só dizer que você não as encontraria no mar. Não são parte da fauna comum."

"Como você sabe?"

"Eu sou detetive da beleza, lembra?" Ele toma um longo gole de uísque. Indica os frascos vermelhos de creme na cômoda, ao lado das rosas. "É tudo lixo. Resto. Poções inúteis. Eles guardam a *aqua vitae* para os ungidos."

"Por que eu sou ungida?"

Ele olha para a minha testa.

"Me diz você, *Filha de Noelle*."

Por que ele está me chamando assim? Só os amigos da Rouge me chamam assim.

"Você está dizendo que é por causa da minha mãe?"

"Não sei. Eu estou dizendo isso?"

"Eu sei que ela era membro. Ela morreu recentemente. Sofreu um acidente", acrescento rapidamente.

Sobre o espelho, o vestido vermelho ondula e ondula na brisa.

"Noelle", diz ele baixinho, como se o nome fosse uma coisa delicada. "É um lindo nome."

"É. Ela era. Muito linda."

"O luto é engraçado, né?" Ele não está rindo.

"É." Sinto um mar de alguma coisa subindo dentro de mim, mas só uma única gota cai do meu olho. Ele a limpa e eu deixo aquele estranho fazer isso. Aquele estranho que parece que saiu de um dos filmes da minha mãe. Das revistas fascistas dela.

"Faz com que a gente faça coisas engraçadas, eu sei." Ele faz uma pausa. "Eu também perdi uma pessoa não tem muito tempo."

"Perdeu?"

"Meu irmão. Gêmeo, na verdade. Acredite se quiser, já houve dois de mim." Ele tenta sorrir, mas falha.

"Sinto muito. O que aconteceu?"

"Isso é história pra outro dia e pra bem mais uísque do que tem neste quarto." Ele toma outro gole longo. Olha para mim. "Sabe, quando eu te vi na ponte, você tinha uma marca de nascença aqui." Ele toca na minha testa de leve. "Com formato de estrela. Muito bonita, eu pensei. Ainda está aí, mas desbotada. Como se a cor tivesse sido removida." Ele parece

fascinado. Sinto o vestido da minha mãe acenando para mim na brisa, como se estivesse me chamando.

"É melhor eu ir."

"Mas sua roupa nem secou ainda."

"Eu coloco molhada mesmo."

Ele estica a mão para o meu pulso.

"Desculpa. Estou forçando a barra, não estou? Você quase se afogou e eu estou perguntando sobre um tratamento. Nós detetives… detetives da beleza, eu quis dizer. Nós somos implacáveis. Prometo que vou calar a boca por um tempo se você ficar e descansar. Depois, podemos conversar um pouco mais sobre isso, está bem? Você entrou em água profunda e escura, Belle."

Na cômoda, o espelho cintila e as rosas brilham. "Vem aqui." Olho para Hud Hudson, que está chegando perto demais. As sombras estilosas me engolindo.

"Eu queria saber se você pode ir lá buscar um chá", digo.

"Chá?" Ele me olha por um tempo. "Vou ligar pra pedir."

"Eu queria agora, por favor. Ainda estou com frio. Nada aquece como chá."

Ainda me olhando. Tão de perto.

"Promete que vai ficar aqui?"

"Verde, por favor. Se tiver. Eu agradeceria muito."

"Vai ter."

Ele sai com um clique suave e um "Já volto. Não vá a lugar nenhum." Quando ele sai, eu corro para o espelho, para o meu vestido pendurado na frente. Subindo e caindo delicadamente na brisa. Pego o vestido da minha mãe, ainda úmido e frio nas minhas mãos. No espelho, vejo a seda cair, se abrir como uma cortina. O espelho parece uma janela agora. Nele, vejo a casa no penhasco. Vejo que o portão preto alto está aberto. As paredes de vidro da casa estão brilhando em vermelho. E estou dentro das paredes, dentro da casa. Meu reflexo parado na escada, ao lado da mulher de vermelho. Luminoso, vigoroso, erradicado. Sorrindo para mim com os lábios mais vermelhos do mundo. Acenando para mim, para eu *entrar, entrar*.

17

A Sala de Tratamento está com um cheiro diferente hoje. Mas tem a mesma névoa, os mesmos sinos, a mesma mulher de voz suave comigo na penumbra. Esfregando as mãos com um óleo aromático enquanto estou deitada na mesa aquecida, sorrindo de expectativa. Ela coloca as mãos sobre meu nariz e minha boca e me diz para inspirar, isso mesmo. Fundo, por favor.

"Três respirações fundas. Vamos fazer juntas de novo. Quer fazer juntas de novo?"

"Quero, por favor. E que cheiro é esse, posso perguntar? Apocalipse? Sálvia?"

"Ah, é nossa mistura especial."

"É diferente do último que você usou."

"É um pouco diferente", diz ela. "Você está preparada pra isso?"

E eu faço que sim. Estou preparada. Minha cabeça começa a ficar muito quente. E fragrante. Parecendo pinheiros em chamas. Em chamas? Isso não parece muito bom. A água-viva branca pequena está ao meu lado no tanque pequeno. Não está mais tão pequena e pálida. Cresceu desde a última vez. Ficou de um vermelho-rosado, como se estivesse corando.

"Nós conseguimos fazer uma extração significativa da última vez", diz ela em meio à névoa.

"É mesmo?", digo, olhando para meu peixe pulsante. "Isso é ótimo, né?"

"É maravilhoso. Nós tivemos muito sucesso. Bem, você não gostou do resultado?"

"Gostei", digo. Estou radiante com os pinheiros em chamas. "Eu estou com uma Luminosidade agora, não estou?"

E a mulher só sorri. Porque claro que eu sei a resposta para isso. Minha Luminosidade causou uma agitação a noite toda. A mulher de vermelho nem acreditou quando passei pela porta da casa naquela noite, levada pela mulher de prateado, que também nem acreditou. "Se você me

permite dizer, Filha de Noelle", disse a mulher de prateado, "você está bem luminosa *ce soir."* Havia uma festa no salão. Pessoas de seda vermelha e branca e preta. Música, carregada no cravo, tocando em algum lugar. O lustre estava ardente. "Estamos fazendo vários tratamentos hoje", disse a mulher de prateado, me puxando pelo salão. "Inclusive o seu, Filha."

"O meu?"

"Você foi Selecionada. Bravo, Filha."

"Bravo", ecoaram as pessoas quando passei. Todas aplacando. Aplaudindo, eu quis dizer.

"*Bon voyage*, Filha", disseram. Algumas sorrindo. Algumas, nem tanto. Algumas até com a cara meio feia.

"Querida Filha", sussurrou uma mulher, "como você deve estar se sentindo empolgada e feliz e sortuda."

"Sim", falei com inquietação. "Estou sentindo todas essas coisas."

A mulher de vermelho aplaudiu mais do que todo mundo. Ela ficou no patamar da escada como havia feito na primeira noite e, quando me aproximei, levou a mão à boca em estado de choque. "Seria possível?" Ela levou os óculos de ópera aos olhos. "Não pode ser… nossa querida Filha?"

"Ela mesma", disseram os gêmeos por trás dos véus pretos, parados um de cada lado dela.

"Em homenagem à sua Jornada de Beleza", disse ela, me entregando uma taça cheia de estrelas vermelhas. "E para celebrar as dívidas da mãe terem sido pagas, claro", sussurrou ela no meu ouvido. Olhei para ela e ela piscou para mim.

"Você pagou as dívidas da minha mãe por mim?"

"Não podemos permitir que nossa querida Filha franza a testa por problemas tão mundanos quanto dinheiro, não é? Não com ela seguindo na sua Jornada de Beleza."

"Eu não sei o que dizer. Como vou poder te pagar?"

"Ah, não se preocupe com isso, Filha. Nós estamos terrivelmente animados de ver você indo atrás do seu Eu Mais Magnífico. Não estamos, Lorde e Lady Vichy?", disse ela, se virando para os gêmeos. Então eles eram da realeza.

Eles sorriram para mim através dos véus. "Ah, muito."

"No âmago, você vai ver que a Rouge é uma empresa que ama profundamente os humanos, Filha."

"Muito profundamente." Lorde e Lady Vichy sorriram.

Eu assenti. Fazia sentido. Bem mais sentido do que o que Hud Hudson estava me dizendo no quarto de hotel, o rosto bem próximo do meu rosto. O que ele estava dizendo mesmo? Algo sobre penetrar em água profunda e sombria. Eu estava tendo dificuldade de me lembrar de qualquer coisa além dos olhos dele, cheios de água profunda e sombria. Não sabia do que ele estava falando. Olha toda essa gente linda, bebendo e dançando debaixo do lustre brilhante, pensei. Não rindo, mas só porque elas não queriam linhas de expressão. Mas estavam rindo por dentro, eu as ouvia. Eu também estava rindo por dentro. Estava me divertindo tanto no patamar da escada com os gêmeos e a mulher de vermelho, todos acariciando meus ombros com as mãos enluvadas de seda. Água profunda, que água profunda? Só uma casa de beleza. Só uma casa de beleza cheia de amigos carinhosos… *amigos*.

"Eu estava pensando", falei para eles. "Quer dizer, estou meio preocupada com a minha memória ultimamente."

As expressões deles se transformaram nessa hora. "Preocupada?"

"Bem, eu ando esquecendo coisas como nomes e lugares."

"Nomes? Lugares?"

"E rostos", acrescentei. "Não consigo unir rostos e nomes. Nem os nomes e os lugares. As palavras também ficaram fugidias de repente."

Os gêmeos olharam para a mulher de vermelho. Eles balançaram a cabeça por trás do véu. A mulher de vermelho pareceu franzir a testa, embora seu rosto tenha permanecido imóvel. "Interessante. Bem, Filha, acho que você vai descobrir que há rostos e lugares que não valem a pena ser lembrados. Talvez você esteja descobrindo isso na sua Jornada de Beleza."

"Mas parece mesmo que estou meio confusa", falei. "Por exemplo, eu esqueci que não sabia nadar, se é que dá para acreditar. Acabei quase me afogando."

E eles sorriram com os olhos. "Ah, bem, estar meio confusa", disse a mulher de vermelho, "é esperado. É um efeito colateral absolutamente normal dos tratamentos. As lembranças são todas conectadas, não são?"

"São mesmo, são mesmo", disseram Lorde e Lady Vichy.

"Se você extrai uma lembrança, a ruim, o Radical Livre da Mente absolutamente desnecessário, o Comedão da Alma, o que está deixando

seu semblante menos viçoso e mais enrugado e mais escuro de forma tão horrível, vai acabar afetando as outras, não vai?"

"As outras precisam de um tempinho para se ajustar, por assim dizer", disse o Lorde.

"Elas ficam meio enroladas, só isso", disse a Lady.

"Mas eu aceitaria a confusão com alegria por esse… Brilho." Ela me empurrou para perto de um espelho gigante na parede para que eu pudesse ver com meus próprios olhos. Ali estava meu eu do espelho. Sincronizada e sorrindo com lábios muito vermelhos. Sorrindo largo para mim com olhos brilhantes. E a minha pele…

"Tem uma brancura, não tem?", sussurrei. "Um Brilho", eu quis dizer. Não brancura, falei para mim mesma, chame de Brilho.

"Ah, sim. Como a lua se ela tivesse luz própria, não é mesmo, Lady Vichy?"

A Lady sorriu. "Como se a lua estivesse na tomada", concordou ela por cima do meu ombro.

"Por uma Luminosidade dessas", disse a mulher de vermelho, "eu estaria disposta a esquecer algumas coisas, pode acreditar. O dia da semana, quem precisa saber? Qual tisana de café da manhã eu preferia, uma chance de experimentar uma nova, *n'est-ce pas?"*

"Você vai ver que a vida está cheia de pequenas surpresas adoráveis desse jeito", disse o Lorde.

"A oportunidade de viver de momento a momento, no presente, como nunca", disse a Lady.

Eles me empurraram para ainda mais perto do espelho, para que eu ficasse a centímetros do meu reflexo no vidro. E, apesar de estar com medo, eu estava sorrindo para mim mesma o tempo todo.

"Claro que ainda não chegamos lá, não é?", disse a mulher de vermelho por cima do meu ombro.

"Ainda não, ainda não", sussurraram os gêmeos, olhando para o meu rosto no espelho.

"Mas foi por isso que você voltou, não foi, Filha? Porque Roma não foi construída em um dia."

"Nem em um tratamento", sugeriu o Lorde.

"Foi construída em três tratamentos", disse a Lady.

"Mas Roma não caiu?", eu me ouvi perguntar. "Lembro que desmoronou."

"Olha só a nossa Filha, lembrando coisas!" E eles sorriram para mim com os olhos. "Não se preocupe com uma certa mistura mental aqui e ali. Com um pouco de rearrumação na sua cabeça."

Pensei naquela mão branca arrumando as rosas na minha cabeça.

"Um preço baixo a se pagar por esse nível de regeneração de colágeno, *n'est-ce pas*? Falando nisso…"

E, aí, a mulher de prateado veio e me levou para o porão. Na sala de espera, bebi a água de sangue romano. A água de semente de romã, eu quis dizer. Estava muito fria, vagamente doce, com um final amargo que me surpreendeu e me deleitou. Olhei para as máscaras brancas de rostos horrorizados nas paredes vermelhas. Retorcidas em graus variados de terror. Como se cada rosto tivesse sido congelado confrontando seu pior pesadelo. Era lindo. A mulher reluzente que conheci da última vez estava sentada embaixo delas, lendo a revista vermelha. A que achei que poderia ser mestiça, como eu. Etnicamente ambivalente. "Ambivalente", é essa a palavra que eu quero? "Oi de novo", falei. "Acho que estamos com a mesma agenda de tratamento."

Ela olhou para mim como se nunca tivesse me visto. "Desculpa", disse ela, "nós nos conhecemos?" Eu não queria confundi-la e por isso falei "Desculpa, talvez eu tenha me enganado. Eu ando confundindo nomes e rostos ultimamente."

"Engraçado", ela disse. "Eu também ando confundindo. Me disseram que é um psicotrópico inofensivo. Efeito colateral".

"Também me disseram isso."

"Mas vale pela Luminosidade. Você não acha?"

Ela olhou para o espelho infinito e eu também olhei para lá. Olhei para milhares dela. Entre nós duas, ela valia mais a pena ser olhada. Estava mais pálida do que da última vez. Como se a cor tivesse sido um pouco sugada da pele. Ela tinha uma brancura. "Um Brilho, chame de Brilho." Havia uma Luminosidade maior do que antes. Senti inveja.

"Estou com inveja", falei.

E ela sorriu. "Obrigada."

Agora na Sala de Tratamento, os discos pretos estão nas minhas têmporas, a pasta branca fria no meu rosto.

"Isto é uma máscara de algas marinhas?", pergunto à mulher-sussurro.

"Você pode chamar assim", sussurra ela.

Estou amarrada na cama, por que amarrada desta vez?

"Para você poder relaxar. Essas extrações podem ser bem viscerais", diz ela. "A lembrança vive em todas as partes do corpo. Nas costas. No pescoço e nas mãos. Até nos pés."

"Nos pés", penso, e lembro que demorei um tempo para chegar à Sala de Tratamento. Por causa dos meus sapatos vermelhos. Novamente, tive que tirá-los. Tive que seguir a mulher de prateado descalça, com os sapatos vermelhos ofegantes nos meus dedos. Foi tão bobo. Eu não deveria mais usá-los para ir à casa. Mas, se eu não os usasse, não sei se saberia chegar lá.

Está escuro aqui agora. Estou sozinha. Tem uma sensação calorosa se espalhando em mim. Então tem amarras, tudo bem. Não se agite. Não lute. As amarras são para me proteger, como disse a mulher-sussurro. De quê?

"De você mesma, claro", diz uma voz dentro de mim. As rosas na minha mente parecem ter sumido agora. Não tem nada na minha cabeça além de uma névoa escura e aromática, o som de sinos. Quem está falando na névoa?

Olho para cima e vejo que o teto está sendo recolhido para revelar outro teto de vidro. Um céu de água, as águas-vivas vermelhas flutuando, pulsando. Alguém me disse recentemente que não eram águas-vivas. Quem? Que alguém? Uma pessoa boba. É óbvio que são águas-vivas. Veja os tentáculos vermelhos. Veja as cabeças pulsando. Como corações translúcidos batendo na água, não são? Tão lindas. E novamente eu sinto meu corpo flutuando para cima, para o teto, o que é estranho, e as amarras?

"Mas sua mente não tem amarras", diz a voz dentro de mim.

Agora, estou perto do teto de vidro. Estou pertinho das águas-vivas. Vejo um padrão como de flores no corpo delas, lindo. O vidro do aquário vira uma tela em que um filme se desenrola. Muito bunda. *Bom*, quer dizer. É muito bom. Eu amo filmes. Qual é este?

Na tela de vidro, vejo uma garotinha. Ela está no closet de um quarto azul e branco, na frente de um espelho oval grande. Está usando a roupa da mãe, esperando na frente do espelho como se fosse uma porta. Ela é feia, eu penso. Águas-vivas passam pelo corpinho de patinho feio dela. Que rosto intenso. Sofrido. Familiar.

Hum. Que filme é esse mesmo? Acho que não conheço esse.

"Ah, conhece", diz a voz. "Definitivamente. Você conhece esse muito bem. Confie em mim."

18

Estou sentada encolhida na frente do espelho do closet da minha mãe. Estou esperando há algum tempo que Tom apareça no vidro a qualquer momento. Estou com os sapatos vermelhos e o vestido branco que ele mais ama. Estou usando o perfume de violetas e fumaça da minha mãe e o batom da minha mãe, o menos vermelho que ela deixa na gaveta. "Se bem que não tem nada de menos em você", Tom sempre diz.

"É mesmo, Tom?"

"Seth, lembra. Lembra, eu sou Seth."

"Tudo bem", digo, mas ele é mesmo a cara do Tom Cruise. Tenho certeza disso porque ando vendo os filmes dele. Eu os vi apesar da minha mãe, pelas costas dela. Pedi à minha mãe para alugá-los para mim, supliquei. Isso foi depois que minha mãe gritou comigo por estar no quarto dela. Mais tarde, ela me chamou até a sala e pediu desculpas por ter gritado, mas estava cansada de eu não ouvir, tá? "Tá." Além do mais, espelhos não eram brinquedo, eu entendia isso?

Minha mãe estava encolhida no sofá com um dos robes de seda que meu pai tinha trazido para ela do Egito. O Egito era como um robe bonito que ela podia vestir e tirar. Ela tinha um exemplar da revista *Vogue* no colo e um Matinee soltando fumaça no cinzeiro pontudo de vidro na mesa de centro pontuda de vidro. Tudo no nosso apartamento é brilhante e pontudo e frio, diz Stacey. Ou é branco e chia, como o vime. É o que a minha mãe chama de "estilo", digo para Stacey, que responde com "sei lá". Ela não gosta de ir à nossa casa porque "nós não podemos avaliar uma à outra lá". Avaliar é uma coisa que só fazemos no porão da Stacey, onde eu vejo a Stacey girando de body no escuro até meus olhos lacrimejarem. Às vezes eu afasto os olhos dela, olho pela janela embaçada do porão perto do teto, para o jardim de roseiras infinitas. Nem sempre consigo ver o topo das flores, só os caules com espinhos nos canteiros de terra, que a mãe russa dela, Alla, sempre revira. Alla não sabe o quanto eu vou lá porque nós sempre entramos pela porta dos fundos, mas me viu algumas vezes quando

pegamos atalho pelo jardim. Ela estava sorrindo, mas seus olhos estavam duros e cintilantes como os diamantes da Grand-Maman, e a mão dela, quando a apertei, parecia um peixe mole. "O que nós conversamos sobre saracotear pelo jardim, Anastasia?", diz Alla para Stacey, os olhos ainda em mim. "Chega de porta dos fundos, tá?" Alla é loura, como Stacey. "Muito Stepford", diz minha mãe quando vai me buscar, fazendo uma careta, apesar de eu saber que ela admira a casa, o jardim com o gazebo. Ainda assim, minha mãe prefere o estilo dela em todas as coisas. Eu também prefiro. Até o cigarro no cinzeiro da minha mãe, soltando fumaça, tinha uma boca bonita do melhor batom vermelho dela no filtro. Ela tinha cheiro de violetas e fumaça da estrela irregular.

"Belle", disse minha mãe do sofá, "você está me ouvindo?"

"Estou."

"O que eu falei?"

"Que espelhos não são brinquedo."

"Aquele espelho principalmente, entendido? Olhe para mim." Ela estava segurando meu queixo, inclinando minha cabeça para cima para que não houvesse para onde olhar exceto o rosto da minha mãe, brilhante e pontudo e frio. Mas os olhos dela estavam suaves. Querendo que eu entendesse mesmo aquilo, tá? Para o meu próprio bem. "*Comprends-tu*?", disse minha mãe, falando francês como fazia só quando estava muito chateada. E ela me sacudiu um pouco.

"*Oui*. Mãe", falei, "você conhece o Tom Cruise?"

"Tom Cruise?", disse minha mãe, me soltando. "Claro que eu conheço Tom Cruise. Quem não conhece? É um grande astro do cinema."

"A gente pode ver uns filmes dele? Pode alugar na locadora?"

"Por que você quer fazer isso de repente?"

E eu fiquei com o rosto vermelho. Eu não podia contar para a minha mãe que Tom Cruise era meu namorado. Que eu sentia que ele me conhecia melhor do que qualquer pessoa. Melhor do que minha mãe, até. "Só pra ver, só isso", falei para o chão. "Ele é um bom ator, não é?" Minha mãe está sempre falando sobre quem é bom ator. "Você não gosta dele?" E os olhos da minha mãe ficaram meio melosos de novo de repente. "Ele é meio parecido com Monty. Isso eu digo a favor dele." Como se ela pudesse ver Tom na mente dela. Eu teria ficado com ciúmes, mas Tom já tinha me dito o que achava da minha mãe. Que ela era horrível. Feia. Velha. A

Beleza dela, um disfarce. Só uma máscara pintada. Escorreria da cara dela a qualquer momento. Já estava escorrendo.

Minha mãe sorriu para mim. "Um bom ator, é?" Ela pareceu achar graça. "Tudo bem. Na próxima vez que formos à locadora…"

"Ela é meio nova pra esses filmes, você não acha?" Isso vindo de Chip, deitado no sofazinho. Vendo uma corrida de carros na televisão. Sem nem olhar para nós.

"É?"

"Não sou, não!"

"Pensa bem", disse Chip, me ignorando. "*Negócio arriscado*?" Ele ergueu as sobrancelhas para minha mãe de um jeito que eu odeio.

"Ah, é. É verdade, Belle. Você é meio nova para os filmes dele, eu acho."

"O quê?!", gritei. "Mas eu já tenho dez anos! Dez não é nova demais."

E Chip sorriu.

"Talvez em uns dois anos", disse minha mãe.

"Mãe! Você não pode ouvir…"

"Querida, tem cenas que são… adultas demais pra você. Acabei de me lembrar."

"Mas você ia dizer sim!"

"Bem, eu tinha me esquecido de algumas cenas."

"Mas e *Top Gun*? Nós vimos *Top Gun* juntas, lembra? Eu não posso pelo menos alugar…"

"Não, Belle. Tinha uma cena nesse também." E eu corei. Eu sabia de que cena minha mãe estava falando. Tom e Kelly McGillis em silhueta azul. Tom deitado em cima dela. Enfiando a língua na boca da mulher. Como eu a odiei. Tudo com "Take My Breath Away" tocando, nossa música. Fiquei com o rosto quente só de pensar.

"Mãe, isso não…"

"Belle, já chega. Para o quarto!"

Eu esperei. Esperei e aluguei os filmes com Grand-Maman. "Minha mãe não quer que eu veja os filmes do Tom Cruise." Bastou eu dizer isso e Grand-Maman na mesma hora alugou todos para mim. *Negócio arriscado*. *A chance*. *Top Gun*. *Vidas sem rumo*. *A lenda*.

"Aah, uma maratona do Tom Cruise", disse a garota atrás do balcão da videolocadora, e Grand-Maman não disse nada, só preencheu um cheque do talão de cheques dela. Nós os vimos juntas na escuridão do quarto da Grand-Maman, na televisão preta grande, até as partes de beijos. Até as partes de sexo. Ela não adiantou nenhuma cena. Só ficou sentada no divã rosa-dourado sem dizer nada. Parte de mim queria que ela adiantasse cenas às vezes. Porque eu odiava ver Tom beijar ou tocar ou até sorrir para qualquer garota. Kelly McGillis. Rebecca De Mornay. Todas eram iguais para mim. O cabelo, os olhos, a pele. Até as de cabelo e olhos escuros, como Mia Sara em *A lenda* ou Mary Elizabeth Mastrantonio em *A cor do dinheiro*, eram mais ou menos iguais. Mais parecidas com minha mãe ou com Stacey do que comigo. Meu rosto queimava de ver aquilo. Meu coração doía. Eu sentia dor para respirar, como se tivessem enfiado uma faca lá, bem no meio de mim. Ao ver Tom beijar Rebecca em *Negócio arriscado*, tive uma sensação que foi muitas sensações ao mesmo tempo. A raiva mais raivosa. A tristeza mais triste. Uma vontade tão grande e profunda e dolorosa, que transformava meu estômago num buraco. A vontade era como um afogamento. Havia uma palavra para esse sentimento, eu sabia. "Inveja." Minha mãe me ensinou quando leu *Branca de Neve* pela primeira vez, é o que a rainha má sente. "Quando alguém tem uma coisa que você quer muito e você odeia a pessoa por isso." Inveja foi o que senti. Eu invejei todas as garotas que chegaram perto do Tom no filme, então mal conseguia suportar ver aquilo. Mas eu vi, entre lágrimas às vezes, querendo correr até a tela e empurrar a garota para fora do filme, para fora do mundo. "Tom não te ama", eu gritaria para elas ao jogá-las no espaço. Eu gritaria e gritaria até perder a voz.

"*Qu'est-ce qui se passe avec toi?*", disse Grand-Maman em determinado momento, quando víamos Tom Cruise passar os braços em volta do corpo nu de Rebecca De Mornay. O cabelo dela era do mesmo tom de louro-alaranjado de Stacey, percebi. Os olhos azuis iguais aos olhos da minha mãe.

"Você está chorando?"

"Não", falei. "Estou vendo. É assim que eu vejo. Grand-Maman?"

"*Quoi?*"

"Você acha que ele gosta mesmo dela?"

"*Ben non*. É um filme, *chérie*. Ele está atuando."

"Tudo bem", sussurrei. Eu amei a Grand-Maman nessa hora. Cheguei perto de dizer para ela que Tom Cruise era meu namorado. Que eu era a única que sabia o nome verdadeiro dele, Seth. Que eu era a única que sabia sobre os olhos de Tom. Que podiam ficar vermelhos em um instante e voltarem a ser azul-esverdeados de novo quando ele estava calmo e feliz. Mas, aí, lembrei que era segredo. "O nosso segredo", disse Tom. Havia horas em que estávamos assistindo que eu sentia Tom me olhando da tela da televisão empoeirada da Grand-Maman, e eu pensava que a tela era um espelho e que Tom sairia dela com a jaqueta esportiva ou a jaqueta de piloto ou de camisa branca e cueca e óculos escuros.

"*Ça va?*", perguntou Grand-Maman. "Você está respirando engraçado."

"Porque Tom está tirando meu fôlego", pensei. Mas claro que não falei isso para Grand-Maman. Eu só falei "*Ça va, oui*".

Uma vez, no meio de *Top Gun*, eu vi meu rosto refletido no brilho da tela, ao lado do dele. Tom estava flertando com Kelly McGillis em um elevador, e às vezes Kelly aparecia na tela, às vezes Tom, ambos lindos e sorridentes ao lado do que vi que era meu rosto muito não sorridente, que estava horrendo, torto de desespero. "O que houve?", perguntou Grand-Maman. Ela desligou a televisão de repente e eu só me vi. De perto, de pernas cruzadas no chão arranhado, Grand-Maman se balançando ao meu lado no escuro. Meu rosto estava sonhador e aberto como o da minha mãe quando ela via os filmes dela. Mas meu jeito sonhador não era bonito como o dela. Era terrível. Não era nada que Tom pudesse amar. "Vou pra casa agora", falei.

***

Depois de ver os filmes, parece mesmo que Seth é Tom Cruise. Mas, se Tom Cruise quiser que eu o chame de Seth, eu posso fazer isso. Eu faço qualquer coisa por Tom Cruise. Seth, quer dizer. Estamos ficando tão próximos. Cada vez que minha mãe sai agora, eu vou para o closet do quarto dela e ele está lá, esperando no espelho. Ela falou para Grand-Maman não me deixar entrar no quarto dela nunca mais de jeito nenhum depois da última vez. "É da maior importância, está ouvindo?", disse ela para Grand-Maman, e Grand-Maman falou para a minha mãe "Eu ouvi".

Mas, assim que minha mãe sai, Grand-Maman finge que não vê. Eu entro e é claro que Grand-Maman escuta meus passos no corredor, claro que ouve a maçaneta frouxa girar. Talvez ela finja que não escuta também.

Na vez seguinte que fui ao closet da minha mãe, não vi o espelho de primeira, e por um minuto não consegui respirar. Aí, o vi reluzindo atrás da fileira de vestidos vermelhos como sangue. O espelho estava virado para o canto, como se tivesse feito alguma coisa errada. Eu o peguei, o virei, não era tão pesado assim. Eu sempre tiro a pulseira dourada do meu pai primeiro. Aquele Olho de Hórus. O olho do meu pai, minha mãe disse. Observando, parece, e eu não gosto. Assim que cai no chão da minha mãe, o espelho começa a cintilar, e ele aparece do outro lado do vidro como um sonho. Borrado nas bordas no começo. Ondulando como água.

"Tom", sussurro.

E ele entra em foco ofuscante, o sorriso brilhando em um branco que me queima. "Oi, Belle", diz ele. "Posso entrar?" Ele é tão lindo, eu não tenho palavras, embora minha boca esteja escancarada. Perco o ar, como na música. Mas Tom escuta o "sim" no meu coração disparado. E atravessa o vidro com um som sugado de lula. E a música, a nossa música, toca ao nosso redor. Ele me pergunta se pode ter essa dança. Apesar de ele saber que é óbvio que pode. Ele pode ter qualquer coisa. E nós dançamos e conversamos, por horas às vezes. Fico surpresa de Tom Cruise ter tanto tempo. Ele não deveria estar ocupado fazendo filmes e dando entrevistas e outras coisas? O que está fazendo ali, no escuro do closet da minha mãe, dançando comigo? Mas não ouso perguntar. Eu falo sobre outras coisas, mais porque fico nervosa de estar dançando música lenta com Tom Cruise. Penso no meu rosto refletido na tela da televisão da Grand-Maman, feio e distorcido enquanto sonha. Eu não me pareço com as garotas nos filmes dele, mas ele está me olhando como se eu fosse Kelly McGillis no elevador. Eu sou Rebecca De Mornay andando pela sala dele como um sonho. De verdade. As mãos do Tom nos meus ombros. Os olhos do Tom no meu rosto. É intenso demais. Demais. Quando encontro a voz para falar, mal sei o que dizer. Eu conto coisas bobas. Que eu odeio a escola, não quero voltar no outono. Que Stacey tem um namorado agora, Gabriel Gardner, e que ele disse que ela é parecida com Christie Brinkley. Que minha tartaruga morreu na primavera e eu tenho medo de ter sido quem a

matou. Tom parece achar graça, mas também fica incomodado com a minha falação.

"Stacey parece uma piranha qualquer", sussurra ele.

"A escola é uma perda de tempo, Belle. Você não vai aprender nada lá além de mentiras."

"A morte é inevitável e o mundo é cheio de assassinato", diz Tom, tirando com carinho uma mecha de cabelo dos meus olhos.

Se Tom fala, ele só quer mesmo falar de duas coisas: da minha Beleza e que a minha mãe é má. "Uma pessoa horrível, Belle." Uma rainha vaca malvada. Fico surpresa de Tom Cruise achar isso da minha mãe sendo que ela se parece tanto com as garotas que ele beija nos filmes. Mas ele fala com tanta seriedade, que eu acredito. Quando Tom fala sobre a minha mãe, os olhos dele ficam vermelhos. Sua presa faísca mais na luz. Tem um brilho divino no rosto dele. Ele é tão lindo. O ser mais bonito que eu já vi.

"A Beleza da sua mãe é um truque", sussurrou Tom ontem à noite. "Não é como a sua, Belle." Agora, ele diz, eu sou só um botão na grama. Nem mesmo um botão ainda, uma semente. Dentro da terra escura, em meio a minhocas e aranhas. É lá que a minha mãe me deixa. Mas Tom diz que ele me vê lá na terra. Vê os caules verdes que logo vão surgir. As pétalas vermelhas que vão se abrir. Uma rosa eu serei um dia, sementinha. Como as do jardim da mãe da Stacey. É só esperar. Esperar e ver. E o que minha mãe será? Podre. Com pétalas caídas. Terra morta.

***

Agora, minha mãe ainda está fora, mas vai chegar em casa logo. Grand-Maman está dormindo na cadeira na sala. Tom está muito atrasado. Talvez esteja ocupado fazendo um filme novo. Mas ele não disse ontem que era para eu me encontrar com ele aqui hoje?

"Mas a mamãe pode voltar mais cedo", avisei a ele.

"Que se foda a sua mãe", disse Tom. Tom Cruise disse mesmo isso? Ele botou as mãos frias e grudentas nos meus ombros e disse: "Belle, sua mãe é um verdadeiro problema."

Eu assenti, como se soubesse. "Sim." Mas eu não sabia. "É que esse quarto é dela", falei. "E ela me disse pra não entrar. Ela fica com raiva

quando eu estou aqui. Com os sapatos dela." E eu queria dizer que, se ele fosse para o meu espelho no meu quarto, nós não teríamos que lidar com essas questões. Nós não…

"Eu não estou falando isso, Belle."

"O que você está falando, então? Qual é o problema com a minha mãe?"

E Tom me olhou e sorriu no escuro. A presa dele brilhou, afiada e branca. Claro que eu sabia qual era o problema. Só que eu não sabia.

"Ela está tirando a sua Beleza", disse ele.

"Está?"

"Ah, está. Definitivamente. E eu não vou tolerar. Já falei. Eu odeio roubo."

Eu assenti. Também odiava roubo. Pensei nos muitos robes do Egito da minha mãe. Que às vezes ela pintava os olhos como Elizabeth Taylor em *Cleópatra*. Usava um besouro azul no pulso, um escaravelho. Ela não roubou nada daquilo. Meu pai comprou para ela. "Do Egito", minha mãe dizia sobre as joias e as roupas. Então por que, quando eu via o besouro piscar na pele clara dela, eu às vezes pensava "mentirosa", às vezes pensava "ladra"? Porque ela era Noelle Nour só com os credores. Eu sou Mirabelle Nour, independentemente do que eu vista, para onde vá. Não posso tirar como o besouro do pulso da minha mãe. Não posso nem tirar como o olho do meu pai. Mas minha mãe roubava mesmo? Ela não tinha nascido daquele jeito e eu não tinha nascido deste jeito? E a ladra não era eu, por entrar no quarto dela, onde ela me disse repetidamente para não ir? "Ladrinha. Vaquinha", não é assim que minha mãe me chama baixinho sempre que me pega? Ela diz depois que eu saí, mas eu escuto pela parede.

"Tom…"

"Seth."

"Eu não sei se ela está roubando mesmo. Pode ser que só seja bonita." Imaginei minha mãe quando me levou para colher maçãs no outono. O rosto dela sorrindo pelos galhos de uma árvore cheia de lagartas peludas. Entreguei a ela a primeira maçã que colhi. O vermelho da maçã era quase igual ao do batom Chanel da minha mãe, combinava. Falei isso para ela e ela riu e disse: "Ah, deus, eu criei um monstro, não foi?"

"É mentira", disse ele, acariciando meu cabelo. "Eu vejo através dela. Vejo a verdade. E eu odeio mentiras." Fechou os olhos. "Muito." É verdade que Tom Cruise odeia mentiras. Ele tem muita honra. Eu vi isso em *A lenda*. Em *Top Gun* também.

"Por favor, me leva com você, Tom Cruise", supliquei.

Ele abriu os olhos, que estavam vermelhos agora. Uma expressão de raiva. Achei que ele me corrigiria de novo: "Seth, lembra?" Mas ele só sorriu sozinho, achando graça. Suspirou. Balançou a cabeça de cabelo escuro ondulado.

"Eu adoraria te levar, Belle. Definitivamente levaria. Você sabe que eu faria qualquer coisa pra te manter por perto. É que sua mãe ficaria com muita raiva de mim…" Ele botou a mão no peito como Tom Cruise faria. Tão subitamente sincero.

"Não ligo", sussurrei. "Eu faço qualquer coisa."

O sorriso de Tom faiscou, brando. "Qualquer coisa?" Ele segurou meu rosto nas mãos. As mãos dele estavam frias, foi como ser mergulhada em água gelada. Eu ofeguei. "Bem. Tem uma coisa."

Olhei nos olhos dele, agora azul-esverdeados de novo. Cheio das risadas e da luz que eu amava. Tão parecidos com os olhos de verdade do Tom Cruise, que eu mal conseguia respirar.

"Me conta." Eu estava tremendo nas mãos do Tom, mas ele não pareceu se importar.

"Envolve sua mãe, claro."

Claro. Eu não deveria ficar surpresa com isso. Eu estava com medo, mas tentei não demonstrar isso para Tom Cruise. "O que tem a minha mãe?", falei.

"As mentiras precisam parar, Belle. Ela precisa pagar por roubar sua Beleza. E você tem que pegá-la de volta pra poder vir comigo pra Califórnia. Você vai precisar dela lá. Você vai fazer isso, Belle?"

"Fazer o que exatamente?", pensei. Não sei. Mas Tom Cruise estava tão perto de mim naquele momento, que não consegui falar mais nenhuma palavra. O sorriso dele era de um branco reluzente que me transformou em gelatina. Eu estava perdida nas águas risonhas daqueles olhos. Ele chegou mais perto. Como se fosse me beijar, era agora. "Não fique nervosa", pensei. Stacey não ficaria nervosa. Não ficaria rígida. Ela estava léguas à minha frente com os lábios de Black Honey e o cabelo uma cortina loura

como o da Rebecca De Mornay. Gabriel Gardner tinha dado um beijo de língua nela outro dia, ao que parecia. O sorriso de Tom reluzia para mim, ofuscante como um eclipse. As mãos dele dos dois lados do meu rosto, me fazendo tremer. Os olhos de Tom no meu rosto como se ele pudesse me ver de verdade. Pudesse ver minha grande Beleza lá no fundo, na terra. Ele podia mesmo ver? Senti o hálito dele na minha pele como um vento frio. Fechei os olhos sem acreditar que era verdade. Inclinei a cabeça só um pouco, como aquelas garotas horríveis fazem nos filmes do Tom, as garotas que eu queria empurrar da tela para fora do mundo. Só que eu não era uma delas, era? Nada podia mudar isso. Não meus lábios menos vermelhos, nem os sapatos de sexo da minha mãe, nem o Dior em que eu estava afogada, nem minha nuvem roubada de violetas e fumaça. Como Tom Cruise podia me querer? Comecei a tremer, sabendo que ele estava bem próximo agora. No último segundo, baixei a cabeça de repente, com medo. Tom acabou beijando minha testa. E o local onde ele me beijou queimou. Senti o fogo pelo corpo todo. Senti vergonha, por que fiquei com medo de repente? Levantei a cabeça e esperei que ele beijasse meus lábios. Até os entreabri. Eu estava pronta dessa vez, apesar de estar com medo. Tom Cruise era meu namorado, afinal. Era isso que um namorado fazia. "Tom, pode me beijar agora", pensei com os olhos fechados.

Nada.

Quando abri os olhos, Tom tinha sumido. Só havia minha mãe na porta. Olhando para mim.

Minha testa estava latejando, queimada onde Tom tinha acabado de me beijar.

Minha mãe não disse nada. Nem sobre entrar no quarto dela. Nem sobre usar o batom menos vermelho ou os sapatos ou o vestido Christian Dior que ela tinha comprado com desconto na Ladies Evening Wear. Nem sobre a pulseira do olho do meu pai caída no chão. Só ficou me olhando. "Que porra é essa na sua testa?"

"Nada."

"Não é nada. Tem uma marca."

"Não tem."

"Tem sim, parece um hematoma. Você bateu a cabeça?"

"Não. Não é nada."

Ela ergueu uma sobrancelha. Eu iria mesmo mentir assim? Na cara dela? "Já chega, vou botar um cadeado nesta porta."

"Mãe… NÃO!"

"Um minuto", disse minha mãe entredentes. "Um minuto para se vestir e sair daqui." E ela bateu a porta. E, no espelho vazio, eu vi na minha testa. Brilhando como uma estrela. Uma marca onde Tom Cruise tinha me beijado com os lábios vermelhos frios. A pele ainda estava queimando.

Ela ainda não colocou cadeado na porta, mas diz que vai. "Espera só." Hoje à noite, vou ter que contar a Tom Cruise sobre o cadeado. A Seth, quer dizer. Tenho que descobrir o que ele quer que eu faça antes que minha mãe nos separe para sempre. Eu tenho que dizer para ele ir ao meu quarto de agora em diante, não para o da minha mãe. Não vou ter os sapatos dela, os vestidos nem o Dior Rouge, mas pelo menos vou ter privacidade. Nós vamos poder falar das coisas que Tom quer falar. Essa coisa que ele quer falar que envolve a minha mãe. "Uma coisa", disse Tom. Mas o espelho ainda está vazio. Só tem eu lá. Ouço Grand-Maman indo embora. Se minha mãe me encontrar ali, estou frita. O sol está descendo agora. Fico pensando se fiz alguma coisa errada. Eu chateei o Tom? Ainda tem uma marca na minha testa. Ele pretendia beijar meus lábios, eu ofereci a testa e talvez ele esteja com raiva agora. "Vou deixar que você me beije da próxima vez, Tom Cruise", prometi na minha mente. Quer dizer, "Seth".

Chave na porta. Minha mãe chegou em casa, fodeu. "Foda-se a sua mãe", disse Tom. E o espelho continua escuro, continua vazio de tudo exceto eu esperando.

"Tom, você me abandonou. Foi porque eu não te beijei? Porque eu hesitei em relação à minha mãe?"

"Belle", chama minha mãe rispidamente.

Não perco tempo para tirar os sapatos e o vestido e enfiar tudo de volta no closet. Limpo a boca de Rouge. Olho de novo no espelho antes de sair pela porta. Só me vejo, horrenda como sempre. Não me admira que Tom não tenha aparecido. Talvez agora ele veja o que todo mundo vê.

Na sala, minha mãe está com um homem. Não é Chip. Não é Troll. Um homem novo.

"Oi, Belle", diz ele.

Aquela voz. Eu reconheceria em qualquer lugar.

Olho para cima. Cabelo escuro como uma onda. Sorriso branco torto. Olhos azul-esverdeados que podem brilhar em vermelho a qualquer segundo.

"Tom", sussurro.

Tom Cruise na nossa sala, ao lado da minha mãe. Sorrindo para mim.

"O que você está fazendo aqui?"

Tom só pisca. Ele me olha como se nunca tivesse me visto.

"Não, querida, este é *Bryce"*, diz minha mãe. "Ele é produtor de filmes de Los Angeles."

"Oi, Belle. Sua mãe falou tanto de você." Ele estica a mão para eu apertar. Como se nós nunca tivéssemos dançado música lenta. Como se ele não tivesse deixado um hematoma na minha testa com os lábios. Como se nunca tivesse me visto, como se fosse um estranho. Eu olho para a mão dele. A mão que tocou na minha bochecha, no meu cabelo, nos meus ombros. Agindo como se não tivesse feito nada disso.

"Belle", diz minha mãe, dando a deixa.

"Seth", sussurro.

Ele só me olha. Olha para a minha mãe. *Seth?*

"Belle, eu te falei, ele é BRYCE. Desculpa por isso", diz ela para ele. Ele assente, como se entendesse. "Ele acha que a mamãe pode participar do filme novo dele, não é incrível? E talvez a gente se mude pra Los Angeles por um tempo."

"Sua mãe é muito talentosa, Belle", diz. "Eu acho que ela é uma estrela."

Ele sorri para a minha mãe. E a minha mãe sorri para ele.

"Por que você está fazendo isso?", sussurro. "Por que está mentindo assim? Eu achava que você odiava mentiras. É porque eu não deixei você beijar meus lábios? Eu só estava nervosa!"

"*Por quê?*", repete minha mãe. "Porque é uma oportunidade, Raio de Sol. Você não gostaria de se mudar pra Los Angeles?"

Tom Cruise passa o braço pelo ombro branco da minha mãe e sorri para mim.

"Não!", grito.

E do nada ele vira outra pessoa. Só um homem de cabelo escuro me olhando com atenção, com uma pergunta nos seus olhos aquosos. Não azul-esverdeados nem vermelhos. Nada como os olhos do Tom.

Eu saio correndo da sala. Corro para o meu quarto cor-de-rosa, onde fecho a porta.

"Desculpa por isso", ouço minha mãe dizer. E ela ri aquela risada cacarejada que eu odeio, que parece a raiva dela ganhando rosto, tentando se levar para longe.

"Não se preocupa", ouço o não Tom dizer. "Ela está bem?"

"Só deus sabe. Ela pode estar brincando de faz de conta, sei lá. Ela anda passando por uma fase e tanto. Talvez por causa do pai. Não sei. Quem sabe, talvez você seja um feiticeiro malvado na mente dela agora. Ou um lindo príncipe."

O não Tom ri.

"Bem, ela descobriu meu segredo, então. Eu sou um feiticeiro malvado *e* um lindo príncipe."

E minha mãe ri de novo também.

"Deus, fico imaginando quem eu sou." Ouço o som do isqueiro dela fazendo *clique, clique*. O cigarro pegando fogo. Uma tragada e uma respiração. "Provavelmente a rainha vaca malvada."

E o não Tom e a minha mãe riem juntos.

Jantar com a minha mãe e o não Tom. *Bryce*. Ele é mesmo Bryce? Ele não é mesmo Tom? Difícil dizer com a luz das velas da minha mãe. Eu falei que não estava com fome, mas minha mãe disse "Não faça isso comigo, por favor". Ela me forçou a colocar um vestido verde feio que comprou para mim da arara de descontos da Little Miss. Minha mãe chama o verde feio de "oliva", diz que exibe minha "pele dourada". Estou sentada embaixo do quadro que ela comprou em uma estação do metrô, cheio de riscos vermelhos em um céu branco. Grand-Maman disse que ela não entende. O quadro ou por que minha mãe fica comprando esse "lixo chique" em vez de pagar as muitas dívidas que tem. Estou vendo o não Tom comer um escargot que minha mãe cozinhou em manteiga de alho e serviu em um prato especial para comer escargots. Ele e minha mãe estão tomando um vinho que parece sangue. Sorrindo para mim.

"Sua mãe me disse que você é egípcia."

Olho para a minha mãe, que está assentindo do outro lado da mesa. Vai ser uma noite daquelas. Em que a minha mãe quer fazer o que chama de "exibição". "Eu não posso te exibir um pouco?"

"Eu não", digo. "Meu pai."

"Bem, isso significa que você também é", diz minha mãe, e sua voz é uma advertência sorridente. "É por isso que ela tem essa aparência tão exótica", diz minha mãe, os olhos ainda no meu rosto, dizendo "Por favor. Por mim?" "Você não é?"

Olho para o meu prato de escargot.

"É por isso", concorda o não Tom, sorrindo.

"E linda. Se não fosse essa cara amarrada."

"Mesmo com a cara amarrada", observa o não Tom educadamente.

"Tenho tanta inveja", diz minha mãe. "Mentirosa", penso.

Ela está usando o colar de escaravelho e o Dior vermelho. O mesmo que eu estava usando quando Tom Cruise me beijou. Vejo o besouro azul cintilar no pescoço branco. O Egito é um acessório hoje. Vai haver doce de mel e pistache mais tarde, que minha mãe vai dizer que fez, mas não fez. Ela compra na loja árabe e me leva com ela porque "essa é a sua herança". Eu odeio ir lá com ela. Todos os olhos escuros na minha mãe, depois em mim. E minha mãe amando cada minuto.

"Sabia que eu fui ao Marrocos recentemente?", diz o não Tom para a minha mãe, que me olha com tanto prazer. Todas as luzes no rosto dela estão brilhando violentamente para mim.

"*É mesmo?*"

"É um lugar mágico."

"Mágico, mágico", concorda a minha mãe, apesar de nunca termos ido lá. Ela sorri para mim como se eu fosse o Marrocos, sentado bem ali na frente dela.

"Belle e eu fomos lá uma vez, não fomos?"

"Não."

"Não ao Marrocos, ao Egito. É parecido. Com seu pai." Ela abaixa a voz na palavra *pai*.

"E como foi?", pergunta o não Tom.

"Ah, interessante. Exótico. Inesquecível mesmo. Não foi, Belle?"

Eu balanço a cabeça.

“Eu não lembro.” Eu lembro. De andar de ônibus com a minha mãe e todo mundo ficar olhando, como fazem na loja árabe. De segurar a mão dela no que ela disse que era uma pirâmide, mas parecia uma caverna. De andar de vestido branco com meu pai pelo Vale dos Reis. O sol nos meus olhos. Poeira no meu vestido. A mão dele quente e seca. O relógio de ouro tiquetaqueando no meu ouvido.

Agora, os olhos da minha mãe lampejam de um jeito sombrio para mim do outro lado da mesa. E ela sorri.

“Belle achou que a Esfinge estava falando com ela.”

“Não achei, não.”

“Ah, achou, sim. Era só uma gravação, claro. Mas nós a deixamos achar que era isso. Nós dissemos ‘Sim, claro que ela está falando com você, Raio de Sol’.” Mais risadas. Mais sangue.

“Bem, talvez estivesse”, diz o não Tom, aceitando mais sangue da minha mãe, que serve mais e mais.

“Quando ela era pequena, ela entrava no meu closet procurando Nárnia. Ou o País das Maravilhas, não era? Ou Oz.”

“Não.” Sim. Lembro que bati repetidamente nas paredes do closet. “Oi, oi, oi? Vocês estão me ouvindo? Estão aí?” O espelho não ficava no closet nessa época. Ficava pendurado na porta do quarto da minha mãe. Ela ainda não estava com raiva dele.

“Eu falava pra ela ‘Não está aí, querida. Eu queria que estivesse. Acredite’.” Uma risada ampla que leva tudo embora. “Ela ainda entra lá. Continua procurando alguma coisa, né?” Agora, os olhos dela estão tristes. Olhando para a minha testa, ainda ardendo onde Tom Cruise me beijou.

Olho para o escargot. Estou com o rosto quente.

“Bem, quem sabe, Belle. Talvez esteja lá. Tudo é possível, né? Definitivamente.” Isso quem diz é o não Tom. Tem alguma coisa na voz dele. Eu olho para ele.

Tom. De repente, ele está com aparência de Tom de novo. Está tão parecido com Tom Cruise, que eu não aguento.

“Eu amo o filme *Top Gun*”, sussurro no rosto de Tom.

Tom assente.

“Ah, é ótimo. Aquele monte de caças. Foi dos aviões que você gostou? Dos voos no céu?”

“Não.” Estou olhando diretamente para ele.

"Ah, é?" Ele sorri para a minha mãe. "De que você gostou? Me conta." Ele estica a mão até a da minha mãe sobre a mesa.

"Eu não sei por que você está fazendo assim", sussurro.

"*Belle.*"

E ele volta a ser o não Tom. Só um homem estranho me olhando como se não entendesse. Vou embora da mesa com a minha mãe chamando e chamando meu nome para "voltar aqui". E por fim:

"Tudo bem. Vai. Vai em frente."

***

Fico deitada na cama, vendo o sol se pôr pela janela branca com babados. Vermelho ardente. Todos os tons rosados e dourados que vi no rosto de Tom estão no céu hoje, o mesmo azul que o universo dos olhos dele. *Tique-taque* faz meu relógio da Branca de Neve. Deixo os segundos e minutos e horas passarem. "Vão em frente." Pela parede, ouço a risada do não Tom e da minha mãe juntos na sala, comendo doces, brindando com um toque de aquários de sangue, e penso em lulas. Não Tom ou Tom? Ele se pareceu tanto com o Tom Cruise, depois não mais. Nem um pouco. Só parecia um velho chato. *Bryce.* Antes de eu entrar, fui ao quarto da minha mãe. Não tive medo porque o Sting da minha mãe estava tocando alto na sala, as pareces estavam vibrando com "Englishman in New York". Entrei sorrateiramente no closet, peguei o espelho e o levei para o meu quarto. Agora, está brilhando no canto do meu quarto, onde é o lugar certo para ele. Sem nada além da minha silhueta. Fiquei olhando para ele até não conseguir mais me ver. Até ser só uma forma preta no escuro azul. "Tudo bem", falei para mim mesma. "Vá em frente." Agora, o céu está preto. Acontece num piscar de olhos, o movimento de azul para preto. Olho para o teto cheio de estrelas que brilham no escuro. Em cada canto, uma aranha faz uma teia. Tive tanto medo das aranhas nos cantos por muito tempo. "Mãe, mata elas, por favor", eu suplicava todas as noites. Mas minha mãe dizia que não. Dizia que era isso que acontecia quando se morava em um apartamento no térreo, em uma ilha perto do rio. As coisas entram pelas frestas, pelas telas. "Nós não podemos impedir que entrem, Belle. Melhor se acostumar. Não posso matar todos os bichos pra você,

querida. São muitos, não dá pra fazer isso." Escuto os dois andando pelo corredor agora. Os saltos da minha mãe que estalam e o barulho mais grave dos sapatos do não Tom. No meu quarto, os estalos param. Minha mãe parando na porta. Ela deve abri-la e lidar comigo? Não. Eles vão para o quarto azul dela, *clique, claque*. A porta se fecha com um baque. Pela parede, ouço uma música nova, que eu conheço. "In the Air Tonight". Conheço porque é uma música do Tom. De *Negócio arriscado*. Quando Tom e Rebecca estão no trem. O som me deixa enjoada, embrulha meu estômago. Mas não é só a música que me enjoa. São os sons que escuto debaixo da música, de suspiros, de respiração. As respirações da minha mãe e do Tom ou do não Tom. Suaves. Pesadas. Juntas. Como uma faca, eu sinto. Bem no meio de mim, girando. Fecho os olhos, mas não consigo cobrir os ouvidos o suficiente, nem com as mãos nem com o travesseiro, não com uma das bonecas idiotas com o cabelo e a pele da minha mãe que me observa. Minha testa arde. É burrice chorar. Sentir esse… o quê? "Só enjoo", digo para mim mesma. Mas não, não é só enjoo. Eu sei a palavra que sinto. A que minha mãe me ensinou da *Branca de Neve*, que é tantos sentimentos ruins ao mesmo tempo. Que eu sinto quando vejo Tom Cruise com qualquer garota, quando vejo a minha mãe botar o chapéu de aba larga para proteger o rosto pálido. A sombra penetrante e venenosa que dói, consome e esvazia. E quer. Só para si.

Silêncio agora. Sem rangidos, sem arfadas, sem música. Ouço o não Tom sair do quarto e do apartamento. Entrar no carro e ir embora.

Durmo olhando para as estrelas que minha mãe colou no meu teto. Porque eu tinha medo do escuro, ela as colocou lá. "Pronto", disse ela, "melhorou? Parece uma luz noturna, mas menos infantil."

"Ela nem acertou as constelações", disse Stacey quando dormiu na minha casa. "Todas as noites, quando você olha para essas estrelas, você está olhando para o céu errado. Está olhando para o paraíso errado."

"E daí?"

"É escroto", disse Stacey baixinho. "Mas explica muita coisa."

Ainda está escuro quando abro os olhos. Acordei com um som que parecia uma música. "In the Air Tonight" tocando de novo. De novo? Mas é meia-noite no meu relógio da Branca de Neve. Minha mãe deve estar dormindo.

Então por que ainda escuto a música? E uma música debaixo da música de novo. Não respiração nem suspiros agora. Passos. Será que são parte da música? Não. Passos não são parte da música. Passos diferentes de antes. Não um clique e um claque. Medo no meu estômago. Abrindo-se como um poço escuro.

Vejo que o espelho no canto está brilhando. Vejo alguém passar pelo vidro como se fosse uma porta. Abro um sorriso no escuro.

"Tom", sussurro.

"Seth", diz ele.

A silhueta dele vai até a minha cama. Leva um dedo de sombras até seus lábios de sombras.

"Nosso segredo. Como a Beleza, lembra?" Ele se senta na beira da minha cama. Bem onde minha mãe se senta quando me bota para dormir. Parece que ele se senta mais perto de mim do que a minha mãe. Minha pele está arrepiada, meu fôlego está entalado.

"Você veio", sussurro.

"Claro que vim."

"Achei que você tivesse me abandonado. Achei que tivesse ido embora pra sempre." Meus olhos se enchem de lágrimas. Torço para que ele não veja.

Ele se inclina e acaricia meu cabelo. É de um jeito tão delicado. As mãos dele estão frias e grudentas. É assim que eu sei que é ele, apesar de não conseguir enxergar muito bem no escuro.

"Por que você não me encontrou no espelho hoje? Eu esperei e esperei por você, mas você não veio."

"Não era seguro", sussurra ele abaixo da música. "Eu sabia que sua mãe estava tramando alguma coisa. E encontrei outro jeito."

"Pelo namorado novo dela."

Tom assente.

"Ele é um bobo. Bem fácil de infiltrar."

"Foi você que bebeu e riu com a minha mãe a noite toda? Vocês fizeram...?" Dizer a palavra *sexo* para Tom é impossível.

Tom sorri e balança a cabeça. O cabelo ondula no escuro.

"Eu só fiz isso pra chegar até você."

"É mesmo?"

"Sem dúvida."

Pensei no que Grand-Maman disse quando estávamos vendo os filmes do Tom, Tom e as garotas. Só atuação.

"Você vai mesmo com a minha mãe pra Califórnia? Vai me abandonar?"

"Belle, você não confia em mim?"

"Ela vai botar um cadeado na porta, Tom", sussurro.

"Seth", diz ele baixinho.

"Seth. Eu nunca mais vou te ver."

Ele vai até o espelho da minha mãe no canto. Eu o vejo acariciar o próprio queixo no vidro brilhante. Tem uma forma escura na superfície, eu vejo, fazendo o mesmo. O reflexo do Tom.

"Quem é aquele ator velho de quem sua mãe gosta mesmo?", sussurra ele.

"Montgomery Clift."

"Certo. *Monty*." Ele sorri para si mesmo no espelho da minha mãe. "Como pude esquecer?"

"Ela diz que você se parece um pouco com ele."

"Diz? Que interessante. Acho que me pareço mesmo, né?" Ele parece perdido no próprio reflexo, cintilando em tons escuros na superfície espelhada.

"Só porque Tom Cruise se parece com ele", sussurro. "Só porque você é Tom Cruise."

Por um segundo, parece que ele vai rir. Mas ele sorri no espelho de um jeito quase triste.

"Eu não vou deixar que ela nos separe", diz ele para o espelho. "Nunca."

"Como?"

"Você sabe como. Mas eu preciso da sua ajuda. Nós temos que nos livrar da sua mãe, Belle. Não tem outra opção se você quiser que eu te leve pra Califórnia."

Eu sabia que Tom Cruise iria dizer isso. Sabia que ele iria dizer do jeito que disse. Eu devo até ter dito as palavras com ele, como quando se canta junto de uma música.

"Mas eu não posso me livrar dela", sussurro. "Ela é minha mãe. Eu a amo." Fico arrasada por isso ser verdade. Penso na minha mãe e eu no pomar de macieiras no outro dia. No calor da mão dela na minha, na voz

dela dando risadas. "Eu a amo", repito, mas há uma falha nas minhas palavras.

Tom escuta. Ele me olha pelo espelho reluzente.

"Você sabe que eu odiaria te deixar aqui, Belle. Sozinha nesta ilha que você odeia, junto do riozinho lamacento. Com as aranhas que sua mãe não quer matar. Com essas bonecas idiotas que parecem a Beleza roubada da sua mãe. Lendo seus contos de fadas em vez de vivê-los. Você quer isso?" Parado junto ao espelho, ele parece estar prestes a me deixar agora. A desaparecer pelo espelho.

"Não." Eu balanço a cabeça. "Por favor. Por favor, não vá embora, Tom. Por favor, volta e fica deitado aqui comigo um pouco." Não consigo nem olhar nos olhos dele quando sussurro essas palavras. Um sussurro de um sussurro. Quando olho para a frente, ele está sorrindo para mim no espelho. O sorriso que parece um nascer do sol no escuro.

Ele anda até a minha cama. Afasta minhas bonecas com cuidado, uma a uma. Sem fazer um único som. Deita-se ao meu lado e ficamos cara a cara, Tom Cruise e eu. Ninguém nunca se deitou na minha cama fora a minha mãe. E só quando eu estava doente com pneumonia e não conseguia respirar direito à noite. Eu abri os olhos e ali estavam os olhos claros dela, me olhando com expressão arrasada. Foi a última vez. Até a Stacey, quando dorme na minha casa, dorme em um colchão inflável no chão. "Me conta um segredo", ela sempre diz. E eu nunca tive nenhum para contar além do segredo meu e da Stacey, que ela rodopia para mim no porão dela ao som de "Maniac". Até agora. Os olhos de Tom passam de azul-esverdeados para vermelhos para azul-esverdeados para vermelhos no escuro. O rosto está igual aos filmes que eu vi na televisão velha da Grand-Maman. Não tem tela de vidro entre nós agora. O sorriso dele brilha como as estrelas no teto. Tão lindo. O jeito como ele me olha, eu não consigo acreditar. De um jeito que ninguém me olha. Como se eu fosse linda também. Talvez eu esteja sonhando como Tom sonha no começo de *Negócio arriscado*. "O sonho é sempre o mesmo", diz ele no filme. "Se isso for um sonho", penso, "que seja sempre o mesmo."

"Você precisa me prometer", diz ele, sério agora. "Promete, Belle? De um jeito, você sabe, você já prometeu."

"Prometi?"

Ele assente devagar. A mandíbula se contrai, a bochecha começa a tiquetaquear como um relógio. O relógio mais lindo do mundo.

"É o único jeito."

Ele estende a mão e acaricia meu rosto de leve com as mãos de lula. Provoca um arrepio em mim. Novamente, penso em ser mergulhada em água fria e escura. Eu tremo na noite quente de junho.

"Vai machucá-la?"

E Tom só sorri para mim no escuro, debaixo do céu errado.

"Que estrelas bonitas ali em cima", diz ele. "Bonitas como você. Você é tão linda. Deus. Estar aqui com você. Eu me sinto o cara mais sortudo do mundo agora." Morro por dentro quando Tom diz essas coisas para mim. É como se estivéssemos em um filme. A garota foi jogada para fora do mundo e só existe Tom e eu agora. Eu a imagino caindo da beirada, o cabelo cor de mel flutuando, a pele pálida brilhando como a da minha mãe. É mesmo você dizendo essas palavras para mim, Tom Cruise? Claro que é. Esse é seu rosto, como o sol. Esses são seus olhos, como o mar. Eu o vejo voltar o sorriso para as estrelas. Ele não diz nada sobre elas estarem no lugar errado. Ele olha para o teto como se tudo estivesse onde deveria estar. As estrelas lá em cima e, aqui embaixo, eu e Tom Cruise. Chegando perto para eu sentir o cheiro de mar nele. Frio e azul e profundo.

"Você me promete?", diz ele.

Vejo uma água-viva vermelha flutuar pelo rosto dele.

"Se for o único jeito", digo.

Ele me beija nos lábios. Só uma vez. Bem de leve, como um toque de um toque. Desta vez, não queima. Queima, sim, mas não de um jeito ruim. É como se aquele céu errado de estrelas ali em cima estivesse no meu corpo todo agora. Pontinhos de luz ardente. Mas não parece mais errado. Parece certíssimo. O céu certo.

"É", diz Tom, acariciando meu cabelo. "Confia em mim, tá?" Ele segura a minha mão e vê a pulseira de ouro no meu pulso. Uma expressão engraçada surge no rosto dele quando ele vê o olho do meu pai. Parece que conhece, mas como poderia conhecer? "O que é isso?"

"Nada. Só um presente."

"É feio", sibila ele.

"Eu sei", sussurro. "Minha mãe me obriga a usar."

"Claro que ela faria isso", diz o rosto de Tom.

“Não combina com seu pulso bonito.” A voz dele é quase um rosnado. Eu tiro a pulseira e a enfio na pilha de bonecas. Uma pontada de sensação ruim quando a empurro para longe. Como se eu tivesse abandonado meu pai. O olho dele está triste e sozinho agora. Vou botar de volta quando Tom for embora. Agora, eu a empurro para longe.

Tom sorri. Tem águas-vivas vermelhas flutuando pelo corpo dele. Não só pelo corpo, mas pelo quarto todo. Meu quarto todo está iluminado como se estivéssemos embaixo de água, que estranho. Tem uma névoa em volta de nós agora, como se estivéssemos em uma neblina estranha. Talvez eu esteja mesmo sonhando. Ou me afogando. Não importa.

Estou no céu com Tom. Quer dizer, Seth.

É o céu de qualquer jeito.

Parte quatro

19

É A LUZ QUE ME ACORDA. A luz da manhã de uma janela, deixando minhas pálpebras fechadas vermelhas. Que sonho estranho eu tive. Não consigo me lembrar de nada agora, engraçado. Devem ser aqueles brancos de novo. Mas a sensação dele permanece no meu corpo, como se eu tivesse entrado nas profundezas de mim mesma e acordar tivesse sido como nadar uma longa distância até a superfície para respirar. E agora? Agora, minhas pálpebras pesadas ainda estão fechadas, e ouço o som de sinos, como se houvesse uma igreja estranha por perto. Uma névoa muito bonita pelos meus pensamentos. Enquanto ando pela névoa, vejo as rosas mais vermelhas em vasos sendo arrumadas por mãos brancas. Os espinhos que apontam para baixo parecem espetos reluzentes.

Quando abro os olhos, o que me recebe é uma ótima surpresa. Minha mão. *Mãe*, quer dizer. Minha mãe está acima de mim, sorrindo para mim do céu. Ela está deitada em uma cama vermelha no teto, o que você está fazendo aí, mãe? Ela também parece ter acordado de um sonho estranho, como se pudesse ter vagado por uma névoa mental. Com o que você sonhou, mãe? Vai me contar?

Mas minha mãe só sorri como se algumas coisas fossem segredo.

Bom, isso faz sentido. Tudo sempre foi segredo para você, não é? Como a Beleza. Você não mudou nada. Deve ter sido um sonho bom, qualquer que tenha sido, porque você está tão incrivelmente renovada. Não parece uma pessoa morta. Você está luminosa, mãe, de verdade. É impressionante ver você. Até me deixa meio emotiva de manhã, tenho que dizer. Sinto uma lágrima escorrendo.

Ah, olha, mãe, você também está chorando. Não chore, nós não podemos as duas chorar. Olha, eu estou feliz de novo, tá? Viu? Eu vou ficar feliz por você.

Minha mãe sorri de novo. Ela está ficando feliz só por mim também.

Ah, entendi. Não é minha mãe lá em cima. Sou eu. O teto é um espelho e sou eu olhando para o vidro e sorrindo. Deve ser meu quarto.

Essa é minha cama e os meus lençóis vermelhos de seda. Por um minuto, fico muito triste de ser eu sozinha aqui. Um vazio se abre, que parece sem fundo. Uma escuridão se senta no meu peito e pressiona o joelho na minha garganta. Mas preciso sorrir também. Porque isso significa que o rosto lá em cima é meu, não é? O meu rosto, não o da minha mãe, mas está tão parecido com o da minha mãe. O meu rosto desafiando quantas leis da natureza. Aquela Luminosidade, uma Luminosidade dos céus. Estou hipnotizada. Quem dera minha mãe pudesse ver.

Quando me levanto da cama, reparo em potes vermelhos brilhando lindamente na prisioneira. Na *penteadeira*. A minha penteadeira. Tão brilhantes e vermelhos, que chamam a atenção. Reluzindo como maçãs sencientes. Cada uma cheia de coisas de pele para eu explorar. Vou explorar, então. Vou fazer uma manhã e tanto só disso. Na Jornada de Beleza, afinal, o ridículo é a chave. *Ritual*. Se bem que vai ser difícil melhorar o que estou vendo ali. Se for eu.

"Claro que é você", os potes parecem sussurrar. "Quem mais seria?"

Eu exumo, *arrumo* os potes em esfoliantes e brumas, tônicos e essências, séruns e emulsões e finalmente hidratantes e óleos, que são as coisas de pele. Capas? Cardigãs? Algum tipo de roupa para usar ao ar livre, pelo menos. Os potes não têm rótulos nem instruções, o que é engraçado, então faço por textura ou palpite. Enquanto exumo, sorrio para mim mesma. Fico pensando que é minha mãe que eu vejo ali no espelho da doideira, que truque estranho. Calma, não é um truque. *É* minha mãe! Ela voltou, que heresia! Quer dizer, *alegria*. Alegria. Você voltou para fazer o ridículo matinal comigo, mãe?

E minha mãe sorri com os lábios muito vermelhos. *Definitivamente*.

Nós não precisamos lavar nosso rosto, certo? À noite é preciso lavar para tirar as impurezas do dia, e de manhã é preciso lavar para tirar as da noite, você me ensinou isso. Mas e se acordamos e vemos que a noite já foi totalmente lavada? Parece que nós fomos detalhadamente lavadas pelas pessoas simpáticas da Rouge, nossas amigas. Suas amigas e agora minhas amigas, mãe. Nosso rosto está tão claro nesta manhã. Se o lavássemos mais, estaríamos indo longe demais. E, aí, o que restaria dos nossos rostos, certo?

Minha mãe está assentindo comigo, "sim". "O que restaria de nós?"

Vamos pular a limpeza e vamos direto para o ácido, meu favorito. O favorito da minha mãe também. O ácido é como a limpeza, mas melhor, certo, mãe? Vai fundo até a eca que não dá para ver com o olho humano e faz isso derreter como uma bruxa. Vamos usar o que tem cheiro de que vai entorpecer seu rosto ou o que tem cheiro de queimado? Você escolhe, mãe.

O sorriso da minha mãe me diz "Me surpreenda".

Normalmente, se seu rosto estivesse pegando fogo, você gritaria como uma bruxa, não é? Não eu e minha mãe. Nós sorrimos enquanto nossos rostos queimam, nós adoramos. Porque sabemos que tem magia acontecendo, como num conto de fadas. Transformadora. Nós acendemos um cigarro e aumentamos a fumaça. O primeiro da manhã sempre é o paraíso, não é, mãe? Minha mãe parece estar em uma espécie de paraíso no espelho. Parece um jardim. Cercado de flores vermelhas muito altas. Vermelhas e cheias de espinhos. Que jardim é esse em que você está, mãe?

Mas minha mãe não quer me dizer. Minha mãe só sorri enquanto nossos rostos queimam e nós fumamos nossos cigarros concomitantemente. Outro segredo que ela quer guardar. Ela ama se sentar aqui na doideira comigo, *nossa* doideira, devo dizer, embora eu esteja de um lado do espelho e ela esteja muito do outro lado, no que parece outro mundo, mais bonito. Você vai me contar sobre ele, mãe? Minha mãe balança a cabeça, dizendo que não. Ela não pode. Mas ela está comigo aqui no espelho. Ela ama esse ridículo matinal que estamos fazendo juntas. É dela, afinal. Ela me ensinou, não foi? Bem, não por vontade própria, nunca por vontade própria. Eu aprendi vendo você no espelho. Quantas noites e quantas manhãs. Quantos espelhos e quantos anos. Quantos ridículos. Olhando por cima do seu ombro, você era uma magia tão grande para os meus olhos na época. E eu dizia "O que é isso que você está colocando no rosto, mãe?". E você me olhava pelo espelho como está fazendo agora. Sorrindo com tristeza do mesmo jeito. E lembra o que você me dizia todas as vezes? Algo sobre deixar pra lá. Algo sobre sangue. Que o meu me salva, eu me lembro disso. Não consigo lembrar o que no meu sangue me salva. Estou tendo um pouquinho de dificuldade hoje com minha memória. Esses brancos que aparentemente eu tenho depois que

vejo nossos amigos da Rouge. Vai voltar, tenho certeza. Tudo vai. Tudo volta dançando como um par de sapatos vermelhos, né?

Agora que acabamos de queimar o rosto, o que vem? Ah, uma bruma, isso mesmo. Como pude esquecer? Uma bruma hidratante para apagar o fogo, para preparar o palco para o resto. Uma bruma bonita como a que rodopia pela minha mente, nos meus pensamentos, onde as flores se abrem. Como a névoa rodopiando no jardim em que minha mãe parece estar sentada agora, ali, do outro lado do espelho. Ao olhar para nossa doideira, vejo que temos muitas brumas para escolher. Aqui tem um spray e aqui tem um spray e aqui tem um spray. Qual devemos escolher? Não consigo ler o que tem em nenhum desses frascos vermelhos. Que idioma é esse? Parece pagão. Você sabe ler runas, mãe? Eu não, e minha mãe também não, porque ela está balançando a cabeça como eu estou balançando a minha. É melhor borrifar todos por segurança, né? Nós borrifamos e borrifamos e borrifamos e é aflito. *Bonito*, eu quis dizer. Sinto cheiro de pomar de flores de arônia, um campo de flores de Orfeu, um mar morto de leite de rosas. Por isso é tão aflita a bruma, não é, mãe? *Bonita*. Não é só uma possibilidade de hidratação. É outro mundo por onde vagar, um pouco de sonho, não é? E se você passar bruma suficiente, talvez dê para ir para aquele outro mundo. Talvez tenha sido assim que você chegou aonde está agora. Do outro lado do espelho, no jardim bonito. Talvez a bruma aflita tenha levado você para lá. Talvez, se eu borrifar o suficiente de uma ou de todas, eu possa ir também.

Eu borrifo e borrifo e borrifo e isso é muito angustiante. Todos esses mundos de possibilidades de hidratação pairam à nossa volta, e no seu jardim a bruma fica mais densa, mas eu ainda estou aqui e você ainda está aí, infelizmente. É difícil ver você em um lugar tão bonito em que eu não estou. Claro que sempre foi assim conosco, não é? Você no seu mundo de possibilidades de hidratação e eu no meu é como antigamente. Mas tão perto, que quase consigo tocar na sua mão. Mas só quase, né? Quando estico a mão agora, só tem vidro. Frio debaixo dos meus dedos. Você está esticando a sua também agora, ao que parece. É só vidro para você também?

Minha mãe sorri com os lábios muito vermelhos. Vermelhos como as flores no jardim, altas em volta dela. Elas estão ficando mais altas agora,

mãe? Estou perdendo você na bruma? Bom, vou continuar borrifando até chegar lá. Vou borrifar e borrifar e…

"Belle?"

Nessa hora, a porta do nosso quarto se abre. E nós duas gritamos, minha mãe e eu.

Mas é só um homem louro bonito, nu da cintura para cima. Ele parece um tritão. O que ele está fazendo fora do mar? Interrompendo nosso ridículo, o que não gostamos. Nós sabemos quem ele é, mãe? Os lábios vermelhos da minha mãe sorriem no espelho como se ela tivesse comido cerejas demais. Claro que sabemos. Nosso namorado, o Tad. Seu namorado ou meu namorado, mãe? Não consigo lembrar. Mas ele lava janelas de forma tão sobrenatural que é incrível. Não dá nem para saber que tem vidro lá.

"Oi, Tad", dizemos.

Ele está estupefato, claro. Não há surpresa nisso. Depois da transformação mágica do ácido, depois da bruma aflita, nossa Luminosidade fica de outro mundo. Nosso Vigor contraria a lei da natureza. Isso sem falar do Brilho.

"Bom dia", dizemos.

Tad continua sem dizer nada. Olha só ele, olhando para nós como se estivesse com medo. Com medo? Isso não pode estar certo, pode, mãe? Mas ele parece mesmo com medo. Bem, a Beleza pode assustar às vezes, pode tirar seu fôlego. Talvez seja isso que esteja acontecendo com Tad. Talvez precisemos dar um minuto para ele se recuperar. Para recuperar o poder da fala. Nós sorrimos para ele. Não de forma vulgar demais nem nada. Nós nos esforçamos para não sermos deslumbrantes *demais*. Ah, mas estamos fracassando. A Beleza pinga de nós como nossas muitas possibilidades de hidratação.

"Meu deus do céu", sussurra ele por fim. "O que aconteceu com você?"

"Aconteceu?" Como se tivéssemos sofrido um acidente. Bem, nós *sofremos* uma espécie de acidente, não foi, mãe? De um certo jeito de falar, claro. A Beleza, quando se fica cara a cara com ela como Tad está agora, pode ser bem parecida com uma colisão. Uma espécie de violência. Deve ser isso que Tad está vivenciando. "A Beleza aconteceu, Tad. Uma Luminosidade." Um desabrochar das flores vermelhas dos nossos rostos.

"Belle. Me conta, por favor."

Não é para contar para ele, né, mãe? Porque a Beleza é nosso segredinho, não é? Então nós fechamos a boca em um sorriso que diz "só por cima do meu cadáver". A mística precisa ser putrificada. Petrificada? *Preservada*. A mística precisa ser preservada. É bem mais mágico assim.

"Belle, diz alguma coisa, você está me assustando."

Por que ele fica falando só comigo, mãe, se você também está aqui no quarto? Bem, talvez não tanto no quarto, mas no espelho, definitivamente. Sorrindo lá com seus lábios muito vermelhos no seu jardim enevoado de flores vermelhas altas. E agora, olha, ele está vindo até nós, está se abaixando no chão, a cabeça entre nossos joelhos. Meu deus, que cena ele está fazendo. Mas é isso que a Beleza faz, não é, mãe? Leva as pessoas a fazerem cenas. Torna os que a testemunham tolos enlouquecidos.

"O quê?", dizemos, com uma surpresa tão casual. Como se não soubéssemos o que está perturbando a cabeça de Tad agora. A cabeça, o pau, os olhos, a alma.

"Belle", diz ele. "Você está… doente? Doou sangue ou algo do tipo? Sente que vai desmaiar?"

"Sangue? Doente? Desmaiar?" Ele está louco, mãe? Está cego? Olha só para você, sorrindo no seu jardim aflito onde a névoa é densa. Olha pra mim, transbordando de possibilidades de hidratação. Estamos a um mundo de distância de estarmos doentes, não é? Mãe? Mas Tad me vira para longe do espelho e sou obrigada a afastar o olhar de você. Obrigada a olhar nos olhos desse tritão, tão preocupado, mas ainda sereno. Ele ergue a mão e sente minha testa com a palma fria, o que é isso? Como se eu fosse uma criança com febre. Quero empurrá-lo para longe, mas a palma da mão dele, o jeito como aperta minha pele, me lembra de alguma coisa. De outra vez em que colocaram a mão na minha testa. Muito tempo atrás. Acho que foi você, mãe. Não consigo lembrar. Não sei você, mas minha memória não anda das melhores ultimamente. Está me deixando emotiva de novo, admito. Olha só eu, estragando minha bruma assim.

"Belle, me desculpa" diz Tad, secando minhas lágrimas com carinho. "Eu sei que isso é difícil. Talvez a ficha esteja finalmente caindo, sei lá. Talvez seja por isso que você esteja tão parecida…"

E, quando ele olha nos meus olhos, sua expressão muda. Vai de preocupação a outra coisa. Ele está tão apaixonado por nós, mãe.

"Meu deus", sussurra ele, os olhos fixados em nós agora, profundamente.

Tenho certeza de que ele quer nos matar. *Beijar*. Ele é nosso namorado, afinal, e é isso que um namorado faz. Quem não iria querer matar um sonho aflito?

"Você está igual…" Mas ele tem um branco. Ao olhar para o meu rosto, as palavras somem. O que faz sentido. Eu entendo sobre brancos, sobre as palavras escorregarem.

"Eu estou igual…?", digo, me inclinando para a frente, esperando.

"A ela", diz ele por fim, com expressão de medo.

Ela?

"Logo antes", diz ele. "Eu não acredito."

Ele se afasta — por que ele se afastaria, mãe? Mas minha mãe sumiu. Só estamos eu e Tad no espelho agora. Não tem jardim com brumas e flores vermelhas altas. Não tem minha mãe sorrindo lá em meio a flores e espinhos. Só Tad se levantando. E me deixando sentada sozinha na minha doideira com as mãos abertas vazias.

"Eu não sei se você deveria continuar dormindo neste quarto", diz Tad. "As energias estão estranhas. Ou talvez seja mofo."

"Mofo?"

"Eu falei pra ela muito tempo atrás que poderia ser isso. Talvez esteja nas paredes. Acho que eu deveria chamar um médico", sugere ele. "Pegar alguma coisa pra você beber."

"Um médico. Uma coisa pra beber." Ele está falando sério? Parece estar. Se bem que pode ser que brincar que eu estou doente seja do que ele gosta, o que o excita. Talvez ele queira me salvar.

"Bem, antes de você fazer isso, é melhor vir sentir minha testa de novo", digo para ele. "Acho que vou desmaiar."

Ele estende a mão com hesitação e eu o puxo para matá-lo com força nos lábios. Deve ser isso que ele quer. Mas em vez de derreter lindamente quando o mato como uma bruxa no ácido, Tad fica tenso. Os lábios ficam bem apertados.

"Desculpa", diz ele, se afastando, se levantando. "É que… É esquisito demais, né?"

"Esquisito?" "Por que esquisito? Você é meu namorado." "Não. Esquisito como?"

“Belle”, diz ele, e algo na voz dele me faz afastar o olhar.

Olho para as minhas mãos segurando as dele. Muitas brumas pingam do meu rosto. Ouço o som de sinos na minha cabeça e, por baixo, um rugido como água. Em meio ao rugido, a voz de Tad chega a mim muito fraca. Algo sobre descansar. Que é o que eu preciso agora. Algo sobre suco e que nossas frutas acabaram. Ele vai sair para comprar, tudo bem? As mãos dele nas minhas estão relaxadas, pacientes, esperando que eu solte. “Por favor, me solte.”

Eu abro as mãos. Vejo Tad sair correndo do quarto. “Está tudo bem”, penso. “Vai.” Me deixa aqui, eu não estou sozinha. Eu estou linda. Tenho as minhas brumas. Cada uma é um mundo no qual vagar. Todas escorrendo pelo meu rosto em fios, de tão luminosa que eu estou. Pingando dos meus olhos nas minhas mãos vazias segurando ar. Acho que no fim das contas nós usamos bruma demais, mãe. Mas a minha mãe não está mais no espelho, preciso lembrar. Pelas brumas, vejo uma pulseira de ouro piscando na mesa. Aninhada entre os potes vermelhos. Mãe, você deixou um presente para mim? A pulseira em si é tão pequena, tão delicada, o ouro fino como linha. Poderia ter pertencido a uma criança. Talvez tenha sido isso mesmo. Em que pulso fininho deve ter cabido. Tem um olho no centro, eu vejo. Estranho, inclinado. Olhando para mim como se pudesse ver meu coração. Eu já olhei nesse olho antes? Por que tenho a sensação de que sim?

Eu a coloco — e, olha só, ela cabe. Faz com que eu abra um sorrisinho, limpa as brumas. Os sinos param, o rugido do mar na minha cabeça passa. Lembro que tenho trabalho hoje. Na minha loja, claro. Isso mesmo. Eu tenho uma loja, não tenho? Como pude esquecer?

20

Quando chego à Belle do Baile, consigo ver e pensar claramente. Claro como a beleza. Assim como meu nome, Belle. Assim como minha loja, Belle do Baile. Ali está minha mãe, na vitrine da loja. Mãe, estou tão feliz de você estar aqui. Para ser sincera, eu achei que você tivesse me abandonado lá no meu quarto, que tinha ido para o seu mundo do jardim. Eu não a culparia. Mas é bom ver você na vitrine da loja, e, olha, você trouxe seu jardim bonito junto. Usando um vestido vermelho como as flores, assim como eu, os mesmos sapatos vermelhos combinando. Eu o escolhi depois que Tad saiu para comprar frutas para um suco que nem preciso beber. E ele nem voltou, dá para acreditar? Minha mãe não acredita. Mais uma vez, está balançando a cabeça enquanto eu balanço a minha. Ou tem outra coisa em que você não acredita, mãe? Mãe, por que você parece tão horrorizada?

E, aí, eu vejo, claro. Por que ela parece horrorizada.

Tem outra coisa na vitrine, outra coisa com minha mãe no jardim dela. Uma obstrução horrível que fere meus olhos como a luz. Fere os olhos da minha mãe também, ao que parece. Uma fileira de coisas cinzentas sem cabeça… são espantalhos? Estátuas de jardim? Parecem cadáveres. Parados em volta de você, mãe, ah, deus. Quase como se estivesse em uma exibição macabra. Cada um iluminado por trás e usando uma espécie de saco e… são bijuterias volumosas de prata? Sei que parece loucura. Quem faria uma coisa assim, não é? Mãe, não me admira que você esteja tão aborrecida. O que são essas criaturas horrendas? Devem ser estátuas. Mas se parecem tanto com cadáveres, que não consigo deixar de sussurrar para elas: "Quando foi a decapitação? E por que eu não estava aqui para proteger vocês da guilhotina? Quem botou esses sacos da moda em vocês? Quem botou bijuterias volumosas de prata como correntes em seu pescoço?"

Graças a deus, eu estou aqui agora. Preciso consertar isso imediatamente, certo, mãe? Botar a Belle na Belle do Baile, onde ela

deveria estar.

"Posso ajudar?", diz uma voz.

Tem uma mulher botando a cabeça para fora da porta da loja. Rosto austero. Olhos de peixe. Óculos vermelhos pendurados em uma corrente vermelha no pescoço. Ela parece estar com um pouco de medo de mim, como Tad ficou.

"Posso *ajudar*?", repete ela. O que é engraçado. Porque *somos nós* que trabalhamos aqui, não é, mãe?

"Nós é que deveríamos perguntar isso, Esther", digo para ela e sorrio. Ela tem um crachá com nome, isso ajuda.

Esther olha ao redor, confusa. *Nós?* Ela não deve ver que estou com você, mãe. Não deve ver você na vitrine da loja, ou deve pensar que somos uma só. Estamos muito parecidas agora, é verdade. Esther não parece enxergar direito. Está completamente imune à abominação na vitrine.

"Como *nós* podemos ajudar *você*, Esther?", dizemos com nossa melhor voz de vendedora. Eu faço; minha mãe move a boca junto comigo na vitrine da loja, com os lábios muito vermelhos. Nós fazemos o prazer pingar.

"Eu trabalho aqui", diz Esther.

Trabalha? Ah, deus, então as coisas estão ainda mais não bonitas do que eu pensava. Mãe, nós contratamos essa mulher? Com os olhos de peixe morto e a cara de escrota até sem perceber, que tem medo da Beleza? Mas não podemos demonstrar que nos esquecemos dela.

"Claro que trabalha." Nós sorrimos. "Pedimos desculpa pelo atraso, Esther."

"Atraso?", diz Esther. "Como você pode estar atrasada? Você nem trabalha…"

"Nós estávamos indo atrás dos nossos Eus Mais Magníficos", digo. "Mas fomos um pouco longe demais com as brumas. Você sabe como é." Esther não deve saber, mas é sempre bom conversar assim com os funcionários. "Primeiro, flor de arônia, depois flor de Orfeu… o oceano da sua mente rugindo com os sinos." Dou uma risada e minha mãe sorri. "É sempre traumatizado… quer dizer, *complicado* sair pela porta, não é? Mas estamos aqui agora. Estamos aqui pra acender. *Atender*, claro." E nós nos curvamos como se não fôssemos donas da loja. "Nós andamos culpadas? *Ocupadas*?"

Esther só me olha. Ela está parada na porta bloqueando nossa entrada.

"Eu não posso deixar você entrar, Mirabelle. Desculpa."

Olho para a minha mãe na vitrine da loja. Ela está horrorizada. Tão horrorizada quanto eu me sinto, ela parece estar.

"Não pode nos deixar entrar? Na *nossa* loja? Esther, isso é loucura. Você precisa de nós agora mais do que nunca."

Eu me espremo por ela e entro. Mas Esther está colada em mim. Ela passa por mim correndo e vai para trás do balcão como que para me impedir de ir para lá, você acredita nisso, mãe? Olho para a minha mãe no espelho atrás da registradora. Ela também não acredita.

Eu me viro para Esther e sorrio.

"Por que você não vai almoçar?" Seria melhor tirá-la do caminho para os planos que nós temos. Não necessário, mas melhor.

"Sylvia diz que eu tenho que estar presente", diz Esther, as mãos no balcão.

Sylvia? Quem é Sylvia?

"Bom, pode ser nosso segredinho. Eu não conto e você não conta, Esther."

"Eu não posso. A Sylvia mandou."

"Esther, nós precisamos mesmo fazer tudo que 'Sylvia' diz nesta vida?"

Esther não diz nada. Pega alguma coisa embaixo do balcão. Uma arma? Um telefone. Ela está mandando uma mensagem rápida de texto, o que ela está escrevendo, mãe? Está me deixando nervosa, mas, no espelho, minha mãe está ótima no jardim. Está colhendo flores vermelhas agora. Reunindo-as em uma cesta na dobra do braço. Um pássaro preto bonito pousa no ombro dela e eles parecem estar cantando um para o outro baixinho. Você tem razão, mãe. Não é para ficarmos nervosas. Esther é que deveria estar nervosa. Mandando mensagem de texto na frente das chefes assim.

"Se você quer ficar aí mandando mensagem, vá em frente", digo para Esther. "Nós vamos andar pela loja." No espelho, vejo que minha mãe já está se afastando nas paredes espelhadas da loja. Mãe, espera!

"Acho que é melhor você ficar aqui na registradora comigo", grita Esther sem vigor.

"Ah, não dá pra ficarmos as três espremidas atrás da registradora. Seria um *grande* desperdício." Eu me afasto dela, meus sapatos vermelhos me

guiando. E, no espelho da parede da loja, os sapatos vermelhos da minha mãe fazem o mesmo.

"Aonde você vai?"

"Aqui e ali." Mas nós sabemos exatamente aonde estamos indo, não é, mãe? Minha mãe sabe. Minha mãe já está bem à frente.

"Sylvia diz que não podemos mudar nada!", diz Esther atrás de mim, quase como se estivesse prevendo nossos planos.

"Ah, é?" Cantarolo por cima do ombro. "Que interessante."

E corro para a vitrine. Por que tenho a sensação de que preciso fazer isso correndo? Eu não preciso. Não estou fazendo nada de ilegal. A loja é nossa, não é? Nós a deixamos cair nas mãos erradas, obviamente. Contratamos Esther por algum motivo. O que estávamos pensando? E, agora, temos essa tal de *Sylvia* pela frente, ao que parece. Por onde nós andamos? Não sei, e não é engraçado? Mas estamos aqui agora. Para botar as coisas no lugar, para ajeitar as coisas.

Minha mãe já está na vitrine, esperando. Sorrindo para mim em meio às flores vermelhas altas, apesar de estar cercada por aquela violência de novo. O sorriso dela diz "Claro que você sabe o que tem que fazer aqui".

Claro que sei, mãe.

Uma coisa de cada vez: sumir com essas monstruosidades cinzentas sem cabeça. Digo "monstruosidades" porque, quando olho de frente, vejo que são só formas feias de vestido. Mas, quando olho na vitrine onde minha mãe está, são cadáveres, definitivamente. O que são, mãe? Formas de vestido ou cadáveres? O rosto da minha mãe diz "dá no mesmo", e eu tenho que concordar nesse caso. O objetivo é tirá-las do jardim dela. Eu as derrubo — uma, duas, três. Como já estão mortas, elas não sentem nada. Pego uma nos braços. Surpreendentemente leve e prateada, ela. Vou ter que enterrá-la, enterrar todos, em algum lugar, eu acho, não é? Ou devo ligar para o coveiro? "Quem são seus parentes mais próximos, moças?" Mas é uma pergunta tão absurda. Como elas poderiam responder? Elas não têm lábios porque não têm cabeça. E ainda por cima estão mortas, lembra? Não posso esquecer.

"Mirabelle!"

Eu me viro e vejo uma mulherzinha loura atrás de mim. Segurando suas pérolas. Com expressão horrorizada. Claro que teríamos uma cliente nos incomodando agora. Sempre quando se está no meio de alguma coisa.

"Só um momento, por favor. Já vamos atender você, está bem?"

A mulher só me olha, boquiaberta. Ela está me encarando como se já me conhecesse (pode ser que eu a tenha acendido antes) e mal conseguisse me reconhecer agora.

"Meu deus, Mira." Ela balança a cabeça. "É mesmo você? Você está…" Mas ela não conclui o pensamento. Sua boca só fica aberta. Impressionada com a Luminosidade, acho. Nosso Brilho — ou seria o Vigor? — parece que comeu a língua dela. Não é gentil nem educado, mas o comércio é assim. Às vezes, você precisa concluir as frases das pessoas. Às vezes, os pensamentos.

"Obrigada. Eu contaria meu segredo, mas a questão é a seguinte: cada Jornada é diferente. Muito perigosa. *Pessoal*", sussurro. "O que dá certo pra mim pode não dar certo pra você, e assim por diante. Não é, mãe?"

Mas, quando olho para a vitrine, só vejo o jardim. Um pássaro preto pousado na cesta de flores vermelhas. Mãe, aonde você foi?

"Mirabelle", diz a mulher e fecha os olhos. "O que está acontecendo aqui?"

Xereta, ao que parece. Algumas clientes são.

"Só exumando minha loja."

"Sua loja? *Sua* loja!"

"Nem sempre foi assim, eu juro. Tivemos alguns problemas com funcionários ultimamente, mas estamos resolvendo."

"Preciso que você saia dessa vitrine *agora*."

"Bem, como pode ver, você me pegou em um momento delicado." E eu levanto meu cadáver sem cabeça. "Mas estarei com você em um minuto, tudo bem? A menos que você queira comprar um desses vestidos que parecem sacos. Quer tirar das nossas mãos? Vamos fazer uma liquidação, acabou de ser anunciada. E estou vendo que você é fã." Ela está usando um, a mulherzinha. Engolida por um mar assimétrico de ardósia.

"Mirabelle, isso foi longe demais. Longe demais mesmo, entendeu?"

"Ah, você cansou do saco? Não posso dizer que não entendo. Não é muito bonito, né? Não é ideia minha", sussurro. "Acho que uma pessoa chamada *Sylvia* é responsável. Deve ter sido ela que acendeu você. Sinto muito. Eu não confiaria nela no futuro, nem um pouco. Acho que ela também pode ser responsável por isso", digo, apontando para os cadáveres. "Pode chamar de palpite. Agora, tenho que ir enterrar isso no porão que eu

não sabia que nós tínhamos, dá pra acreditar nesse trabalho? Comércio. Não é para os fracos." E dou uma risada. Minha mãe não está lá para rir comigo agora. Então eu rio pelas duas, porque é mesmo muito engraçado. *Comércio*. Eu sei que ela riria se estivesse ali.

Mas a mulherzinha não ri comigo.

"Escuta, eu sei que você está de luto. E sei que o luto pode ser difícil, mas…"

"Luto? Ah, não, eu nem as conheço direito." Dou um sorriso triste.

"Mira, acho que você precisa ver alguém, ouviu? Conversar com alguém. Se não for eu, outra pessoa então. Que possa te ajudar."

"Nos ajudar?" Isso também é muito engraçado. Faz com que eu dê mais risadas sozinha. Porque é essa mulher, obviamente, que precisa de toda a ajuda que puder ter. Se pelo menos minha mãe voltasse das caminhadas pelo outro mundo, ela poderia explicar por nós duas. Que nós não precisamos de ajuda. "Que besteira. Quando *nós* é que temos que ajudar *você*. Falando nisso, vou pra sala dos fundos ver se consigo encontrar algo pra você lá." E, quando dou um passo à frente com o cadáver nos braços, a mulherzinha loura recua na mesma hora. Ela parece com medo. É compreensível. O comércio, como a Beleza, pode ser assustador às vezes.

Quando chego ao estoque, o que vejo me faz largar o cadáver: minhas irmãs. Sozinhas em um canto escuro. Despidas das roupas bonitas, das joias. Elas ficavam na vitrine, eu lembro. Agora, estão presas lá atrás. Completamente imóveis, a imagem da elegância mesmo naquele estado caído. Sei que elas são minhas irmãs porque são idênticas à minha mãe. E a minha mãe é idêntica a mim. Obviamente, minha mãe não está aqui agora. Mas, quando ela voltar e nos encontrar juntas, ela vai sorrir por termos a mesma Luminosidade.

"Irmãs", digo, e faço uma reverência na frente delas. "Sinto muito que vocês tenham sido deixadas aqui no escuro. Peço desculpas por eu não ter salvado vocês antes. Não sei que bruxa colocou vocês aqui atrás, mas tenho uma ideia de quem possa ser. Não se preocupem, estou aqui agora. Tirei os cadáveres da vitrine. Vou botar vocês de volta nos seus lugares."

"Mas o que elas vão vestir?", penso. Ah, olha, aqui tem alguns vestidos, pendurados numa arara. Vestidos que vendíamos que aparentemente não vendemos mais. Vestidos prateados e dourados. Vestidos de meia-noite

estrelada e vestidos brancos como a neve cintilando no sol. Visto uma irmã de dourado, outra de preto estrelado, uma de prateado. E eu, usando um vestido vermelho como sangue, completo a figura. Minhas irmãs sorriem para mim com os olhos. "Muito obrigada, Irmã", elas parecem dizer. As íris douradas ganham vida. Os lábios vermelhos também. Ah, mãe, eu queria que você pudesse me ver.

"Mirabelle", gritam atrás de mim.

Aquela loura irritante de novo. Parecendo mais furiosa e amedrontada do que antes. Isso mesmo, eu tinha que ajudá-la a encontrar um vestido. Mas isso é bem mais importante, desculpa. Elas são minhas irmãs, afinal.

"Desculpa, mas seu vestido vai ter que esperar. Temo que isto seja uma emergência familiar."

Ela me olha enquanto aperto o ombro da minha irmã.

"Mirabelle, por favor. Se você for embora agora, não vou dar queixa, tá? Não vou fazer uma denúncia. Eu odiaria fazer isso, por causa da minha amizade com a sua… por causa de tudo. Mas, se você não for embora agora, se continuar a incomodar minha equipe e aterrorizar minhas clientes e destruir minha mercadoria, você vai me deixar de mãos atadas. Entendeu?"

Equipe *dela*? Mercadoria *dela*? E, aí, eu me dou conta. Aquela mulher não é uma cliente. É a infame Sylvia em pessoa. A que decapitou os cadáveres, que trancou minhas irmãs nesta sala dos fundos. E, agora, parece que ela acha que a loja é dela, dá para acreditar, mãe? Minha mãe foi embora, preciso lembrar. Quando olho no espelho mais próximo, não tem ninguém lá, só o jardim que parece quase submerso agora. As flores parecem oscilar como algas marinhas no fundo do mar. O céu é de um azul de água cheia de luz. E a minha mãe não está em lugar nenhum desse mundo de oceano. Mas ela vai voltar, não vai? Olho para as minhas irmãs. "Não vai?"

Elas me olham com olhos tão dourados e tristes.

"Mirabelle, você…?"

"Sylvia, se alguém tem que prestar queixa, sou eu. Você destruiu minha loja, minha família." Passo o braço em volta de uma das minhas irmãs, apertado. Olho diretamente para Sylvia, com a boca aberta para mim. "Você não me deu escolha além de te demitir."

"Já chega", ruge ela. "Vou chamar a polícia!"

Ela está prestes a sair batendo os pés, mas tem um homem parado na porta, bloqueando o caminho. Ele está de chapéu e terno azul-escuro. Ele mostra rapidamente uma coisa que parece um distintivo.

"Não vai ser necessário."

"Falando no diabo", diz Sylvia, secando os olhos. Eu a vejo se perguntando se o conjurou com os pensamentos. "Policial?"

O homem assente imperceptivelmente. Daria para dizer que ele assentiu ou daria para dizer que ele ficou ali parado. Parece ter saído de um dos seus filmes antigos, mãe. O rosto úmido é cheio de sombras e ângulos. Tem uma cicatriz na bochecha que é curvada como um gancho. É familiar. Onde o vi antes?

"Policial, graças a deus, eu já ia ligar."

"Qual é o problema aqui?"

"Ah, isso é tão difícil. Tão difícil." Ela suspira e balança a cabeça como se fosse demais. "Essa", diz ela, gesticulando na minha direção, "é a filha de uma amiga que faleceu recentemente, entende. Uma amiga querida. Não quero prestar queixa, mas ela anda incomodando minha equipe, destruindo minha mercadoria. Ela fez uma cliente ter um ataque de nervos outro dia. E parece pensar que ainda trabalha aqui."

Ele assente.

"Eu cuido disso. Belle?" Ele age de forma ríspida, mas tem uma suavidade no jeito como me olha, fala meu nome. Vejo uma ponte bamba por cima do Pacífico. Um quarto de hotel na penumbra. O cheiro de uísque, flores e fumaça. O rosto bem próximo do meu, como se ele quisesse me matar. Me beijar? Queria alguma coisa, pelo menos.

"Você não vai prendê-la, vai?", pergunta Sylvia. "Eu não quero que aconteça nada a ela, só não a quero na loja. Infelizmente, ela não está bem da cabeça. Será que você poderia ligar pra um hospital psiquiátrico?" Tão preocupada, considerando que um momento atrás ela estava prestes a me expulsar da minha própria loja.

"Não vai ser necessário, srta. Holmes."

Sylvia ergue as sobrancelhas. Como ele sabe o nome dela?

"Nós já…?"

"Não, mas eu estou familiarizado. Belle, você pode vir comigo, por favor?"

Olhos cinzentos cheios de água escura. Sei que os lábios dele têm gosto de rosas — por que sei disso? Eu não quero necessariamente ir com ele, mas também não quero ficar com Sylvia. No espelho, nada da minha mãe. Não tem mais o jardim no mar. Nada no espelho além das minhas três irmãs. Olhando para mim com os olhos dourados. Eu entre elas, segurando uma pelo ombro. Tem um vestido cinza no chão aos meus pés.

"Eu não vou sem as minhas irmãs", digo.

Sylvia olha para ele com cara de *viu, viu?*

O homem a ignora. E me encara.

"Então pode levá-las junto."

21

No meu sofá com um detetive chamado Hud Hudson, que fica me olhando. Ele me deu o cartão dele e era isso que dizia em uma fonte azul-prateada acima das palavras *Investigações particulares*.

"Nós nos conhecemos?", pergunto.

"Já nos vimos algumas vezes."

"Eu tive a sensação."

"Belle", diz ele, "espero que você saiba que isso está ficando sério."

"Sério?"

Hud fez a gentileza de me levar para casa com as minhas irmãs, de carregá-las para o apartamento, já que elas parecem não conseguir ir sozinhas. Duas debaixo de um braço, uma debaixo do outro. Agora, elas estão sentadas à nossa volta, sorrindo. Pelo menos, é isso que parece quando olho em qualquer um dos espelhos da sala da minha mãe. Os espelhos são onde minhas irmãs ganham vida, e é onde mantenho o olhar na maior parte do tempo. Que sorte a minha mãe ter tantos, uma parede de espelhos bem em frente de onde estamos. Sempre que olho para essa parede, eu as vejo oferecendo vários tipos de apoio. Uma irmã está sentada no tapete brincando com as flores da mesa de centro, desarrumando-as como se fosse uma florista. Outra está sentada relaxada perto da janela aberta, olhando o mar. Bem esticada para fora, pois ela adora sentir o cheiro do ar do mar.

"Espero que ela não caia."

"Vou ficar de olho nela", diz Hud, sem olhar para minha irmã. Olhando para mim. Vejo isso em todos os espelhos e mesmo quando olho para ele de frente.

Minha terceira irmã está sentada ao nosso lado no sofá. Está de olho. Ela parece a mais preocupada, a mais desconfiada de Hud Hudson. Ela não pode negar que ele é bonito, claro. Nós todas achamos isso. Ele é um detetive da Beleza, afinal, não é? Ou um detetive com beleza. Ou os dois. E o jeito como ele nos olha agora, com muita intensidade, com cara de

quero chegar ao fundo de você. Mas nós sempre gostamos de uma certa distância, não é, Irmãs? A distância de um braço esticado é a melhor. Não que não tenhamos desejo. Somos humanas, afinal, não é mesmo? É só que, nos nossos corpos, tem algo selado, cerrado como a placa de FECHADA que eu colocava na porta da loja à noite. Algo se mantém afastado como se estivesse atrás de um vidro, não é mesmo, Irmãs? Nos espelhos, minhas irmãs sorriem. "Exatamente."

Enquanto isso, Hud está nos olhando como se não soubesse por onde começar.

"Posso oferecer uma bebida?", pergunto.

"Deus, sim", sussurra ele. "Por favor."

Sirvo um pouco do conhaque da minha mãe para ele, para mim e para a minha irmã no sofá. Ele e eu erguemos os copos, mas a minha irmã deixa o dela onde está. Não confia em Hud. "Não estou gostando disso", sussurrou ela repetidamente no caminho para casa. E eu falei "*shhh*", apesar de Hud não parecer ouvir, e ela manteve a boca repuxada naquele sorriso secreto. Foi só pelo espelho retrovisor que vi sua boca se mexendo, seus olhos loucos demonstrando o quanto ela não gostava daquilo.

"Se você não se importar, Belle, eu gostaria de fazer algumas perguntas", diz ele agora. E puxa uma caneta e um bloquinho do bolso. Aperta o botão na ponta da caneta.

Meu coração dispara no peito.

"Perguntas?"

"Só para o nosso registro."

Nos espelhos, vejo minhas irmãs enrijecerem. Elas não gostam disso para mim.

"Qual é o seu nome?"

"Belle."

"Qual é o seu nome *completo*?"

Nada me ocorre. Só um daqueles brancos. Tem uma palavra que deveria vir depois de Belle? Parece que deveria, uma palavra que nunca senti como sendo minha. Estranha. Pesada na minha língua, uma pedra de formato estranho. *Parece "noite", mas significa "luz"* é uma frase que aparece de repente na minha mente. Mas não significa nada. Será que é uma pergunta capciosa?

"Belle", digo. Eu o vejo anotar no bloco.

"E seu pai?"

Um olho inclinado dourado pisca no meu pulso, me observando.

"Infelizmente, não sei."

"Qual é o nome completo da sua mãe?"

Minhas irmãs e eu sorrimos umas para as outras no espelho. Essa é fácil.

"Mãe."

Anotações furiosas com a caneta.

"E onde você mora?"

Indico a janela, o céu azul, cuja claridade machuca meus olhos.

"No Éden. Obviamente."

"Onde você nasceu?"

Na minha mente, vejo uma ilha horrenda cortada por um rio carregado da cor dos olhos de Hud Hudson. Isso não pode estar certo.

"Aqui."

"Onde você trabalha?"

"Na Belle do Baile. Uma loja de vestidos. Você sabe."

"Seu nome não é Mirabelle Nour e você não mora e trabalha na área de Montreal chamada Plateau, no Canadá? Em uma loja chamada Donzelas de Vestido?"

"Em *Perigo*? Que horrível."

"E Montreal?"

"Ouvi falar que é bonito lá, mas muito frio. Frio demais pra mim."

"Então você passou a infância aqui? E nunca morou nem trabalhou em outro lugar?"

"Isso mesmo." Na parede de espelhos, minhas irmãs assentem com encorajamento. Elas estão adorando minhas respostas até agora.

"Onde está sua mãe agora, Belle?"

"Não sei, pra ser sincera."

"Você sabe o que aconteceu com ela?"

"Aconteceu com ela?"

"Que ela morreu?"

E eu tenho que rir. Ele não era o detetive da Beleza? Deveria saber das coisas.

"Ela estava aqui agora mesmo."

"Onde? Me mostra."

"Não." Primeiro porque minha mãe não está nos espelhos no momento. Só estamos eu e Hud na superfície… e minhas irmãs, claro, sorrindo com um pouco mais de tristeza agora.

"Belle, escuta. Você está correndo sério risco, entende? Você caiu nas mãos de pessoas muito malignas."

"Pessoas malignas? Eu não conheço pessoas malignas. Só conheço meus amigos da Rouge. E você. Você também é amigo, não é?"

Hud Hudson se vira para me olhar com tristeza nos olhos cinzentos.

"Não, Belle. Pelo menos, não tenho sido. Mas quero tentar ser agora."

"O que você quer dizer?"

"Eu deveria ter sido sincero com você desde o começo. Eu só não achei que agiriam tão rápido. Eu tenho que me ferrar por isso."

"O que você quer dizer?"

"Seu segundo tratamento."

Como ele sabe do segundo tratamento? Olho no espelho, para a minha irmã no sofá. Ela está furiosa. "Ah, ele é inteligente, esse aí, não é? Ele se acha muito inteligente."

"Segundo tratamento?", digo. "Eu não fiz um segundo tratamento."

Ele me olha com cara de "para com isso". Eu vou mesmo mentir sobre isso?

"Por que estou mentindo sobre isso?", pergunto mentalmente às minhas irmãs. E, no espelho, minha irmã no sofá sorri como se fosse muito simples. "Porque a Beleza é nosso segredinho. Porque nós nunca contamos. Nem sobre nossos cadáveres. Nós negamos tudo. Negamos qualquer coisa."

"Eu acho que você deveria ser honesta", diz minha irmã desarrumando as flores. "A sinceridade é a melhor atitude."

"Não a escute, ela não sabe de nada!", grita minha irmã no sofá. "A negação é o único caminho."

"A água está tão linda daqui", diz minha irmã na janela, suspirando.

"Seu rosto te entrega, Belle. Essa *Luminosidade*."

"Muitas pessoas têm Luminosidade, detetive."

"Há o *Vigor* também. A Suavidade. O Branqueamento", acrescenta ele, abaixando a voz.

"Branqueamento?" E nós temos que rir, eu e minhas irmãs. "Chame de Brilho."

"Eu chamaria de Brilho."

"É assim que você chamaria?" Ele me olha até eu precisar afastar o olhar para os espelhos, para a minha irmã no sofá. Ela parece furiosa com a terminologia dele. Olha para ele com frieza. O olhar dela é cortante.

"Tem também a marca na sua testa. Quase não aparece mais", diz ele, maravilhado. Ainda me olhando, hipnotizado. Não só hipnotizado, tem um outro sentimento na expressão dele. Mais sombrio, mais preciso, eu sabia o nome.

"Inveja", diz minha irmã no sofá. "O nome é inveja!"

"Não inveja! Desejo", diz minha irmã perto das flores. "Ele deseja você, porque você é fascinante, Irmã."

"Bem, inveja e desejo costumam ser o mesmo transe", murmura minha irmã perto da água.

Olho para a cicatriz na bochecha de Hud Hudson. Como se alguém tivesse enfiado um gancho na pele e rasgado. Ao ver que reparei, ele se vira e se serve de outra bebida.

"Juntando tudo, eu diria que as provas são bem evidentes, Belle."

"Provas? Não deixe que ele fale assim com você, ele não sabe de nada! O que ele vai fazer: te prender por uma Luminosidade? Rá! Desde quando Beleza é crime? A inveja, isso sim é crime!"

"Eu acho que ele gosta de você", diz minha irmã perto das flores. "Gosta muito, e esse é um jeito de dizer isso."

"Eu acho que você deveria se sentar comigo", diz minha irmã na janela, que não me encara pelos espelhos. "Nós devíamos andar até a beirada do penhasco. Sei de um jogo que a gente pode fazer. Nós podemos brincar juntas, você e eu."

"Belle, você está me ouvindo?"

"Claro que estamos… estou."

"Você fez, não fez?"

"Não."

"Muito bom, negação!", comemora minha irmã no sofá.

"Você seguiu o caminho até a casa no penhasco. Havia uma festa e todo mundo aplaudiu. Disseram que você estava luminosa. 'Como uma lua, Filha'."

"Não." Eu balanço a cabeça. "Não, não."

"E, quando você estava bem e bêbada com a droga cheia de borbulhas, uma mulher, talvez de prateado, talvez de vermelho, segurou sua mão e a levou escada abaixo, para baixo de onde eles chamam de Profundezas. Fizeram você se deitar em uma mesa, tipo uma mesa de massagem, em uma sala escura cheia de névoa. E você respirou fundo algumas vezes. O que você estava inspirando, Belle? Talvez eucalipto. Talvez éter. Talvez uma mistura especial de ambos."

"Uau", diz minha irmã perto das flores. "Ele parece conhecer a história toda. Ele é muito inteligente."

"Ele ACHA que é inteligente", grita minha irmã do sofá. "Ele não sabe de nada!"

"E, aí, eles tiraram uma coisa de você, não foi? O que tiraram de você, Belle?"

"Um pouco dos seus céus nublados", diz minha irmã perto das flores.

"Nada sem o que você não pudesse ficar", diz minha irmã no sofá.

"Por favor, anda até a água comigo", diz minha irmã perto da janela.

"Nada, nada", sussurro.

"Algo que disseram que você não precisa, talvez? Algo sombrio e triste do seu passado. Uma humilhação. Um trauma de infância. Um labirinto doloroso de memórias no qual você entra sem saber à noite e que dá forma aos seus sonhos. Talvez até um crime. Como eles chamam? 'Um Radical Livre da Mente. Um Comedão da Alma'."

"Não o escute, Belle!", grita minha irmã no sofá.

"Ah, escuta ele, ele é tão intenso", diz minha irmã perto das flores. "Tão cheio de convicção, esse detetive da Beleza. É fascinante."

"Vamos correr para os penhascos agora, por favor", chama minha irmã perto da janela. "As ondas estão altas e quebrando nas pedras. E eu tenho uma brincadeira pra você e pra mim."

"E, agora, aqui está você, a memória bagunçada e cheia de buracos. Mas quem não iria querer exorcizar alguns demônios, chutar alguns esqueletos pra fora do armário por essa Luminosidade? Deixar pra lá vale muito a pena, não vale?"

"Eu não sei do que você está falando." Estou balançando a cabeça sem parar.

"Será que devemos perguntar à sua mãe se vale a pena? Ah, espera aí, a gente *não pode* perguntar pra ela, né? Ela morreu."

"Ele está mentindo!"

"Você está mentindo", grito, junto com minhas três irmãs.

"Quem dera que estivesse", diz ele baixinho. O olhar dele sustenta o meu. Triste, com conhecimento. Dói para olhar. Ele pega minha mão, e minha irmã no sofá chia e minha irmã perto das flores treme e minha irmã perto da janela suspira. "Escuta, Belle. Por favor. Tem gente que passa por aquele portão preto, sobe aquele caminho de rosas e nunca volta. Desaparece. Ou que acaba morta nas pedras, como a sua mãe."

O que ele está me dizendo, Irmãs? Isso pode ser verdade? Mas, quando olho para a parede de espelhos, as três estão caladas e imóveis agora. Minha irmã no sofá olha para a frente, friamente. Minha irmã perto das flores desistiu das flores. Está com a cara na mesa de centro. Minha irmã perto da janela está olhando para o mar com uma lágrima no olho. O rosto dela está tomado de uma dor secreta.

Eu me viro para Hud Hudson. Os olhos ainda cheios de dor. O olhar sustentando o meu como um espelho.

"Como você sabe disso tudo?"

Ele solta a minha mão. Acende um cigarro.

"Eu não te contei que já houve dois de mim?" Nos espelhos, ele é uma sombra agora. A fumaça paira na frente do rosto dele como um véu.

"Seu irmão."

"Edward. Ele era membro, como a sua mãe. Era ator, como ela. Quem sabe, talvez até eles tenham se visto na casa. Talvez tenham tomado uma taça da droga borbulhante juntos, perto das Profundezas." Ele dá um sorriso sombrio, toma um longo gole de bebida.

"O que aconteceu com ele?"

"Ele desapareceu uns seis meses atrás." Outra tragada no cigarro. Vejo a cicatriz brilhar quando ele fuma.

"Sinto muito."

"Eu também." A voz dele está carregada de dor. Tão familiar para nós. "Nós não éramos muito próximos desde a infância. Estávamos meio afastados. Principalmente depois que nossa mãe morreu."

Um suspiro da minha irmã perto das flores.

"Cerca de um ano atrás, eu tinha começado a reparar que, ao telefone, as palavras fugiam. Ele tinha brancos. Coisas pequenas, depois coisas maiores. Misturava passado e presente. No começo, tive medo de que

fossem drogas. Edward nunca foi muito… estável. Ou que fosse demência precoce. Nossa mãe teve. Na última vez em que o vi, ele estava fazendo o papel de Iago no Playhouse. Ele vivia errando as falas. Foi sofrido de ver, ele antes era tão impecável. Fiquei depois da peça pra ver como ele estava, apesar de ficar com medo de ele interpretar como insulto. Edward recebia qualquer crítica de forma terrível. Mas, quando abriu a porta do camarim, eu não acreditei…"

E, agora, Hud está se olhando no espelho, como se estivesse abalado.

"Em quê?"

"No rosto dele", diz ele. Seus olhos demonstram medo. E tem aquele outro sentimento surgindo de novo, como é mesmo o nome, Irmãs?

"Ele estava diferente no palco", continua Hud, ainda perdido no reflexo. "Eu achei que era só a iluminação, talvez a maquiagem. Talvez mais um dos procedimentos dele. Edward sempre gostou, sempre foi meio vaidoso. Mas era outra coisa. Aquela transformação era irreal. Nenhum daqueles tratamentos ultramodernos dele, nem mesmo cirurgia podia explicar…"

Ele se vira para mim. Estica a mão como se fosse tocar no meu rosto. Mas só passa a mão pelo próprio cabelo escuro, dá outra tragada no cigarro.

"Eu não falei nada pra ele, claro. Edward não gostava de falar sobre a aparência, mas era obcecado. Meio como se fosse um… segredo pra ele. Ou algo do tipo. Entende?"

"Nós entendemos", murmura minha irmã perto das flores, dormindo.

"Eu só dei os parabéns pela atuação. E o jeito como ele me olhou…"

"Como?"

"Como se eu não fosse irmão dele. Como se não me conhecesse. Parece familiar?"

"Nem um pouco", murmura minha irmã no sofá, por trás das mãos. Mas a voz dela está carregada de dor, como a de Hud Hudson. Vejo o rosto da minha mãe em pensamento. Olhando para mim como se eu fosse uma estranha. Como se ela estivesse vazia. Esvaziada. E eu olhando para o vazio, me sentindo enjoada, com medo. Responsável… por que responsável?

"'Pessoas desaparecem', a polícia me disse, se é que dá pra acreditar. Comecei a investigar e acabei encontrando nossa casa no penhasco. A

Rouge."

Minhas irmãs suspiram ao ouvir essa palavra. O jeito como Hud Hudson a diz. Como ilumina seus olhos, deixa sua voz sombria.

""Tenta investigar a Rouge', falei para o policial. Ele disse: 'Aquele spa francês chique na beira do mar? Minha esposa é membro. Ama o lugar. Está apontando para o lugar errado aqui, Hudson."

Outra tragada raivosa do cigarro. Ele balança a cabeça nos espelhos da minha mãe. Sei que ele não vê nada lá na superfície. Só ele mesmo do outro lado, quebrado e olhando.

"Aquele policial não sabia, mas confirmou uma coisa pra mim. Algumas pessoas, como a esposa dele, parecem aproveitar os serviços da Rouge, pagar por eles, sem perder a memória e sem morrer. Outras, como a sua mãe, como Edward, não têm tanta sorte."

Olho para a minha irmã perto da janela, paralisada, mas ainda olhando para a água, uma lágrima descendo pela bochecha.

"É isso que eu não entendo completamente ainda", diz ele. "Por que alguns membros pagam, por que outros ganham tratamento gratuito? Por que alguns perdem a memória com os tratamentos e desaparecem? Por que alguns desaparecem rápido e outros não tão rápido? Não parece haver uma linha do tempo padrão nem…"

"Bem, a Jornada de cada pessoa é diferente, não é, detetive?", digo. Alguém não me disse isso em uma sala de espera uma vez? "Muito peri… *pessoal*."

"Como nossos demônios. Talvez alguns sejam mais atraentes para a Rouge do que outros."

Ele ainda está olhando para o meu rosto, os olhos acompanhando a configuração particular de contorno e sombra. Por que ele está me olhando assim, Irmãs? Mas todas ainda parecem estar sonhando.

"Sabia que Edward tentou me matar uma vez?", diz ele, os olhos nos meus.

Um arrepio intenso percorre meu corpo.

"Tentou?"

"Quando tínhamos nove anos. Por algum motivo, ele botou na cabeça que eu era o mais bonito, se é que dá pra acreditar. Apesar de sermos tão parecidos, que muita gente não sabia quem era quem. Mas Edward estava

convencido. Um dia, ele quebrou um dos frascos de perfume da nossa mãe e fez isto."

Ele aponta para a cicatriz, reluzindo sob a lua. Sinto uma ardência súbita na testa. Um frio me percorrendo como vento.

"Depois disso, Edward foi morar em Santa Cruz com nosso pai por um tempo. Foi uma coisa muito estranha…" Ele para de falar e balança a cabeça, como se para afastar tudo. Levo a mão ao rosto dele. Meus dedos tocam no corte pálido em alto-relevo na bochecha.

"O quê?" sussurro.

Ele me olha. Aperta minha mão no rosto dele.

"Eu conseguia olhar para Edward e saber os pensamentos dele. Conseguia sentir a alegria, o medo, a dor dele. Quer eu quisesse ou não, eu sentia. Mas, quando o vi de novo, isso tudo tinha sumido. Ele parecia uma pessoa diferente. Havia esquecido o que tinha acontecido, o que tinha feito. Estava sorridente, mas distante. Muito distante comigo." Uma rachadura na voz dele como uma rachadura no espelho. Os olhos ainda nos meus. Uma dor ali, bem profunda. A dor dele ou a minha? Estou me afogando nela como água escura.

"Por que você está me contando essa história, detetive?"

"Porque ele era um Candidato Perfeito. Como você."

Eu afasto a mão do rosto dele.

"Eu?"

"Sua mãe pagou pelos tratamentos, assim como a esposa do policial, assim como muita gente parece fazer. Ela pagou, mas mesmo assim perdeu a memória, mesmo assim desapareceu. Isso é menos comum pelo que eu vi, apesar de acontecer. Tipicamente, são os que não pagam, os que ganham tratamentos gratuitos, como você e Edward: os 'Candidatos Perfeitos', é assim que eles chamam…"

Um pulo no meu coração ao ouvir essa expressão. Um vislumbre de reconhecimento. Hud Hudson vê.

"Esses", diz ele, "são os que…"

"Fazem uma Jornada muito excitante", digo.

"Exatamente, Irmã", sussurra minha irmã no sofá. No espelho, ela está desperta de repente. Olhando de cara feia para Hud Hudson, que está me olhando com cara de "me deixa entrar".

"Porque ele está meio apaixonado por você", diz minha irmã perto das flores. Acordada também agora no espelho. Os cotovelos na mesa de centro, o queixo nas palmas das mãos, nos olhando como se fôssemos um filme, um favorito antigo.

"Ele não está apaixonado", diz com desprezo minha irmã no sofá. "Só deseja o que não entende. Os homens amam um mistério, não amam?"

"O verdadeiro mistério é o próprio mar, não é?", diz minha irmã perto da janela. "O primeiro espelho do mundo. Reflete o céu." Quando olho no espelho, ela está sorrindo para as ondas, ainda com aquela lágrima no olho.

"Eu continuo sem saber o que faz de alguém um Candidato Perfeito", diz Hud. "Só sei que algumas pessoas são marcadas. E a Rouge sabe ver a marca." Ele olha para a minha testa. "Sabe o que quer quando vê. E, o que eles querem, eles pegam."

Ele está bem perto de mim de novo, esse belo detetive. Olhando no fundo dos meus olhos, como se pudesse ficar olhando lá dentro para sempre. É o verdadeiro mistério. Refletindo tudo o que perdeu e agora encontrou de novo. Não pode perder agora. Não pode perder nunca mais.

"Bem, isso é muito fascinante", diz minha irmã perto das flores.

"Ele só quer puxar a cortina", diz minha irmã no sofá com grande amargura. "Quando a tiver puxado e visto o que ele acha que é a luz fria da sua verdade, ele vai embora."

"Ande comigo para a água, Irmã."

De repente, ao nosso lado, sinto a parede de espelhos começar a cintilar. Hud Hudson vê? Não, ele ainda está olhando nos meus olhos. Eu sou o único espelho que ele quer agora. Mas, como um ímã, sou atraída para a parede de vidro, brilhando como se estivesse me chamando. Não parece mais um espelho, e sim uma janela. Por ela, vejo a casa na colina. O salão com o lustre enorme. E é minha mãe que eu vejo na escada? Sim! Com um vestido vermelho, igual ao meu. Andando na direção das Profundezas. Ah, mãe, é mesmo você? Tem um homem na sombra atrás dela, quem é esse homem, mãe? Quem está andando atrás de você? Mas minha mãe continua sem responder, não se vira para mim.

Ao meu lado, Hud Hudson está chamando meu nome.

"Belle, o que você está vendo?" Ele se vira e olha para o espelho, mas sei que não vê nada. Não vê a casa no penhasco. Nossos amigos da Rouge na escada. Todo mundo acenando para eu me juntar a eles. E minha mãe

andando na direção das Profundezas. Desaparecendo atrás delas. O espelho ficando preto.

"Detetive, tenho que sair agora."

"Você não vai voltar lá, Belle. Não comigo de olho. Não sem mim."

"Comigo de olho?", repete minha irmã no sofá. "Quem é esse homem? Ele acha que está num filme, por acaso?"

"Ele poderia estar num filme", diz minha irmã perto das flores. "Ele é muito bonito, mas daquele jeito problemático de que a gente gosta. Um detetive da Beleza, lembra?"

"Eu acho mesmo que deveríamos só mergulhar no mar", diz minha irmã perto da janela.

"Eu tenho que ir", digo.

"Me deixa ir com você." Gentilmente, ele pega a minha mão.

"Presunçoso", murmura minha irmã no sofá. "Achando que pode salvar você de você mesma."

"Eu acho fofo", diz minha irmã perto das flores. "Olha só ele, tão intenso e bem-intencionado. É bem sexy."

"Você deveria só seduzi-lo, Irmã", diz minha irmã perto do mar.

Seduzi-lo?

"É o único jeito de ir para a casa sozinha. Para buscar a mamãe. Além do mais, você quer, não quer?"

A parede de espelhos voltou a ser só vidro. Não uma janela para a casa. Não para a minha mãe. Olho para Hud Hudson, o belo detetive. Os olhos claros e fundos como o primeiro espelho do mundo. A mão quente segurando a minha.

"Tudo bem", digo. "Vou deixar que você venha comigo."

Ele ergue uma sobrancelha.

"Mesmo?"

"Absolvi… solutamente."

"Tudo bem." Ele suspira com alívio imenso. Ah, deus, como eu faço isso, Irmãs?

"Lembra", diz minha irmã perto do mar, "inveja e desejo costumam ser o mesmo transe."

"Mas primeiro eu acho que você deveria dar uma olhada melhor nessa Luminosidade", digo.

E a expressão nos olhos dele muda. Lentamente, pego as mãos dele e as levo ao meu rosto. Aperto as palmas nas minhas bochechas. Sinto as mãos dele tremendo na minha pele, ou sou eu tremendo com o toque dele, Irmãs? Mas minhas irmãs estão suspirando. Suspirando porque Hud Hudson está tremendo, balançando a cabeça como se não devesse, ele não deveria, apesar de só estar chegando mais perto conforme eu chego mais perto. Não recuando, como nosso namorado fez mais cedo. Suspirando agora, enquanto acaricia meu rosto. No começo, muito suavemente, com carinho, como se ele pudesse me quebrar. Depois, mais intensamente, com fome e surpresa.

"Puta merda", sussurra ele no meu ouvido.

Ao meu redor, minhas irmãs estão suspirando com o toque do belo detetive. Nossas almas se abrem como uma flor se abre para a luz.

"Fascinante", sussurra minha irmã perto das flores.

"Desde que a gente só o use", murmura minha irmã no sofá.

"Finalmente, o mar", suspira minha irmã perto da água.

Eu me inclino e o mato nos lábios e ele me mata também. *Beija*. Profundamente. Sinto gosto de rosas. Sinto o desejo nas mãos e nos lábios dele, profundos como o meu desejo, o espelho. Profundo como o mistério do primeiro espelho.

E tem outra coisa ali, no toque dele, que não se satisfaz. Algo debaixo do desejo, nas profundezas. Sinto se aproximando. Uma coisa sombria e dolorida, eu sabia o nome. A que esvazia. Que consome e é consumida. Tem gosto agridoce, com espinhos como as rosas quando ele mata. Minhas irmãs afastam os olhos dourados.

22

Chego ao grande salão, os sapatos vermelhos ofegantes nos meus pés.

"Bem na hora", diz a mulher de prateado quando abre a porta. Quando sou anunciada, os aplausos são ensurdecedores. Um rugido intenso. Para mim? Mas isso é tão inesperado. Muito obrigada, *merci*.

"Eu só vim porque estou procurando uma pessoa. Você viu…?"

Mas minha voz é afogada pelo barulho. Um movimento de taças vermelhas borbulhantes subindo nos punhos com luvas de ópera. O salão está todo iluminado hoje. A cortina vermelha está puxada e as Profundezas estão expostas. A água azul-esverdeada brilha gloriosamente, como se iluminada de baixo. Até as águas-vivas vermelhas parecem estar me aplaudindo. As barrigas delas pulsam em sincronia com o aplauso humano, tentáculos ondulam loucamente. Menos uma. Uma grande, muito vermelha. Os olhos estranhos de geleia estão grudados em mim. Com tristeza? Não pode ser. Ah, bem, não importa. Estou procurando uma pessoa, não estou? Minha mãe, isso mesmo. Ela está aqui? Não a vejo. O salão está lotado como nunca, com pessoas cintilantes andando com seda vermelha e preta e branca. A pelve parece feita de diamantes de verdade. *Pele*. Não pelve, por que pelve? Todas estão sorrindo para mim. Nunca muito largamente, claro. Elas têm que pensar na própria pelve. *Pele*. Elas me parabenizam quando eu passo. Já dominam a arte de falar sem mover os lábios, como as minhas irmãs.

"Muitas *félicitations* por chegar ao Precipício", dizem elas entredentes.

"Obrigada", digo. E penso: "Precipício? Eu cheguei a um Precipício?" "Eu vim porque estou procurando a minha…"

"Que noite do caralho esta deve ser pra você", diz uma mulher quando eu passo. "Chegar ao Precipício tão rapidamente." Ela segura meu ombro com tanta força, que as unhas vermelhas quase afundam na pele do meu ombro. "Com quem você teve que trepar?"

"Como?"

"É verdade, eles não trepam. Foi dinheiro a mais, então? O que você fez pra passar pelos tratamentos tão rápido? Me conta!"

Outra mulher não para de acariciar meu pescoço.

"*Incroyable*, impressionante, de verdade", sussurra ela, quase me estrangulando. "Estou com inveja."

Mas sou salva pela mulher de vermelho, que me puxa para longe.

"Agora, amigos! *Mes amis!* Não vamos parabenizar *demais* a Filha de Noelle, certo? Vai haver muito tempo para mais *félicitations* mais tarde. Não queremos exaurir nossa querida Filha. Vamos tomar um borbulhante agora, que tal?"

Vejo os gêmeos na escada, o Lorde e a Lady, olhando para mim por trás dos véus pretos. Erguendo as taças borbulhantes como se brindassem a mim.

"Sim", digo, e os sinto sorrirem pelo véu. Quase consigo sentir a seda fria das mãos deles roçando na minha pele. Tão felizes estão de me ver.

Tem música tocando, uma ópera carregada no cravo, e um homem com pó no rosto de gorjeira vermelha canta como soprano na escada. Danço com muitos parceiros, e meus parceiros ficam mudando. Meus sapatos parecem querer me dançar bem perto das Profundezas, bem perto do vidro atrás do qual as medusas deslizam e pulsam.

"Espero que você não se importe", digo para minha parceira, que me olha, trêmula. "Estou procurando uma pessoa."

Ela é uma mulher extremamente pálida com cabelo muito louro. Suas feições sugerem que nem sempre ela foi tão pálida, que foi outra coisa no passado, difícil dizer o que ou de onde, mas eu não odeio sempre quando as pessoas tentam adivinhar um lugar pelo meu rosto? De todo modo, ela está Brilhosa. Desbotada como à noite nós lavamos o rosto para tirar o dia. Ela está usando um vestido branco longo, com diamantes no pescoço. Está me olhando com expressão sofrida.

"Meu sofrer… *prazer* dançar com a Filha na véspera do terceiro tratamento", diz ela.

"Terceiro tratamento? É hoje?"

"Claro que é hoje", diz ela, como se fosse óbvio.

"Que suposição feliz eu estar aqui, então."

"Que suposição feliz", sibila ela. "Muito lastimoso. *Maravilhoso.*"

“Eu vim aqui porque estou procurando uma pessoa. Engraçado, não consigo lembrar quem. Me deu um branco.”

“Que engraçado”, diz ela, sem sorrir. “A Filha é muito divertida e agradável. E por que não deveria ser, se está à Beira de alcançar seu Eu Mais Magnífico?”, diz entredentes. Obviamente mentindo. Mas fico encantada pela energia perturbada, pelo jeito como ela me olha como se eu a machucasse fisicamente só de me olhar, mas também não conseguisse afastar o olhar. Ela parece tão aflita. *Bonita*.

“Você tem tanta Luminosidade”, digo para ela.

Eu acho que o elogio vai amolecê-la, mas deixa o sorriso dela ferino.

“Minha Luminosidade é uma Sombra”, diz ela, “em comparação à sua, Filha. Uma pedra fria na órbita mais extrema do seu Brilho Impossível. A encarnação literal do Sem Graça.” Ela falou a verdade e sabe. Lágrimas surgem nos olhos dela porque dói. “Tenho inveja”, sussurra ela. “Muita.” Ela olha para mim pelas lágrimas ardentes. E vejo o amor sombrio lá, nos olhos dela. Um verdadeiro veneno da alma. Como ama e olha apesar de tudo.

“Obrigada”, eu me ouço dizer. “Eu também invejo.”

Mas o que eu falo é mentira. Eu não invejo. Eu sei que sou a Luminosidade Impossível. Sei que ela é a pedra fria. Ela vê a mentira nos meus olhos e sai correndo, chorando. Todo mundo ao nosso redor continua dançando como se não fosse nada. A inveja, ela acontece o tempo todo. A música do cravo continua tocando e o homem branco de gorjeira vermelha continua cantando operisticamente. Eu deveria ir atrás dela. Dizer para ela: “Sinto muito que minha Luminosidade machuque seus olhos. Queria que pudéssemos todos ter uma Luminosidade como a minha”. Seriam mais mentiras, claro. Eu não sinto muito. Não desejo isso. Mas ficaria muito feliz em dizer se servisse para eu dançar com ela de novo. Eu gostei dos olhos ávidos dela em mim com tanta intensidade. Mas, espera, eu não estava procurando uma pessoa? Nessa hora, com o canto do olho, reparo em algo engraçado. Uma das águas-vivas chegou bem perto do vidro, logo atrás de mim. A vermelha grande que não aplaudiu quando eu entrei no salão. Vejo que ela tem um desenho de pétalas no seu sino, que bonito. Os olhos dela, puxados e estranhos e translúcidos, estão fixados em mim. Ela quer dizer alguma coisa.

“O que foi?”, eu me ouço dizer.

"Falando com o peixe, Filha?", diz uma voz que acha graça. Eu me viro para longe do tanque e vejo a mulher de vermelho ao meu lado agora. Parece que estamos dançando (quando começamos a dançar?) e ela está sorrindo para mim com os dentinhos afiados. Olho nos olhos muito azuis dela, pontilhados de dourado como pedacinhos do sol, e penso "mentira".

"Não falando. Só que uma parece estar me encarando há um tempo."

Estou prestes a apontar para a água-viva, mas ela se afastou para o lado oposto do tanque agora.

"Ah, o impulso antropomorfizador", diz ela, suspirando. "Nós todos somos culpados desse tipo de projeção. Nós impomos nossa humanidade a criaturas das Profundezas. Compreensível, mas meio… infantil. Como acreditar em contos de fadas!" Ela ri. "Tome outra bebida", diz ela, pegando uma taça de um garçom carregando uma bandeja de prata cheia de taças. "Agora me conte, Filha, você teve algum problema para chegar aqui esta noite?"

"Problema?", digo. "Nenhum."

Mas eu lembro que houve algum problema, não houve? Um rosto escuro e bonito flutuando sobre o meu, hipnotizado. A fome de mãos fortes no meu corpo, de lábios com gosto de rosas. Roçando na minha pele como se não conseguisse se satisfazer. Um bafo quente no meu ouvido, sussurrando "deus, deus, deus" enquanto meus dedos agarravam o cabelo escuro e ondulado. Mas não posso contar para a mulher de vermelho como eu seduzi o belo detetive. Tanto que ele caiu no sono logo em seguida, como minha irmã sonha em cair no mar. Eu o vi deitado ao meu lado, pegando no sono contra a vontade. "Você sabe que eu entendo", murmurou ele enquanto apagava.

"O quê?", falei.

"Você. A Rouge. Por que você fica voltando. Todo mundo tem seus demônios, não é?"

Olhei para a cicatriz dele captando a luz ardente da janela. O pôr do sol, deveria ser. "E quais são seus demônios, detetive?"

Ele sorriu. "Vamos só dizer que não sou invulnerável aos nossos amigos. Às Profundezas. Que eu tive meus momentos de tentação. Ainda tenho", disse, acariciando meu rosto. Enquanto ele me olhava nessa hora, senti uma pontada. No fundo do peito. De "eu sei, eu sei. Eu também estive nesses lugares sombrios, nesses lugares de porão". Vi os olhos dele se

fecharem, senti as mãos dele caírem da minha bochecha como uma coisa fria e morta. E o deixei na minha cama cor de sangue, a cicatriz brilhando em vermelho na luz cada vez mais escura das Vésperas. Era lindo aquele corte de pelve pálida e erguida na sombra da noite avermelhada. Eu me inclinei e a matei. Senti uma queimação nos lábios.

"Desculpa", sussurrei. "Eu tenho que ir. Sei que você entende."

A única preocupação que eu tinha era se ele poderia sentir o espaço vazio que eu deixei. "Fico feliz em ocupar o espaço pra você, Irmã", disse uma das minhas irmãs da sala. A que estava na mesa de centro, desarrumando as flores. Ela sempre gostou dele. Então eu a coloquei na cama com ele e os deixei juntos. Ele não veria diferença, sem dúvida. Minha pelve estava lisa e luminosa como a dela.

"Nenhum problema", digo para a mulher de vermelho agora. Mas aí eu vejo que não estou mais dançando com ela. Estou dançando com um homem. Alto. Cabelo louro, barba loura e com costeletas que não combinam com o rosto pardo. Tem um monóculo em um olho cinzento.

"Nenhum problema?", repete esse homem. "Belle, estou magoado."

"Desculpa, senhor, nós nos conhecemos?", pergunto ao Homem do Monóculo. Ele parece bem preocupado por eu ter feito a pergunta. Mas, mesmo com a preocupação, ele sorri.

"Sua irmã foi uma má substituta. Ela não se compara a você." Ele me aperta e eu vejo o homem com quem eu acabei de trepar atrás do disfarce. As rosas dos lábios que matei. A cicatriz na qual passei o dedo na luz vermelha. "Belle, escuta. Eu vou tirar você daqui hoje, tá? Só dança comigo, vem comigo. Confia em mim, ok?"

"Tirar daqui?" Por que tirar daqui? Por que eu confiaria em alguém que me levaria para longe do lugar onde eu preciso estar agora? Quando estou procurando uma pessoa? Quando estou em um Precipício, ainda por cima? À Margem?

"Agora, olha", diz Hud. "A festa continua eternamente, está vendo? Então nós vamos seguir por aquele salão escuro. Dançando como estamos agora. Nós já passamos por aquele salão. Onde eu não te beijei porque você não estava me seguindo, lembra?"

Olho para o salão escuro, escancarado como um buraco negro. Muito diferente da festa vibrante ao nosso redor.

“Eu não quero ir para o salão escuro. Quero ficar aqui. Eu estou no Precipício, entende.”

“Você está mesmo em um precipício.” E ele dá uma risadinha debochada.

Inveja. Tem inveja ali, eu vejo, o que me dá prazer, mas também me deixa sóbria. Eu o agarro com tudo, como quem salva conhecimento. Para agarrar, eu preciso ficar imóvel. As pessoas que dançam ao nosso redor estão dançando mais devagar agora. A música parece ir mais devagar também, diminuir, como se tivesse orelhas e quisesse escutar.

“Está vendo atrás de mim, na escada?”, sussurra Hud. E, aí, reparo nas pessoas de véu preto no patamar. Os gêmeos estão acompanhados de vários outros, ao que parece, todos vestidos como eles. Um amontoado pequeno e murmurante olhando para baixo. “Você sabe quem são aquelas pessoas, Belle?

Olho para os rostos luminosos, reluzindo através do véu. Vejo que a seda cai como água escura. Que os olhos pálidos, frios e sorridentes parecem saber o nome e a forma de cada sonho meu.

“Pessoas importantes”, sussurro. “Muito importantes pra minha mãe e pra mim.”

“Me escuta”, diz ele. “Por favor. Você não pode fazer o terceiro tratamento. Se fizer, vai se perder, entende? Se perder de mim, se perder de si mesma. Completamente. Eu não vou conseguir salvar você.” Ele me olha. A inveja sumiu. Os olhos dele estão cheios de um outro sentimento carinhoso. Poderia me derreter se eu deixasse. Se eu deixasse, poderia me destruir. Os de véu estão descendo a escada. A música está ainda mais baixa, aguçou os ouvidos. Até as medusas no tanque parecem flutuar e esperar. As pessoas dançando estão olhando abertamente agora.

“Quem disse que eu quero que você me salve, senhor?”, sussurro. Olho diretamente para ele quando falo, nos olhos cinzentos claros, onde a alma dele está aberta. Sinto algo nele se quebrar. Vejo se quebrando naquele rosto bonito e tristemente marcado.

“Com licença”, diz uma voz ao meu lado. Uma mulher toda de preto. Não uma mulher, uma garota, é uma garota-mulher, na verdade. Alta como uma mulher adulta, alta como eu de saltos, mas com um rosto de garota. Tão lindo, como o de uma boneca. Um rosto que eu poderia ter abraçado e amado, ao mesmo tempo que invejava e odiava. Os cachos louros brotam

do crânio perfeito como uma fonte dourada. Os olhos sobrenaturalmente claros estão cheios de sorrisos. O rosto de alabastro é o Verdadeiro Brilho. Ela faz minha Luminosidade passar vergonha. É uma Luminosidade de Sombra em comparação à dela. Tira nosso fôlego, o meu e de Hud Hudson, apesar de ele ainda estar segurando meus braços. Ela sabe os efeitos que causa. Eles a agradam imensamente. Mas ela está sorrindo para nós como a mais inocente dos inocentes.

"Posso interromper", pergunta ela, e não é uma pergunta. Nós não poderíamos dizer não para uma criança inocente, poderíamos?, dizem os olhos dela. Nós não somos monstros, afinal.

Mas Hud Hudson vai dizer não.

"Desculpa", diz ele. "Nós ainda estamos no meio de…"

Nessa hora, outra mão pega a minha e me puxa.

"Belle", diz uma voz.

E é engraçado o que acontece nessa hora. Eu não ouço mais música. Ouço só a voz dele. Ouço no fundo do meu tronco cerebral. Como uma coleira me puxando. E então estou nos braços da voz dele, dizendo meu nome, "Belle, Belle, Belle". Não consigo ver o rosto dele porque ele está me abraçando com força no corpo de terno preto, e estou presa, imobilizada olhando por cima do ombro dele. Estamos indo embora dançando. Eu poderia dizer "Eu o conheço, senhor?" Mas não digo nada. Parece que os braços dele são uma droga me transformando em gelatina. Tão familiares são os braços, como a voz. Estão me levando para um lugar no porão, para um lugar de sombras que eu conheço tão bem. Eu talvez conheça esses braços desde que era criança; eles me abraçavam na época? Eu acho que sim. Eu conheço essa sensação, de ser mergulhada em água fria. Conheço o cheiro de mar deles. Eu desejei que eles me abraçassem no escuro, apesar de ter medo? Impossível. Esse homem é um estranho, não é? "Não", diz meu tronco cerebral. "Não é um estranho, esse aí." Eu deixo que me gire pela pista apesar de me deixar tonta, a droga dele.

Um pouco mais longe, vejo a garota-mulher de preto dançando com Hud Hudson. Ele está me procurando loucamente no salão. Para onde eu fui? Ele não pode me perder. Precisa ainda tentar me salvar. "Mas eu já estou perdida", eu diria para ele se tivesse palavras, se girar não estivesse me deixando tonta. E eu só o vejo me procurar. A garota-mulher de preto pega a mão dele e aperta dos dois lados do rosto pequeno em formato de

coração. Ele olha para ela. E o rosto dele muda de repente. Fica arrebatado. Fica enfeitiçado pela forma do crânio, pela simetria exótica dos ossos. Pela Suavidade dela. Pela Luminosidade, mais do que tudo. Ele está tremendo. Uma mariposa peluda indo para a luz dela.

Ela está sussurrando alguma coisa para ele agora, o que ela está sussurrando?

O que quer que seja, ele está enfeitiçado. Um homem em um sonho. Perdido.

Ela estica a mão e toca no rosto dele. E é assim que eles estão dançando agora. Aninhando o rosto um do outro como se poderia aninhar uma chama para mantê-la acesa. Girando no mais lento dos círculos no meio da pista. Até que não estão mais dançando. Eles estão parados. E ela está tirando o disfarce dele. A barba, depois as costeletas louras. Primeiro uma costeleta, depois a outra. Finalmente, o monóculo. Ela o larga no chão e o esmaga com o saltinho de couro. Ele permite. Nem se move. Deixa-se revelar, aquele homem de rosto pardo e cabelo preto brilhante, tremendo na frente dela agora. Vejo os dedos dela subirem para o rosto exposto, acompanhando a cicatriz funda que tem lá. Ela está sussurrando alguma coisa para ele de novo. Vejo a boca vermelha curva formar palavras que não consigo ouvir. Tem lágrimas nos olhos dele. E, agora, está se permitindo levar pela mão como uma criança perdida. Pelo salão escuro para onde um minuto antes ele queria ir comigo, para me salvar.

"Belle", diz uma voz no meu ouvido agora. A voz de droga que é como nos filmes, como música. A única música que eu escuto. E o homem com quem estou dançando, o que está me abraçando de modo que não consigo ver o rosto, me segurando de um jeito que me traz de volta como um aroma que traz você de volta, agora me segura longe e ficamos de frente um para o outro, finalmente. Terno preto. Máscara preta com chifres sobre metade do rosto. Familiar. Eu conheço o cabelo escuro que parece uma onda. Conheço os olhos azul-esverdeados brilhando atrás da máscara preta. Lembro-me do mar frio deles. Lembro-me de me afogar.

"Você não mudou nada, Belle. Só que cresceu. Tanto." Dentes brancos compridos. Aquele sorriso que me iluminava, como estrelas erradas no meu corpo de criança.

"Eu te conheço", sussurro, tremendo. Com muito frio de repente. Mas feliz. Tão feliz. Eu o conheço, mas na minha mente tem um branco.

“Nós nos conhecemos bem, Belle. Definitivamente. Me permita te acompanhar ao tratamento final. Parece adequado, você não acha, que seja eu?”

Eu faço que sim. Claro que deveria ser ele. Estamos dançando tão devagar. Como se o tempo tivesse desacelerado. Não há mais corpos no salão. Só nós. Nem cravo nem cantor de ópera. Aquele homem tem música própria, como sempre teve, e a ouço dentro e fora de mim. Uma música pop com sintetizadores, sonhadora. Parece corpos em silhueta azul. Parece todos os meus sonhos. Eu estou mole como as águas-vivas.

“Eu sempre soube”, sussurra ele, me balançando, “que você pegaria sua Beleza de volta, Belle. Sabia que você me encontraria aqui. Uma estrada longa. Uma estrada longa e solitária pra você, não foi?”

“Foi”, ouço minha alma dizer. É minha alma falando com ele através da minha boca agora. Ele tem linha direta com ela.

“Mas você seguiu o caminho até o castelo perto do mar. Até mim.”

“Até você.”

“Eu não falei sempre que este lugar era mágico?”

Olhou para o salão escuro e vazio. Para o teto em arco. Finalmente o vejo, como uma jaula de ossos brancos acima de nós. O tanque de águas-vivas vermelhas ficou preto agora. Tudo ao meu redor parece um vazio. Parece nada.

“Falou.”

“Bem, agora você está vendo, né?”

E estamos descendo uma escada em espiral para debaixo das Profundezas. Ele segura a minha mão, com a mão enluvada fria e meio grudenta. Lembro do toque frio e grudento, mas ainda não consigo identificá-lo. Se ao menos ele tirasse a máscara e eu pudesse ver o rosto. Mas meu corpo lembra. Minha alma lembra. “De onde, de onde?”

Começamos a descer pela escada aos trancos e barrancos. Meus sapatos vermelhos não querem me levar. Mas ele só sorri. Ajoelha-se aos meus pés como um príncipe. Ele vai tirá-los.

“Eu sempre odiei essas porras”, diz ele. “Nunca te falei, claro. Porque você os amava tanto.”

“Eu acho que os usava pra você”, digo. De alguma forma, sei que é verdade.

Mas os sapatos não saem, não querem sair, estão fundidos na minha pele. Acho que ele vai surtar por causa disso. Mas ele só me pega como se eu fosse uma pena. E me carrega para baixo. Estou nos braços dele que são como uma droga, e estamos descendo e descendo. Estou sorrindo no pescoço dele apesar de estar com medo. Não deveria estar. É só meu tratamento final. Aquele homem vai me acompanhar. "Quem é você?" Ainda é um balão de pergunta, iridescente e flutuando na escuridão da minha mente. Sei que a resposta está em algum lugar. Em algum lugar bem embaixo de tudo, das minhas palavras e dos meus pensamentos.

Nós passamos pela sala de espera vermelha com espelhos e os rostos brancos gritando na parede, vazia exceto por uma mulher pálida e reluzente lendo uma revista vermelha no escuro. Eu já a vi ali antes. Ela não sorri para nós quando passamos. Só nos observa, parecendo meio com medo. Para ela, somos um navio estranho na noite.

Ele me carrega para uma sala parcialmente iluminada cheia de névoa. Coloca-me em uma mesa no centro. A Sala de Tratamento, claro. Meu tratamento final hoje, isso mesmo. Muito excitante. O teto de vidro está exposto, e vejo que estamos debaixo das Profundezas, azul-esverdeadas como os olhos do homem com a máscara preta com chifres. Um céu de água cintila acima de nós como a aurora boreal. Águas-vivas vermelhas nadam acima de nós como muitas luas estranhas. O homem fica ao meu lado enquanto me sento na mesa. Normalmente, uma mulher vem nessa hora, não vem? Manda que eu tire a roupa e eu tiro. Manda que eu me deite e eu me deito. Manda que eu respire e ela respira comigo. Em seguida, uma pasta branca e fria no meu rosto enquanto flutuo. Mas não vem mulher nenhuma. Somos só eu e o homem na névoa.

Ele vai até um aquário pequeno do outro lado da mesa. Dentro dele flutua uma única água-viva vermelha. Minha. A minha água-viva vermelha que começou tão pequena e tão branca. Que eu tirei da piscina preta, segurei na palma da mão, onde ela brilhou como um sussurro de desejo. Cresceu muito e ficou bem mais vermelha desde a última vez. O homem de máscara está olhando para ela.

"Linda", diz ele. "Não é, Belle?"

"Linda", concordo, olhando do homem para a criatura. Apesar de eu não achar mais que é.

Parece assustadora aos meus olhos. Horrenda. Mas o homem de máscara não parece achar isso. Ele está perdido olhando para ela, como se fosse um sonho.

"É mesmo tão linda?", pergunto, talvez com ciúmes. "É só uma água-viva."

"Ah, é mais" diz ele, ainda sorrindo suavemente como se ela estivesse contando um segredo. "É outra coisa agora, graças aos tratamentos. Você consegue adivinhar?

Eu olho para a criatura. O sino vermelho pulsa como um coração estranho. Os tentáculos peludos ondulam. Eu balanço a cabeça. O homem sorri o sorriso de dentes brancos compridos. O sorriso dele é uma constelação. O sorriso é um filme, e eu estou no escuro, sonhando. Gentilmente, ele pega a minha mão.

"É a história de você e eu."

Dentro do tanque, a coisa vermelha começa a pulsar mais rapidamente.

"Você e eu", repito. Tem um tremor na minha voz agora. O toque da mão dele está me deixando fria. Algo preto, fechado e enterrado dentro de mim se abre. "Que história?"

Olho para a água-viva, um desenho de rosas nas costas dela. Os olhos dela, vejo que ela tem olhos, translúcidos e vermelhos como o corpo, estão arregalados e com medo. "Que história?" Mas alguma parte dentro de mim sabe. Sabe exatamente. Sinto o conhecimento pulsando como a coisa vermelha na água.

"*Que história?* Ah, Belle, *Belle*, agora você está magoando meus sentimentos. Agora você está me *ferindo*."

Ele aperta a mão enluvada no peito como se eu tivesse enfiado uma faca ali. Mas ele ainda está sorrindo, como nos filmes. Os olhos dele na máscara faíscam de azul-esverdeados para vermelhos para azul-esverdeados. Ele tira meu cabelo do rosto e eu estremeço.

"Começou no dia em que você me encontrou no closet da sua mãe, lembra? Uma coisinha bestial com o batom da mãe e com saltos baratos de sexo. Sonhando com outra personalidade, uma personalidade de princesa, em um castelo à beira do mar. Sonhando comigo. E eu te ouvi. Sonhando do outro lado do vidro."

Ele aperta a minha mão, aquele toque frio e meio grudento que me mergulha em águas escuras. Está de pé ao meu lado agora, eu sentada encolhida na mesa, o frio percorrendo meu corpo.

"Você me ouviu", digo, e estou tremendo, tremendo.

"Mas a história não acabou."

"Não?", digo. Estou com tanto frio. Ele ergue meu queixo com uma mão de gelo para que eu olhe diretamente nos olhos faiscantes. Ainda sorrindo aquele sorriso que me queima.

"Vamos terminar juntos, que tal?"

Estamos deitados juntos agora na mesa, ele e eu, e, no vidro, a água-viva está batendo loucamente, como o meu coração, como a coisa preta enterrada dentro de mim. Ele tirou a máscara e vejo o rosto dele. Seu rosto ilumina a arquitetura de mim, faz minha jaula de ossos brilhar. Não só o sorriso, mas o rosto dele todo é cinema. Tão lindo e irreal quanto um sonho, mas, de alguma forma, ali comigo. Devo ter visto aqueles filmes mil vezes no escuro, em telas empoeiradas de televisão. Eu o vi em outro tipo de tela também, uma tela de vidro. Sorrindo como está agora.

"Nós nos deitamos juntos assim uma vez, lembra?", diz ele. "No seu quarto rosa bobo com as bonecas e as aranhas. Debaixo daquelas estrelas idiotas. E você fez umas promessas pra mim. Lembra?"

"Não", digo. Meus lábios têm dificuldade de formar a palavra.

"Vamos lembrar juntos."

"Deveria haver uma pasta branca fria no meu rosto", digo com lábios meio dormentes. "A mulher-sussurro a coloca. E discos pretos nas minhas têmporas. Deveria haver um óleo que eu inspiro e ela respira comigo."

Ele balança a cabeça.

"Nós não precisamos dela hoje. Não precisamos dessas porras de acessórios, você e eu. O óleo, os discos, a pasta, essas coisas são floreios para impressionar os idiotas. A essência é só isso. Só você e eu."

E ele segura minha mão de novo, meu primeiro amor. De alguma forma, eu sei que ele foi meu primeiro amor. Como é bom saber que eu estou segurando a mão do meu primeiro amor e eu não estou mais com frio ou estou com tanto frio, que estou pegando fogo. Foi um amor atribulado. Havia algo entre nós, sempre entre nós, o que era? Uma

espécie de muro. Brilhoso, mas manchado. Feito de vidro rachado. Escondido no escuro. Virado para o muro, até que se virou para mim.

"Eu o atravessava pra estar com você, lembra?", diz ele.

O nome dele está quase na minha língua. E meu coração está frenético dentro de mim.

"Lembro." É tão familiar, que estou com lágrimas nos olhos. Ele me manda olhar para o teto de vidro que expõe as Profundezas. Para as águas-vivas vermelhas que passam flutuando como cometas com caudas em chamas.

"O que você vê? Me diz."

A mesa em que estamos deitados flutua na direção do céu de água. O pequeno tanque com a minha água-viva vermelha flutua conosco. Batendo rápida e intensamente como meu coração está agora. Estou ardendo de frio e completamente imóvel. Tem um filme passando no vidro do teto, como uma tela. Vejo uma garotinha. Deitada no quarto rosa. É noite lá fora. Uma lua baixa ilumina o quarto. Ela não está sozinha. Tem um homem com ela no quarto. Deitado ao lado dela. Ela o abraça com força. Está com lágrimas nos olhos. Ela está dizendo "Não me deixe. Por favor, não me deixe."

"Quem é aquele?", pergunta ele.

"O primeiro amor dela. Ela está abraçando o primeiro amor", digo com uma boca que é difícil de mexer agora.

"Qual é o nome dele?"

Olho para a garotinha na tela de vidro. Os olhos dela bem fechados. Lágrimas descendo pelo rosto da mesma forma que lágrimas descem pelo meu agora. Sinto-as formigando na pele. A boca da garotinha dizendo o nome dele repetidamente. E eu lembro. Começo a dizer o nome junto com ela com minha boca agora morta. Juntas, estamos formando o nome dele com os lábios como um refrão de música. E o homem ao meu lado está sorrindo com o som.

Parte cinco

23

"Tom", sussurro. "Ah, deus, Tom. Não vá."

Mas Tom me deixa. Ele me abraça de novo e se torna fumaça nos meus braços. E eu não estou abraçando nada. Ar. Mas ele prometeu que, se eu fizer o que ele manda, nós vamos nos ver de novo. Ele vai me ver do outro lado se eu fizer exatamente. Exatamente o que ele disse.

"Eu vou fazer, Tom, prometo."

"Não Tom, Seth."

Sozinha na cama, olho para as estrelas erradas que eram o paraíso certo quando Tom Cruise estava aqui. O que eu acabei de prometer a ele? O que Tom me pediu para fazer?

"Tem um jardim", disse ele. Sussurrou no meu ouvido minutos atrás. "Você sabe qual. Atrás da casa da sua dita amiga, do outro lado do caminho."

E, na minha mente, vi as pétalas vermelhas intensas. A mão de Stacey me puxando rapidamente pelos canteiros espinhentos na direção da porta dos fundos. Alla sorrindo intensamente para mim, uma pá na mão enluvada. Eu assenti.

"A mãe russa dela não gosta que você vá lá, né? Não quer a filha brincando com a garota egípcia. Que nem é cristã. Nunca batizada."

Eu assenti de novo. Odiava que Tom soubesse disso. Tinha tanta vergonha.

"Não é você que deveria ter vergonha", disse Tom, conhecendo cada sentimento meu na hora que eu o sentia. Não podia esconder nada. "Elas que deveriam morrer de vergonha", disse ele. "Mas elas plantam as rosas mais lindas do mundo, não é, Belle?", disse ele, sorrindo para mim debaixo das estrelas.

"É." E eu as visualizei pelo vidro embaçado da janela do porão da Stacey. Vermelho reluzindo nos meus olhos enquanto eu a via dançar.

"Você vai ao canteiro mais vibrante. Vai pegar as flores dos caules", disse ele.

Olhei para Tom no escuro. “Mas isso é roubar.”

“Não é roubar”, disse Tom. “É roubar de volta.”

Agora, estou no jardim da Stacey, sozinha. Imóvel de camisola branca, que levanta com a brisa. A lua está vermelha e cheia e baixa nas nuvens pretas. Não tem estrela que eu consiga ver como as do meu quarto. Acho que as estrelas certas estão longe demais pra ver hoje. Ou as nuvens que estão escuras e densas demais. Eu nunca saí à noite sozinha. O vento está suave no meu rosto, como uma mão. Eu o apreciaria se não estivesse roubando.

“Roubando de volta.”

Tom estava certo sobre o trinco do portão, bem fácil de levantar. A casa está escura. Uma casa bonita de tijolos numa fila de casas bonitas de tijolos, as mais bonitas da ilha. Penso em Alla me encontrando no jardim. Como eu soube pelos olhos dela que me odiava. “Ela só não te conhece direito”, disse minha mãe quando contei. “Gente de mente pequena, Raio de Sol. Você vai encontrá-las em toda parte.” Mas, quando Alla convidou minha mãe para um chá uma vez, minha mãe disse “Por que não?”. Elas se sentaram na estufa ao lado do jardim, tomando chá em xícaras com borda dourada e estampa de rosas e fumando cigarros finos e compridos. Elas riram e riram; eu as ouvi de onde estava, na sala vendo *Degrassi*. Nós não podíamos nos avaliar com nossas mães aqui, Stacey disse. Ao ouvir as risadas da minha mãe, fiquei com raiva. Achei que ela tivesse dito que Alla tinha mente pequena, mas aparentemente não na cara dela. Talvez porque Alla também fosse cristã. “Mãe, por que eu não posso ser cristã também?”, perguntei quando fomos embora. “Porque eu prometi ao seu pai, querida”, disse minha mãe. “Ele tinha uma religião diferente, e nós fizemos um acordo.” E eu falei: “Mas a Grand-Maman acha que você está me deixando aberta para as forças das trevas”. E minha mãe riu. “Forças das trevas. Você acredita naquela mulher?”

No jardim, meus pés descalços não fazem som nenhum. A grama está esponjosa e macia, e a terra tem cheiro verde e doce sob meus pés. “Algumas pessoas têm jardins”, disse minha mãe quando voltamos para casa depois da casa da Stacey. “Nós também vamos ter um dia, Belle. Em um lugar bem melhor do que este.” Ela pareceu bêbada. Talvez o chá de

Alla não fosse só chá. "Nós vamos ter um jardim com árvores frutíferas. E vamos ter flores. Mas não rosas. Você sabe que sua mãe é alérgica."

"Eu sei."

Eu tenho que arrancar treze pétalas, Tom disse. Do canteiro de rosas no canto mais distante, cujas flores estiverem mais abertas. Tão bonito é esse lugar onde eu não devo estar. Onde minha mãe tomou chá alcoólico com a mulher que acha que eu sou ímpia. Que me olha com olhos de gelo. Estou indo na direção das rosas e minhas mãos estão se fechando e se abrindo ao lado do corpo. Eu nem preciso da luz da lua vermelha baixa para me levar lá. O cheiro me levaria, como o perfume mais vivo. O que minha mãe chama de "paradisíaco", embora nunca sobre rosas. Abre algo dentro de mim, o aroma. A mesma coisa que Tom abre sempre que me olha. "Não acorde ninguém, Belle", ele disse. "Faça silêncio absoluto. Tão quieta quanto um rato, o meu rato. Lembre, é segredo. O nosso segredo." E o universo dos olhos dele estava brilhando no preto. Na minha cabeça agora, sinto Tom sorrindo para o quanto estou sendo silenciosa. Meus passos não são nada. Eu quase não respiro. Meu coração está disparado dentro de mim, mas corações não fazem barulho, fazem? Lembro que Stacey tem uma gata branca, Luba, que sempre se esgueira ali fora, sibilando. Deus, eu queria que Tom estivesse comigo. Mas Tom sumiu. Virou fumaça. O único jeito de voltar para ele é pelas rosas. Por que rosas, Tom?

"Ah, você vai ver", disse Tom.

Vejo um canteiro crescendo junto da janela do porão, reluzindo no luar como ele disse que estaria. Intensas e vermelhas e brilhando no escuro. Com caules compridos e ondulados. Pétalas que se abrem lindamente, como sinos. E, dentro delas, uma leve espiral como um segredo, o segredo de Beleza em si. Ouço-as respirando silenciosamente no solo. O mesmo solo frio e úmido em que estou pisando com pés descalços. Elas parecem a palavra *não*. *Não toque*. *Não arranque*. Elas parecem a palavra *proibido*. Essas são as palavras que falei para Tom no escuro sobre aquelas flores. E ele sorriu o sorriso branco e disse "Mais motivo ainda". Os olhos dele como o céu que aquelas rosas estavam tentando alcançar, o rosto reluzindo como o sol que as fez florescer.

Olho para a casa escura de tijolos. As janelas ainda estão pretas. Não tem nenhuma luz além da lua. Stacey está lá dentro, sonhando.

"Tom, qual rosa, qual rosa?", eu perguntei a ele.

"Você vai saber qual quando a vir, ratinha."

E eu sei qual. Crescendo no centro do canteiro, brilhante com espinhos. A mais alta, a mais bonita. A rainha. A garganta de pétalas parece a mais aberta, um segredo aberto. O aroma é o perfume mais vivo. Humilha as violetas com fumaça da minha mãe. Enche-me de algo muito feliz e triste ao mesmo tempo. Da mesma forma que os olhos de Tom são o céu e o mar ao mesmo tempo. "A Beleza é um feitiço", não foi isso que Tom Cruise disse? Estou estendendo a mão para a rosa como se estivesse num feitiço, se estivesse num sonho. Meu coração está batendo tão forte, que deve fazer barulho agora. Preciso me inclinar para a frente, passar a mão pelos espinhos. Quando tento pegar, sinto algo cair de mim. "Ah, deus, o que eu deixei cair?" Antes que eu possa olhar, uma luz se acende na casa escura. Eu a sinto antes de ver, um quadrado de luz amarela caindo em mim, me paralisando na lama. Lembro-me dos olhos de gelo, imagino um braço branco me segurando — "O que você está fazendo aqui?!" — e perco o equilíbrio. Caio no canteiro espinhento. Minha pele canta de dor, os espinhos me cortando toda — "ah, deus" —, mas não grito. Rapidamente, pego o máximo de pétalas que consigo. Enfio-as na bolsa de seda preta que Tom me deu.

A gata Luba sai da escuridão, sibilando.

"Por favor", sussurro para a forma dela. "Eu só vim pegar umas rosas."

Mas ela sabe que estou mentindo. Sabe que sou a ratinha escura do Tom. Ela me olha com os olhos de gelo de Alla. Finca as patas na terra e arqueia as costas.

"Por favor", sussurro.

Ela salta no ar e está em cima de mim, arranhando meus braços e meu rosto, e eu grito. Outro quadrado amarelo na casa escura.

"Quem está aí?", diz uma voz suave.

A gatinha sai correndo, gritando. Eu corro também. Estou correndo pelo jardim na grama úmida e funda. Correndo para o portão que deixei aberto, ainda aberto. Pés descalços correndo muito rápido em meio às flores enquanto escuto a voz gritando mais alto, parecendo ao mesmo tempo com medo e agitada:

"Quem está aí? *Quem está aí?*"

Só paro de correr quando chego em casa, quando já subi pela janela e entrei no meu quarto. Ainda noite. A noite mais longa da minha vida. Estou sozinha agora, parada no meio do quarto com uma bolsa de pétalas de rosas na mão. Tom não está em lugar nenhum. Minha mãe ainda está dormindo no quarto. Meu coração. Batendo tão forte, que vai romper minha pele. Mas ainda não estou respirando, ainda estou quieta como um rato. A ratinha do Tom. A polícia vai ligar a qualquer minuto, a qualquer minuto. Vão bater na porta, arrombá-la. Apontar as armas para mim. "Negue tudo", disse Tom. Assim que der, esconda a bolsa de flores. Não no armário, faz muito barulho abrir um armário agora. Embaixo da cama. Enfia bem embaixo, no canto escuro. O mais longe que der. Depois, volte para a cama como se não fosse nada. Nada tivesse acontecido. "Feche os olhos como se estivesse dormindo", foi o que Tom disse.

Digo para mim mesma que ainda sinto a forma dele ali. Ainda sinto o cheiro dele de mares, da brisa fria sobre mares. Mas o cheiro que sinto é do meu crime. O cheiro que sinto é da palavra *proibido*, vermelha e intensa e agridoce, subindo como rosas esmagadas embaixo da cama. E, enquanto fico deitada ali a noite toda com os olhos fechados como se estivesse dormindo, só de manhã que sinto falta no pulso. Minha pulseira de ouro. Eu a coloquei depois que Tom foi embora, me sentindo mal pelo olho do meu pai triste e sozinho no mar de bonecas. Burrice. Onde está agora é bem pior. Mais solitário do que nunca. Brilhando na terra escura do canteiro de rosas da Alla.

***

12h01 no relógio da Branca de Neve. A luz forte do dia inunda meu quarto. Minha mãe acha que está me deixando dormir até tarde, mas eu não estou dormindo. Estou parada na frente do espelho da minha mãe, que roubei na noite anterior, olhando. Porque, na luz do dia, está bem pior do que pensei. Meu rosto, meus braços e pernas, meu corpo todo coberto. Tantos arranhões e cortes que nem consigo contar. O hematoma na minha testa do beijo de Tom está mais escuro e maior do que antes, como isso é possível? Ouço minha mãe cantando sozinha na sala, uma música do Sting sobre corações vivos estarem calmos. Queria que meu coração pudesse

ficar calmo, mas como vai poder ficar agora? Minha mãe vai saber. Vai dar uma olhada em mim e vai saber de tudo. "Eu só preciso olhar para o seu rosto para saber que você está mentindo." Minha mãe sempre diz. E ela vai me arrastar na frente de um espelho para me mostrar. Meu rosto, o que ele estiver contando para a minha mãe. Nunca tive ideia do que eu deveria ver ali fora além do que eu sempre via. Até agora.

Uma batida na porta do meu quarto.

"Raio de Sol?" Uma cantoria feliz na voz da minha mãe. Então a mãe da Stacey não ligou ainda.

"O quê?" Lágrimas nos meus olhos na mesma hora ao ouvir a voz da minha mãe, que está tão doce e gentil naquela manhã.

"Alguém dormiu até mais tarde hoje." Sinto-a sorrindo do outro lado da porta.

"É."

"Nós vamos sair hoje. Mas Grand-Maman vem ficar com você. Ela chega no fim da tarde, está bem?"

"Está bem. Até mais."

"Vem dar oi antes de irmos. Bryce está aqui."

No espelho, ainda estou olhando para o meu rosto arranhado. Para meu corpo machucado e cortado ainda com cheiro da palavra *proibido*. Agridoce. "Tom, o que eu faço?" E ouço a voz dele dentro de mim como um sussurro de um sussurro. "Você está cansada hoje."

"Estou cansada hoje", digo para a minha mãe, olhando para mim mesma no espelho. Quase sinto Tom assentindo do outro lado.

"Belle", diz minha mãe, e agora não tem mais cantoria. "Você dormiu a manhã toda, como pode estar *cansada*? Venha dizer oi. Você foi muito grosseira com Bryce ontem. Hoje, quero que você seja *simpática*. Aperta a mão dele, tá? Pede desculpas. Ah, e coloca o vestidinho branco que eu comprei no trabalho."

O de alcinhas finas de amarrar no ombro. Um laço nas costas. Usar esse vai revelar todos os cortes.

"Eu tenho que ir?"

"Tem." E agora a voz dela está fria. "Dois minutos pra vir pra cá."

Eu coloco o vestido branco. Tem um pedaço de papel dobrado no bolso. Aquela foto do Tom que eu arranquei da *Sky* tanto tempo atrás. Olho para o rosto brilhoso. Sorrio, apesar de me sentir estranha. Ele está

diferente de como é em pessoa. Mas foto é assim mesmo, né? É o Tom, claro. Eu a dobro, enfio de volta no bolso. Coloco um suéter por cima do vestido, apesar de estar quente e coçar e não cobrir tudo. Nem meu pescoço, nem minhas mãos, nem meu rosto. "Eu só preciso olhar para o seu rosto", diz minha mãe, "e já sei tudo. Consigo ler você como um livro, lembra? Cada página."

Quando saio de vestido e suéter, espero que minha mãe grite, mas minha mãe está sorrindo. Ela parece a revista *Vogue*. Parece que saiu dos filmes que ela vê para relaxar do trabalho na loja. Está usando o terno Saint Laurent preto hoje. Óculos de sol brancos na cabeça, com as lentes parecendo olhos de inseto. Tem uma corrente de ouro no pescoço dela com uma cabeça de Nefertiti de ouro.

"Como você está fofa", diz, sem me olhar. Olhando através de mim, parece. Bryce está ao lado dela. Ele não se parece nem um pouco com Tom Cruise hoje, nadinha. É um homem completamente diferente. Muito alto. De óculos. Com barba. Olhos pequenos, vermelhos, úmidos. Há algo de aracnídeo nas pernas e nos braços compridos. Ele está com cara de quem espera alguma coisa de mim. Meu pedido de desculpas. É nessa hora que eu sei que o odeio. "Nojento", penso.

Deixei as mãos nas costas para a minha mãe não ver os arranhões nelas. Mas ela deve ver que o hematoma na minha testa está pior. Só que ela não vê. Ela fica se olhando no espelho atrás de mim, nervosa. Olhando o cabelo, o paletó, seu melhor vermelho. Vendo se a cabeça da Nefertiti está pendendo do pescoço dela do jeito como deveria.

Eu estendo a mão para Bryce, o Nojento.

"Desculpa", digo. "Por ontem."

Ele não sorri de primeira. Só olha para a minha mão como se fosse um inseto. E a minha mãe não diz para ele parar de ser criança como faria comigo se eu fizesse aquilo. Ela fica parada olhando para Bryce como se estivesse nervosa. Ela também não grita quando vê minha mão arranhada. Finalmente, ele pega a minha mão, balança, mas não a aperta. Parece que estou segurando algo morto.

"Tudo bem", diz.

Mas ele está mentindo. Agora eu sei o que minha mãe quer dizer quando estou mentindo e ela diz "Você viu a sua cara?". Porque eu vejo a mentira na dele. Quero perguntar a Bryce se ele vê a cara dele. Quero que minha mãe pergunte isso a ele. Mas a minha mãe está se olhando em um espelho compacto dourado agora. Às vezes, o melhor vermelho dela borra nos cantos da boca e ela precisa verificar. Na parte de trás do espelhinho, tem uma foto de uma moça também se olhando em um espelhinho. Ela está verificando o melhor vermelho como a minha mãe está.

A qualquer momento, ela vai fechar o espelhinho. Vai me olhar e vai gritar. Ela vai notar o hematoma na minha testa, bem mais escuro agora. Os cortes e arranhões no meu pescoço que o suéter não esconde. Ela vai dizer "O que aconteceu, porra?". Ela vai ficar com tanta raiva, que vai dizer "porra". E eu vou ter que negar tudo, como Tom Cruise falou. Mas ela vai ler nos meus olhos e vai saber a história toda. O beijo do Tom. A pulseira com o olho do meu pai na terra escura do jardim de Alla. As rosas roubadas e esmagadas debaixo da minha cama, na bolsinha preta. É provável que eu esteja fedendo com o perfume vivo delas. Mas a minha mãe não repara, apesar de ter fechado o espelhinho. Ela está olhando para Bryce, o Nojento agora, para o sorriso mentiroso dele.

"A mamãe tem a audição hoje", diz ela para mim. Então é por isso que ela não enxerga. Em dias de audição, a minha mãe só vê a si própria, o sonho de si mesma no que ela chama de "aquele outro mundo". Longe da loja de roupas. Em meio às luzes e palmeiras. "Me deseje sorte."

"Boa sorte." E, de repente, fico com raiva porque minha mãe não vê. Sendo que normalmente ela vê quando tem um botão faltando num vestido, um fio solto em um suéter. "O que é isso?", diz minha mãe, enfiando o dedo no buraco onde o botão estava, segurando o fio solto como se fosse uma prova. "O que aconteceu? O que você fez? Sabe o quanto eu trabalho pra comprar essas coisas pra você?"

Mas minha mãe só está sorrindo agora.

"Tudo bem, Raio de Sol, nós já vamos. Não podemos ficar esperando a Grand-Maman hoje, tá? Mas você vai ficar bem."

Ela não está perguntando. Ela está dizendo.

"Vou", digo. "Eu vou ficar bem."

Meu rosto está cheio de mentiras, mas ela não vê nada. Nem quando se inclina para beijar minha bochecha sem encostar e eu sinto o cheiro do

perfume morto dela. “Graças a deus”, digo para mim mesma. Qual deus, não sei. Entre os deuses da minha mãe e do meu pai, imagino um espaço preto amplo cheio de estrelas. É o espaço para o qual eu sussurro. Talvez haja um deus lá também. O meu.

“Encontre um pilão”, disse Tom para mim na noite anterior. Os olhos dele brilhavam no escuro. Azul-esverdeados, depois vermelhos, depois azul-esverdeados de novo. “Sua mãe tem um na cozinha. Ela gosta de pensar que é cozinheira.”

“O que é um pilão?”, perguntei.

E Tom abriu aquele sorriso branco. “É uma ferramenta, minha ratinha. Você vai usar pra esmagar as rosas.”

Levo uma eternidade para encontrá-lo na cozinha. Tenho que abrir todos os armários e gavetas. Acontece que minha mãe o escondeu embaixo da pia, atrás de uma centrífuga que ela comprou um tempão atrás. Por uma semana depois que ela comprou a máquina, nós só tomamos suco de cenoura, porque ela dizia que era bom e que podia nos deixar bonitas. Mas nossa pele ficou alaranjada, e minha mãe ficou com medo. “Já era isso aqui.” O pilão é uma tigela preta pesada de pedra que vem com um bastão de pedra para esmagar. Não consigo me lembrar de a minha mãe tê-lo usado. O céu ainda está claro, apesar de já ser noite. Eu o levo para o quarto e o coloco embaixo da cama com as rosas, que estão começando a cheirar forte. Tenho tempo só de escondê-lo antes de a Grand-Maman chegar.

Quando entra pela porta, ela me olha, e eu sei que ela vê tudo. Os olhos avaliam cada corte, cada arranhão. Ela procura o hematoma escuro na minha testa e os olhos dela ficam lá.

“*Que s’est-il passé?*”, sussurra ela.

“Nada.”

Mas Grand-Maman sabe que é alguma coisa.

“Foi aquele homem? O novo? O produtor?”

Eu hesito. Olho no rosto da Grand-Maman.

“Foi.”

Os olhos da Grand-Maman ficam como eu nunca os vi antes. Suaves e duros ao mesmo tempo. Como se ela fosse chorar, mas depois seus olhos

dizem *nunca*.

"*Je le savais*. Eu sabia que tinha alguma coisa."

E as mãos que seguram as minhas estão tremendo.

"Eu vou para o meu quarto ouvir discos agora", digo para ela. "Você vai ter que ouvir alto", disse Tom, para disfarçar o som do pilão.

Grand-Maman olha para nossas mãos unidas. Minhas mãos bronzeadas, e as dela, brancas com manchas senis. Todas as joias nos pulsos e dedos dela. Todo o ouro cintilante e as pedras de cores bonitas. Eu a imagino jovem, linda, esticando a mão branca imaculada para cada coisa brilhante que os homens deram para ela.

"Vá ouvir discos", diz ela.

"Alto, Belle, lembra", disse Tom. Eu coloco Madonna, que minha mãe odeia. "Por que você não coloca aquele disco do Bangles?", minha mãe sempre diz. "Com 'Walk Like an Egyptian'? A mamãe comprou pra você, lembra?" E ela cantarola a música, faz a dancinha do vídeo, com os braços e as mãos dobrados em ângulos estranhos. Em uma reunião de pais, a minha mãe disse para a sra. Said que comprou o disco para mim. "E você gosta da música, Belle?", perguntou a sra. Said. "Gosto", menti para proteger a minha mãe. Eu odeio a música. Sempre que Stacey canta essa música para mim, uma coisa que ela adora fazer, respirando quente perto do meu ouvido, eu fico com a cara vermelha e desejo não existir. Mas minha mãe adorou eu ter dito que adorava para a sra. Said. Ela até comprou o disco da Madonna *True Blue* no caminho de volta para casa como surpresa. Revirando os olhos um pouco, mas sorrindo quando me entregou. "Vagabunda com aquele cabelo louro", disse minha mãe no ônibus para casa. Ela estava me olhando examinar a Madonna na capa, eu sentia os olhos dela. "Sempre tentando se transformar. Em que desta vez? Marilyn Monroe?"

Agora, eu coloco *True Blue* no volume mais alto que dá. Minha música favorita, "Live to Tell", que é tipo um segredo no final do lado um. Quando a ouvi pela primeira vez, achei que tinha sonhado que ela estava lá. O som dela é como fumaça. Pego a bolsinha preta com as rosas embaixo da cama e o pilão. Mas é engraçado, quando abro a bolsinha, vejo que as pétalas mudaram. Não estão mais macias e vermelhas, mas escuras e secas, como

se tivessem sido queimadas. “Vou começar o processo”, lembro-me de Tom dizer. “A bolsinha vai começar o processo. Você termina, ratinha.”

Coloco cada pétala ressecada no pilão e a esmago. “É muito importante fazer uma pétala de cada vez”, disse Tom. “Precisa ficar um pó fino no final. Um pó vermelho-escuro muito fino é o que você vai ter”, disse Tom. “Se você esmagar de verdade.” Eu esmago a noite toda de vestido branco, sem olhar no espelho da minha mãe no canto nem uma vez. Não consigo, apesar de sentir Tom lá em algum lugar. Quase sinto o cheiro do oceano dele em meio às rosas. É bom senti-lo lá. Levo muito tempo para esmagar, mais do que eu imaginaria para treze pétalas. Grand-Maman não bate na porta. Ela não vai fazer isso agora que eu contei a mentira sobre Bryce. Ela vai me deixar em paz. Talvez reze para o deus dela e da minha mãe por mim. Mas ela não está rezando agora. Mesmo com o som de “Live to Tell”, ouço Grand-Maman vendo *Roda da Fortuna* em inglês lá fora. Ouço o barulho da roda girando e os aplausos. Depois, *Jeopardy!*, e Grand-Maman nunca sabe as respostas. Nunca as grita como a mamãe, mesmo quando eu sei que ela sabe. “Não as respostas, querida, as perguntas”, minha mãe sempre corrige. “Em *Jeopardy!*, as perguntas são tudo.”

Meia-noite no relógio da Branca de Neve é quando todas as pétalas estão esmagadas. As estrelas do meu teto estão brilhando. Grand-Maman está em silêncio absoluto. Ela poderia estar dormindo na cadeira de balanço. Poderia estar só olhando para a escuridão. Ela faz isso às vezes. Eu não tenho ideia do que ela vê lá. O perfume das rosas está fortíssimo no quarto. Parece que eu acabei de voltar do jardim de Alla e os quadrados amarelos de luz estão surgindo atrás de mim, me grudando na terra. O telefone tocou duas vezes mais cedo. Uma vez e depois de novo logo em seguida. Talvez Alla. Talvez Stacey. “Que porra você foi fazer no nosso jardim?” Mas Grand-Maman não atendeu. Ela deixou tocar sem parar. Tocou tão alto, que sacudiu meu telefone rosa. As aranhas nos cantos estão acordadas agora, tecendo teias maiores, penduradas em fios, mas não tenho mais medo delas. Engraçado, não tenho mais medo de nada. Minha mãe ainda não voltou. “Ela só vai voltar no amanhecer”, diz Tom. Ele diz no fundo da minha mente. É onde eu ainda ouço a voz dele quando preciso. É onde ele me lembra de tudo que eu preciso saber.

"O próximo passo", diz Tom, "é o mais complicado de todos."

Ir ao quarto da minha mãe. Até a penteadeira dela com os três espelhos. Encontrar o pote de creme noturno. O que ela passa todas as noites. Massageia cuidadosamente no rosto em círculos no sentido anti-horário. Às vezes, eu a olho da cama, fazendo desejos na minha cabeça até ela me mandar sair. "Por que eu tenho que sair?", eu sempre pergunto. "Porque isso é o segredo da mamãe", minha mãe sempre diz, e o rosto dela parece uma porta fechada de repente. O creme noturno tem cheiro de perfume e nome do mar em francês. Porque o creme tem algas vermelhas, disse minha mãe uma vez. E um caldo mágico do mar.

"Tipo uma poção", falei.

"É." Minha mãe riu. "Exatamente isso. A mamãe precisa de toda a ajuda que puder ter atualmente."

Olho para o pote reluzindo na penteadeira na luz azul da lua pela janela. Tenho que abri-lo, disse Tom. Pegar o pó vermelho-escuro da bolsinha preta do Tom e misturar. "Fácil", disse Tom. Imagino a garganta da minha mãe se fechando. Penso na garganta aberta da rosa cujas pétalas arranquei.

"Isso vai machucá-la", digo para Tom na minha mente.

E, na minha mente, Tom sorri, achando graça. Eu já não sabia disso? Não sabia quando arranquei as pétalas vermelhas? Quando as esmaguei uma a uma com a pedra preta pesada? Vou ter que misturá-las no creme da minha mãe. "O creme da sua mãe vem com uma colherzinha dourada, lembra?"

Sim. Claro que eu lembro. Minha mãe usando a colher dourada para pegar. E, depois, passando no rosto, ponto a ponto, como se estivesse se ungindo, diz ela. Eu sempre pergunto se ela pode me ungir também. E minha mãe sempre diz que minha pele é jovem e viçosa e perfeita como é, eu não preciso ser ungida. Eu nunca vou precisar por causa do meu pai. Aquele sangue egípcio. Sempre vai me salvar no final. Como ela deseja tê-lo, mente minha mãe, para que pudesse salvá-la também. E ela aninha meu rosto com as mãos como uma luz que ela quisesse manter acesa.

"Você consegue acreditar que aquele creme tem uma colherzinha dourada para misturar?", disse Tom no quarto na noite anterior, satisfeito. Balançando a cabeça para as estrelas do teto pensando "Não é perfeito?".

"É." E eu só olhei de lado para o rosto perfeito dele. Reluzindo como um nascer do sol ao meu lado. Se eu tocasse nele, me queimaria?

"Perfeito demais, né?", sussurrou Tom, se virando para mim.

"Perfeito demais", sussurrei. Senti o mar frio nele. E pensei: como alguém pode ser céu e mar e sol ao mesmo tempo? Como alguém pode ser céu e também uma profundeza infinita? Tom, pensei, é isso que você é para mim. É isso que sempre vai ser. Tudo ao mesmo tempo.

"É o destino, de certa forma", disse Tom, alheio ao fato de eu estar olhando. Ou talvez não. Talvez fosse por isso que ele estava sorrindo. "Você sabe o que é destino, Belle?"

Pensei na imagem dele que eu havia arrancado da *Sky*. Dobrada três vezes e escondida como um segredo. E, agora, ali estava ele, em carne e osso, ali comigo em carne e osso.

"É o que tem que ser?", sussurrei.

"Definitivamente", Tom assentiu no escuro.

"Como você e eu, então", falei. Tímida de repente. Minha vez de olhar para as estrelas. Mas senti que ele ainda estava me observando. Senti a presa dele brilhando no escuro. A presa era minha parte favorita do Tom.

"Sim. Exatamente como você e eu, sementinha."

"Mas minha mãe vai ver", falei na direção das estrelas. "Ela vai reparar no pó vermelho. Vai sentir o cheiro de rosas."

"É por isso que você vai ter que misturar bem", disse Tom. "Tão bem, que sua mãe não vai conseguir perceber. Ela não vai conseguir ver nem perceber pelo cheiro que tem algo errado. E que bom que o creme é vermelho também. Vermelho como as rosas. Vermelho como sangue. Vermelho como as algas que ela rouba das Profundezas para fazerem com que ela fique jovem e bonita para sempre. Mas não vão salvá-la no final."

"Não vão? Por que não?"

"Nada nos salva no final", disse Tom, acariciando meu cabelo. "Nem deuses nem sombras de deuses. Nem o céu nem a Profundeza infinita. Nem sangue nem creme vermelho como sangue. Rouge, como dizem."

E ele sorriu aquele sorriso dele que me acendia.

No quarto azul da minha mãe, sou rápida e ágil como um rato. Mas não como fui no jardim. Não rígida e com medo, esperando um quadrado

amarelo de luz cair no jardim e me expor. Não tenho medo de ser pega, apesar de Grand-Maman não estar dormindo. Eu escuto a respiração dela na sala. Eu a ouço ainda olhando para o escuro. Ela não diz "O que você está fazendo no quarto da sua mãe?". Ela me dá todo o tempo de que eu preciso. Para abrir o pote. Para virar o pó vermelho da bolsinha preta. Para misturá-lo com a colherzinha dourada que é perfeita demais. Para misturá-lo bem à luz da lua de junho. Para não olhar em nenhum dos três espelhos. Tom não vai estar lá mesmo. Só eu sozinha na superfície, apesar de não ousar olhar. Três de mim misturando com meu vestido branco manchado de vermelho por causa das flores. E minha lembrança da voz de Tom no fundo da mente como uma música.

"Agora você também vai salpicar um pouco de pó vermelho na escova de cabelo dela."

"Qual escova, Tom?"

"Ah, você sabe qual, Belle."

E eu sei qual. Estou estendendo a mão para pegá-la quando Tom me diz: "A dourada que ela comprou pra você que não funciona no seu cabelo crespo. Por isso, ela a pegou de volta. Funciona como magia no dela. Vamos ver que tipo de magia ela faz agora", diz Tom enquanto salpico o pó na escova e a minha mão não treme nadinha.

"E no perfume dela. Algumas rosas para as violetas mortas com fumaça. Só uma pitada na estrela irregular. Muito bom, Belle. Agora sacode. Perfeito. Ah, espera. Não vai ainda."

"Ainda não?", digo.

"Não, não", diz Tom na minha cabeça. "Tem mais uma coisa."

"O quê?" Mas sei o que Tom vai dizer.

"A gaveta, Belle. Onde sua mãe guarda as coisas horrorosas de renda que ela usa para os Nojentos. As vermelhas com ligas penduradas." Eu abro a gaveta. O cheiro da pele da minha mãe chega a mim. Sinto o cheiro em meio às rosas. Fino. Doce. Tão familiar. Quando ela me abraçou na noite em que acordei gritando por causa de um pesadelo. "Ah, Belle", sussurrou ela. "Sonhos não são reais, lembra? Sonhos são só sonhos." A doçura delicada me envolvendo como agora. Fazendo as lágrimas nos meus olhos arderem.

"Não sei", digo para Tom, balançando a cabeça. "Vai matá-la?"

"Belle, eu por acaso sou um monstro?"

Penso no beijo quente de Tom, no toque frio e grudento. Na insistência de eu o chamar de Seth. Por que Seth se ele é a cara do Tom Cruise, exceto pelo vermelho nos olhos às vezes? De repente, não tenho tanta certeza. Mas balanço a cabeça dizendo que não. "Você é Tom Cruise", digo.

Sinto-o sorrir aquele sorriso de quem acha graça. "Vamos só fazer com que ela tenha um pouco de coceira."

"Vai doer?", pergunto.

"Nada como a sua dor. Nem de perto. Só vai dar a ela um gostinho da dor que você sente. Assim, ela vai saber. Ela não vai mentir mais pra você sobre desejar ter o seu rosto."

"Agora anda", diz ele. "Um pouco de pó vermelho aqui também, por garantia. E sua mãe nem vai notar o vermelho. Porque as coisas horrorosas de renda são vermelhas também. Bom. Muito bom, Belle." A voz dele está tão clara na minha cabeça agora, tão próxima, como se estivesse no meu ouvido o tempo todo. Quase sinto o hálito dele no pescoço.

E, aí, some. E acaba. Eu espalhei tudo. Fechei a gaveta. Não tem nada nas minhas mãos além de uma poeira vermelha. E um latejar no meu peito como uma pétala esmagada.

Eu fiz. O que significa…

Corro para o meu quarto, para o espelho da minha mãe reluzindo no canto. "Te vejo do outro lado", disse Tom. Agora que fiz o que ele pediu, ele vai estar lá, não vai? Esperando. Talvez segurando rosas para mim. Vou passar pelo espelho e nós vamos para a Califórnia, onde a água vai ser tão azul-esverdeada como os olhos dele. Um mar dos olhos de Tom para nadar. E eu vou ser bonita.

Mas, quando chego ao espelho, tudo o que vejo sou eu. Meu vestido branco manchado. Meus arranhões e cortes que parecem insetos pretos no escuro. O hematoma do beijo do Tom está brilhando como uma estrela estranha na minha testa. Por baixo, eu sou a mesma. Uma sementinha na terra. O mesmo rosto feio cheio de todas as coisas feias que eu fiz. Contando nos meus olhos de lama e na minha boca pálida de minhoca apesar de nenhuma palavra sair. "Tom, onde está você? Você tinha que me levar embora, lembra?"

Mas a voz do Tom sumiu da minha cabeça. Estou sozinha.

Chamo o nome dele. "Tom. Tom."

Bato no espelho como se fosse uma porta.

"Tom Cruise", sussurro. "Cadê você? Cadê você?"

Mas ele não vem.

Só eu no espelho e minhas mãos cheias de pó vermelho. Meu coração disparado, vejo-o pulando debaixo da pele, mais escuro no meu vestido branco sujo. Minha respiração entrecortada como se eu tivesse corrido quilômetros.

Como se ainda estivesse correndo.

De manhã, o som de sirenes. Uma luz vermelha piscando do lado de fora da minha janela. Um telefone tocando e tocando e um homem gritando na sala ao lado. O grito tem a palavra *porra* no meio.

"Porra! Que PORRA aconteceu? Oh, deus, *não*."

Lembro que foi minha mãe que me ensinou o que uma sirene significava. "Uma ambulância, meu amor", disse ela. "Significa uma emergência. Que alguém está muito doente. Ou machucado."

"A pessoa vai ficar boa?", perguntei.

"Talvez sim, talvez não", disse minha mãe. "É por isso que a ambulância vem."

Vejo que tem uma trilha de pó vermelho no chão do meu quarto. Eu não a vi na noite anterior, no escuro. A trilha vermelha vai da minha cama até a porta. Vai além da porta, eu sei. Por todo o corredor. Até o quarto da minha mãe, onde tem gritaria agora. Olho para as minhas mãos vermelhas tremendo.

E depois? É como um pesadelo, só que estou acordada. Ainda com o vestido branco. Deitada no meu quarto rosa, onde mal dormi. Ouvindo gritos e vozes altas agora no corredor. Aquele homem que estava gritando *porra* está dizendo "Aqui, aqui!". Ouço a palavra "inconsciente. Veneno. Reação". Meu coração está disparado. Ah, deus. "Ah, deus, ah, deus, ah, deus." Sigo a trilha vermelha até o corredor, onde tem homens de uniforme correndo para o quarto azul como sonhos. Ninguém me vê nem me ouve perguntando "O que houve? O que está acontecendo?". Corro atrás deles até o quarto, meu coração está tão disparado, que eles devem ouvir. E eu a vejo. Deitada no chão entre os corpos agachados. Deitada como caiu. Estou chorando. Uma palavra repetida sem parar. Tento correr até ela, mas

alguém me segura. Bryce. Nojento. Gritando palavras na minha cara que não escuto porque estou gritando "Mãe, mãe". Tem lágrimas nos meus olhos que fazem o quarto azul dançar, que fazem o corpo dela no chão azul parecer flutuar como um cisne em um lago. "Por favor, deus, não morra, mãe."

"De que ela está falando?", sussurra o Nojento.

Por cima do ombro do Nojento, vejo o rosto dela. A pele branca está vermelha e inchada, como se tivesse sido toda queimada. A pele do pescoço e do peito está vermelha e inchada também, toda. Estou gritando "Não, não, não", mas vejo que ela está respirando. Uma respiração rápida e curta. Ouço-a chiando como quando eu tive pneumonia.

"Por favor", grito em meio às lágrimas. "Por favor, fique bem, mãe."

Ela olha para mim nessa hora, pelos corpos dos homens da emergência em volta dela. Tem lágrimas nos olhos dela que geram mais lágrimas nos meus na mesma hora.

"Desculpa", sussurro.

A expressão nos olhos dela muda. Eu vejo que ela lê tudo. Todas as páginas de uma vez. Balança a cabeça como se não pudesse olhar mais para mim, nunca mais. Fecha o livro para sempre. A dor no rosto dela é uma facada no meu coração. Ela fecha os olhos.

"Mãe, não!"

Tento correr até ela de novo, mas o Nojento ainda está me segurando firme. Vejo os homens da emergência erguerem minha mãe do chão para uma espécie de cama. Eles levantam a cama e a carregam como os sete anões carregam o corpo da Branca de Neve. Vejo Branca de Neve no caixão de vidro quando eles a levam embora, "por favor, não a levem embora". Mas o Nojento está me carregando para o meu quarto agora. Lá, ele me coloca sentada na cama e me segura pelos ombros. Olha para mim com novos olhos.

"É melhor você ficar aqui no quarto agora."

"Pra onde vão levar ela?"

"Ela teve um acidente. Nós vamos pra emergência."

"Me deixa ir, por favor!"

Tento me soltar, mas ele ainda está me segurando. Ele olha para o chão e eu sigo os olhos dele. Mas não tem mais trilha de pó vermelho no chão.

Tudo sumiu, do nada. Como se nada tivesse acontecido. "Magia", disse Tom. Só as minhas mãos estão vermelhas agora.

"Eu não pretendia", sussurro.

Mal consigo falar porque estou soluçando, tremendo. Mal consigo respirar. Ouço-os carregando minha mãe pela porta, na direção da luz vermelha piscando lá fora. Para longe de mim. Sinto a dor no coração dela. Faz meu coração doer como nunca. Olho para o Nojento. O rosto dele está sem expressão nenhuma.

"Por favor", digo para o Nojento. "Me deixa ir com ela para o hospital, por favor."

E ele só faz que não com a cabeça. Vai embora e bate a porta. Ouço a batida da porta da frente logo em seguida. Sinto a batida no fundo da minha cabeça, no meu peito.

Corro para a porta de entrada, mas a sirene está tocando e a ambulância já está indo embora, em disparada pela estrada da ilha na direção do rio, da ponte para a cidade. Estou sozinha agora. Mais sozinha do que nunca. Parada na sala com meu vestido branco sujo, com as mãos vermelhas abertas e vazias. O telefone está tocando sem parar, nunca vai parar de tocar. Atendo antes de me lembrar de Stacey, do jardim.

"Me deixa falar com a sua mãe." Uma voz fria de mulher. O sotaque russo carregado. "Agora."

Eu desligo. O telefone toca de novo.

Eu cubro os ouvidos e corro para o quarto da minha mãe. A porta está escancarada. O pote de creme noturno com nome do mar está aberto, derramando o conteúdo vermelho na penteadeira de vime branco da minha mãe. A gaveta cheia das coisas vermelhas de renda está aberta também, as coisas de renda se espalhando como tentáculos vermelhos. A estrela irregular de violetas mortas e fumaça foi quebrada contra uma parede. Alguém quebrou a escova dourada que nunca dividiu meu cabelo no meio. Mas o pó vermelho sumiu. Não tem sinal dele em lugar nenhum.

O telefone continua tocando. Alla querendo contar mais, querendo que eu seja presa. Tenho que sair dali. Minha mãe não vai nunca mais olhar na minha cara. Minha mãe nunca mais vai me amar. Ela nunca vai me perdoar, apesar de que "Eu sinto muito, mãe." Não consigo respirar. O Nojento está indo com ela para a emergência e ele nunca mais vai sair do

lado dela agora. Ele vai ser o cavaleiro salvador dela para sempre. Protegendo-a de mim.

Tom.

Preciso do Tom.

Mas Tom machucou a minha mãe. Tom, você disse que não a mataria. Disse que só estávamos pegando a minha Beleza de volta, que só machucaria um pouco. "Belle, eu por acaso sou um monstro?" Não foi isso que você disse?

Mas não escuto mais a voz do Tom na minha cabeça. Ele sumiu como a minha mãe. Está em algum lugar do outro lado. Ele não prometeu que me levaria junto? "Definitivamente", disse Tom.

Lembro-me da foto dobrada no meu bolso. Pego-a e olho para os olhos gentis e cheios de luz. Penso nos olhos do Tom. Vermelhos como minhas mãos trêmulas.

"Você confia em mim?", perguntou ele.

"Sim, Tom, confio."

"Seth", disse Tom.

Eu balanço a cabeça. "Não." Corro até o espelho no canto do meu quarto. Antes era da minha mãe e agora é meu. Antes estava rachado e escondido, agora está inteiro e aqui comigo. Com o coração disparado, os passos lentos, os olhos se fechando e se abrindo, querendo e não querendo ver o que tem lá. Ele vai estar lá? Tom, você vai estar do outro lado, esperando? Para pegar minha mão? Para me levar com você para o outro mundo? Para me salvar de tudo isso. "Por favor, me salva de tudo isso." Olho para o vidro escuro e brilhante. Mas só vejo meu rosto vermelho, minhas mãos vermelhas. O vestido branco sujo e rasgado. Os arranhões nos meus braços ainda pretos e altos. Meu hematoma não está mais reluzindo, é só uma mancha feia na minha testa. Meu cabelo está um emaranhado escuro enorme. Eu nunca estive tão feia, tão sozinha. Nunca pareci tanto filha do meu pai. Tom não está em lugar nenhum. Nem no espelho, nem respirando no meu pescoço, nem como uma voz na minha cabeça. Não o sinto do outro lado do espelho como sentia antes. Parece que uma luz lá se apagou. Olho para a imagem amassada na minha mão. Algo em mim está afundando, se afogando. A sensação de não respirar. Eu bato no espelho.

"Tom", chamo, e minha voz parece entrecortada.

Nada.

Eu bato de novo e de novo.

"Tom, cadê você? Minha mãe vai ficar bem? O que você fez com ela? Por favor. Por favor, me leva como você me prometeu. Eu não posso ficar aqui. Não posso ficar." E minha voz parece mais e mais quebrada. Como se meu coração estivesse nas minhas palavras, se partindo como as minhas palavras, e eu ainda assim o chamo.

Agora, ouço uma batida na porta do nosso pátio. De um punho branco esmurrando. O punho quer entrar. Não vai aceitar não como resposta. Eu conheço o punho. Conheço os olhos de gelo espiando pela porta. Alla. Eu bato no espelho com tanta força, que o vidro racha, mas eu não sinto a dor.

"Tom, por favor! Por favor, me leva daqui. Por favor, me salva. Eu não posso ficar."

Mas, ao mesmo tempo em que falo isso, em que bato e bato no espelho rachado, ao mesmo tempo em que grito o nome dele, meu coração se parte. Eu me lembro do rosto dele como um nascer do sol na minha cama. Sorrindo no escuro quando disse "Nada nos salva. Nada nos salva no final".

"Seth", sussurro.

O espelho se estilhaça. Faz um som bem mais alto do que o meu grito. Eu caí no chão. Estou deitada lá, como minha mãe estava. Não estou mais gritando. Tudo fica silencioso de repente. Tem vidro quebrado caindo ao meu redor, muitos cacos, pequenos e afiados. Eles caem e caem em cima de mim em câmera lenta como a mais linda das neves. A neve dói terrivelmente. Sinto-a me cortando em toda parte, mais fundo do que os espinhos cortaram. Vejo meu sangue correr no chão, na minha cama de vidro de neve como uma pocinha vermelha. A pocinha vira uma poça enorme. Olho para o homem na foto amassada na minha mão, o rosto sorridente eclipsado pelo vermelho.

E continua nevando mais.

24

"Tanto vidro quebrado", diz uma voz. Eu abro os olhos. Tom está lá, sorrindo ao meu lado. Balançando a cabeça. Estamos de volta na Sala de Tratamento escura, na sala cheia de névoa. Deitados lado a lado na mesa flutuante embaixo do céu de água. A água-viva pulsa ao nosso lado no tanque de vidro. Pulsando rápido como o coração na minha garganta.

"É impressionante que você não tenha ficado cega", diz ele. "Cicatrizou lindamente, não foi, como a sua mãe."

"O que você fez com ela?", sussurro, mas minha boca está paralisada. Soa como um nada. Um sussurro de um sussurro pelos meus lábios mortos. Eu ainda estou embaixo. Ainda estou no tratamento. Ainda meio sonhando. "O que havia naquele pó vermelho? Não só rosas." Embora seja um sussurro, Tom escuta.

"Belle. Acho que está na hora de assumir a responsabilidade, você não acha?"

Estou balançando a cabeça, mas ela não balança; não se mexe. Tom está assentindo e sorrindo. "Ah, sim."

"Você não sentia inveja? Você não quis? Um espelho é só um espelho, Belle. Só reflete o que desejamos e ansiamos."

"Você me obrigou."

E o sorriso de Tom some nessa hora.

"Quem entrou escondido no closet da sua mãe, onde ela disse para não ir? Quem virou o espelho? Eu não te obriguei a nada. Só vi o que havia dentro de você, sementinha. Vi você contar nos olhos de lama. Você quer saber o que havia naquele pó vermelho? Você. Seus sentimentos sombrios pela sua mãe. Vontade. Ódio. Inveja. Foi isso que envenenou as rosas. Envenenou a sua mãe, lamento dizer. Foi o que fez o pó vermelho."

"Não."

Ele acaricia meu rosto dormente. Com tanto carinho, como se eu fosse uma criança.

"Eu só era um espelho das suas trevas, sementinha. Só dei palavras e forma ao que você queria fazer o tempo todo. Dei permissão. Mostrei a você o que tanto queria. Tanto. Tirei o seu fôlego." E ele abre o sorriso de amanhecer que me queima. Os olhos vermelhos ficam do azul-esverdeado dos olhos de Tom Cruise, cheios de luz risonha. Uma vergonha cresce em mim como uma onda escura.

"Você me enganou", sussurrei pelos meus lábios mortos.

"Você viu o que queria ver, Belle. Ainda vê. Algo brilhante rasgado de uma revista. Dobrado três vezes e enfiado no bolsinho do vestido como um segredo. Não importa quantas vezes eu tenha dito meu nome."

Olho para o rosto dele, o rosto que acende meu sangue. Por um segundo, ele parece ondular e se borrar nas bordas, como uma imagem saindo de foco.

Eu balanço a cabeça. "Não."

"Não, você mentiu pra mim. Me enganou pra machucá-la e ela nunca me perdoou. Na minha vida toda. Ela me abandonou."

"Ora, quem imaginaria que sua mãe guardaria tanto ressentimento?"

"Você também me abandonou."

O sorriso branco chega ao zênite.

"É essa a grande questão aqui, não é?"

"Não." Mas Tom está acenando que sim.

"Eu acreditei em você", sussurro, mas minha boca ainda está paralisada. É difícil dizer qualquer palavra. Como num pesadelo, quando você tenta falar e a boca não se move direito. Minhas palavras saem enroladas, em volumes diferentes, aos trancos e barrancos.

"Eu… te amava."

Tom suspira, achando graça. Ele sabe. Claro que eu o amava. Olha só ele, porra. Um sonho em carne e osso. Um filme no escuro. Ondulando nas bordas agora, meio borrado se eu olhar com atenção.

"E eu te amava", mente ele. "Definitivamente." Ele está falando como se fosse uma fala de filme.

"Você partiu meu… coração. Machucou minha… mãe e partiu meu… coração. Eu o senti… se estilhaçando dentro de mim… como vidro."

"Me conta sobre seu coração, Belle. Me conta o que aconteceu depois."

Estou com medo. Tento balançar a cabeça, mas ela ainda não balança.

“Não lembro. Eu não lembro.”

Ele olha para o céu de água escura e suspira.

“Ah, lembra. Desta parte eu sei que você se lembra. Não precisa me contar. Podemos ver juntos.”

E, no céu, a tela voltou. Um quarto bege-escuro. Uma garotinha deitada na cama, o rosto coberto de ataduras. Olhando para a frente.

25

No verão, o rio em volta da ilha fica vermelho. Tipo a cor de lama com sangue. Moscas voam em nuvens escuras zumbindo. Uma espécie de mosca que eu nunca vi em nenhum outro lugar. Você sai de casa e fica coberto. As moscas têm um cheiro que é quase doce. Estou vendo-as escurecer a janela da Grand-Maman. Bloqueando toda a luz que passa pelas folhas verdes. O quarto de hóspedes da Grand-Maman é igual ao dela. O mesmo bege por toda parte, mas mais escuro, mais brilhante. Estou deitada num travesseiro bege de cetim com renda bege dura em volta. Na parede bege tem um quadro de um homem com uma barba de penas numa moldura dourada pesada. Tem um quadro de uma casa escura numa floresta escura, também numa moldura dourada. Um caminho de terra leva até a porta de entrada. É para lá que eu olho. É para lá que não consigo parar de olhar. O que tem escondido dentro da casa escura, me pergunto.

Entre os quadros, deveria haver um espelho na parede. Grand-Maman o tirou quando eu estava no hospital. Não tem nada lá agora além do fantasma dele. Eu abro os olhos para o bege. Fecho os olhos para o bege. Meu corpo arde dos cortes que estão cicatrizando bem, o médico disse, mas eu ainda os sinto ardendo. E meu coração partido. Estilhaçado como vidro. Porque minha mãe me deixou, por que ela me deixou? Alguma coisa aconteceu. Grand-Maman não diz o quê. Quando tento lembrar, só vejo relances. Espelho quebrado. Pó vermelho. Um homem sorrindo para mim no escuro. Minha mãe no chão.

Quando abri os olhos no hospital infantil, essa foi minha primeira palavra: "mãe".

"*Cher*", disse uma voz em resposta. Não a minha mãe. Grand-Maman. Sentada ao meu lado, vestida com a renda preta como se estivesse indo jogar bridge.

"Você acordou", disse ela em francês. "Graças a deus."

"Cadê a minha mãe?", perguntei. E Grand-Maman olhou para mim.

"Foi embora."

"Pra onde?"

"Você precisa descansar."

"Grand-Maman, o que aconteceu?" Quando perguntei, lembranças vieram. Minha mãe sendo levada numa maca. Pó vermelho nas minhas mãos. Um homem no meu quarto virando fumaça. "Tom, Tom." Eu comecei a chorar. E Grand-Maman segurou a minha mão. "*Shhh*", disse ela. Todos os anéis de ouro estavam nos dedos dela e olhei para as pedras de cores diferentes. Olhei para as pedras porque não conseguia olhar nos olhos dela. Nunca consegui olhar para o que via lá por muito tempo. "Escuta", disse ela. "Agora é hora de enterrar. Agora é hora de esquecer. Nós pegamos o que dói e botamos lá." E ela fez um punho. Colocou-o sobre o coração. As pedras coloridas nos dedos dela reluziram. E, na minha cabeça, eu vi uma caixa. Como a caixa de joias da Grand-Maman para seus anéis. Parecia um armariozinho, um *garderobe*. Tinha até uma chavinha dourada, como meu diário vermelho. "Nós botamos lá e trancamos." Ela apertou o punho sobre o coração. "Guardamos só pra nós. Deixamos fechado. Nunca abrimos."

"Nós nunca abrimos", sussurrei.

E Grand-Maman sorriu para mim pela primeira vez. Ela abriu o punho de pedras. Botou a mão no meu cabelo, oleoso e embaraçado. "E, aí, não pode nos machucar", disse. "Nunca mais."

Agora, Grand-Maman deixa comida para mim do lado de fora do quarto. Deixa com uma batidinha e sai andando com as meias grossas. "*Cher*", ela sempre me chama. Eu não respondo e ela não me obriga a responder. Em geral, eu deixo a comida na porta. Normalmente coisas saídas de latas e potes. Ostras defumadas. Aspargos brancos que parecem dedos de esqueleto. *Consommé* de carne, que é uma sopa transparente e dá para ver o fundo da tigela, onde um homem e mulher antiquados dançam. Gosto mais disso, embora olhar a dança me cause uma sensação estranha. Minha mãe envia cartões-postais da Califórnia. Ela mora lá agora com o Nojento, num lugar chamado Malibu. Lá, minha mãe vai fazer um filme estrelado por ela, produção do Nojento, e eles só estão esperando uma coisa chamada financiamento. "Espero que você esteja bem", escreve minha mãe

com uma caligrafia preta floreada. Ela não assina com amor. Nem assina *mãe*, só *N* do nome dela. Ela não liga e eu não pergunto à Grand-Maman se posso ligar. Apesar de eu querer saber: ela ainda me ama? Quero dizer "Desculpa, mãe. O que quer que eu tenha feito pra te levar a ir embora, desculpa". Minha mãe não quer ouvir agora, diz Grand-Maman. Minha mãe sente que uma distância pode ser boa para nós, e Grand-Maman concorda. Mais do que concorda. Deixa que ela tente essa coisa de cinema, que tire isso do organismo. Ela vai deixar aquele produtor em pouco tempo. Quando eles tiverem feito o filme, pelo menos. *Se* fizerem. Mas, sim, claro que minha mãe me ama, diz Grand-Maman. Mesmo que minha mãe não diga.

À noite, saio do quarto de hóspedes bege e vou para o quarto bege da Grand-Maman, onde vejo *Roda da Fortuna* e depois *Jeopardy!* enquanto ela fica sentada no divã comendo doces de uma caixa com um laço lindo. Às vezes, nós vemos *Assassinato por escrito* depois. Grand-Maman e eu sempre sabemos quem cometeu o crime antes de Angela Lansbury. Ou talvez Angela Lansbury saiba o tempo todo, mas só diga na hora certa. Eu fico deitada na cama bege bamba dela vendo televisão de cabeça para baixo, minha cabeça pendendo da beira da cama e se enchendo de sangue.

Grand-Maman me olha muito. Preocupada, eu acho. Às vezes, caio no choro sem motivo. Como hoje. Ela está só mudando de canal como faz durante os comerciais e aparece Tom Cruise conversando com David Letterman. E ela olha para mim e sorri, pensando que eu vou ficar feliz. Mas começo a chorar de repente, não sei por quê. Minhas cicatrizes e cortes estão ardendo de novo, como não acontece há um tempo.

"O que houve, *cher*?"

"Não sei", digo. Mas, em algum lugar dentro de mim, eu sinto que sei. Ao olhar para o rosto de Tom Cruise, eu vejo rosas, por que estou vendo…?

Grand-Maman muda de canal de novo para uma reprise de *Roda da Fortuna*. Ela me deixa chorar, e eu choro bem baixinho. Lágrimas pingam dos meus olhos de cabeça para baixo no chão cheio de ladrilhos rachados e empoeirados.

"Suas aulas vão começar na semana que vem", diz. Na televisão de cabeça para baixo, Vanna está virando uma carta após a outra. "Na Sacré Coeur", ela diz.

Sagrado Coração. A escola católica francesa na ilha, onde minha mãe nunca me deixou estudar. Ela me mandou para uma escola pública inglesa na cidade. "Onde tem pessoas diferentes de lugares diferentes, com religiões diferentes", disse minha mãe. "Como a sra. Said. Como você. Você quer mesmo ter aula com um monte de freiras, Belle?"

"Mas é preciso ser católica pra estudar lá", digo para Grand-Maman.

"Você vai ser batizada. Já resolvi tudo com *Mon Père*."

No domingo anterior, Grand-Maman me levou à igreja e me apresentou ao padre, cujos olhos úmidos ficavam se desviando para a minha testa. Eles conversaram num sussurro rápido atrás de mim enquanto eu ficava sentada no banco, olhando para Jesus na cruz. Ouvi a palavra *perturbada*. Ouvi a palavra *mãe*. Ouvi a palavra *diabo* e ouvi a palavra *tocada*. Minha mãe não queria que eu fosse batizada "em respeito ao seu pai".

"Mas a minha mãe…", falei.

"O *francês*", diz Grand-Maman, "é sua língua mesmo que sua mãe tenha orgulho demais para falar com você. Sua mãe esqueceu a si mesma e de onde veio quando se mudou para esta cidade. Mas eu não esqueço. Está na hora de você falar francês e está na hora de ser batizada. Você não é uma garota inglesa e não é uma garota ímpia, e, se sua mãe não tivesse criado você como criou, nós não estaríamos aqui."

"Mas meu pai…"

"Seu pai era uma alma gentil", diz Grand-Maman com rispidez. "Muito agradável. Ele concorda comigo, considerando as circunstâncias."

Como meu pai poderia concordar? E, aí, lembro que Grand-Maman fala com os mortos. Todos os domingos depois da igreja, ela acende uma vela na mesa da sala de jantar e fala por horas enquanto joga paciência. Ela fala num francês rápido e baixo enquanto espalha as cartas. Ela fala com meu *grand-père* e com minha *grand-tante* Shirley, irmã dela, e com a mãe e o pai dela. E, agora, com meu pai também, pelo visto.

"Ele concorda?"

"Você sabe que seu pai aprendeu francês antes de saber inglês. Ele ficaria desapontado por ela ter te mandado para uma escola inglesa.

Quanto à religião, sua mãe gosta de pintá-lo como um grande muçulmano, mas ele é bem mais agradável do que isso."

Tenho um vislumbre de um homem na porta dela assentindo e sorrindo. Concordando muito educadamente com o que Grand-Maman disse.

Olho para a televisão. Minhas cicatrizes doem de novo de repente, apesar de as ataduras já terem sido removidas há tempos. O médico diz que elas cicatrizaram lindamente. Muito lindamente, na verdade, e ele me olhou por um tempo. A única coisa que sobrou do Dia do Qual Não Falamos é meu hematoma na testa. Mas não brilha mais como uma estrela. É só um hematoma. "Agora é hora de enterrar", Grand-Maman disse. Guardar como joias numa das muitas caixas dela. Tantas caixas ela tem, de madeira muito escura, na cômoda, cada uma com seu cadeado. A *Roda da Fortuna* está girando agora. Vanna está aplaudindo de leve. Ela vive aplaudindo de leve. Eu me pergunto se ela aplaudiria de leve se a roda pegasse fogo. Minha mãe não vem me buscar? Ela me perdoou? Eu posso ir para casa?

Mas não pergunto se algum dia vou para a Califórnia com a minha mãe. Não digo nada para Grand-Maman além de "tudo bem".

O padre sussurra palavras em francês, pingando água na minha testa a partir de um copo dourado. A escola é um mar de rostos me encarando, no qual eu me afogo. Todo mundo parece ter medo de mim por algum motivo, não sei qual. Há sussurros em francês, mas os sussurros são rápidos e escorregadios demais para eu pegar. Mantenho os olhos no quadro e no chão. Faço o dever de casa no quarto de hóspedes bege. Stacey liga para perguntar por que eu não voltei para a escola. Estou na escola católica na ilha agora, digo. Stacey diz que isso é horrível. Agora, ela não tem com quem conversar, porque todo mundo lá é infantil. Ela pergunta se eu posso ir lá. Eu me lembro do porão escuro. Stacey de collant preto girando para mim ao som de "Maniac", o cabelo louro voando como uma nuvem dourada. Como eu a via pular e girar até cair no sofá xadrez ao meu lado, sem ar e vermelha. Ela olhava para mim, o espelho escuro, esperando a avaliação que eu daria. Era a única ocasião em que eu sentia poder. Que eu tinha algo que ela realmente queria.

"E aí, Belle?", diz Stacey. "Você pode vir ou não?"

Grand-Maman, jogando paciência ali perto, ouve a pergunta de Stacey pelo telefone. Ela balança a cabeça para as cartas.

"Não sei", digo.

"Você não quer sua pulseira de volta?", sussurra ela.

"O quê?" Meu coração. Disparado de repente dentro do peito.

Sinto-a sorrindo no telefone.

"Eu te vi", diz ela. "Naquela noite no jardim."

"De que você está falando?" Um vislumbre de pétalas vermelhas. Meus pés na terra preta fria. Meu coração batendo no escuro, como está batendo agora.

"Minha mãe está puta da vida com você, aliás." Ela parece feliz com isso. "O que você estava fazendo lá?"

Eu me vejo correndo debaixo de uma lua vermelha baixa, a grama molhada embaixo dos pés, enquanto uma voz me chamava. Eu balanço a cabeça.

"Eu não sei do que você…"

"Não precisa, eu sei."

"Sabe?"

"Claro. Você estava tentando me ver." Ela baixa a voz de novo. "Não estava?"

Eu fecho os olhos.

"Estava."

"Eu sabia. Olha, só vem aqui, tá? Só vamos ter que planejar pra quando ela não estiver em casa. Porque, se ela vir você, vai surtar. Ela não quer que eu dance mais pra você."

"Eu tenho que desligar", digo para Stacey, e o telefone faz um clique alto quando desligo.

E Grand-Maman balança a cabeça. Ela joga as cartas na mesa. Sussurros, sussurros para os mortos.

Eu nunca mais vejo a Stacey.

O ar fica mais frio. Vejo as moscas desaparecerem da janela. As folhas ficam cor de fogo e caem. Uma a uma a uma. À noite, o vento faz um som de uivo e o ar tem cheiro de fumaça. Eu fecho os olhos. Às vezes, vejo a

minha mãe. Às vezes, um homem feito de fumaça. Quando abro os olhos, as árvores estão peladas e a neve está caindo, lenta e gorda. Cai por uma eternidade. E o chão cintila frio e branco como a pele da minha mãe. O Natal chega e a minha mãe manda um cartão com uma palmeira coberta de luzes de Natal. "Boas Festas", diz ele. "Bjs, *N*." É a primeira vez que minha mãe manda beijos. Um bom sinal, diz Grand-Maman. De Natal, Grand-Maman me dá uma Bíblia na versão Good News, um colar com uma cruzinha dourada e uma escova que funciona no meu cabelo. Ela o penteia para mim enquanto vemos a bola cair na Times Square na véspera de Ano-Novo. A cruz dourada brilha no meu pescoço. Faz com que eu me lembre do pulso exposto, onde a pulseira do meu pai ficava. E, na minha mente, tem um jardim de roseiras. Um canteiro de terra preta. Um brilho dourado nele. "Agora é hora de enterrar", penso, vendo a neve cair densa e lenta. "Agora é hora de esquecer." E, por muito tempo, o mundo fica branco e cintilante e frio.

Quatro vezes as moscas escurecem a janela. Quatro vezes o rio fica da cor de lama com sangue. Quatro vezes o mundo fica da cor da minha mãe e derrete de novo. E, aí, os brotos estão nos galhos e abrem lugar às folhas verdes. Estou com quatorze anos, vou fazer quinze em três semanas. Estou sentada com Grand-Maman no quarto dela vendo *Roda da Fortuna*, vendo a roda bamba girar e girar. Eu preparei nosso jantar. Sei exatamente que potes usar agora. A primavera está na janela. Ao olhar para o céu azul sobre os prédios escuros, sinto-me viva e desperta de um jeito que nunca me senti. Grand-Maman está me dizendo que minha mãe quer que eu vá ficar com ela na Califórnia. Ela está acomodada em um lugar chamado La Jolla agora. Tem uma escola de ensino médio onde vou estudar no outono.

"E Hollywood?", pergunto.

"Bem, isso não deu certo como sua mãe havia planejado", diz Grand-Maman. Agora ela tem uma loja. De vestidos.

"Tipo aquela em que ela trabalhava?"

"A ideia da sua mãe de loja. Você sabe."

Eu faço que sim para Vanna White. Sim. Eu sei. Às vezes, faço um jogo em que folheio a revista *Vogue* e imagino minha mãe no meio das palmeiras, o sol em um lugar diferente no céu, virando na mesma hora que

eu. O que ela chamaria de "estilo"? O que chamaria de "agressão aos olhos"? Para o que ela apontaria e diria "Isso sim é elegante"? Eu nunca soube antes. Eu olhava para a página brilhante com uma garota para a qual minha mãe estava apontando e não sabia do que ela estava falando. Agora, eu vejo. Está no corte e no caimento. Está na roupa e na garota e no espírito que elas formam juntas. Eu queria poder contar para a minha mãe que agora consigo ver a um quilômetro de distância. O que é elegante.

Olho para Vanna White de cabeça para baixo na tela da televisão. Ainda batendo palmas. Ainda com um sorriso branco e largo. Tive a sensação de que isso iria acontecer. Minha mãe começou a assinar "Com amor" ao lado do *N*. Ela anda escrevendo "Querida Belle" nos cartões-postais. Até me ligou uma vez. "Como você está?", perguntou ela.

"Estou bem", respondi em francês. "Estou estudando na ilha."

Minha mãe ficou em silêncio.

"Eu soube", ela acabou respondendo em francês. "E como está isso?"

"Bom."

Mas minha mãe não estava ouvindo. Ela não tinha ligado para perguntar como eu estava. "Eu te amo, Belle", disse em inglês.

"Eu também te amo." É a verdade. Só não é toda a verdade.

"Eu não quero ir", digo para Grand-Maman no quarto bege agora.

"Eu sei", diz Grand-Maman. "Mas ela é sua mãe. E você ainda é criança."

***

"Mas você não era mais criança, era, Belle?", diz Tom, me chamando para fora do quarto bege, de volta com ele na Sala de Tratamento, debaixo do céu de água. Onde ainda estamos deitados lado a lado na mesa flutuante. Meus lábios estão mais mortos do que nunca. Não consigo mover o corpo. Ele está tocando no meu rosto e não sinto as mãos dele. Passando por ele como se o tivesse feito, como se tivesse feito todas as formas e sombras que moram lá. O toque esquecido que eu ainda desejava todas as noites na escuridão bege, vendo as moscas na janela, vendo as folhas de fogo, vendo a neve branca cintilante e os brotos verdes depois. Fechando meus olhos para o bege e os quadros nas molduras douradas e o fantasma do espelho.

Encontrando-o só nos cantos dos meus sonhos. Virando fumaça assim que eu esticava a mão.

Balanço a cabeça para Tom, mas ela continua sem se mover. Ele está borrando nas bordas, o rosto sumindo e aparecendo como a luz mais linda.

"Não era mais criança", digo. Ao nosso lado, no tanque de vidro, nossa água-viva vermelha ficou maior. Está quase do tamanho do aquário. Não do tamanho das águas-vivas flutuando no céu de água, mas quase.

"Você floresceu no quarto bege, não foi? Cresceu mais rápido do que as estações mudam. Criada da terra como eu falei que aconteceria. Floresceu como uma flor de estufa, a garganta vermelha que era sua se abrindo. Foi impressionante. Mesmo sem o espelho na parede, você sabia. Você via nos olhos deles sempre que olhavam pra você. Professores, aquele padre safado. Até as crianças burras e cruéis daquela escola idiota da ilha. A vontade sombria e dolorosa nos olhos deles. Que quer apesar de tudo. Que olha apesar de não querer, hipnotizada. Que consome e é consumida."

Eu faço que sim com os olhos.

"Inveja", Tom e eu dizemos, satisfeitos. Um sorriso surge no rosto dele. Ele ama como eu consigo dizer a palavra mesmo com minha boca morta, clara como água.

"Você conhecia o sentimento, né? Porque tinha olhado para outra pessoa assim no passado. Pra quem você olhava assim?"

Mas ele sabe a resposta.

A resposta está ali, no céu de água.

O rosto dela. Os olhos pálidos parecendo surpresos. E perturbados. Muito perturbados com o que veem…

… Eu. Chegando a San Diego para me encontrar com ela depois de tantos anos longe. Ela está no pé da escada rolante, uma escada rolante longa no desembarque. Estou no alto e ela está embaixo e estou descendo lentamente.

Acabei de voar pelas nuvens por seis horas. Olhando para o céu ficando mais azul e mais intenso quanto mais íamos para o oeste. No avião, passou um filme chamado *Questão de honra*, com Jack Nicholson e Tom Cruise, ambos ótimos atores. Fiquei olhando para a tela enquanto ouvia Nirvana no meu walkman, que Grand-Maman comprou como presente de

despedida. Ver Tom Cruise me fez me sentir estranha. Fez com que eu agarrasse os braços da poltrona sempre que ele aparecia na tela. Querendo a verdade que Jack Nicholson disse que ele não aguentaria. Ainda querendo.

"Está tudo bem?", perguntou o homem sentado ao meu lado.

Ele sorriu de um jeito que eu passaria a conhecer muito bem. Como se, apesar de eu não estar dizendo nada, meu rosto estivesse contando alguma coisa. Alguma coisa secreta. Algo que o agradava. Mas, quando me virei para olhar para aquele homem, meu coração parou. O cabelo escuro como uma onda. Um sorriso branco de astro de cinema. Os olhos azul-esverdeados como meu sonho do mar. Ele parecia o ator ali na tela.

"Tom?", falei, parando a música.

"Como?", disse o homem. Ainda sorrindo para mim, apesar de não entender.

E eu falei "Seth?". E isso foi engraçado. De onde eu tirei esse nome?

Ele me olhou como se desejasse que Tom ou Seth fossem o nome dele. "Meu nome é Jeff."

"Desculpa. Eu pensei que… você fosse outra pessoa."

"Ah, não peça desculpas, por favor. Pena que eu não sou quem você achou que eu fosse."

"Por que alguém lamentaria algo assim", pensei. Mas não perguntei. Eu me virei para a janela, liguei meu walkman. Não queria falar com Jeff. Mas Jeff queria falar comigo. Eu sentia a vontade dele emanando. Ele bateu no meu ombro até eu me virar.

"Voltando pra casa?", disse Jeff com movimentos labiais e sorriu. Como se houvesse mais perguntas nessa pergunta. E minha resposta fosse responder tudo.

Eu olhei para Jeff. Empresário. Rosto tedioso. Sorriso comum.

"Ainda não sei." E aumentei "Lithium" e olhei pela janela. Jeff ainda estava me olhando. Eu botei o volume o mais alto possível, mas ainda ouvi a vontade de Jeff no caminho todo pelo céu mais azul e mais brilhoso do mundo.

Quando pousamos, Jeff perguntou se eu precisava de carona. "Minha mãe vem me buscar", falei quando andávamos pelo corredor longo e largo do

desembarque, meus fones ainda na cabeça. Eles ficariam ali, de uma forma ou de outra, pelo resto da minha vida.

"A sua mãe", disse Jeff, como se isso fosse algo que ele quisesse ver. "Onde está ela?"

Nós estamos descendo a escada rolante juntos até a esteira de bagagens. É um trajeto longo e lento para baixo. Jeff está me perguntando se eu tenho certeza de que não quero carona. Se minha mãe não aparecer, ele pode me levar. Ficaria feliz em fazer isso, definitivamente. Aonde eu quiser ir. Ele tem uma limusine, eu já andei em uma? Ah, é divertido. Ele está surpreso de uma garota bonita como eu nunca ter entrado em uma. Deslumbrante, alguém já disse isso? *Definitivamente*.

E, aí, eu a vejo. No pé da escada rolante. Ela está sozinha. Ainda não me viu. Está me procurando em volta, os olhos bem abertos. Preocupada. Talvez com um pouco de medo, o que me magoa. Quase não a reconheço porque ela cortou o cabelo na altura do queixo como Isabella Rossellini. Tingiu de louro platinado. Ela continua linda. Mas mais velha, menor. O azul dos olhos dela está menos brilhoso, mais aquoso. A boca continua vermelha, mas pequena e repuxada, como se o mundo tivesse um gosto amargo. Tem uma maciez nova em volta do rosto, como se ela tivesse erodido. Quando me vê, sorri. Eu sorrio para ela. E, de repente, ela para de sorrir. É só por um segundo que ela para. Algo de sombrio surge no rosto dela, como uma sombra. E, aí, some. Quando chego ao pé da escada rolante, ela está sorrindo de novo.

"Belle", diz ela, e seus olhos ficam úmidos, e os meus ficam úmidos também. Ela me abraça e Jeff se afasta. Sinto cheiro de violetas e fumaça, e de uma outra coisa: um amargor maduro, um leve apodrecimento da carne. Ela me segura com os braços esticados. "Quero olhar pra você."

E, nos olhos aquosos da minha mãe, eu vejo. A dor sombria. Consumindo e consumida. Parece que meu rosto está dizendo uma coisa para ela e ela está decidindo se quer me contar. O que quer que seja, a deixa feliz e triste e com medo ao mesmo tempo. E ela sorri com isso tudo, uma janela com cortina fechada. Balança a cabeça.

"É que eu… estou tão feliz de te ver, Raio de Sol."

"Eu também estou feliz de te ver." É mentira e é verdade. As lágrimas nos meus olhos ardem junto — com a mentira e a verdade. Ela me abraça

de novo, um abraço cheio de ar. O corpo dela tão distante que mal sinto os braços.

"Eu te amo", diz ela no espaço ao lado do meu ouvido. Tem um espaço entre nós agora. Um espaço que parece tão grande quanto os anos. Está lá desde então.

"Por que ela parou de sorrir pra você?", pergunta Tom, me tirando do sonho, de volta para a névoa com as águas-vivas vermelhas.

"Não sei."

"Sabe", diz Tom. "Por causa do que ela viu. O que ela viu, Belle?"

"Eu não sei, eu não sei." Mas claro que sei.

"Você. A Beleza dela no seu rosto. A Beleza que você pegou de volta. Você achou que eu não cumpria minhas promessas. Mas eu cumpri, Belle. Eu não levei você pra Califórnia, no final?"

Tom está com aquele sorriso de constelação, o olhar uma onda do mar. Se eu tentar me concentrar no rosto dele, ele quase parece se dissolver perante meus olhos. Lembro de o querer, de o amar ao mesmo tempo em que o odiava por causa da minha mãe, porque ele tinha me abandonado. Lembro-me de parar na frente do espelho, batendo e chamando o nome dele até o vidro se quebrar e os cacos me cortarem e meu sangue fazer uma poça vermelha como rosas no chão.

"Mas você não estava lá", digo com meus lábios mortos, com minha voz falhada. "Você disse que nós ficaríamos juntos, mas você não estava lá."

"Eu estava em toda parte", diz ele. "Ao seu redor. Eu era o ar que você respirava e eu era o mar em que você nadava. Era a brisa que entrava pela janela e levantava o lençol em que você dormia."

E, quando ele diz isso, meu corpo fica frio. Estou mergulhada no mar frio e ondulante dos olhos do Tom.

"Eu cresci nadando nos seus olhos", sussurro. "Fiquei mais bonita do meu jeito e fiquei mais alta e minha mãe ficou mais baixa e mais velha e o sorriso dela virou um sorrisinho debochado. E o mundo não ficou frio, não ficou da cor da minha mãe de novo. Ficou verde e azul como o grande Pacífico. Eu flutuei nas ondas brancas enquanto minha mãe afundava para o fundo lodoso. Abandonou a carreira de atriz e abriu uma loja de vestidos. Ela deu meu nome à loja. Eu consegui emprego de princesa e até me

envolvi com um príncipe. E com uma outra princesa. Mas eles não eram como você. Havia um espaço lá também, como o que havia entre mim e a minha mãe. Como o que havia entre mim e todo mundo que veio depois. Há um espaço entre mim e tudo desde que você virou fumaça. Há uma parede de vidro."

Um sorriso no rosto reluzente do Tom, ondulando como água.

Apesar de eu ainda estar falando com meus lábios mortos, minhas palavras distorcidas como se eu estivesse embaixo da água, ele ouve cada palavra, sabe que é o sangue do coração. O sangue do meu coração. A música verdadeira exata da nossa história. Até a última nota.

Ele me beija nos lábios mortos.

Atrás de nós, a água-viva vermelha explode para fora do tanque e quebra o vidro.

Nós a vemos da nossa mesa flutuante, a história que é minha e do Tom em uma criatura marinha vermelha pulsante. Ela cai no chão. Debate-se junto à parede como um coração ainda batendo em meio aos cacos de vidro. Embaixo de um tubo de vidro gigante que percorre a parede do chão ao teto. O tubo é como um vácuo, faz um som de sucção agora. Minha água-viva vermelha pulsante está subindo na direção da boca desse tubo, contra a vontade. Está com medo, eu sei. Sinto no meu coração batendo com o sino pulsante. Vejo o tubo a sugar pelos tentáculos. Vejo a água-viva flutuar pelo tubo transparente na direção do teto.

"Pra onde ela vai, Tom?", pergunto com a voz entrecortada.

Mas Tom não está mais comigo na mesa.

Estou sozinha, vendo a água-viva vermelha subir pelo tubo de vidro. Tem um buraco no teto que conecta o tubo com o céu. Vejo nossa história se juntar ao céu de água. Todos os seus tentáculos vermelhos. O corpo vermelho ainda batendo como um coração frenético. O padrão de rosas. E logo está flutuando acima de mim, olhando para mim pelo teto de vidro com olhos ao mesmo tempo familiares e estranhos.

E tudo fica preto.

Parte seis

26

Uma sala escura e quente cheia de névoa. Rostos brancos congelados na parede vermelha acima de mim, muitos rostos. Não rostos, máscaras de rostos. Os olhos e bocas abertos como buracos negros. Estão em meio ao horror ou em meio ao prazer? Difícil dizer. Estou deitada numa cadeira vermelha em formato de S. É escorregadia, não tem braços. Estou com um robe de seda branca que brilha no escuro, que bonito. Tem uma coisa vermelha que parece uma flor no bolso do peito. Pode ser uma flor, pode ser uma criatura marinha. As pétalas parecem tentáculos, muito bonitas. Onde estou? Que lugar é esse? Seja onde for, não sou a única aqui, ao que parece. Tem outros comigo, sentados em cadeiras em S, cada um na sua. Todo mundo sorrindo. Todo mundo parecendo tranquilo, como se estivéssemos em um spa. Talvez estejamos. E este é o lugar de espera de antes. Tem um som de sinos, um perfume atraente na névoa. Tudo muito tranquilo, mas estou meio nervosa, que engraçado. Acho que eu deveria me levantar, dar uma olhada ao redor, na névoa. Tentar me orientar.

"Ah, não se levante", diz a mulher ao meu lado. "Ainda não, eles disseram."

Ela está sorrindo para mim no escuro. Também está numa cadeira em formato de S, usando um robe branco com uma flor-criatura-marinha vermelha no peito.

"*Quem* são eles que disseram?", pergunto. Esse não pode ser o jeito certo de perguntar, mas é como eu pergunto.

Ela sorri para mim de um jeito sonolento. Ela é tão extraordinariamente linda. O rosto parece um lago. Liso como um lago. Pálido, mas algo me diz que ela nem sempre foi assim. Como se a cor dela tivesse sido desbotada. Clareada.

"*Quem* são eles?"

"Não lembro", diz ela. Tão sonhadora. Tudo parece um sonho. A névoa é um sonho. Eu sou um sonho. Ela está sorrindo nele. "Eles são uma cor."

"Que cor?"

“Não lembro que cor”, diz ela. “Que engraçado isso. Está tão perto na minha cabeça, sabe?”

“Sim”, digo.

“São rosas. Sangue. Peixes que flutuam com muitas pernas. Você coloca na cara com um pincel pra ficar bonita. Enfim”, diz ela, “em breve. Em breve é quando eles virão nos buscar.”

Ela sabe tanta coisa, penso. Ela é tão sábia. E familiar. Sinto que devo ter me sentado com ela antes no mesmo local de espera. Então, pergunto:

“Onde estamos?”

“Na Câmara de Relaxamento. Pra onde você vem depois do tratamento. O Lugar Depois.”

Olho para os rostos brancos na parede, congelados no grito. Inspiro a névoa perfumada. O Lugar Depois. Sim. Faz sentido. Então eu acabei de passar pelo tratamento.

“E quem é você?”

E ela sorri, mas para.

“Não sei”, diz ela. “Engraçado.”

“É mesmo. É engraçado.”

Ela me olha.

“Quem é você? Pode ser que, se você souber, eu também saiba.”

Tento pensar, mas minha mente é uma lagoa azul sem peixes. Tem luz de um sol batendo. Mas nenhuma palavra lá. Nenhum nome que seja meu.

“Eu também não sei.”

“Engraçado”, nós duas dizemos.

E nós sorrimos. Você tem que sorrir, senão acaba acontecendo outra coisa. A coisa que acontece com seus olhos quando eles começam a vazar água salgada. É meio engraçado a gente não saber. Também não é engraçado. É o oposto de engraçado. Qual é o oposto de engraçado? Esqueci. Seja o que for, estou sentindo se espalhando por mim e está me deixando com frio. Está se espalhando por ela também, estou vendo. Vejo no… rosto dela. Ela parece o oposto de engraçado.

“Você pode me fazer um favor?”, pede ela.

Eu olho para ela.

“Claro, sim.”

"Você poderia me contar se eu estou… como eu estou? Se está bonito? Porque eu não consigo ver nada de vidro em lugar nenhum."

"Eu também não vejo", digo. "Só essas caras brancas nas paredes. Você as vê?"

Ela assente enquanto olha em volta.

"Eu vejo. Vejo-as e não gosto delas nem um pouco."

Ela começa a fazer o oposto de sorrir de novo.

"Não", digo. "Por favor. Olha para mim. Eu vou ser sua coisa de vidro."

Ela me olha e eu olho para ela por um tempo, como se estivesse realmente olhando. Como se estivesse encontrando as palavras no rosto dela apesar de já saber o que dizer.

"Você está linda", digo. "Como um lago de gelo. Lisa e Luminosa."

Isso a faz sorrir de novo.

"É verdade?"

"Muito. Você pode me dizer como estou agora? E eu?"

Ela me olha.

"Tem um Brilho", diz ela. "Um Brilho que parece uma luz. Um luar."

Nós sorrimos uma para a outra na névoa. Quem precisa de coisas de vidro quando podemos dar nossos olhos uma para a outra? Mas, ah, deus. Sons de pés agora. Nós os ouvimos vindo na nossa direção. Uma coisa tipo um gongo ecoando pelos sinos. Ecoa por mim. Faz com que eu vibre como um sino. Eu vejo a névoa sumir como nuvens se abrindo.

"Parece que o em breve está chegando", sussurra a mulher.

"Parece que o em breve é agora."

27

Estamos numa longa fila de nós. Todos nós de robe de seda branca com flores-marinhas no peito. Em fila, dois a dois, em um salão grandioso e escuro em que eu nunca estive. Onde estamos agora? Por que estamos enfileirados assim? Onde a fila termina? Só Eles sabem. Ainda tem uma névoa perfumada por todo o salão. Tem o som de sinos vindo de algum lugar.

"Você já esteve aqui?", pergunto à minha nova amiga, ao meu lado. Ela é minha companheira na fila.

"Não estive", diz ela. "Não mesmo." Ela balança a cabeça. "Definitivamente."

Vejo uma mulher de vermelho na frente da fila, no final do salão comprido e escuro. Duas pessoas de prateado estão de cada lado dela, segurando o que parecem ser bolsas para nós pegarmos.

"Devem ser bolsas de brinde", diz minha nova amiga. Como não conseguimos nos lembrar dos nossos nomes, ela vai me chamar de Luar. E eu vou chamá-la de Lago. Só até a névoa passar. Até as lagoas azuis das nossas mentes se encherem de novo com as nossas palavras e os nossos nomes voltarem nadando como peixes.

"Esse deve ser o caminho, Luar", diz Lago. "A saída. E, olha, estão nos dando uma sacola de brindes cheia de amostras. Pra mantermos o Brilho e a Maciez em casa. O Vigor. Ah, como são gentis."

"Como são gentis", concordo.

"E nossos sapatos e roupas pra irmos pra casa", diz ela. "Deve ser."

"É", digo. "Ah, isso faz tanto sentido."

"Porque como vamos poder ir pra casa assim?" Ela toca no robe branco. "Seria ridículo."

"Seria muito ridículo", concordo. Estamos andando no salão escuro, dois a dois, na direção da mulher de vermelho na frente da fila. Os sinos tocam e a névoa fica mais densa.

Lago faz o oposto de sorrir de novo.

“Mas você sabe onde é sua casa, Luar?”

“Casa?” Tento pensar, mas só vejo a lagoa de água azul. Estou com medo de novo. “Acho que sei. É em uma rua, acredito. Disso eu tenho certeza”, digo.

“Sim. A minha também”, diz Lago. “Numa colina, acho. Numa casa com treze janelas.”

“Deve ser fácil de encontrar. É só a gente contar as janelas.”

Ela sorri.

“Sim, é verdade. E água barulhenta. Eu moro perto de água barulhenta. Parece um leão, ruge a noite inteira.”

“Então nós vamos encontrar, com certeza. Quando sairmos, vamos saber pra onde ir. Nós precisamos ir lá pra fora pra nos orientarmos, só isso.”

“Sim, claro. É difícil se orientar com uma névoa. E esses sinos. E a escuridão que enche meus olhos.”

Uma mulher loura à nossa frente na fila se vira para nos olhar. Ela está lisa como um lago e brilhando como um luar, como nós. Brilha no escuro, como deve acontecer conosco. Tão linda, que ficamos sem fôlego. Ela tem olhos velhos em um rosto muito jovem.

“Eles deixam o salão escuro por causa do sol”, sussurra ela. “Ele é nosso inimigo agora. Nós o odiamos e ele nos odeia. Pra sempre.”

“Quem disse?”, pergunta Lago. E a voz dela parece uma luta.

“Eles”, diz a mulher, apontando para a mulher de vermelho e para as duas pessoas de prateado na frente da fila. Nós estamos indo na direção deles. Chegando mais perto. Vejo o branco dos sorrisos quando eles entregam as bolsas de brindes.

“Mas eu gosto do sol”, diz Lago. A voz dela está franzida agora.

“O sol derrete lagos de gelo, lembra?”, diz a mulher na nossa frente.

“Nem todos os sóis”, diz Lago.

Conforme seguimos pela fila, a parede do meu lado vira um tanque de vidro do chão ao teto. O tanque está cheio de água azul-esverdeada cintilando com luz. Cheio de muitas criaturas marinhas vermelhas de forma estranha. Elas parecem cogumelos ou flores pulsantes, cada uma carregando um emaranhado de tentáculos.

“Parecem flores de gelatina ou de cérebro”, diz Lago. “Com cordas espinhais penduradas.”

“Sim.” Nós as vemos pulsar lindamente.

“Como os hotéis têm no saguão às vezes”, digo para Lago, apontando para o tanque. “Os chiques. Aqui deve ser um spa chique.” Fico surpresa com a facilidade com que as palavras me ocorrem. “Deve ser aqui que vamos fechar a conta.”

Quando digo isso, me sinto bem melhor. Aquela é a fila para sair dali. O salão comprido e escuro leva a uma saída. E, aí, reparo que não estou com a minha bolsa com os cartões dentro. Nem com meu celular. Que merda. Mas talvez seja isso que vão nos dar na entrada, nossas bolsas com nossos sapatos com nossa roupa com a bolsa de brindes.

“Devem devolver nossa bolsa ali. Pra gente poder sair e pagar.”

“É”, diz Lago, mas ela não parece convencida. Ela continua olhando para as flores de gelatina no tanque. Pulsando com pensamentos e sonhos. “É que são tantas.”

“São lindas”, digo, mas não sei. São? Elas me assustam.

“Eu não gosto nadinha delas. São molengas e peludas demais. Olha, uma delas está olhando pra você.”

“Está? Quem?”

E Lago aponta para uma flor de gelatina. Vermelha, olhando e flutuando muito perto do vidro. Pulsando suavemente. Está me olhando, Lago tem razão. Vejo os olhos vermelhos olhando nos meus olhos. Ela se move quando Lago e eu andamos na fila. Move-se conosco.

“Está vendo como está te seguindo?”

“Não está”, digo. Mas está.

“Está. Talvez ela te ame”, diz ela, com um certo anseio. O anseio cria uma ondulação de tristeza no rosto liso como um lago.

“Não”, digo. “Como ela pode amar? É uma criatura feita de gelatina.” E, com a mente, digo para a flor de gelatina ir embora, “por favor, vá, nade para longe”. Mas ela não vai. Ela vai se movendo conforme nós andamos. A cabeça pulsando com as batidas do meu próprio coração. Tentáculos flutuando como meus nervos.

“Que coisa feia”, diz Lago. Ela treme. Puxa o robe branco mais apertado em volta do corpo Luminoso. “E olha só ela olhando pra você.”

“É”, digo.

“Sua fada peixinha.” Ela ri. “Talvez queira ir pra casa na sua bolsa de amostras. Você vai levá-la pra casa?”

Eu olho para a gelatina. Sinto algo estremecer dentro de mim enquanto ela flutua no tanque.

"Seria muito bobo", digo para Lago.

"Sim. E como ela é feia." Ela fala isso como se não tivesse dito um segundo antes. "Se bem que talvez você possa dar um beijo nela. E ela vire uma coisa menos feia. Como numa daquelas histórias bobas…"

"E que história seria?"

Nós afastamos o olhar da minha criatura marinha e vemos que estamos na frente da fila agora. Parada na nossa frente está a mulher de vermelho. Ela parece uma Rainha da Neve, tão branca e linda, que congela a respiração nos nossos pulmões. Faz inverno no meu coração. Ela está usando um vestido comprido de seda vermelha. Eu já a vi antes, não vi? Olhei nos olhos azuis com pontinhos dourados como sóis gêmeos cada um, em pele muito pálida. Dos dois lados dela há Estátuas de Frio. Elas não estão sorrindo. Seus olhos são gelo. A Rainha da Neve não parece estar com a minha bolsa para me dar. Nem as Estátuas de Frio. Uma das Estátuas me dá uma sacola transparente de roupa. "Minha roupa, finalmente", penso. Mas é de seda branca e vermelha. Muito bonita. Muito bonita, mas não a minha roupa.

"Essa não é a minha. Deve ter havido um erro, desculpa. Eu preciso da minha roupa pra ir pra casa, por favor."

As Estátuas de Frio sorriem. A Rainha da Neve também.

"Claro que é a sua roupa." A voz dela é terrível e sinistramente linda, como os sinos. Isso quase me leva a dizer "Sim, claro que é a minha roupa, você tem razão". Mas eu me seguro.

"Não. Quer dizer, é verdade que é muito bonita. Obrigada", digo, fazendo uma reverência para a Estátua de Frio que a deu para mim. "Só não é a minha."

A Rainha da Neve ainda está sorrindo com os olhos.

"É a sua roupa. E você está em casa", diz ela com a voz de sino.

"Em casa? Estou?"

No tanque ao meu lado, sinto minha flor de gelatina seguidora pairando próxima. Pulsando atrás do vidro. "Não, não. Não, não."

"Definitivamente", diz a Rainha da Neve, sorrindo.

"Ah." E eu me encho um pouco de alívio. Apesar de sentir minha flor de gelatina sacudindo os tentáculos como se quisesse chamar minha

atenção. Como se dissesse "Não é casa, não é casa". "Eu achava que minha casa era lá fora. Achei que teria que me orientar."

E, agora, todos sorriem friamente.

"Não há necessidade disso."

Olho para Lago e ela também está sorrindo. Que alívio.

"Então eu posso pagar", digo. "Pelo que vocês fizeram comigo. Por me deixarem brilhando como o luar." "Por deixarem minha mente uma lagoa azul vazia", penso, meio reclamando. "Algum dia vai voltar a se encher de peixes?", quero perguntar, mas agora não é hora para palavras acusatórias, eu sinto. Apesar de eu ser a cliente. A cliente está sempre alguma coisa. Não errada. A outra coisa.

A Rainha da Neve sorri de novo com os olhos.

"Vocês vão pagar em breve. Agora, podem ir", diz ela, olhando para mim e para Lago. "Sigam em frente e se vistam e se preparem para o Banquete."

"Tem um banquete?"

"Ah, sim, um Banquete enorme hoje. E vocês todos são convidados de honra."

"Somos?"

Ao meu lado, a flor de gelatina pulsa mais rapidamente. Como se estivesse balançando a cabeça.

"Ah, sim. Não é maravilhoso?"

"É mesmo", digo. "Eu amo um banquete. Mas, perdão, minha bolsa, onde está?"

"Você não vai precisar da sua bolsa. Na verdade, você também não vai precisar disso aí", diz ela, apontando para os meus pés. Vejo que estou usando sapatos vermelhos. "Nem disso, o que é isso?"

Ela levanta meu pulso, onde vejo que tem uma pulseira dourada com um olho. Como foi parar ali? O olho olha para mim e eu olho para ele. Eu sorrio, e o olho parece sorrir também. Eu tinha esse olho, penso, em algum tempo antigo. Olho para a Rainha da Neve, que agora está muito franzida.

"Tira", rosna ela. "Sapato e pulseira."

Mas eles não saem. Eu tento e Lago tenta e as Estátuas de Frio tentam. Até a Rainha da Neve tenta, segura meu pulso e puxa, quase quebrando os ossos do meu ombro. E a pulseira continua cintilando no meu pulso, toda dourada e inabalada. O olho pintado sem piscar,

observador. E agora a testa franzida da Rainha da Neve está multiplicada por mil. Mas ela sorri mesmo assim.

"O poder dos acessórios nunca pode ser superestimado, ao que parece."

"Ao que parece." Dou uma risada.

Estou tentando deixar as coisas mais leves. Mas ninguém ri. Lago está ao meu lado, com medo.

"*Shhh*, Luar."

"*Shhh*", concordo.

Uma troca de olhares entre a Rainha da Neve e as Estátuas de Frio.

"Anda", sussurram as Estátuas de Frio para mim. "Já está tarde."

E a Rainha da Neve sorri de novo.

"Lembre-se", diz ela, e agora as Estátuas de Frio dão risadinhas, "esta é sua última parada na Jornada de Beleza. O passo final para o Caminho das Rosas. Você está quase nas Rosas. Corra para o Lounge agora e vista seu novo traje. Rapidinho. Não pode se atrasar."

E ela ri sem parar.

28

O Lounge é um salão branco com camas vermelhas. Lembra-me uma gaiola de costelas com muitos corações. Tem uma névoa perfumada ali também. Sinos tocam muito alto. Fazem meus ossos vibrarem. Eles sacodem meu crânio. Estou lá com Lago e muitos outros como nós. Diferentes idades, parecemos ter, com peles de tons variados, todas Brilhosas. Alguns de nós, como a mulher loura que conhecemos na fila, pagaram dinheiro alto para estar ali. Outros, como Lago e eu, ainda estão esperando para pagar.

"A Jornada de Beleza de cada um é tão individual", diz Lago com alegria quando entramos no Lounge. "Como nós somos individuais." Essa palavra, *individual*, parece fazê-la muito feliz quando ela a diz.

"Individual", concordo.

"Então por que temos todos a mesma aparência e nos vestimos igual?" Todos nós tão lindos. Todos nós brilhando no escuro. Somos lisos como lagos e brilhosos como um luar. Alguns mais lisos e brilhosos do que outros, claro, e Lago e eu entre os mais lisos, mais brilhosos, pelo que parece ao meu olhar. Não tem coisas de vidro aqui, a Estátua de Frio que nos acompanhou disse. O motivo é simples. Porque nós estamos tão lindos agora, que, se olhássemos numa coisa de vidro, nós nunca pararíamos. E isso não pode acontecer. Assim, nós nunca chegaríamos ao Destino Final na Jornada de Beleza, que fica logo depois da esquina, ao que parece. Diferentemente de mim, Lago está feliz de aqui ser a nossa casa. Porque ela não vai precisar encontrar a casa dela, a que fica na colina e tem treze janelas perto da água barulhenta. Teria sido muito difícil fazer isso. Muito difícil com a mente dela e a minha mente nos estados atuais, tão luminosas como o céu e desprovidas de peixes. Nós poderíamos acabar perdidas numa rua, procurando uma colina, contando janelas, girando e girando de seda branca e vermelha para sempre. Assustador. Principalmente porque o sol é nosso inimigo agora. Foi o que a Estátua de Frio que nos levou até ali disse. Que ele poderia nos derreter. E nós não

queremos derreter. “Tem uma bruxa que derrete em um filme”, disse Lago. “Eu me lembro dela se dissolvendo em uma poça preta, gritando. Horrível”, disse Lago. Nós não queremos isso. Lago quer ficar lisa como um lago, um lago de gelo. Não, ela está feliz de ali ser a nossa casa. Ela encontra uma cama vermelha estreita em um canto e se deita nela.

“Aqui é a minha cama”, diz ela. “Casa”, diz ela, como se estivesse insistindo.

Ela sorri para mim, mas tem alguma coisa por trás daquele sorriso. Eu vejo. O contrário de todas as palavras dela.

“Casa”, digo. E tem algo por trás do meu sorriso também.

Mas o gongo toca. E nós vibramos como sinos.

“Rapidinho”, grita uma Estátua de Frio se movendo pelo salão, nos olhando. Porque o banquete é iminente. Hora de se vestir.

Nossa roupa, a que nos deram nas bolsas, a que vestimos, é linda.

“Que linda”, diz Lago, se levantando e girando com a dela. “Você não acha, Luar?”

Olho para meu vestido branco e vermelho novo, o único vestido que tenho no mundo agora.

“Olha, tem rosas vermelhas”, diz Lago. “Umas rosas vermelhas tão bonitas.”

Mas para mim as rosas parecem outras coisas. Tentáculos ou emaranhados de sangue e tripas. Uma teia de veias. Conto para Lago e ela ri.

“Sangue emaranhado? Tripas? Como você está vendo isso, Luar?”

“Ou como flores de gelatina num tanque de vidro”, digo.

“Falando nisso”, diz Lago. “Sua gelatina está obcecada por você.”

“Não obcecada”, digo.

“Você não viu que ela entrou em pânico por não poder te seguir até aqui?”

“Eu não vi.” Eu vi. Não sei por que estou mentindo para Lago sobre isso. Vi a aflição dela com clareza pelo vidro quando fui levada, e isso me fez sentir uma coisa estranha. “Por que você está tão aflita por minha causa, flor de gelatina?”, tive vontade de perguntar. Mas eu não podia perguntar na frente da Rainha da Neve, na frente das Estátuas de Frio, que estavam nos levando.

"Foi muito engraçado", diz ela, apesar de não parecer achar engraçado. Ela deve querer dizer outra coisa, mas *engraçado* é a única palavra que surge na mente.

"Sim, muito engraçado."

"Ela te ama. O amor é engraçado, eu acho." Ela suspira. Tem aquele anseio de novo. Aquela ondulação na superfície lisa do lago que é o rosto dela. Mas logo some.

Eu queria poder me deitar na cama e sorrir para o teto como Lago. Queria poder usar meu vestido branco de rosas vermelhas e não ver veias emaranhadas.

"Eu queria saber como estou." Lago suspira. "Antes de irmos para o Banquete. Porque talvez haja príncipes lá. Eu adoraria conhecer um príncipe. Ou uma princesa. Alguém da realeza. Mas só se eu estiver bonita. Você pode me dizer que palavra eu sou?", pede ela.

Olho para Lago. Ela continua lisa como um lago, mas mais pálida. Tem círculos escuros em volta dos olhos dela, como sombra de olho. Como se ela tivesse ido a uma bancada de maquiagem e tivessem feito olhos esfumados. Ou tivessem dado um soco nela. Um soco em cada olho. Os lábios dela estão azuis agora, azuis como os olhos. O vestido branco com as flores vermelhas de seda parece que tem tripas caindo dela.

Ela está me olhando, esperando para saber que palavra ela é.

E, aí, a palavra vem. Vem nadando como um peixinho cinzento. "Morta." Eu olho para Lago e sei que essa é a palavra exata para o rosto dela. Mas digo:

"Linda, Lago. Linda."

E Lago sorri.

"E eu?", pergunto.

E Lago olha por muito tempo. E diz "Linda" também.

29

Estamos andando em duplas por um salão escuro, seguindo um caminho sinuoso para o lugar onde vai ser o Banquete. Em comemoração à nossa Jornada de Beleza. Oferecido em nossa homenagem. Estamos animados? Deveríamos estar, dizem as Estátuas de Frio. É uma caminhada muito longa por uma escada curva. Junto à parede de um lado, o meu, está o tanque de vidro de novo, cheio da água azul-esverdeada onde as gelatinas vermelhas pulsam e nadam. Algumas são muito grandes. Algumas são umas coisinhas mínimas, como sussurros. Lago anda ao meu lado na fila de novo. Somos parceiras nessa Jornada de Beleza, ao que parece.

Eu gostaria de segurar a mão de Lago, mas ela está segurando uma bandeja de prata.

Eu também estou segurando uma.

Nós todos estamos. Todos os enluarados com quem eu ando. Todos os rostos lisos como lagos em que não há nenhuma ondulação de tristeza ou felicidade ou raiva. Todos usando vestidos brancos e vermelhos com as estampas do que as Estátuas de Frio ficam dizendo que são rosas, mas que parecem outra coisa para mim. Todos segurando as bandejas de prata junto ao corpo, como Lago e eu. A superfície de cada bandeja está coberta com um círculo de papel preto e mais nada. "Porque não queremos que vocês olhem até chegar a hora" foi o que as Estátuas de Frio disseram. É estranho carregar uma bandeja.

"Quase parece que somos os cortados, não é, Lago?" *Criados*, eu queria dizer. Mas Lago entende.

"Parece", diz Lago. Desde que saímos do Lounge, ela está parecendo distante. Os círculos escuros em volta dos olhos dela estão ficando mais escuros.

"Mas por que seríamos cortados? *Criados?* Nós não somos convidados de honra? Não somos as pessoas que pagaram por isso?"

"Eu não paguei ainda. Você pagou?"

"Não. Porque estão com a minha bolsa. É um mal-entendido." E algo em mim se move. "Talvez seja por isso que estão nos fazendo de criadas agora", digo para Lago. "Porque recebemos o tratamento de graça. E, agora, temos que pagar de alguma forma. Nós precisamos explicar pra eles."

Lago olha para a própria bandeja.

"Não sei. Parece muita coisa a fazer. Mas eu acho que está certo. Eu sou uma Candidata Perfeita, eles disseram. Você é perfeita também. É por isso que estamos andando juntas. Talvez *perfeita* signifique que não precisamos pagar." Ela ergue o rosto e sorri subitamente.

"O quê?"

"Sua gelatina. Te seguindo. Olha." E, com o queixo, ela indica o vidro.

E lá está. Nadando ao nosso lado. Flutuando junto. Uma entre muitas, mas sei que é a de antes por causa dos olhos. Vermelhos como o corpo de gelatina, alerta. Faz com que eu dê um sorrisinho por dentro. Mas, por fora, eu não rio.

"Ah?", digo.

"Seu príncipe", insiste Lago. "Ou sua fada peixinha, quem sabe?"

"Duvido que seja alguma dessas coisas."

"Sim. Como é feia", diz ela, como se já não tivesse dito isso. "Talvez você a beije e ela vire uma coisa bonita. Como numa história boba que me contaram uma vez. Todas as noites por muitas noites. A mesma história que eu pedia, sem parar. Sem parar, contaram. Sem nunca se cansar. Numa voz de amor. O amor é engraçado."

"É, sim."

"Sem parar", repete Lago em um transe. "A lua na janela. Uma mão no meu cabelo. Como era feia."

"A história ou a lua na janela?"

"Eu", diz Lago. Sem sorrir agora. Com água salgada caindo dos olhos de fumaça. A bandeja de prata nas mãos dela começa a tremer.

"Lago", digo. "Você é linda."

Mas não tenho tanta certeza disso quando olho para Lago. Penso na palavra que nadou como um peixe cinza quando ela me perguntou como estava. "Morta." Enquanto olho para o rosto brilhoso dela, mais palavras vêm nadando.

"Erradicada."

"Destruída."

“Usada.”

Um cardume inteiro de cinzentas. Como todas parecem encaixar bem com o rosto novo de Lago.

“Olha, chegamos”, diz ela. E ela indica um buraco negro à nossa frente, como uma boca gigante. Que me lembra as bocas dos rostos brancos no Lugar Depois.

A gelatina vermelha que nada ao meu lado parece ansiosa, como se quisesse me contar alguma coisa. A cabeça está pulsando muito rápido atrás do vidro. Rápido como meu coração disparado. As pernas dela parecem mãos acenando.

“O quê?”, digo com os cantos dos lábios.

Nada. Silêncio. Ou talvez não silêncio. Talvez esteja falando, mas eu não entenda língua marinha.

“Desculpe”, sussurro.

E Lago e eu passamos pelo buraco negro.

30

Uma sala de jantar escura no andar do alto. A maior sala de jantar que eu já vi. Um teto alto de vidro que permite que eu veja o céu da noite, cheio de estrelas. Uma mesa preta comprida decorada lindamente. Com pétalas de rosas espalhadas por toda parte. Velas pretas, as chamas altas e imóveis. Não tem vento nessa sala. Não tem ar. Deve ser por isso que é difícil respirar. A mesa grande é para nos sentarmos? Não, já tem gente sentada. Pessoas todas de preto. Ternos pretos e vestidos pretos, usando véus pretos nos rostos como cortinas. Ao lado da mesa tem um tanque de água grande, como um aquário aberto ou uma piscina. Parece a mesma água ao lado da qual andamos quando estávamos subindo a escada curva dois a dois. O mesmo tom azul-esverdeado. As mesmas gelatinas vermelhas flutuando e pulsando ali dentro. Deve ser a parte de cima do tanque de vidro, onde termina, como nossa Jornada de Beleza, onde se abre como uma piscina em forma de flor. Pelo jeito como a mesa está virada para o aquário, parece que o aquário é o evento principal, o show, e a mesa é a plateia, com todos os assentos ocupados.

"Mas onde vamos sentar se os lugares estão ocupados?", pergunto a Lago. "Nós não somos as convidadas de honra?"

Mas Lago não responde. Ela está hipnotizada com o que há em volta. Principalmente pelas pessoas de véus negros, olhando sem parar para nós.

"Quem são, Lago? Você os conhece?"

"Eles?", sussurra Lago. "Os que arquitetam nossos sonhos, claro."

"Que dão a eles as formas e os nomes", diz uma mulher ao lado de Lago, a pele muito hidratada. "Suas texturas sedosas, cores maravilhosas e aromas atemporais. Que os colocam nos potes vermelhos mais lindos."

"Fazem cremes e sprays com eles", acrescenta Lago, "que depois vendem e que nós temos muita sorte de comprar."

"Não há preço alto demais", concorda a mulher hidratada.

Olho para a mesa de pessoas com véus. Seus rostos tão brilhantes, os olhos pálidos olhando por trás dos véus pretos.

“Ora, que excitante jantar com eles, então”, digo, embora na minha voz eu ouça medo. “Não é, Lago? Com os arquitetos dos nossos sonhos? Que sabem as formas e os nomes deles?”

Olho para Lago. A bandeja vazia está tremendo nas mãos dela. Se ela não a agarrasse com tanta força, não tremeria. Todos os enluarados como nós estão de pé ao longo das paredes, segurando suas bandejas de prata vazias como nós. Algumas mãos enluaradas estão tremendo como as de Lago, os rostos muito imóveis e sorridentes. Muitos estão olhando para as bandejas. Quando passamos pela boca preta, uma Estátua de Frio pegou os círculos pretos das bandejas e revelou suas superfícies brilhantes. “Espelhos”, as nossas bandejas, disseram as Estátuas de Frio. Os enluarados estão olhando para seus reflexos agora, sorrindo, muitos olhos vazando água salgada, tomados do que deve ser alegria. Muito felizes com o resultado. “Lindo, brilhoso, sem poros”, sussurram como um canto. Mas não ouso olhar para a minha bandeja espelho. Tem alguma coisa no jeito como todos olham para baixo. Como se não conseguissem parar. Nunca mais erguer o rosto. Sinto minha pulseira dourada formigar no braço. Estou alerta como o olho pintado que tem nela.

Em cada um dos quatro cantos da longa mesa há uma Estátua de Frio. Elas estão observando os convidados velados, vendo as rosas e velas como se fosse trabalho deles monitorar. Cada um segura uma rede grande para pegar borboletas. Ou peixes. Que interessante. Será que o que vamos comer neste Banquete vai ser capturado na hora? Vivo?

“Vão matar na nossa frente na mesa?”, pergunto para Lago. “Como fazem nos melhores restaurantes e mercados? Deve ser isso.”

“Espero que não”, diz Lago. “Eu odeio isso.”

“É um jeito muito chique”, digo.

“Eu não quero um jeito chique. Quero ir pra casa agora”, diz Lago. “Minha casa na colina. Uma casa com treze janelas. Você vai me ajudar a encontrar.”

“Sim, claro. É que… eu não sei direito onde estamos.” Penso na escada curva e longa que acabamos de subir. Em todos aqueles corredores sinuosos. Estamos no andar de cima, isso está claro pelo céu noturno acima, mas não sei a que distância está a saída. É reconfortante olhar para o céu noturno pelo teto. Ver o céu é saber alguma coisa, por menor que seja, de onde estamos.

"Tem céu lá em cima, pelo menos", digo. "Olha…" Mas Lago não quer olhar. "Lago. Tem céu lá…"

Um pigarro. A Rainha da Neve dá um passo à frente das sombras. Sorri. Eu me empertigo com meu vestido branco e vermelho. Todos os enluarados fazem isso. É como se o sorriso da Rainha da Neve tivesse fios invisíveis conectados com nossas colunas. E, quando os lábios dela se curvam, nós nos empertigamos.

"Nós temos um convidado muito especial a receber no Banquete de hoje", diz ela. "Um dos nossos melhores. Que nos deu tanto. Contribuiu profundamente com a Fonte, o manancial da nossa Missão. Um convidado que tem, ao longo dos tempos, plantado muitas sementes em muitos Vasos e visto a Rosas crescerem." E ela aponta para nós, enluarados, junto da parede. Aparentemente, somos as Rosas. Ou somos os Vasos?

"Na verdade, esse convidado plantou uma das Rosas aqui conosco nesta mesma sala de agora. E foi por isso que o convidamos para se juntar a nós hoje."

Um de nós? Qual de nós? Olho para meus companheiros enluarados. Mas todos estão ocupados se olhando nas bandejas espelho. Até Lago está olhando para baixo agora. Sorrindo para si mesma.

"Linda", sussurra ela. "Brilhosa." Tem água salgada pingando dos olhos dela.

Os velados aplaudem. Murmuram entre eles. *Maravilhoso* é uma palavra que eu escuto.

"Ah, ah! Uma surpresa deliciosa!"

Vejo que tem um assento livre na cabeceira. As mãos enluvadas da Rainha da Neve estão apoiadas no encosto da cadeira. Do tipo onde um rei ou rainha se sentaria. A palavra *trono* aparece na lagoa da minha mente. Aquele trono deve ser para o tal convidado de honra.

"Queria saber quem é esse convidado", sussurro para Lago. "Ele parece muito impressionante."

"Eu não sei, eu não sei", diz Lago, balançando a cabeça, ainda se olhando na bandeja espelho. Ela fala como se eu a estivesse incomodando. Ela está ficando mais pálida. A escuridão em volta dos olhos dela está mais preta. Estou preocupada. Talvez ela precise comer alguma coisa. Que bom que estamos num banquete. Com sorte, quando esse convidado de honra chegar, comecem a nos servir.

Há aplausos quando uma pessoa entra na sala, vinda da boca escura. Outra pessoa de preto. Um homem. Ele está usando uma máscara preta com chifres. Apesar de eu não ver o rosto dele, os velados sentados à mesa parecem saber muito bem quem ele é. Os aplausos ficam bem mais altos, trovejantes. Muitas mãos pretas de seda. Ofegos e gritinhos de prazer por trás dos véus. O homem se curva levemente. Sinto o sorriso dele na minha nuca. Ele aprecia os aplausos. A postura dele diz "Sim, eu sou isso tudo". Tem algo nos passos dele que é muito familiar. Eu já ouvi esses passos antes. Andando pelos aposentos escuros da minha vida. Entrando por uma porta de vidro. Uma porta de vidro?

Um estrondo. Alguém deixou a bandeja espelho cair. Eu, eu deixei minha bandeja espelho cair. Que som ela faz. Um chacoalhar e um chacoalhar. E que silêncio súbito. Todos os de preto estão me olhando agora. A Rainha da Neve também, ela está com assassinato no rosto.

Estou paralisada, mas o som arrancou Lago do transe. Ela tenta se curvar para pegar minha bandeja para mim, mas o convidado de honra levanta a mão enluvada em sinal de *pare*. Permitam que ele faça, por favor. Ele se curva e a pega como se fosse a coisa mais delicada. Sorri e a entrega para mim.

"Aqui está, sementinha", sussurra ele.

Há uma suave ondulação de risadas entre os velados. Ele se vira de costas para mim, continua andando até o trono, na extremidade da mesa, onde a Rainha da Neve espera. Enquanto o vejo andar, sinto uma dor no coração, familiar e profunda. Aquele homem é a sua forma. A mão embaixo da luva preta já acariciou meu cabelo no escuro. A boca já falou palavras como uma brisa fria na minha orelha, fazendo meu coração bater forte. Os olhos por trás da máscara já encararam os meus. De repente, tem um nome nos meus lábios. Ele sobe nadando como um peixe veloz e colorido.

"Tom", digo antes que possa pensar.

O silêncio voltou a ser sepulcral. Todos os velados olham para mim. Mãos param de aplaudir. O rosto da Rainha da Neve muda de assassinato para surpresa. O homem que eu chamei de Tom para de andar para o trono, para no meio de um passo. Olho para a nuca branca, um corte pálido e liso entre a gola do terno preto e o cabelo escuro ondulado. Olho com tanta intensidade, que água salgada pinga dos meus olhos.

"Tom Cruise", sussurro.

Risadas. Dos velados, da Rainha da Neve. Eles riem e riem, até as Estátuas de Frio riem. Como são engraçadas as palavras "Tom Cruise", que eu sussurrei. Eles as repetem baixinho.

"Tom Cruise, *Tom Cruise, o ator?* Ah, Seth, Seth, que brilhante. Um toque de gênio, de verdade. E a semelhança *é* impressionante. *Tira o meu fôlego*."

Não consigo rir com eles. Só consigo olhar para a nuca do Tom. Meus companheiros enluarados também não estão rindo. Eles também olham para o homem que chamei de Tom Cruise, cujo nome ao que parece é Seth, os rostos cheios do oposto de risadas.

Enquanto isso, Seth se senta no trono e abre um sorriso indulgente para a mesa risonha. "Sim, sim", diz o sorriso branco pela máscara.

"Serve ao propósito, acho." Ele finge não olhar para mim, mas eu o sinto olhando ainda. "Definitivamente ele olha."

As risadas da mesa o fazem sorrir por um tempo, mas subitamente ele não gosta mais. Ele franze a testa e as risadas param na mesma hora.

Ele ergue o cálice.

"Muito obrigado por nos receberem", diz ele. "Nos?", penso. "Mas você não é só um?" E, aí, ele se vira para nós, enluarados, junto à parede. "Mas nós não somos os únicos convidados de honra, claro. Os verdadeiros convidados de honra estão ao nosso redor aqui. Estamos muito felizes de recebê-los."

Alguns dos enluarados sorriem timidamente. A maioria ainda está se olhando nas bandejas espelhos, dizendo "Lindo, luminoso, sem poros" repetidamente. Ao meu lado, Lago está tremendo.

"Eu quero ir pra casa", suplica ela. "Me leva pra lá, Luar."

Risadas de novo dos velados, desta vez mais moderadas. Seth se junta às risadas.

"Bem", ele une as mãos, "vamos comer?"

Aplausos trovejantes.

"Ah, graças a deus", sussurro. "Lago, nós vamos comer agora. *Finalmente* vão servir."

Lago está balançando a cabeça sem parar.

"Eu não quero comer nesta sala. Tem gelatinas vermelhas demais naquele tanque. Como são feias."

Duas Estátuas de Frio se adiantam, as que estão dos dois lados do tanque, segurando redes. Agora, uma luz forte brilha na água do tanque. É a luz da lua cheia brilhando diretamente sobre as gelatinas vermelhas flutuantes. Ah, que lindo.

"Não é lindo, Lago?", pergunto.

"Eu quero ir", Lago está sussurrando no meu ouvido.

"Mas nós vamos comer, Lago." E, por dentro, estou pensando "Comer o quê? Comer o quê, me pergunto?"

"Eu não estou com fome, eu não estou com fome!", grita Lago.

A Rainha da Neve está franzindo a testa. Ela nos escuta.

"Por que *Tom* não escolhe os desta noite?", grita ela, olhando para mim e para Lago com expressão de repreensão.

Risadas de novo dos velados.

"Sim, *Tom*. Por que você não escolhe?"

Seth não está sorrindo. Ele está olhando para mim e para Lago. Lago solta a mão da bandeja para segurar meu braço. Está me dizendo de novo que não está com fome agora. A casa dela tem treze janelas. Fica numa colina, ela acredita. Se eu puder levá-la até lá.

"Ela", diz Seth, apontando um dedo enluvado para Lago.

A Rainha da Neve sorri.

"Ah, uma jovem. Acabou de abrir, acabou de se juntar a nós. Perfeita, posso garantir. Cheia das nossas iguarias favoritas. Mas talvez ainda precisando… marinar um pouco. Tem certeza de que não prefere…?"

"Ela", diz Seth de novo. E ele está olhando para mim tanto quanto para Lago. Com olhos frios e brilhantes. Com um sorriso branco estilo astro de cinema, ofuscante.

A Rainha da Neve assente. Ela olha para as Estátuas de Frio e elas sorriem. Começam a andar na minha direção e de Lago, que ainda segura meu braço. As unhas dela estão afundando na minha pele, mas não grito pelo bem de Lago. Mas, quando eles se aproximam, ela sorri de repente. Ela me solta. Olha para as Estátuas de Frio. A ondulação de anseio está no rosto dela de novo. É uma ondulação perigosa. Diz "Vou a qualquer lugar com vocês". As Estátuas são extraordinariamente lindas de perto.

"Você foi selecionada, bonita", dizem. As vozes soam como uma música ecoante.

Ao ouvirem a palavra *selecionada*, todos os enluarados erguem os olhos das bandejas espelhos.

"Selecionada?", repete Lago. Tem água salgada nos olhos dela de novo. "Ouviu isso, Luar? Eu fui selecionada." Ela parece terrivelmente feliz. A felicidade dela dói de olhar.

"Sim. Eu ouvi." E é engraçado o sentimento que tenho nessa hora. Um sentimento cheio de sombras. Uma vontade sombria e dolorosa que consome. Um ódio de Lago.

Lago vê nos meus olhos e sorri.

"Sinto muito, Luar, por você não ter sido selecionada também." Mas ela não sente muito, eu percebo isso. Ela está muito feliz de ter sido selecionada sozinha.

"Eu também sinto muito", digo. "Mas parece que só uma de nós pode ser."

Olho para as Estátuas de Frio. Elas estão sorrindo uma para a outra. Elas esticam as mãos para Lago. Não para ela segurar, as mãos dela estão ocupadas, segurando a bandeja espelho. Mas para ela ir para longe de mim, para longe da parede de enluarados. Para segui-los, por favor.

Lago os segue na direção do tanque aberto cheio de gelatinas vermelhas. Aquele é o Destino Final dela, ao que parece. Quando ela chega lá, uma das Estátuas de Frio pega a bandeja dela e lhe entrega uma rede.

Parece que Lago vai pegar seu próprio jantar. Um jantar recém-capturado. De gelatina?

"Este é um bufê muito intenso", sussurro para a mulher ao meu lado, uma mulher muito branca. Ela tem os olhos de uma pessoa velha, mas a pele parece de criança. É estranho ver os olhos velhos no rosto de criança. "Talvez o bufê de frutos do mar mais intenso que já vi, você não diria?" Mas a mulher só está se olhando na bandeja espelho como todos os enluarados na parede parecem estar. Todos, menos eu. A pulseira formiga no meu pulso. Olho para o olho pintado brilhando lá, no escuro. "Olha", ele parece dizer.

Olho para Lago com a rede. Outra Estátua de Frio dá um punhado de pétalas vermelhas para Lago. Sussurram instruções para ela. Lago ouve, sorrindo. "Eu fui selecionada", o rosto dela diz. "Eu, dentre todos os enluarados." Ela não queria ir para casa um momento antes? Mas Lago

parece ter esquecido tudo sobre a casa dela. Eu a vejo jogar as pétalas vermelhas na água, onde as gelatinas vermelhas nadam. Na mesma hora, uma flutua para a superfície, como uma mariposa atraída para a luz. E as Estátuas de Frio sorriem, os velados de preto aplaudem suavemente. Lago dá um gritinho de prazer, como se tivesse feito algo extraordinário. Ela faz uns barulhinhos para a criatura. É para o meu príncipe que ela está fazendo esses barulhinhos? Minha fada peixinha? Se for a minha, eu vou gritar. Lago não pegaria o que é meu, não é? Um momento antes, eu teria achado que não, mas o rosto dela de "Eu fui selecionada" é diferente, torna-a uma Lago diferente. Talvez essa nova Lago *roube* o que é meu. Mas, não, é outra gelatina que nada para mordiscar as flores de Lago com uma boca que eu não sabia que ela tinha. Faz Lago sorrir e aplaudir. Água pinga dos olhos dela. A expressão neles é estranha. Não sei de que é feita, alegria ou tristeza ou medo. Talvez seja reconhecimento. "Eu te conheço, pequenina. Conheço essa forma. É a forma de algo dentro de mim. Algo essencial."

Agora, as Estátuas de Frio apontam para a rede que Lago já está segurando nas mãos. Ela a abaixa até a água e a gelatina dela nada para dentro com facilidade. A gelatina dela quer ser capturada, quer estar com Lago. Como ela pode comê-la agora? Ela ergue a rede, pesada com a criatura, e todos os velados de preto aplaudem. Todos menos Seth, que só observa Lago colocar a captura agitada na bandeja prateada. Então a bandeja era para isso. E é ela que tem que carregar a bandeja, bem pesada, ocupada com sua gelatina vermelha. Debatendo-se na bandeja como um coração batendo loucamente, e Lago está tão feliz quando a leva para o centro da mesa, onde os velados estão esperando. A fome deles é palpável. É uma respiração ofegante. Um tremor. Lago a coloca entre as velas pretas e as pétalas de rosa. Coloca no lugar em que a Rainha da Neve espera, com uma faca afiada e um garfo e um sorriso enorme no rosto. Mas a Rainha da Neve não chega a cortar a coisa saltitante e trêmula. Porque um dos velados estica a mão e há um som de rasgo e um grito. E todos os braços pretos de seda se estendem, vão na direção da criatura de Lago, ainda se debatendo enquanto é dilacerada pelas mãos. Vejo-a cortada se debatendo entre os corpos deles. Vejo bocas cheias de vermelho entre os véus pretos. Mastigando e sugando os muitos tentáculos vermelhos da gelatina de Lago. Pendurados das bocas como um espaguete sangrento e

vivo. Todas as bocas na mesa e todas as mãos enluvadas cobertas de sangue e pedaços de criatura marinha. E a Rainha da Neve está sorrindo. Mesmo com o rosto branco como a neve sendo borrifado com o sangue vermelhíssimo da gelatina de Lago que eles comem de forma tão violenta. Mas a Rainha da Neve não parece se importar. Ela lambe os respingos de sangue que caem no rosto com a ponta da língua comprida, rosada e ávida. Tudo que ela lambe a faz tremer de prazer. Os olhos se reviram com o prazer. Enquanto isso, tem alguém gritando sem parar. São os gritos mais altos e loucos que já ouvi. Como se a pessoa estivesse sendo dilacerada fisicamente. Sendo rasgada enquanto está viva vendo tudo ao mesmo tempo. Os gritos ensurdecem meus ouvidos, de onde eles vêm? Todas as bocas estão cheias demais de gelatina para gritar. Lago. Lago, no final da mesa, entre as duas Estátuas de Frio sorridentes. Lago mal se aguentando de pé, com as Estátuas de Frio segurando seus braços. Lago está gritando enquanto sua gelatina é comida na frente dela. Gritando como se fosse ela sendo comida, apesar de não estar sendo, de ser só a gelatina. Mas os olhos de Lago estão arregalados e os gritos dela surgem da garganta aberta da alma. A coisa sangrenta no seu vestido parece um estômago cortado agora, mais do que antes. As Estátuas de Frio continuam a segurando no lugar, cada uma com uma mão enluvada. E os velados continuam comendo e comendo, fazendo sons ofegantes e trêmulos de prazer, e ninguém vai parar isso? Mas os enluarados junto à parede continuam olhando suas bandejas e sorrindo. "Lindo, luminoso, sem poros", eles cantarolam sem parar para os rostos refletidos. Tento agir para parar isso. Lago está tão chateada, eu preciso acalmá-la, mas vejo que não consigo me mexer. Tem algo me segurando. Olho para baixo e vejo que duas rosas espinhentas saíram da parede atrás de mim, nossa. Elas deslizaram pela minha barriga. Fizeram um nó apertado na minha cintura com as flores. Quando tento me afastar da parede de novo, sou perfurada pelos espinhos.

"Lago", digo, "por favor. É só sua gelatina que estão comendo."

Uma gelatina que não para de se debater mesmo quando só restam pedaços dela na mesa. Pedaços pelos quais os velados estão lutando, mãos pretas de seda os arrancando de outras mãos pretas de seda. Todo mundo come, menos o homem que eu achei que era um homem chamado Tom Cruise, mas que eles chamam de Seth. Seth se senta na cabeceira da mesa, no trono. Vendo tudo. Vendo o Banquete. E, aí, ele se vira para mim.

Leva os dedos enluvados aos lábios. Ele me olha, os olhos vermelhos agora. E beija os dedos com muito carinho. Joga esse beijo para mim. Sinto uma brisa fresca na testa. Um mar. Crescendo atrás dos meus olhos, caindo gota a gota. Pelo que está sendo feito a Lago e que eu não posso impedir. Pelo carinho do beijo de Seth, que me refresca como uma brisa, apesar de tudo. Que me acalma apesar de tudo. Apesar. Apesar.

Ele sorri. Como ele ama meu mar de gotas. Não tem comida no mundo que seja tão doce quanto esse mar parece aos olhos dele.

Os gritos pararam. Lago caiu entre as duas Estátuas de Frio, que a levam embora agora. Pela boca preta da porta. Quero gritar para ela, mas a brisa do beijo de Seth me silenciou, me esvaziou de todas as palavras. E os espinhos me seguram com força junto à parede.

Na mesa onde estão os velados, a criatura de Lago não existe mais. Só há velas pretas tremeluzindo, pétalas vermelhas espalhadas. Uma bandeja de prata vazia manchada de sangue. Os de preto murmuram por trás dos véus. Limpam as bocas. Através dos véus, vejo seus pecados cintilando como pérolas. Tão radiantes estão eles agora. Foi a gelatina de Lago, percebo, que fez os rostos deles cintilarem da forma maravilhosa como vejo agora. Tão lisos como lagos e brilhando como o luar. Eles palitam os dentes.

"Isso estava… ótimo", murmuram. "Simplesmente ótimo. Mas. Nós ainda estamos com bastante… fome. Sim, essa fome. É uma coisa infeliz. *Malheureusement*."

Sinto uma insatisfação surgindo deles como uma nuvem de tinta. A criatura de Lago só despertou um apetite que vai fundo.

A Rainha da Neve parece em pânico. Olha para Seth, que não diz nada. Ele ainda está olhando o mar que pinga dos meus olhos, obtendo sua própria alimentação.

"Um *amuse-bouche*", declara a Rainha da Neve. "Só um *amuse-bouche* para começar as coisas. O verdadeiro Banquete está só começando. E, para o próximo prato, ou melhor, os próximos *dois* pratos, a *pièce de résistance*, por assim dizer, nós devemos muito ao nosso honrado e estimado convidado."

E, agora, ela toca no ombro de Seth. Mas ele só dá uma olhada para a mão em seu ombro e ela a afasta na mesma hora.

"*Ele* é responsável pelo menu principal de hoje. Tanto os *hors d'oeuvres* como as *entrée, n'est-ce pas*?" E ela ri, mas Seth não ri.

Os velados fazem sons de interesse.

"Me permitam recontar a história", começa a Rainha da Neve, parando na cabeceira da mesa. "Nós tivemos uma captura surpreendente nos últimos tempos, uma das Rosas mais intrigantes a se juntar às Profundezas. Um Vaso pagante, que entrou por vontade própria pela nossa porta na luz do dia."

Os respingos de sangue de Lago brilham no rosto branco.

"Ainda assim, quando fizemos as extrações, o que encontramos foi inesperado." Ela me olha no escuro. "Uma história extraordinária, uma Rosa e tanto que encontramos escondida dentro *desse* Vaso." Ela sorri, lambe um pouco do borrifo de sangue de Lago no canto da boca. "Da variedade *intergeracional*, ainda por cima. *Reprimida*, como mais gostamos. E repleta dos nossos favoritos." E, nessa hora, ela pisca para mim. Ela *pisca* para mim? "*Délicieuse.*"

Os velados fizeram sons de prazer.

"Repleta. Reprimida. Da variedade intergeracional. Que *suculento.*"

"Por isso que sempre insistimos em lançar as mais amplas redes", brinca a Rainha da Neve, piscando para as Estátuas de Frio, que riem um pouco, segurando bem as redes. Há risadas também dos velados.

"*C'est ça.*"

"Tout à fait."

"Mas infelizmente esse Vaso", diz ela, suspirando, "faleceu antes da última Colheita. Afastou-se de nós como às vezes acabam fazendo. Caiu numas pedras. Deixando sua deleitável Rosa inalcançável, perdida para as Profundezas, sempre elusiva para nossas redes e mãos. *Malheureusement.*" Ela faz uma expressão triste para mim. "Como vocês bem sabem, uma Rosa só pode ser pega por seu próprio Vaso."

Os velados fazem sons tristes.

"Ah, *oui*. Verdade demais. Essa corrupção, esse desperdício ocorre às vezes. E não deveria."

"Uma segurança mais rigorosa foi estabelecida, *bien sûr*", declara a Rainha da Neve.

"Que bom, que bom."

"O que nós gostamos de ouvir."

"Mas que sorte", e agora a Rainha da Neve sorri, "que formidável para nós que esse Vaso espetacular tinha uma filha que era Vaso. E essa filha que era Vaso veio visitar nossa pequena *Maison* recentemente. Encontrou o caminho até aqui. E tinha uma Rosa deleitável também, não tinha? Uma Rosa que nosso convidado mais estimado plantou com as próprias mãos."

Ela se vira para Seth, que está me olhando.

"Quando vimos a assinatura dele, a marca dele na testa dela, vocês podem imaginar nossa grande empolgação. Por isso, nosso convite para ele se juntar a nós hoje. E ele veio com muito boa vontade, não foi?"

Seth não diz nada. Ainda está me olhando.

"Cresceu e virou uma flor e tanto." A Rainha da Neve sorri. "Que conseguimos colher. Uma Candidata Perfeita, obviamente, considerando sua linhagem. Reprimida e cheia dos nossos favoritos também. Transbordando com eles, como a mãe. Talvez mais do que a mãe. Agora, se juntou às Profundezas. E é nossa crença que essa filha que é Vaso deve poder pegar as Rosas mãe e filha para nós esta noite. São dois peixes com uma rede só. Será um Banquete *inesquecível*. *Inoubliable*."

"*Inoubliable*", murmuram os velados com prazer. "Que virada feliz." Eles aplaudem de leve.

"Uma Rosa mãe e filha", penso.

"Que história interessante. Muito interessante, não é, Lago? Mas o que é isso sobre as Rosas serem reprimidas? Cheia dos "nossos favoritos", dizem. Quais são os favoritos, me pergunto? O que as torna tão *délicieuse*?

Mas Lago não está mais lá. Será que ela foi embora? Uma pena, porque parece que vamos comer, finalmente. Estou meio nervosa agora, não sei por que exatamente. Talvez sejam os espinhos na minha cintura. E também quando penso na pergunta "O quê? O que vamos comer?"

"Uma história muito interessante", digo para a mulher muito branca ao meu lado, para disfarçar o nervosismo. "Sobre duas Rosas e um Vaso, a mãe e a filha. Você ouviu, por acaso?" Mas ela, como todos os enluarados, ainda está se olhando profundamente na bandeja espelho com os olhos velhos. Sorrindo para seus pecados.

Duas Estátuas de Frio estão andando agora na minha direção.

As flores em volta da minha cintura se soltam como um cinto e se encolhem para a parede quando as Estátuas se aproximam. Seus rostos são tão extraordinariamente lindos de perto, que só posso ficar olhando. Minha

respiração sumiu da garganta. Meu coração parou. Só posso olhar para aqueles rostos, mais lisos e mais enluarados do que o meu e o de Lago poderiam sonhar em ser. Do que qualquer rosto poderia sonhar em ser. Tudo o que eu olhar pelo resto da minha vida vai ser pouco em comparação a esses rostos. Seus olhos têm universos dentro deles, completos com florestas e montanhas e mares e céus estrelados e além, até a escuridão sideral. Dos meus dois lados, elas se inclinam para perto. Sinto cheiro do que sei que é o céu, poeira de estrelas. O frio ardente da escuridão sideral.

"Você foi Selecionada, Filha", dizem elas com os lábios perfeitamente brilhantes. Elas têm vozes de anjos. Ouço as palavras como um coral não só nos meus ouvidos, mas fundo no meu coração, fazendo com que se ilumine.

"Eu fui Selecionada?"

"Você", diz uma com a voz de anjo. E me faz estremecer.

"Você", diz a outra.

"Ah, meu deus", sussurro. "*Eu*."

Elas pegam meus braços, uma de um lado e a outra do outro, e é o toque mais perfeito, a carícia mais suave. O toque daquelas mãos sabe tudo que eu sempre quis. Está prometendo isso para mim quando me leva agora, gentilmente, lentamente, até o jardim de água que chamam de Profundezas, cheio de gelatinas vermelhas ou Rosas flutuando. O jardim mais lindo que eu já vi na vida, percebo, agora que estou ali de verdade. Agora que estou vendo de perto, parada ao lado da piscina de vidro, os braços nas mãos delas, uma de cada lado. Sob a lua ainda cheia e irradiando a luz prateada no céu acima.

"Que lindo", sussurro.

"Não é?", diz uma.

"Aqui", diz a outra. Ela solta uma das minhas mãos da bandeja que estou segurando e coloca na minha mão um punhado de pétalas de rosas.

"Jogue isso na água. Vá, Filha."

Eu jogo as pétalas vermelhas na garganta aberta do tanque, onde elas caem na água azul-esverdeada. Por um momento, nós as vemos flutuando delicadamente na superfície imóvel.

"É bonito", digo, me virando para as Estátuas de Frio. Mas elas não viram os rostos para mim. Ainda estão olhando a água, esperando. O quê?

Sinto a espera atrás de mim também. Uma mesa de velados esperando. A Rainha da Neve esperando. Seth esperando. A espera como respiração presa. E, aí, acontece. Uma gelatina vermelha nada para a superfície. Começa a mordiscar as pétalas. É uma gelatina gigantesca. A minha gelatina. Da qual Lago debochou, chamando de meu príncipe, minha fada peixinha. A que me seguiu pelo corredor de água. "Como é feia", disse Lago. Mas Lago estava errada. Eu contaria para ela, onde quer que ela esteja. Não é feia. Também não é linda como as Estátuas de Frio. O que é?

"Minha" é a palavra que surge.

"Minha", digo para as Estátuas, que só olham para a água. Elas ainda parecem estar esperando.

Uma segunda gelatina um pouco menor aparece e começa a mordiscar as pétalas também. Nada para o lado da gelatina maior, as duas agora lado a lado. A grande e a pequena. Como se elas se conhecessem bem. Talvez a maior seja relacionada com a menor. Mãe e filha? Que fofo.

Atrás de mim, ouço aplausos dos velados à mesa.

"Excelente. Muito bom. Ah, um triunfo."

A Estátua toca na minha mão. Entrega para mim a rede grande.

"Para pegar as suas duas Rosas, Filha", diz ela.

"Minhas Rosas?"

"Ou, se você preferir, sua alma." Elas sorriem uma para a outra. "Como você achar melhor."

Olho para as duas gelatinas mordiscando as pétalas. A mãe e a filha.

"Só você pode pegar. Você vai ter muita facilidade", diz a Estátua. Mas tem um tom de incerteza na voz musical. "Você vai ver que elas *querem* ficar com você."

"Vai ver que elas vão nadar para dentro", diz a outra.

E as duas sorriem para mim. Fico arrasada pelo efeito. Vendida no sangue. O que me pedirem, farei. Até o fim do mundo. Eu me inclino para a abertura do tanque. Um silêncio atrás de mim, na mesa. O silêncio expectante de Seth é como um rugido. Eu coloco a rede nas Profundezas. Espero que elas nadem para dentro como magia. Mas as minhas Rosas, as minhas gelatinas, não nadam para dentro. Elas ficam exatamente onde estão, mordiscando as pétalas. Uma tossida atrás de mim. Uma batida de unhas enluvadas na mesa massacrada de pétalas e sangue. Chego a rede mais perto das minhas gelatinas. Quando faço isso, elas se afastam para o

lado oposto do tanque. A filha está muito perto da mãe agora. As Estátuas pigarreiam. Ouço uma delas suspirar. É uma impaciência distintamente humana. Nem um pouco celestial.

"Venham logo, parem de besteira", digo. Aproximo a rede de novo. Desta vez, uma coisa acontece. A gelatina pequena chega mais perto da grande, como se procurando proteção. E a gelatina grande abraça a pequena com os tentáculos, parece segurá-la mais perto. Em um movimento, toma-a para si. Absorve-a, e a pequena não existe mais, a filha não existe mais. Só a mãe agora.

Um ruído de surpresa atrás de mim, na mesa. O silêncio de Seth é um trovão. E uma voz rosna:

"Pega. A. Outra. Agora."

"Pegue sua Rosa, Filha", cantarola uma Estátua ao meu lado. "E se torne seu Eu Mais Magnífico."

"Cumpra seu Destino", cantarola a outra.

A gelatina mãe me olha com os estranhos olhos de peixe. Ela está tentando dizer alguma coisa. *O quê?*

"Pegue sua gelatina, Filha", cantarolam as Estátuas ao mesmo tempo. Sinto um puxão no meu pulso onde a pulseira formiga e o olho observa, como quem diz "Cuidado, cuidado. Estou aqui. Estou aqui com você".

O toque da Estátua não parece mais o toque perfeito. Está terrivelmente frio. Ouço uma faca em cada voz musical, apontada para a minha garganta. Olho para a mãe gelatina pulsando na piscina azul-esverdeada, olhando para mim; a filha dentro do corpo de gelatina. Lembro-me de Lago gritando. De tentáculos vermelhos pendendo de bocas à mesa. De mãos de seda preta arrancando a carne ainda se contorcendo.

"Não", digo antes que consiga pensar.

"*O quê?*"

"Me ajudem", sussurro para os enluarados ao longo da parede, todos ainda olhando para as bandejas prateadas que parecem espelhos. Só uma olha. Velha, olhos pálidos. Uma pele escura linda que parece Vigorosa demais, Luminosa demais. Ela me olha com a rede na mão. Balança a cabeça.

"Selecionada", sussurra ela. Sendo que não sou digna, diz o rosto dela. *Ela* deveria ter sido Selecionada. Quanto a me ajudar, bem, eu não deveria

precisar de ajuda agora.

Os velados assistem, impacientes. A Rainha da Neve sorri com nervosismo.

"Teatro", diz ela para eles. "Só um pouco de teatro para vocês se divertirem entre os pratos." Ela me olha. "O que está acontecendo, Filha? Você foi Selecionada. Não quer chegar à sua Apoteose? Dar o último passo crucial na sua Jornada de Beleza? Para se tornar seu Eu Mais Magnífico?" Ainda há pontinhos de sangue no rosto muito branco dela da gelatina de Lago. Eu penso em Lago. Gritando com a seda branca e vermelha. O estômago cortado. *Usada*.

"Não", digo.

E os enluarados erguem o rosto das bandejas espelhos. Todos os velados na mesa fazem ruídos de surpresa.

"O que ela disse?"

Olho para os velados, me olhando muito silenciosamente.

"Não, *merci*. Eu prefiro… não."

O sorriso da Rainha da Neve fica frio.

"Você prefere… *não*?" Ela dá um passo na minha direção e eu sinto que dou um passo para trás. Meus sapatos vermelhos parecem muito despertos agora nos meus pés.

"Entendo", diz ela. Ela dá outro passo na minha direção. Novamente, meus sapatos me levam um passo para trás. "Eu vou com vocês", digo para eles em pensamento.

"Sim", digo para a Rainha da Neve, recuando. "Desculpa. Chateada. *Désolée*, quer dizer."

"Bem. Nós também estamos *désolée*. *Très désolée* de saber que você está insatisfeita com sua Jornada de Beleza. Particularmente tão perto do Fim."

Eu faço que sim, como se fosse mesmo uma cena. *Pena*.

"Se você puder me dar minha bolsa, vou pagar pelos sumiços maravilhosos até agora. E, depois, vou embora."

Os velados riem agora, incomodados. Rá. Teatro, é? Tudo bem, então. Nós não estávamos esperando entretenimento além de alimentação. Que *charmant*. Se bem que o entretenimento está meio… voluntarioso? Obstinado demais para o nosso gosto. *Pas à notre goût*. Falando em gosto, podemos… *comer*?

Os enluarados não estão mais olhando para as bandejas espelhos. Todos os olhos brilhantes estão em mim. Eles não acreditam que eu não vou dar esse último passo crucial na minha Jornada de Beleza. Sendo que fui Selecionada. Sendo que estou à Beira. Eles balançam a cabeça. Sussurram uns com os outros.

"Ela foi Selecionada, mas não quer dar o último passo, por quê? Ela é uma tola. Ela é burra. Nós nunca seríamos burros assim."

A Rainha da Neve me olha e agora seu sorriso é de gelo.

"Você foi *Selecionada*." Outro passo à frente.

"Eu não quero ser Selecionada." Outro passo para trás. Eu e meus sapatos vermelhos o damos juntos. "Eu não pedi pra ser Selecionada."

"Você está à *Beira*." Outro passo para a frente.

"Eu não quero estar."

Outro passo para trás e encostei no tanque agora. Sinto a parede de vidro atrás de mim, o corrimão apertando minha lombar. Atrás de mim, sinto minha gelatina vermelha flutuar. A Rosa mãe que absorveu a Rosa filha no corpo em um abraço de tentáculos. Ela não voltou para as Profundezas. Ela está ficando aqui comigo, apesar de eu ter tentado pegá-la. Apesar de eu ter tentado matá-la, dá-la viva para os velados comerem. Ela não está me abandonando. Ela ainda está aqui. Tentando dizer alguma coisa. O que ela está dizendo? "Venha comigo."

"Isso está perfeitamente bem", diz a Rainha da Neve.

"Está?"

"*Bien sûr*. Você é livre, afinal. E o cliente tem sempre razão, *n'est-ce pas*?"

Agora os velados riem de verdade.

E a Rainha da Neve assente para as Estátuas de Frio. Elas se aproximam de mim pelos dois lados. Como pude achar que eram bonitas? Como pude pensar que eram anjos? Elas estão sorrindo como se fossem me matar.

A boca preta da porta está atrás delas. A boca preta para a qual arrastaram Lago, que já foi bonita, que agora não existe mais. Junto à parede, os enluarados me olham sombriamente. Não parecem mais tão enluarados agora. Eles estão segurando as bandejas espelhos como escudos. À mesa, Seth está me olhando. Sem expressão. Os olhos são buracos negros.

"Venha comigo", ouço atrás de mim, na piscina.

Tento dar mais um passo para trás, para longe da Rainha da Neve, para longe da mesa dos velados. E não há passo para dar, no fim das contas. Só há queda. Queda para trás.

E estou no tanque.

Estou afundada na água azul-esverdeada.

Água fria, muito fria.

Não consigo respirar. Afundando.

Pela água e pelo vidro, vejo os velados gritando silenciosamente.

Vejo os enluarados largarem os escudos e retorcerem as mãos.

Vejo a Rainha da Neve arrancar o cabelo ruivo.

Eu grito e a água enche minha boca.

E a mãe está em mim, a cabeça-coração batendo pressionada no meu peito, os tentáculos envolvendo meu pescoço como se estivesse me abraçando com força. E estamos afundando por um grande túnel de água. Afundando ou nadando? Não sei, mas descemos. E estou morrendo, sinto que estou morrendo, meu coração e meus pulmões congelados em meio a um espasmo. E, enquanto afundamos pela água, mais e mais gelatinas vermelhas envolvem meu corpo, pernas, braços, peito, eu toda coberta de gelatinas vermelhas, tudo exceto meus olhos enrolado em corpos de gelatina enquanto afundo ou nado para baixo. De repente, meus pulmões se abrem, debaixo da água eles se abrem, e estou respirando debaixo da água, coberta de águas-vivas; elas são águas-vivas. As águas-vivas estão respirando por mim, ou eu estou respirando através de águas-vivas? E não estamos afundando, estamos nadando, elas estão me nadando pelo túnel infinito de água, pelos muitos andares daquela casa. Consigo respirar e abrir os olhos e nos ver nadando para baixo. Pela água e pelo vidro curvo, vejo o salão onde dancei e bebi as estrelas vermelhas, onde ainda tem gente dançando. Horrorizadas, as pessoas nos veem virar e nadar para baixo. Elas batem com os pulsos no vidro. Sinto coisas sendo jogadas em nós. Taças de champanhe. O som de cristal quebrado como chuva nas paredes do tanque. Nós nadamos mais rápido até o fundo do tanque. Elas sabem aonde estão indo, essas águas-vivas. Ouço o que acho que são vozes ao meu redor. Dizendo "Rápido". Dizendo "Por aqui". Nós chegamos ao

fundo das Profundezas, que é um chão de vidro. Pelo chão, vejo uma sala escura com uma mesa branca de massagem. A Sala de Tratamento. Onde me deitei com Seth, lembro agora. Onde criei minha pequena água-viva a partir de um fiapo branco fantasmagórico, até virar uma criatura vermelha como as que estão enroladas em mim. A água lá embaixo é bem mais fria, por quê? De onde está vindo o frio?

As águas-vivas nadam meu corpo na direção de uma grade escura no tanque de vidro. O frio vem da grade como uma brisa fria por uma janela aberta. Só que, em vez de brisa, é água. Mais escura e mais fria, como a água da noite. Sinto as águas-vivas suspirando.

"Mar", todas as vozes dizem como uma voz.

Elas me nadam até a grade. A água fria é um vento no meu rosto. No rosto de todas nós. Elas suspiram ao meu redor. "Sim. Aqui." Gentilmente, elas guiam minhas mãos, cobertas de cabeças pulsantes e tentáculos, até a fechadura. Deslizam para cima dos meus braços, deixando minhas mãos vazias de repente, livres de gelatina. Meus dedos podem abrir o trinco. Vão abrir o trinco para elas, *por favor*. Elas não têm mãos e dedos. Só podem me nadar até ali. Lá em cima, ouço vidro quebrando, *ah, deus.* Quebraram o tanque e a água está se derramando nos andares acima. Vejo Seth lá no alto. Parado na abertura do tanque bem acima de nós, o corpo cintilando sombriamente. Vendo a água derramar, o vidro quebrar, sinto os olhos dele em mim como abismos. Vejo a Rainha da Neve correndo escada abaixo com suas Estátuas de Frio.

"Atrás delas. Atrás delas."

"Anda, anda. Destrava, destrava", dizem as criaturas.

Mas meus dedos escorregam no trinco. Estão dormentes de frio no trinco de metal gélido, "ah, deus, ah, deus".

"Por favor, vai rápido, Belle."

A água se esvazia acima de nós. O vidro está descendo. O trinco se move nos meus dedos. Abre.

E juntas nós nadamos para uma noite escura de água.

Eu sei nadar, no fim das contas.

31

Quanto tempo levamos para chegar à superfície da noite de água? Foi um longo caminho para baixo. Foi um longo caminho para cima.

No mar, vejo rostos nas criaturas vermelhas que me cercam. Rostos humanos. A maioria, rostos de crianças.

"Era uma vez uma garotinha."

"Era uma vez um garotinho."

Ouço o sussurro de "obrigada, obrigado" nos meus ouvidos. "Você nos salvou."

Elas nadam para o escuro uma a uma. Soltam-se dos meus braços e mãos e pernas. Até que só resta uma criatura comigo. A que está enrolada no meu peito. A que está com a cabeça em forma de sino encostada no meu pescoço, batendo como um coração junto ao meu coração. A mãe. Ainda estou respirando enquanto ela me nada. Ela não me solta. Está sozinha me ajudando a respirar naquela noite escura de água. Talvez ela tenha feito isso sozinha sempre.

Uma luz acima de nós agora, criando uma piscina azul mais brilhante. E eu sei que é a noite acabando. Sei que é para o amanhecer colorido que estamos nadando, ela e eu. "Você está me nadando ou eu estou nadando você, mãe?" Importa? Tem sol acima de nós. O sol do qual ela sempre tinha medo e, então, eu sempre tive medo. Mas não mais. Eles nos disseram que era nosso inimigo, dá para acreditar?

Ela nos nada na direção da luz.

***

Estou deitada na praia. Tem areia nas minhas costas. Ondas brancas quebram sobre mim. Ela ainda não me deixou. Também está deitada ali, bem ao meu lado, mas vai ter que ir em breve. Eu não preciso mais que ela respire por nós. E ela não consegue respirar ali fora. Ela precisa voltar para

a água. Mas eu não quero que ela vá. Ficamos deitadas lado a lado na luz que ela odiava. A vida toda.

"Mas eu te amava, Raio de Sol."

"Eu te amo", digo para ela. Batendo como um coração junto ao meu coração.

Os tentáculos no meu pescoço viram braços brancos. A cabeça vermelha vira um rosto que conheço tão bem. Que sorri para mim agora.

"Desculpa, mãe", digo para o rosto. Lágrimas de sal saem dos meus olhos.

Saem dos olhos dela também. "Desculpa", dizem, apesar de ela não falar, de não poder falar. Ouço as palavras no meu coração. Ouço-as através de mim como ondas.

Ela beija a minha testa.

E uma luz toma conta de mim. Um calor. Uma lembrança que se ramifica.

De você e de mim, mãe.

"De você e de mim, Raio de Sol. De nós. Em um pomar. Um mar de árvores e a luz de setembro. Você está me dando uma maçã que colheu. Pra você, mãe, você diz. Você diz que combina com meu batom Chanel, meu melhor vermelho. E seu rosto está tão ensolarado. Não tem sombras ainda. Você estende a mão para entregá-la para mim. E tenho medo de como você é bonita. Do quanto eu te amo. De não conseguir te proteger daquele lugar. De mim. Dos meus lugares, para onde eu vou. Um está trancado no armário. Rachado e virado para a parede, mas um dia você vai encontrar. Você vai parar na frente da superfície brilhosa sem saber por que eu o virei. Que eu só estou te protegendo de você mesma. Das coisas que não posso mudar. Das coisas que queria poder. Vou tentar impedir dos meus jeitos destrambelhados que vêm do amor, que não vão funcionar. Mas meus lugares logo serão seus lugares. E tudo vai se estilhaçar como vidro. Terrivelmente. Ambos quebrados por anos. Estou numa escuridão que não tem fim mesmo em meio às palmeiras e à luz que me derrete como uma bruxa. Meu sorriso é um fantasma. Meu coração é um quarto de hóspedes bege do outro lado do continente, numa ilha junto a um rio sujo, coberta de ataduras. Anos depois, estou girando em círculos no desembarque do aeroporto de San Diego. O sol de setembro entra pelas janelas. O painel diz que seu voo já pousou e eu não tenho ideia. Eu não

tenho ideia de como vou fazer isso. Nem se deveria. Eu deveria salvar você de mim? Deixar você a quilômetros de distância, no apartamento mofado daquela mulher horrível? Mas odeio pensar em você naquela prisão bege. Não sei o que é melhor no final: eu ou a prisão bege. E, também, estou com saudades. Agora, vejo você no alto da escada rolante, descendo lentamente. Tem um predador falando com você — eles vão fazer isso pelo resto da sua jovem vida. Você está me olhando. Quando vejo seu rosto, fico muito feliz e sinto uma dor enorme. Pelo quanto você cresceu. Por quantos anos. Estou de novo no pomar, com medo de novo. De como você está linda. Do quanto eu te amo. De não poder te proteger dos meus lugares terríveis aonde eu ainda vou, não consigo não ir porque ninguém me protegeu, ninguém me salvou, ninguém estendeu a mão e me levou para longe. Mas estou tentando te salvar, Raio de Sol. Estou tentando do meu jeito torto. Estou estendendo os braços. Estou pegando a maçã que você me dá. Estou olhando nos seus olhos e dizendo que é a coisa mais perfeita. Apesar de você não estar me ouvindo. Você já está se afastando. Mesmo assim, eu chamo. Eu te amo."

Um calor da luz ao nosso redor. Eu sinto, assim como sinto a voz da minha mãe ao meu redor. Contando a última história. A história dela e a minha e a de um pedaço de vidro. O espelho se foi, finalmente. Estilhaçado e devolvido à areia. Eu fecho os olhos no calor. E minha garganta se abre como uma rosa.

"Eu também te amo."

E o beijo acaba. Ela foi embora de mim. Não tem nada além de ar na minha pele. Quando abro os olhos, ela é água. Ondas com espuma branca batendo na areia, no meu corpo que respira. O sol no meu rosto. E meu coração batendo sozinho.

32

Tem alguma coisa lambendo meu rosto. Uma língua grande e ofegante. Sinto um nariz muito frio me farejando com carinho. "Mãe?" Eu abro os olhos. Um cachorro. Olhando para mim com olhos grandes e líquidos, um azul, um castanho. Quando vê que estou acordada, ele late como louco de alegria. E sai correndo.

Estou deitada na areia molhada. Tremendo, apesar de o céu acima estar azul. O sol da manhã no meu rosto. Minha mãe não está mais comigo. Estou sozinha, exceto pelo cachorro. Onde estou? No começo, um vazio. Lentamente, palavras me ocorrem. Litoral da Califórnia. A enseada perto de casa. A praia de crianças que as focas ocuparam muito tempo antes. Olha, tem focas ali, numa pedra, num amontoado fedorento, inclinando os corpos para trás com tanta graciosidade. Expondo pescoços e barrigas ao sol. Minha mãe me levava lá, lembra? "Olha, que fofo", ela dizia, apontando para elas, deitadas lá. "Olha a pequena saltitando até a margem." Minha casa não é tão longe daqui. Uma caminhada, se eu pudesse andar. Mas parece que não consigo me mover agora. Não consigo nem cobrir os ouvidos para me proteger do som do cachorro ainda latindo, ficando mais alto de novo. "Minha mãe foi embora" é um fato que me atravessa. Virou espuma. De alguma forma, eu ainda estou viva. Embora minha respiração esteja rápida, meu coração bate devagar. Minha pele está fria, ficando mais fria. Tremendo no sol. Ouço um nome sendo chamado.

"Belle! Belle!" Meu nome, eu sei.

Com toda minha força, olho na direção do som. Uma mulherzinha loura de roupa de academia, correndo na minha direção com o cachorro de pelo dourado que lambeu meu rosto com alegria ao lado. O cachorro a trouxe até mim. "Eu a encontrei, eu a encontrei", diz o rosto dele. "Olha!" E a mulher está olhando. Com muita preocupação. O rosto está enrugado de preocupação. O nome dela é Sylvia. Porque ela me conhece e conhece minha mãe muito bem, eu lembro. Porque ela é amiga.

“Onde você estava?”, pergunta ela. “Eu te procurei em toda parte, em toda parte. Graças a deus. Graças a deus te encontramos.”

“Minha mãe se foi”, digo a ela. Minha voz é uma casca vazia. Meus dentes batem em meio às palavras. “Ela estava aqui um minuto atrás e agora se foi.”

Sylvia me olha deitada na areia. Minhas pernas expostas na água fria, indo e vindo. Meu corpo molhado e trêmulo vestido com seda rasgada. Como eu seguro a praia com as mãos. Meus punhos agarrando cristais de areia.

Ela assente.

“Eu sei”, diz ela com voz mais baixa. “Sinto muito.”

“Sinto muito”, digo. São as únicas palavras que tenho fôlego para falar.

“Vamos para casa”, diz ela. Ela pega o telefone. “Emergência? Oi, sim, eu preciso de ajuda em…”

“Ajuda”, penso. E estou assentindo, minha bochecha nos cristais reluzentes de areia.

33

Depois que me tiram da praia, durmo por uma semana na casa da Sylvia, em frente à da minha mãe. O quarto de hóspedes dela é totalmente azul. Paredes azuis, travesseiros azuis, cama azul. Tem conchas e estrelas-do-mar para onde você olhar. "Tranquilo", disse Sylvia. "Espero que você fique à vontade aqui." Tem uma plaquinha na mesa de cabeceira que diz beijos de sereia, desejos de estrela-do-mar. Olho para isso sempre que abro os olhos. O beijo de sereia e o desejo de estrela-do-mar. Mas, em geral, fico de olhos fechados. Às vezes, sonho com véus pretos e águas-vivas vermelhas. Eu acordo gritando. Sylvia aparece num instante. "*Shhh*", ela diz, como se eu fosse uma criança. "Está tudo bem. Você está segura. Foi só um sonho." Ela não diz "Me conta seus sonhos". Ela não diz "O que é isso sobre véus pretos e seres marinhos vermelhos?" Ela não pergunta "Que diabos você está fazendo de vestido rasgado, sendo levada pelas ondas?"

Um médico aparece e afere a minha pulsação e aponta uma lanterna para os meus olhos. Escuta meu coração e meus pulmões e diz "Sim. Tudo bem. Inacreditavelmente".

"Não tem hipotermia. Não tem concussão. Não tem psicose", sussurra ele para Sylvia, que fica vermelha. "De corpo e mente sãos", declara ele, como se pudesse declarar uma coisa dessas em cinco minutos. Sou uma moça de muita sorte. Principalmente considerando o tempo que pareço ter ficado caída lá, seminua, meio mergulhada na água do mar. Quem sabe? Talvez eu seja em parte peixe. Uma sereia. É esse meu segredo? E ele pisca para nós.

Nós o encaramos.

"Nada de nadar à noite mais, está bem?", diz ele, sem sorrir agora.

E Sylvia diz:

"Obrigada, doutor." A voz dela é uma porta batendo na cara dele.

Mais do que com os véus pretos e as águas-vivas, eu sonho com outras coisas. Lago se olhando na bandeja espelho e sussurrando "Linda". A casa

dela numa colina com treze janelas, que eu tinha que ajudá-la a encontrar. Eu dançando com Hud Hudson, o belo detetive. Olhos cinzentos cheios de carinho, cheios de vontade de me salvar. Que precisou ser salvo no final. Só posso rezar para que tenha sido. Às vezes, sonho com Tom. *Seth*. Com a brisa do beijo soprado dele na minha testa. Com os buracos negros gêmeos dos olhos verdadeiros dele. Na maior parte das vezes, eu sonho com ela. Nadando para me levar pela noite escura de água. Deitada ao meu lado na areia branca. Eu vendo os tentáculos vermelhos virarem braços brancos. Eu vendo os braços brancos virarem espuma nas ondas.

"Houve um acidente terrível na casa do penhasco", diz Sylvia para mim uma manhã quando leva café para mim. "Uma inundação, dá para acreditar?"

"Inundação?" Imagino os velados se debatendo na água escura. A mesa comprida de pétalas de rosas e velas pretas flutuando.

"Horrível", diz ela.

O golden retriever entra atrás dela. O que me encontrou na praia. Ele pula na cama ao lado da gata da minha mãe e eles ficam deitados juntos. Eles se dão bem, disse Sylvia. Já conviveram o bastante na vida para ficarem bem. Mas, enfim, foi uma história e tanto essa da casa no penhasco. Havia uma espécie de tanque gigante no meio da casa, tipo um aquário, sabe? Ele se quebrou e a casa toda foi inundada. De cima a baixo.

"De cima a baixo?"

"É. As pessoas se afogaram. Em uma casa!"

E, agora, vejo todo mundo flutuando. A Rainha da Neve com a faca. As Estátuas de Frio com as redes, os enluarados com as bandejas espelhos. Todos vagando sem vida na água preta. As roupas de seda se espalhando ao redor, fazendo com que pareçam fantasmas. O lustre vermelho de fogo finalmente apagado. Penso em Hud Hudson de novo e meu peito se aperta. Na última vez em que o vi, estávamos andando embaixo do lustre. "Dança comigo, vem comigo", os olhos dele nos meus olhos, e algo nele se partindo quando eu não quis seguir. Meu coração se aperta.

"Encontraram alguém?"

Sylvia me olha, curiosa de repente.

"Todo mundo deve ter fugido, ao que parece. Ninguém foi encontrado. Ninguém assume a responsabilidade, dá para acreditar? Típico." Ela balança a cabeça de cabelo espetado. O mundo é assim. Bem assim.

Ela anda pelo quarto azul, puxando as cortinas claras, abrindo as janelas.

"Você precisa de ar", diz ela. Todas as manhãs, quando ela puxa as cortinas, penso que vão revelar um tanque de água azul-esverdeada, um enxame de tentáculos vermelhos, e me preparo. Mas só tem céu azul. Um sol pálido alto. Palmeiras, os dedos frondosos oscilando na brisa. Sylvia sorrindo. *Pronto*. Ela acha que eu preciso de mais luz agora também.

"Aquela casa vai ser condenada agora, claro", diz ela. "Houve danos demais à base. Talvez até caia no mar, quem sabe. Já vai tarde, eu diria." Ela vai até a cama e faz carinho na cabeça do cachorro. A gata da minha mãe, Anjelica (minha gata agora, acho), só me olha. "Eu nunca gostei daquele lugar. Sinistro, você sabe qual. Você deve ter visto se passeou no caminho dos penhascos."

"Eu nunca passeei pelo penhasco", minto, olhando para Anjelica.

Ela não diz "Eu poderia ter jurado que te vi". Só continua fazendo carinho no cachorro, que fecha e abre os olhos.

"Bem, é um passeio bonito. Um passeio bonito, uma casa estranha. Uma mansão, na verdade. Bem na beira do penhasco. Eu sempre me perguntei quem morava lá. Acho que agora nunca vamos saber, né?"

Ela está me perguntando. Sinto que ela está me perguntando.

"Acho que não."

"Eu sempre me perguntei se cairia na água. Iria até avisar sobre isso. Caso não tivessem percebido. Às vezes só um olhar de fora vê as coisas."

"É."

"Mas as pessoas não pareceram acessíveis. Morando por trás daquele portão preto alto."

"Certo." Imagino Sylvia batendo com afetação na porta para dizer isso a eles, para fazer o dever de vizinha. A expressão nos rostos pálidos quando ela se explicasse.

"Por um tempo, achei que estivesse abandonada", diz ela. "Mas tinha rosas lindas no jardim. Elas precisam de cuidados, sabe. Atenção. Rosas assim."

"Sim."

"E acho que tinha um SPA lá, sabe?" diz Sylvia. "Alguma coisa assim, pelo menos. Francesa. Muito exclusiva. Que tinha a ver com beleza", insiste ela.

“Com beleza”, repito.

“Cuidados com a pele”, diz Sylvia, franzindo um pouco a testa. O conceito é suspeito demais e misterioso demais para ela. “Acho que sua mãe ia lá.”

“Ia?”

“Você conhece a sua mãe. Sempre atrás de tratamentos, essas coisas. Quanto mais estranho, melhor pra ela.” E ela ri. Mas conheço a risada da Sylvia agora. Não é cruel. É mais constrangida pela insuficiência que ela observa no mundo. Até a dela. “Você também gosta dessas coisas, né?”

“Gostava.”

“Sabia que a inundação aconteceu na mesma manhã em que encontramos você na praia? Não muito longe.”

“Nossa”, digo.

E isso é tudo que eu digo. Apesar de Sylvia ficar lá por muito tempo. Depois que ela finalmente me deixa, entro na internet e tento encontrar uma mulher chamada Lago. Quero fazer uma coisa por ela. Avisar a família. Encontrar a casa com treze janelas. Contar o que aconteceu para quem morar naquela casa. Não tem nenhuma mulher chamada Lago em La Jolla que se pareça com Lago. Mas lembro a mim mesma que Lago não parecia ela mesma. E provavelmente não se chamava Lago. Deveria ser como eu. Como o irmão de Hud. Com o próprio espelho escuro, com uma história de inveja e anseio que a tornou a Candidata Perfeita e depois o alimento perfeito. Como era seu espelho, Lago? O que você via quando olhava na superfície reluzente? Você via como era bonita? Via seu rosto como era de verdade? Ou era outro rosto que você via lá? O nome e a forma de algum sonho infantil. Ele dançou com você na escuridão do quarto? Sussurrou veneno no seu ouvido jovem, com o hálito no seu pescoço parecendo uma brisa fria? O seu se parecia com um astro de cinema famoso? Alguém que quando criança você talvez tenha reconhecido, talvez já tivesse aprendido a amar, a confiar, a achar bonito. Um rosto como o sol, os olhos como o mar. E algo no frio que emanava do toque dele, nas profundezas infinitas dos olhos, nas palavras venenosas nos lábios vermelhos lhe disseram que ele também era outra coisa. Uma coisa horrível que você não conseguiu nomear. De onde veio? Da sua alma ou do espelho ou de outra coisa entre os dois? O que fez você destruir? “Eu só

era um espelho das suas trevas, sementinha", disse Seth, os olhos indo de azul-esverdeados para vermelho para azul-esverdeados.

Eu queria poder perguntar a ela.

Encontro um número de telefone de Hud Hudson e tento ligar. Não está disponível. Ligo para o hotel rosa. Ele ainda está na lista de hóspedes, mas não foi visto, dizem. Passam a ligação para o quarto dele e o telefone toca sem parar, e volto a falar com a recepção.

"Quer deixar recado?"

"Nenhum recado. Tento de novo mais tarde."

Sylvia nunca mais me pergunta diretamente sobre a casa. Nunca pergunta por que eu fui parar na praia com um vestido de seda branca e vermelha rasgado. Nunca pergunta por que eu fiquei louca na loja de roupas dela. Nunca pergunta e eu nunca conto que de fato andei pelo caminho do penhasco. Usando um par de sapatos vermelhos da minha mãe, sapatos que eu pareço ter perdido na noite de água. Sapatos que me levaram pelo mesmo caminho que ela deve ter percorrido, que me levaram até ela no final. Talvez ela esteja aonde eles estavam sempre me levando no final. Não conto a Sylvia sobre seguir o Caminho das Rosas, onde quase me tornei meu Eu Mais Magnífico. Não conto sobre a Sala de Tratamento, onde a caixa-preta da minha mente foi aberta e eu fiquei cara a cara com meu segredo mais profundo, quase perdi minha alma na forma de uma água-viva vermelha. Ela não pergunta, mas sei que desconfia, e não conto, apesar de não parecer mais segredo. Não como Seth era. Seth na caixa-preta que a Rouge abriu. De certa forma, parece que Sylvia sabe mesmo assim.

Se ela perguntasse, eu diria que era dor. A dor mais profunda. Sei que ela aceitaria isso como resposta. Ninguém sabe o que existe dentro da dor.

Pode haver qualquer coisa lá.

Ligo para o diretor da funerária e combino de ir buscar as cinzas. Ligo para Persephone e aviso que não voltarei para Montreal tão cedo. Ligo para Monsieur Lam e ele diz que Lúcifer está ótimo, que eu não preciso me preocupar. "Faça o que tiver que fazer." Fico deitada no quarto de hóspedes azul da Sylvia e, pela parede, ouço-a sentada na sala bege sozinha vendo

Roda da Fortuna e *Jeopardy!* à noite. Lembro-me de Grand-Maman se balançando sozinha no escuro. Do som da cadeira de balanço e do som da televisão e do som do silêncio dela. Do punho cheio de ouro e pedras. De como ela o apertava sobre o coração quando me ensinava sobre esquecer, embora ela mesma nunca tenha esquecido. "Agora é hora de enterrar." A pulseira de ouro pisca no meu pulso, fina como um fio. Olho para o olho que me manteve alerta naquela noite final terrível. "O olho do seu pai", dizia minha mãe. "Sempre aberto." Há algumas pedras que fecham e algumas pedras que abrem.

Uma noite, eu me junto a Sylvia na sala de estar.

Ela me olha parada na porta e sorri. A xícara de chá dela está na mesa de centro.

"Não vai ver seus vídeos de beleza hoje?", pergunta ela quando me sento ao lado dela no sofá barulhento.

"Hoje não", digo.

Quando peguei meu laptop de volta, eu logo abri o YouTube e tentei. Mas bastou um olhar para a cara pálida e sem expressão de Marva para eu ver a Rainha da Neve coberta pelos borrifos de sangue de Lago. Eu só ouvi a voz maternal falsa dela. Só vi no frasco de sérum que Marva segurava uma criatura marinha branca pulsando. Eu fechei o laptop.

"Sabe, estou precisando de alguém na nossa lojinha", diz ela.

"É mesmo?"

Ela assente e muda de canal.

"Alguém que compre e gerencie o estoque. Faça as vitrines. Isso nunca foi meu forte, como sei que você sabe. Eu sou mais uma pessoa de números. Esther é um amor, mas ela não tem jeito. Sua mãe que tinha olho bom, que tinha estilo. Sempre tão alerta. Nós sentimos muita falta dela." Ela olha para a tela da televisão. "Você conhece alguém que poderia estar…?"

"Conheço", digo, antes mesmo de poder pensar.

Sylvia sorri para a televisão.

"Maravilha."

Nós vemos *Jeopardy!*, como eu via com Grand-Maman. Só que não me deito de cabeça para baixo, e, diferentemente da Grand-Maman, Sylvia não fica calada. Ela fala os palpites dela. Fala mesmo se estiver errada. Ela não liga.

"Eu sempre vou falar as respostas", diz ela. "Não as respostas, querida. As perguntas", minha mãe diria se estivesse lá. "Eu não consigo me segurar", diz Sylvia. "Desculpa."

"Eu gosto", digo.

Sinto-a olhando para mim em vez de para a tela, sorrindo.

"O quê?"

"É só que você está com uma aparência melhor ultimamente."

"Estou?"

Eu não me olho no espelho desde que cheguei. Não consigo me fazer encarar um espelho. Ainda não. Não sei que rosto vou ver lá. O da minha mãe. O de Seth. Algum monstro enluarado.

"Como?", pergunto a Sylvia, e me lembro de mim e Lago no Lugar Depois, a sala dos rostos brancos. Lago me perguntando como estava, "Se está bonita". Eu dizendo para ela que estava, apesar de estar com medo por ela, apesar de a palavra *morta* estar nadando dentro de mim como um peixinho cinzento. Eu falei "Linda". Ela me devolveu a palavra.

Sylvia não me olha como se estivesse com medo de mim. Ela está sorrindo. Como se houvesse alguém que ela reconhecesse nos meus olhos. Uma amiga.

"Como você", diz ela.

34

Quando volto para o apartamento da minha mãe — meu apartamento agora, diz Chaz —, as rosas ainda estão abertas e vermelhas debaixo das janelas. A porta ainda está ladeada de plantas bonitas com espinhos. "Limpe suas patas", diz o capacho, as letras desbotadas. Anjelica está se contorcendo nos meus braços quando nos aproximamos. "Casa", sinto-a pensando.

Admito que estou com medo de entrar. O que vou encontrar? Provas da minha insanidade? Provas da dela? Provas de todos os espinhos entre nós?

Quando abro a porta, está igual e diferente ao mesmo tempo. Mais limpo e mais luminoso, mais aberto de alguma forma. Cheio de ar e luz. Tem dois manequins sentados à mesa de jantar perto da janela, como se estivessem tomando chá perto do mar. Lembro-me do momento em que os levei da loja para lá, acreditando que eram minhas irmãs. Eu não tinha três?

Ouço uma voz vinda da cozinha.

"Oi."

Ele está parado perto da mesa. Usando uma camisa. O cabelo preso atrás das orelhas. Não tem nenhum rodo por perto.

"Tad." Não acredito no quanto fico feliz de vê-lo. "Você ainda está aqui."

Ele sorri um pouco.

"Só fiquei pra poder me despedir", diz ele.

"Você vai embora?"

"Eu tenho que deixar você em paz. Deixar que se ajeite. De qualquer modo, está tudo pronto."

"Pronto?"

"Tudo está consertado. Resolvi tudo. Canos, paredes. Até limpei as janelas de novo."

Olho em volta. Agora a diferença, a abertura, essa nova qualidade de luz e ar fazem sentido.

"Não sei o que dizer. Obrigada."

Ele dá de ombros, como se não fosse nada.

"Está da melhor forma que pode ficar agora. Para o que você decidir fazer com ele." Ele não pergunta o que vou decidir fazer com ele.

"Quanto eu te devo?"

"Só se cuida, tá?"

"Eu tenho que te pagar…"

Ele faz que não.

"Eu fiz pela sua mãe. Ela foi boa pra mim. Provavelmente boa demais. Era o mínimo que eu podia fazer." Ele se vira de costas para mim para olhar os armários da cozinha. Fica em silêncio por um tempo. "Fiz umas compras pra você também", diz indicando os armários. "Só pra você não precisar pensar nisso por um tempo."

Olho para as costas dele, pensando naquele momento horrível no quarto com ele. Quando o deixei branco de medo. E o beijei até ele me deixar, murmurando que tinha que comprar frutas.

"Você comprou as frutas."

Ele ainda está de costas para mim, olhando para os armários.

"É."

"Tad, me desculpa por eu me comportar daquele jeito tão estranho antes. Eu não estava sendo… eu mesma."

"Está tudo bem", murmura ele.

Mas sei que ele está com o rosto vermelho. Eu também estou. Olho para o chão da cozinha, que Tad varreu e limpou na minha ausência, assim como varreu e limpou todo o resto.

"Não está tudo bem. Me desculpa se eu fiz alguma coisa que te deixou…"

"Ei", diz Tad, se virando para me olhar, finalmente. Os olhos dele estão vermelhos, brilhando com lágrimas. Ele se aproxima e me abraça nessa hora. No calor dos braços dele, sinto o amor dele por ela. Sinto o cheiro dela na maresia e nos dias iluminados.

"O luto é uma jornada", diz ele. "E cada um tem seu caminho, sabe?"

"Ainda assim" balanço a cabeça. "Eu não pretendia que fosse desse jeito."

Ele se afasta um pouco e ficamos cara a cara. Ele tira meu cabelo dos olhos.

"Não existe só um jeito certo pra pegar uma onda, Belle."

"Obrigada por ser bom pra minha mãe. Obrigada por amá-la. Fico feliz de você ter sido parte da vida dela."

"Eu fico feliz de ela ter sido parte da minha. Só lamento por eu não estar lá na noite em que ela…"

Ele afasta o olhar.

"Eu também", digo, com lágrimas nos olhos agora.

"A verdade?", sussurra ele. "É que eu realmente não sabia o que estava acontecendo com ela. Ela não me via muito perto do final. Tinha se juntado a um… grupo. Uma gente rica esquisita pra cacete. Uma gente que amava cuidados com a pele, eu acho. "Ele dá uma risada sombria, mas os olhos parecem sofridos, impotentes. "Eu não sabia. Ela não me deixava participar. Sua mãe fazia muito segredo sobre aquelas coisas. Sobre muita coisa, na real."

Encaro os olhos gentis dele, onde uma vez pensei ter visto escuridão. O que eu vi lá de verdade? Tristeza. Perda. Negação. Uma tentativa ensolarada de jogar tudo para o alto.

Está na ponta da minha língua contar tudo para Tad. Sussurrar tudo no ouvido dele.

Mas o que digo é:

"Espero que você volte. Por causa das janelas."

Ele sorri.

"Claro. Volto a qualquer momento. Eu estarei por aí. Por causa das janelas ou não."

Ele se inclina para perto, e por um momento sinto uma pontada de pânico. Ele beija minha bochecha. Bagunça meu cabelo. Nada de frio. Não tem nem sinal de frio no toque dele. A sensação é de ser aquecida. E, aí, nos separamos.

"Ah, eu não sabia o que fazer com isso aí." Ele aponta para os dois manequins sentados à mesa. "São novos?"

Olho para os rostos brancos sorridentes. Lábios e cabelos vermelhos. Olhos dourados. Um com um vestido de meia-noite estrelada. Outro com um vestido de ouro.

"Ah, não. Não são novos. São velhas amigas. Irmãs, podemos dizer."

Tad me olha.

"Irmãs?"

"Você não viu uma terceira, por acaso?"

"Uma terceira? Não. Mas tinha uma janela quebrada. Acho que alguém pode ter tentado invadir a casa quando você estava fora. Eu a consertei pra você. Reforcei todas pra que você não tenha um problema assim de novo."

Ele sorri para mim. Isso me leva de volta à criança que já fui, parada no corredor da minha mãe. Eu o imagino acenando para mim no escuro. Ele certamente seria do tipo que acena.

"Obrigada."

Pela janela, vejo-o ir embora do apartamento. Subir na moto e seguir numa nuvem de fumaça e "só deus sabe".

É difícil não dizer para ele voltar. Mas só fico olhando pelo vidro enquanto ele desaparece no sol. Tão limpo, que nem daria para dizer que tem vidro ali. Tão limpo, que nem daria para acreditar que há algo entre você e o mar.

Nas janelas, fico olhando o mar quebrando por muito tempo. Não tenho mais medo de olhar para a água. Acima das ondas, o sol está se pondo. O pôr do sol é mesmo uma coisa única. "Um filme", minha mãe disse quando cheguei aqui. "O melhor já feito", ela completou, segurando a minha mão. "Não acaba, está vendo?" Tem muitas viradas de cor. Magia, na verdade. Como um conto de fadas. Começa com as nuvens ficando rosadas. Depois, mais vermelhas, de forma que parecem a barriga de um peixe grande. Depois, fica azulado, o que pode durar um tempo, cedendo espaço, por fim, para o preto estrelado. Aí, dá para ouvir a água, mas não dá para ver. Só dá para se ver no vidro quando se olha para fora.

Sirvo um pouco de *prosecco* numa das xícaras de *cappuccino* da minha mãe. Acendo um dos cigarros dela, o penúltimo. Vou guardar o último. Vejo o pôr do sol com minhas irmãs e Anjelica, o corpo branco peludo ao meu lado, os olhos pálidos se fechando.

Penso na minha mãe vendo o pôr do sol aqui. Sozinha, com um cigarro e uma bebida, desse mesmo jeito. Ela me ligava em algumas noites. Eu ouvia as ondas quebrando por trás da voz dela. Ouvia o vento e as gaivotas.

Pela voz, eu sabia que ela estava olhando para uma coisa que não era ela mesma. Ouvia todas as bordas afiadas disso suavizadas pelo que ela via acontecendo através do vidro, o que estou vendo agora. Vento movendo árvores quase pretas. Ondas brancas. Era nessa hora que ela me perguntava: "Você está feliz?" Era nessa hora que ela dizia: "Eu te amo mesmo". Era nessa hora que ela falava: "Você acha que vem me visitar em breve?"

"Estou. Eu também te amo. Em breve", eu respondia, sem nem saber se pretendia mesmo fazer isso. Mas minha mãe fingia que acreditava.

"Fico feliz."

A luz muda e a lua e o sol estão no céu juntos agora. Uma luz descendo, outra subindo. "Eles podem ficar juntos assim no céu?", perguntei uma vez para a minha mãe. "A lua e o sol? Claro", disse ela. "Claro que eles podem ficar juntos assim. Não acontece com frequência. Na maior parte das vezes, eles estão distantes. Às vezes, em pontas opostas da Terra. Mas, de vez em quando…"

"Como hoje?"

"Como hoje." E ela passou o braço pelos meus ombros. "Eles estão próximos."

De onde estou agora, na janela, vejo onde me deitei com ela na praia rochosa. Na manhã seguinte da nossa noite de água. Onde salvamos uma à outra do pesadelo dos nossos Eus Mais Magníficos. Onde eu a vi se transformar de um emaranhado de tentáculos vermelhos no rosto que conheci a vida toda e em espuma do mar. Só areia, água e pedras agora.

Na minha mente, respondo às perguntas dela de novo:

"Estou. Eu também te amo. Em breve."

Meu rosto começa a aparecer no vidro da janela. Sem Luminosidade. Sem Luar. Só meu eu de sempre. Minha pele familiar, com sombras, textura e idade. Só a cicatriz da minha testa parece ter sumido de vez. Não restou nem a sombra de uma sombra. Meus olhos parecem abertos de um jeito novo. Como um punho que, há muito fechado, finalmente se abre. Ou como uma flor que se abre para o sol. Eu sorrio para o que vejo.

E ali, depois do meu reflexo, tem, de repente, outra coisa.

Outra pessoa.

Um homem. Ali, na praia. De terno escuro e chapéu. Andando descalço perto da água, as pernas da calça enroladas. Eu me levanto da

cadeira e olho melhor. Ele parece estar arrastando alguma coisa. Uma espécie de figura feminina. Uma boneca, mas bem maior. Com aparência mais rígida.

Olho para as minhas irmãs, que olham para ele com interesse. "Quem é aquele?"

E, aí, saio correndo para a praia escura.

Quando chego à beira da água, ele está no mar até as canelas. Sem disfarce hoje. Está dançando com o terceiro manequim, minha irmã desaparecida. Girando-a como se eles estivessem valsando na água. O vestido prateado dela está encharcado. Assim como o terno escuro dele. Mas o homem não parece se importar. Nem notar. Está ocupado demais dançando, como ele e eu dançamos no grande salão. Como se as ondas fossem a música. Como se o sol poente e a lua nascente fossem um lustre de fogo acima da cabeça deles. Ele a está segurando como me segurou. Bem perto. Sussurrando com carinho no ouvido dela. Palavras que não consigo ouvir nas ondas. Ela só olha para o espaço com os olhos pintados.

"Oi", grito para ele acima das ondas.

Ele me olha. Ele me reconhece e não me reconhece, percebo pelos olhos dele. Procurando por algo nos meus. Tem uma Luminosidade na pele dele que reconheço. Um Brilho. Mas a cicatriz ainda está lá, como um corte sobre uma sobrancelha e descendo pela bochecha. O que quer que tenham tirado dele, não tiraram tudo.

"Posso interromper?", pergunto. "Você se importa?"

Ele olha de mim para o manequim. Está relutante, dá para perceber. Não quer soltá-la. Ele está segurando a mão dela com muita força. A mão está ensanguentada, eu vejo, com vários pequenos cortes, como se ele tivesse dado um soco em vidro. Foi ele que invadiu o apartamento da minha mãe. E a levou com ele. "Eu estou te salvando", ele deve ter dito para ela.

"Ela vai ficar bem", digo para ele. "Vamos colocá-la aqui, nessa cadeira", digo, apontando para uma pedra atrás de mim. Lembro dele tentando me acalmar assim não muito tempo antes. "Ela está dançando tem um tempo. Acho que vai gostar de descansar."

Eu a tiro dele e a coloco na pedra. Quando me viro para o homem, ele ainda está dançando com a forma dela, dançando com o ar. Ele foi para mais longe da margem, mais fundo na água.

Tiro os sapatos. Entro mais fundo nas ondas frias que arrancam meu fôlego. Vou até onde ele gira com o ar, perdido na música do mar. Com água até os quadris. Ele me olha e eu pego a mão dele. Entro no espaço vazio entre seus braços. Coloco a mão dele nas minhas costas, meu braço no ombro frio e molhado. Eu me torno a forma dela. O corpo dele relaxa visivelmente. Sinto-o relaxar no meu abraço. Ele sorri por um momento e fica sério de novo.

"Nós temos que tirar você daqui", sussurra ele.

Olho para o rosto enluarado dele. Brilhando, brilhando na luz do sol sangrento e da lua pálida e alta. As ondas estão suaves hoje, mas estão subindo.

"Temos?"

"Vai ser perigoso. Você vai ter que me cair. Me *seguir*. Como eu te caí… te segui. Não pretendia te querer… te perder lá daquele jeito."

Passo o dedo na curva da cicatriz, na bochecha dele.

"Nem eu."

"Continua dançando comigo. Não deixa mais ninguém interromper. Nunca, tá?"

"Não vou deixar", digo. "Prometo."

Ele suspira de alívio. Olha para mim, os olhos límpidos e profundos como o primeiro espelho. Lindamente partidos.

"Eu estou te salvando, sabe", diz ele enquanto giramos nas ondas.

"Eu sei."

Acima de nós, o céu começa a ficar preto. Apesar de o sol estar se apagando agora, ainda tem um pouco de luz nas ondas. Está quase no fim da história dele, do conto de fadas do sol poente. Hora da ascensão total da lua. Ainda estamos fundo na água escura e reluzente, mas estou nos conduzindo lentamente, com segurança, para a margem.

Agradecimentos

Aos meus pais, Nina Milosevic e James Awad, por tudo.

Ao meu tio Michael O'Brien-Milosevic, que faleceu recentemente, mas cuja influência em mim e no meu jeito de ver o mundo vive no meu coração e nestas páginas.

À minha avó, Ruth O'Brien, que é (e não é nem um pouco) a avó deste livro. Parte da alegria de escrever *Rouge* foi poder passar um tempo com você de novo neste outro mundo.

Aos queridos amigos e familiares que leram rascunhos e que me apoiaram (infinitamente) durante a escrita deste livro: Ken Calhoun, Jess Riley, Alexandra Dimou, Rex Baker, Laura Sims, Laura Zigman, Teresa Carmody, Emily Culliton, Lauren Acampora, McCormick Templeman e Lynn Crosbie.

A Ken Calhoun, que leu mais versões do que consigo contar, pelas conversas mágicas sobre o enredo e pela fé inabalável.

A Bill Clegg, por ser o melhor leitor e apoiador que eu poderia desejar. A Simon Toop e a todos da Clegg Agency (Nikolas Slackman, Marion Duvert e MC Connors), por tudo que vocês fazem e pelas leituras preliminares valiosas e pelo apoio. À Anna Webber, da United Agents.

Aos meus maravilhosos editores, Marysue Rucci, Nicole Winstanley e Chris White, e às equipes editoriais da Simon & Schuster, Penguin Canadá e Scribner no Reino Unido: Andy Tang, Katie Freeman, Clare Maurer, Jessica Preeg, Ingrid Carabulea, Zach Polendo, Laura Jarrett, Erica Stahler, Georgia Brainard, Wendy Sheanin, Elizabeth Breeden, Stephen Myers, Dan French, Beth Cockeram, Kate Sinclair e Meredith Pal. Às maravilhosas equipes de vendas e marketing, que levam os livros para as mãos dos leitores.

Aos brilhantes Oliver Munday e Patrick Sullivan, por seu trabalho incrível no design maravilhoso da capa. Se alguma vez a alma de um livro pôde ser capturada numa capa, foi nesta.

Aos meus alunos e colegas maravilhosos da Universidade de Syracuse, pelo apoio ao longo do processo de escrita.

À Margaret Atwood, pelos conselhos sábios e sinistramente prescientes.

A Tom Cruise, que não está neste livro, apesar das aparências.

À música sempre foi importante para a minha escrita, mas este livro foi ajudado especialmente por certas canções e álbuns, muitos dos quais mencionados ou destacados nestas páginas. Sou grata por todos os músicos que fizeram esta história ganhar vida para mim, principalmente Cavern of Anti-Matter e Tangerine Dream. E, claro, Berlin.

Finalmente, novamente à minha mãe, Nina Milosevic, que não era nem um pouco parecida com Noelle, mas que indubitavelmente norteou o relacionamento entre mãe e filha deste livro, tanto nas pétalas quanto nos espinhos. Ainda sinto uma saudade imensa de você.

**Confira nossos lançamentos,
dicas de leituras e
novidades nas nossas redes:**

 @globolivros

 https://www.facebook.com/globolivros

 @GloboLivros

Copyright © 2024 by Editora Globo S.A. para a presente edição
Rouge © 2023 by Mona Awad

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Título original: *Rouge*

Editora responsável: Amanda Orlando
Editor-assistente: Rodrigo Ramos
Assistente editorial: Isis Batista
Preparação: Theo Cavalcanti
Revisão: Mariana Donner, Luisa Tieppo e Bruna Brezolini
Diagramação e adaptação de capa: Carolinne de Oliveira
Design de capa: Oliver Munday
Imagem de capa: Freder/iStock / Getty Images
Editora de livros digitais: Ludmila Gomes
Produção do e-book: Ranna Studio

1ª edição, 2024

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A975r
Awad, Mona
Rouge / Mona Awad ; tradução Gabriela Peres Gomes. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.
400 p.; 23 cm.

Tradução de: Rouge
ISBN impresso: 9786559871759
ISBN digital: 9786559871735

1. Ficção canadense. I. Winarski, Regiane. II. Título.

24-92288

CDD: 819.13
CDU: 82-3(71)



Meri Gleice Rodrigues de Souza — Bibliotecária — CRB-7/6439

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Rua Marquês de Pombal, 25 — 20230-240 — Rio de Janeiro — RJ
www.globolivros.com.br